Leland Emerson McCleary

Aspectos de uma Modalidade de Discurso Mediado por Computador

Tese de Doutoramento apresentada ao Departamento de Linguística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

Orientadora: Zilda Maria Zapparoli Castro Melo

FFLCH - USP

1996

Para

Rush Fox McCleary,

1909-1996

AGRADECIMENTOS

Agradecimentos vão especialmente para

Zilda Maria Zapparoli Castro Melo, minha orientadora, pela atenção e apoio;

Andrew Cohen, Carlos Franchi, Clifford Prator (in memoriam), Evelyn Hatch, Jack DuBois, Marianne Celce-Murcia, Paul Schachter, Roger Andersen, Russ Campbell, Sandy Thompson, Talmy Givon, meus professores ao longo dos anos;

Antonio Carlos Nogueira, David Thornburg, Fred Litto, Haj Ross, Istvan Jancso, Malcolm Coulthard, Menga Ludke, Richard Boyum, Romero Tori, Rosália Dutra, colegas que me inspiraram, incentivaram e ensinaram;

Anna Maria Carmagnani, John Milton, Lynn Mário Menezes de Souza, Maria do Amparo Barbosa de Azevedo, Maria Elisa Cevasco, Marina MacRae, Marisa Grigoletto, Munira Mutran, Nancy Campbell Buyno., Regina Alfarano, Sandra Vasconcellos, Stella Tagnin, meus colegas da Área de Inglês, pela paciência, estímulo e ajuda;

Albert Rouzie, John Slatin, Locke Carter, Peg Syverson, Susan Romano, Susan Warshauer, professores e colegas do Computer Writing and Research Laboratory, University of Texas;

David Schwalm, Eric Crump, Fred Kemp, Greg Siering, Joan Livingston-Webber, Marcy Bauman, Martin Rosenberg, Robert Royer, Russ Hunt, Tari Fanderclai, amigos e colegas da Megabyte University;

Gilberto Alvarenga Paula, Júlio da Motta Singer, Lourdes Vaz da Silva Netto, Nelson Tanaka, Paulo de Tarso Marques Rosa, Rinaldo Artes, Seiji Hariki, Valdemar Setzer, professores do Instituto de Matemática e Estatística e membros da equipe do Centro de Estatística Aplicada;

As equipes e colegas do Departamento de Letras, do Departamento de Linguística, do Centro de Informática da FFLCH, da Escola do Futuro, e do Centro de Computação Eletrônica da USP, em especial Rosemary Nowak.

McCLEARY, Leland. *Aspectos de uma Modalidade de Discurso Mediado por Computador.* São Paulo, 1996. Tese de doutoramento. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

RESUMO

Esta pesquisa investiga alguns aspectos do discurso gerado dentro de uma modalidade de comunicação mediada pelo computador--a lista de discussão--com o intuito de contribuir para a compreensão da dinâmica que existe entre a tecnologia, os meios de comunicação, os modos de pensar e as formas sociais emergentes.

O corpus vem de uma lista acadêmica ativa, aberta e não-monitorada. Os aspectos do discurso focalizado neste estudo são: a distribuição de tarefas de administração do discurso entre as tecnologias de software e as práticas discursivas dos participantes; a distribuição do discurso em unidades (enunciados) de tamanhos e funções diferentes; a distribuição da produção do discurso entre os participantes; as características associadas com o modo "oral" presentes no discurso; e a estruturação do fluxo de enunciados em conversações distintas.

As investigações mostram que: 1) A relação dos participantes com o meio é problemática, por envolver tecnologia em rápida evolução, a adaptação de tecnologia de uma cultura para outra e a distribuição desigual de conhecimento; 2) As distribuições de mensagens e participações são altamente assimétricas, o que é típico de sistemas complexos; 3) As marcas de oralidade colocam o discurso próximo ao de cartas pessoais, com uma tendência de ter mais marcas de envolvimento; 4) As marcas de oralidade parecem estar distribuídas desigualmente nas mensagens, apontando para uma motivação claramente discursiva; 5) As estruturas das conversações mais desenvolvidas são altamente complexas, excedendo as capacidades das interfaces atuais de representá-las adequadamente.

Atenção especial é dada à formação do corpus, para evitar problemas de comparabilidade de resultados freqüentemente encontrados na literatura. Atenção também é dada à conceituação de coesão, como elemento formador de texto. Uma avaliação é feita do conceito de coesão semânica e um modelo de coesão dupla é sugerido.

O trabalho termina com observações sobre a função do conflito e do metadiscurso na formação e continuidade de comunidades e aponta algumas abordagens de pesquisas sobre a evolução e manutenção de sistemas complexos que possam iluminar a função da comunicação em sistemas sociais.

McCLEARY, Leland. *Aspects of a Computer-Mediated Discourse Mode*. São Paulo, 1996. Doctoral dissertation. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

ABSTRACT

This study investigates some aspects of the discourse produced within one mode of computer-mediated communication--a discussion list--with the purpose of contributing to an understanding of the dynamics that obtain among technology, communications media, styles of thought and emerging social structures.

The corpus is drawn from an active, open, unmonitored academic list. The aspects of discourse looked at in this study are: the distribution of the administrative tasks of the discourse between the facilitating software and discourse practices of the members; the distribution of message units of varying sizes and functional types; the distribution of discourse production among the members; the characteristics associated with orality found in the discourse; the structure of discrete conversations within the discursive flux.

The investigation shows that: 1) the relation between members and medium is problematic, as it involves technology in rapid evolution, the borrowing of technology of one culture by another and the unequal distribution of know-how; 2) the message distributions and author participation rates are highly assymetric, a characteristic of complex systems; 3) the proportion of orality markers is comparable to that found in personal letters, showing a tendency toward a higher level of involvement; 4) orality markers appear to be unequally distributed within the messages, indicating that they are motivated by discourse factors; 5) more extensive conversational structures are highly complex, making it impossible for the interfaces to represent them adequately.

Special attention is paid to the construction of the corpus in order to avoid problems of comparability of results often found in the literature. Attention is also given to the concept of cohesion as a formative element of text. An evaluation is made of the concept of semantic cohesion and a two-tiered model of cohesion is proposed.

The study ends with observations on the function of conflict and of metadiscourse in the formation and continuity of communities. Research dealing with the evolution and maintenance of complex systems which could be applicable to the study of communication in social systems are suggested.

SUMÁRIO

1. A TECNOLOGIA DA LINGUAGEM E SEUS EFEITOS COGNITIVOS E SOCIAIS 2

1.1. As tecnologias da linguagem 4

1.2. O plano da tese 6

2. COMUNICAÇÃO MEDIADA PELO COMPUTADOR E SUAS MODALIDADES 8

2.1. Redes e redes: esferas de interconexão 9

2.2. Canais, meios, "modos" e modalidades 11

2.2.1. Definições 11

2.2.2. Os parâmetros de interação, a evolução e os gêneros 14

2.2.3. Modalidades sincrônicas e assincrônicas 17

2.3. Modalidades Sincrônicas 19

2.3.1. TELL 19

2.3.2. TALK 20

2.3.3. IRC (INTERNET RELAY CHAT) 24

2.3.4. MUDs, MOOs e MUSHs 33

2.3.5. Outras modalidades 36

2.4. Modalidades Assincrônicas 36

2.4.1. Correio Eletrônico 36

2.4.2. Quadros de Avisos (BBS) 37

2.4.3. Usenet 38

2.4.4. Listas Eletrônicas 40

2.5. Softwares e softwares: níveis de representação 40

2.6. Comunidades e comunidades: economias de interação 42

3. A DESCRIÇÃO DO CORPUS E SEU CONTEXTO 44

3.1. Escolha e preparação do corpus 44

3.1.1. A lista: MBU-L 45

3.1.2. O período 48

3.1.3. Tratamento do corpus 49

3.2. Formato das correspondências 51

3.2.1. O cabeçalho 53

3.2.2. O corpo 55

3.2.3. A questão do gênero 63

3.3. A comunidade 64

3.3.1. A distribuição: os leitores 65

3.3.2. A participação: os autores 68
3.3.3. O contexto extra-lista 71
3.4. O conteúdo 76
3.4.1. Tipos de correspondência 76
3.4.2. Um caso: CONTRA CABAL 87

4. LINGUAGEM: ENTRE OS MODOS ESCRITO E ORAL 96

4.1. A descrição da fala e da escrita 98
4.1.1. Estudos quantitativos da CMC 101
4.2. A formação de um subcorpus 104
4.2.1. Os critérios 104
4.3. A comparação dos dados 115
4.3.1. Variedade de vocabulário 116
4.3.2. Níveis de vocabulário 119
4.3.3. Construção de orações 122
4.3.4. Construção da frase 129
4.3.5. Envolvimento x distanciamento 129
4.4. Conclusão 134

5. CONVERSAÇÃO: TÓPICO, COESÃO E INTERTEXTUALIDADE 138

5.1. Teia topical 140
5.2. Coesão 147
5.2.1. A coesão de Halliday & Hasan 147
5.2.2. Modelos de coesão recentes 157
5.2.3. O modelo de coesão dupla 162
5.3. Análise das teias topicais 171
5.3.1. Softwares de interface e os problemas de leitura 172
5.3.2. Ordenação por tempo 173
5.3.3. Ordenação por fio 175
5.3.4. Um caso: CONTRA CABAL 177
5.4. A dinâmica das teias topicais 185
5.5. Intertextualidade numa comunidade delimitada 190

6. COMUNIDADES E O DIALOGISMO DE SISTEMAS COMPLEXOS 199

6.1. A tecnologia e o conceito da comunicação 199
6.2. O trabalho de regulamentação social 204
6.3. Comunidades e seus membros 208
6.4. Ordem e caos 211
6.5. Conclusões 218

7. REFERÊNCIAS 221

The medium is the message.
Marshal McLuhan, 1964

The medium is not the message.
Keith Hoskin, 1993

1.

A TECNOLOGIA DA LINGUAGEM E SEUS EFEITOS COGNITIVOS E SOCIAIS

Esta pesquisa é uma contribuição para a documentação da influência que as novas tecnologias de comunicação mediada pelo computador vêm exercendo sobre as formas e as funções sociais da linguagem sobre as formas de pensar e de organizar a sociedade. Novas tecnologias contribuem para as transformações das instituições sociais, e nenhuma mais do que as tecnologias de comunicação. A tecnologia da escrita abriu para as sociedades novas possibilidades para o conhecimento, a civilização e a ciência, e lançou o ciclo de invenção e descoberta que transformou o mundo em aldeia global tecnológica. O advento da impressão tipográfica no Ocidente também transformou o mundo, criando novas classes de letrados. O livro impresso contribuiu, paralelamente, para o crescimento do prestígio da língua escrita, possibilitando sua maior padronização e seu uso pelas elites na formação de nações e no controle social.

Agora o desenvolimento das tecnologias teleinformatizadas prometem mediar outras transformações fundamentais na estrutura da sociedade e no conceito do que é ser "humano".

Um estudo sobre uma modalidade de comunicação, dentro de um horizonte de tempo muito curto, não pode oferecer muitos subsídios para um projeto de pesquisa tão ambicioso. Por um lado, então, quero enfatizar que esta pesquisa tem valor enquanto registro de um momento de um dos fenômenos dos quais é feita a rápida evolução da comunicação mediada pelo computador (CMC). Se não se podem fazer generalizações a partir da experiência, ela fica como mais um ponto de referência para

comparações com outras modalidades, em outras situações, a fim de construir-se uma perspectiva melhor sobre a natureza das mudanças.

Por outro lado, sugiro que a presente pesquisa aponta um caminho mais promissor: indica que o que falta para uma análise das relações entre a tecnologia, a cultura, o meio econômico, o discurso, o pensamento e o "ser humano" é uma teoria adequada que leve em conta os conhecimentos novos sobre o comportamento de sistemas complexos auto-organizadores, dos quais cada um dos componentes mencionados acima é um exemplo.

Ainda estamos equipados para pensar com a ferramenta do conceito de causa e efeito derivado, ou da experiência do cotidiano, ou de uma ciência construída à base de uma mecância newtoniana e uma geometria euclidiana (a ciência das escolas). Já a ciência deste século tem avançado para níveis de generalização que começam a dar conta de sistemas não-lineares, que evoluem -- deterministicamente -- de maneira não previsível, tais como sistemas metereológicos, sistemas imunológicos, sistemas econômicos e sistemas ecológicos. Seria ingênuo achar que sistemas semióticos, de uma complexidade muito maior, por envolver desdobramentos de relações entre relações, devem seguir leis em que "causas" e "efeitos" caminham em relação linear.

O que devemos procurar, agora, são modelos de "formações discursivas" e de interfaces entre a mente a suas ferramentas, que desvendem as relações de "acoplamento estrutural" entre os componentes dos sistemas e entre os sistemas locais e seus meios, bem como os mecanismos de mudança e adaptação.

Essa mudança de perspectiva permite ver, mais claramente, algumas das limitações nas descrições e explicações dadas até agora sobre as relações tecnologia/mente, mente/sociedade e sociedade/discurso.[1]

Infelizmente, não estou oferecendo aqui esse novo modelo, nem uma ferramenta testada que possa ajudar na sua construção. Esta pesquisa ainda peca por ser concebida com uma ferramentação inadequada. O que ofereço aqui é mais um alerta de que nosso equipamento conceitual para uma análise do discurso ainda é pobre. O que pode ser preciso não é uma afinação aqui e uma nova técnica ali, mas um repensar de como o discurso se insere num sistema eco-social que inclui, não só as estruturas sociais e suas estruturas ideológicas, como também seu meio ambiente físico, biológico e tecnológico.[2]

À luz dessas observações, passo a olhar, rapidamente, alguns estudos que tratam específicamente da relação tecnologia/linguagem/sociedade/mente.

1.1. As tecnologias da linguagem

A relação tecnologia/linguagem/sociedade/mente é um tópico que tem gerado debate na antropologia. Contrário aos que atribuem à tecnologia (*tool making*) o papel principal para o desenvolvimento da linguagem, Goodenough (1990) argumenta que a motivação maior foi a "interação social". Ou seja, a língua é "uma espécie de ferramenta para a implementação de intencionalidade em interação social." (1990: 608).

---

[1] Com a nova perspectiva, começa a ficar óbvia, por exemplo, a *ausência* de referências às teorias de sistemas complexos, em obras, como Fairclough (1992), que se propõe uma metodologia de investigação das relações entre discurso e mudança social.

[2] Termos como "acoplamento estrutural" e "sistema eco-social" são emprestados de Maturana & Varela (1992) e Lemke (1995), respectivamente. Esses autores e outros que oferecem modelos de sistemas complexos serão comentados no Capítulo 6.

Outros concluem que é impossível separar as influências da tecnologia e do comportamento social; que, junto com comunicação lingüística, "constituem um complexo adaptativo" (Gibson, 1991: 256).

A invenção da escrita exemplifica a interdependência da tecnologia com o social. De acordo com a teoria de Schmandt-Besserat (1986, 1988), a escrita originou-se como um sistema de contabilidade para comércio à distância e só começou a ser usada para modelar a linguagem aos poucos, através de um longo processo em que serviu principalmente para fazer listas e inventários (Goody, 1978).

Se a escrita nasceu no comércio, então passou a ser instrumento de organização social (Goody, 1986). A próxima revolução tecnológica da linguagem foi o desenvolvimento da escrita em caracteres alfabéticos. Esse processo também foi longo e dependeu de sucessivas adaptações para línguas-alvo de sistemas de escrita desenvolvidos para outras línguas e em sucessivas adaptações de um meio (por exemplo, barro) para outro (papiro). Em cada adaptação surgiram simplificações, modificações de valores semânticos e a introdução de marcadores fônicos. (Sampson, 1989).

A confluência da escrita alfabética fonética com a cultura democrática e filosófico-científica da Grécia tem gerado hipóteses sobre a relação da escrita e os processos não só sociais, mas mentais (Havelock, 1977, 1986; Goody & Watt, 1963, 1973)

A tentação de simplificar um complexo de interrelações em um elo entre tecnologia e formas de pensar foi levado ao extremo no trabalho de McLuhan, que imaginou que cada meio de comunicação, ao enfatizar uma determinada "gramática" sensorial, imprimia na mente uma tendência de ver o mundo de uma certa maneira. O caso prototípico para McLuhan era o dos efeitos da impressão tipográfica (McLuhan 1962, 1969; Carey, 1967, 1981). Outros estudiosos enfatizaram as relações de influência mútua entre letramento (*literacy*) e oralidade (Ong, 1977, 1980, 1982) e semelhante relação complexa entre as tecnologias da escrita, e as estruturas sociais e as instituições (Innis, 1972, 1991; di Norcio, 1986). Eisenstein, especificamente em

reação às generalizações de McLuhan, fez estudo detalhado sobre a tecnologia da impressão tipográfica e as instituições políticas, sociais e comerciais, bem como as outras tecnologias, que constituíam seu meio (1983).

De interesse particular para alguns é a relação entre a tecnologia da escrita, em si, e as instituições colaterais de alfabetização (Scribner & Cole, 1978; Hoskin, 1993). Hoje, a evidência é contra uma relação direta entre a tecnologia da linguagem e estados mentais (Halverson, 1978, 1992), e o próprio Goody passou a adotar uma visão complexa das relações entre tecnologia, formas sociais e processos mentais (1987).

Com o aparecimento das novas tecnologias do computador, o debate recomeça (Provenzo, 1986). Enquanto alguns pregam uma nova era democrática e libertadora (Landow, 1992; Lanham, 1989), outros lamentam a perda da cultura do livro e da reflexão (Tuman, 1992).

1.2. O plano da tese

No Capítulo 2, dou uma breve descrição de algumas modalidades da comunicação mediada pelo computador. Defino "modalidade" em termos de um elenco de variáveis da comunicação e mostro como as tecnologias ao mesmo tempo possibilitam e limitam a comunicação.

No Capítulo 3, descrevo a modalidade estudada, a lista de discussão, e detalho a formação do corpus. Reporto a configuração geral do corpus e finalizo mostrando um exemplo de uma conversação.

No Capítulo 4, investigo a relação entre a linguagem do corpus e a linguagem típica de modos "orais" e "escritos" tradicionais. Concluo que a CMC integra mais marcas da oralidade do que seu semelhante mais próximo, as cartas pessoais.

No Capítulo 5, descrevo o conceito de fio e de teia topical, maneiras de conceber conversações coesivas dentro de um fluxo heterogêneo da lista. Para esclarecer o

conceito de coesão, faço uma crítica detalhada do modelo de Halliday & Hasan (1976) e proponho um modelo duplo.

No Capítulo 6, elaboro algumas funções metadiscursivas identificadas no corpus e sinalizo o papel do conflito na formação de uma "comunidade". Investigo o conceito de comunidade e sugiro algumas abordagens para a compreensão de organizações sociais em termos de sistemas complexos adaptativos.

Usenet is like a herd of performing elephants with diarrhea -- massive, difficult to redirect, awe-inspiring, entertaining, and a source of mind-boggling amounts of excrement when you least expect it.
Gene Spafford
<spaf@cs.purdue.edu>, 1992

What is IRC?
Irvin Peckham
<peckham@unomaha.edu>[3]

2.
COMUNICAÇÃO MEDIADA PELO COMPUTADOR E SUAS MODALIDADES

Resumo

Neste capítulo dou uma breve descrição de algumas modalidades de comunicação mediada pelo computador (CMC). Cada modalidade representa um conjunto de possibilidades de interação mediado por um software ou família de softwares.

Meus objetivos, neste capítulo, são dar noções introdutórias sobre as modalidades para quem não estiver familiarizado com elas; descrever, para cada modalidade, algumas maneiras pelas quais o software possibilita e limita a interação; e indicar alguns exemplos de como os interlocutores são obrigados a lidar com uma variedade de ferramentas, na maior parte das vezes, apenas parcialmente conhecidas. Objetivo enfatizar a relação dinâmica entre os comunicandos e o meio, no esforço de administrar a comunicação. Mostro, também, a complexidade e a tendência à evolução do próprio meio, por influência das experiências dos usuários.

Vou me concentrar, aqui, nas diferenças entre as modalidades, entrando em mais detalhes sobre aquelas, como IRC, que não vão ser assunto da pesquisa durante o resto deste trabalho. Embora a pesquisa focalize correspondência em listas, é

---

[3] MBU-L [210-001], 29 de outubro de 1992.

instrutivo ter uma base de comparação, não só com modalidades de interação comunicativa tradicionais (não informatizadas), como também com outras modalidades da própria CMC, para apreciar melhor as variações possíveis para os parâmetros da interação.

2.1. Redes e redes: esferas de interconexão

Antes de falar das modalidades da CMC, convém situar a CMC dentro da realidade da informática e da teleinformática. Quando se fala de "comunicação mediada pelo computador", não se está enquadrando todo o uso da informática na comunicação. A telefonia moderna usa chaveamento digital, e a imprensa faz composição usando computadores, mas em nenhum dos casos o computador modifica sensivelmente a natureza do meio. Nesses casos, o computador está agilizando operações antes feitas por outras tecnologias. Não está configurando um novo meio. Como veremos abaixo, o papel do computador nas modalidades da CMC modifica fundamentalmente os parâmetros da interação, tanto entre o comunicando e seu texto, quanto entre os comunicandos.

O computador não foi concebido como meio de comunicação, mas sim como ferramenta de cálculo. Foi através da experiência da troca de arquivos de programas e de dados entre usuários de um mesmo computador que nasceu a concepção do computador como meio de armazenamento e troca de mensagens. Com o desenvolvimento da tecnologia de tempo compartilhado e do uso de terminais conectados a um computador central de grande porte, já se formaram as primeiras redes de usuários que podiam aproveitar as capacidades do computador não só para rodar seus programas, mas para confeccionar, guardar e entregar mensagens entre si (Rheingold, 1993: 72). No fim dos anos cinqüenta ficou claro que maior eficiência poderia ser atinginda se os computadores de grande porte fossem interligados, para se aproveitar melhor os programas e os dados próprios de cada um, bem como seus

períodos de ociosidade. Daí nasceram várias experiências de redes abrangendo computadores (e usuários) em partes distantes do mesmo país e em países diferentes.

"Rede" significa tanto um conjunto de usuários interligados por estarem conectados ao mesmo computador, quanto um conjunto de computadores (e portanto seus usuários) interligados entre si. Existem, portanto, vários tamanhos de rede: redes locais (LANs: *local area networks*), de usuários ligados ao mesmo computador, ou dentro de uma única sala, prédio ou campus; redes regionais; e redes de abrangência internacional, como a BITNET ou a Internet.

A existência hoje de uma *Inter*net, uma rede mundial de redes, que permite a interconexão de redes locais, regionais e internacionais, sem controle central e sem limites quanto a sua extensão ou tamanho, é resultado de uma história da confluência de várias iniciativas independentes. A preocupação do Departamento de Defesa dos Estados Unidos com um sistema de comunicação entre seus centros de controle que pudesse sobreviver a ataques inimigos incentivou pesquisa em formas de transferência de informação entre computadores e resultou no desenvolvimento da tecnologia de *chaveamento de pacotes*, tecnologia padrão da Internet. O interesse de universidades e centros de pesquisa não ligados à defesa em compartilhar seus recursos de computação e facilitar a comunicação entre seus pesquisadores incentivou vários empreendimentos de formação de redes. A tecnologia do transistor e o barateamento de componentes criaram condições para o desenvolvimento de computadores pessoais e, subsequentemente, de tecnologias para os usuários se comunicarem entre si por meio da rede telefônica, o que resultou numa explosão de serviços informais e comerciais de conferência e de troca de informação. A tendência natural era sempre a de interligar as redes locais, criando abrangência maior. Muitos dos avanços tecnológicos que hoje configuram a Internet foram concebidos e desenvolvidos por grandes agências, universidades ou companhias: muitos outros são resultado de empreendimentos individuais, espontâneos e voluntários. (Pooch et al., 1991; Krol, 1992; Gibbs & Smith, 1993; Laquey & Ryer, 1993; Rheingold, 1993; Gaffin, 1994).

A Internet em si é um excelente exemplo de um sistema complexo que se constitui e evolui pela ação e interação de *n* número de agentes independentes, cada um em condições locais particulares e com objetivos próprios. A ação de cada um constantemente modifica o ambiente e o valor da ação dos demais. Não é uma tecnologia que nasceu feita com objetivo pronto. Nesses aspectos gerais, a história do desenvolvimento da Internet não difere da história do desenvolvimento de outros meios, como a impressão tipográfica, cuja documentação se reconstrói com mais dificuldade.

As modalidades descritas abaixo são próprias das redes de computadores, em quaisquer das suas escalas. Alguns dos softwares focalizados foram concebidos para um determinado tipo de rede e depois foram adaptados ou refeitos para outras redes, ou para a rede de redes.

2.2. Canais, meios, "modos" e modalidades

2.2.1. Definições

Existe, na literatura, certa variação de terminologia relativa às variáveis das formas de discurso, como é de se esperar numa área de interesse para mais de uma disciplina. Termos como "canal" (*channel*), "meio" (*medium*) e "modo" (*mode*) são usados diferentemente por diferentes autores. Hymes (1972) lista *canal* entre seus 16 "componentes de atos de fala", dizendo:

> By choice of *channel* is understood choice of oral, witten, telegraphic, semaphore, or other *medium* of transmission of speech. With regard to channels, one must further distinguish *modes* of use. The oral channel, e.g., may be used to sing, hum, whistle, or chant features of speech as well as to speak them" [grifos meus].
>
> (HYMES, 1979: 62-63)

Nota-se que Hymes usa "canal" como sinônimo de "meio", e diz de "modos" que são maneiras de *usar* o canal. Pelos exemplos que dá para o canal "oral", pode-se extrapolar que os "modos" para o canal "escrito", por exemplo, seriam "cursivo",

"impresso"; ou "alfabético", "logográfico", etc. Halliday (Halliday & Hasan, 1976; Halliday 1978, 1989) usa "modo" de duas maneiras distintas. Primeiro, "modo" é uma das três abstrações básicas que englobam as características da situação que, juntas, constituem o *registro*: *field* ("campo"), *tenor*, e *mode* ("modo") [4]. "Modo", nesse sentido, engloba os componentes "canal" e "gênero" de Hymes:[5]

> The mode is the function of the text in the event, including therefore both the channel taken by the language--spoken or written, extempore or prepared--and its genre, or rhetorical mode, as narrative, didactic, persuasive, 'phatic communion' and so on.
>
> (H & H, 1976: 22)

O segundo uso que Halliday faz do termo "modo" é menos técnico. Para distinguir os *meios* sonoro (falado), ou visual (escrito), do *conjunto de características típicas* dos registros associados a cada canal, Halliday chama este último de "modo falado" e "modo escrito":

> ...if we talk about somebody using the 'written mode', this is an informal way of suggesting that the language used is that of a text that would typically be found in writing. ... there are features characteristic of spoken registers just as there are of written; and in similar fashion we can talk about the 'spoken mode'.
>
> (HALLIDAY, 1989: 46)

Parece ser nesse sentido, em que o "modo falado" e "modo escrito" representam formas de linguagem convencionais independentemente do meio em que estão sendo veiculadas, que Hatch (1992: 235, 299), Biber (1986) e outros empregam "modo". É nesse sentido em que o termo será usado no Capítulo 4.

---

[4] Deixo *tenor* sem tradução. A origem é do latim, *tenor* "movimento contínuo, sem interrupção". No inglês, *tenor* significa "sentido próprio", mas o uso feito por Halliday dá-lhe um sentido técnico particular.

[5] Hymes sugere 16 componentes organizados em oito grupos (calcados no mnemônico SPEAKING), que são: a *situação* (S); os *participantes* (P); os *efeitos* (e a intenção) (E); o *ato* em si (forma e conteúdo) (A); a *clave* (K); os *instrumentos* (meio e recursos linguísticos) (I); as *normas* interacionais (N); e os *gêneros* (G) (Hymes, 1972: 59-64).

Quando Halliday usa "meio falado" e "meio escrito" (1989: 12. 43. 46, 78, 92), está usando o termo num sentido de canal genérico; mas também o usa num sentido mais restrito, quando diz,

> If we merely name the subject-matter, or the *medium*, it will tell us very little; we could talk of a 'register of marine biology' or a '*newspaper* register'...[grifos meus].
>
> (H&H, 1976: 22)

É para evitar essas contradições que Murray (1991a) propõe as seguintes definições para "canal", "meio" e "modo":

> *Channel* refers to the pre-theoretical sensory modalities. For communication through language, three of the available channels are used: visual, aural and tactile. ... *Medium* refers to established methods of communication through language, each of which uniquely bundles channels. Les and his colleagues use face-to-face, telephone, computer terminal, and print media for communciation. *Mode* refers to specific communication types within a medium, such type being socio-culturally defined.
>
> (MURRAY, 1991A: 15)

Ao exemplificar o "meio" *computer terminal*, Murray cita varios "modos" associados a ele, ou seja: mensagens (uma versão que descrevo abaixo como TELL), correio eletrônico, conferências informatizadas, listas, BBS, documentos e quadros de avisos (Murray, 1991a: 18).

Vou seguir as distinções sugeridas por Murray, com a ressalva de que, com a passagem para o português, prefiro usar "modalidade" ao invés de "modo" para significar os tipos específicos de comunicação mediada pelo computador. O que Murray chama de "modos" associados ao "meio" do computador, eu chamo de "modalidades". Vou tratar as modalidades, como digo acima, como conjuntos de possibilidades de interação mediada por um software ou família de softwares. As

possibilidades são criadas e limitadas pelos valores estabelecidos para vários parâmetros de interação.[6]

2.2.2. Os parâmetros de interação, a evolução e os gêneros

Por parâmetro de interação, estou considerando, por exemplo:

1. número de interlocutores;
2. tempo de espera (demora) entre envio e recebimento de sinal; entre envio do sinal e recebimento de resposta;
3. quantidade de texto permitido por enunciado;
4. limites impostos à revisão e reparo dos enunciados;
5. automatização de operações;
6. métodos de armazenamento, busca, gerenciamento e apresentação das mensagens;
7. riqueza do sinal (número de canais: só texto, texto e imagem, som, vídeo)

Mudando os valores dos parâmetros, grande número de modalidades diferentes podem surgir, cada uma criando condições para a formação de novos gêneros de discurso, bem como para a formação de comunidades de discurso com características próprias. São essas famílias de opções dos parâmetros, estabelecidas pelos softwares utilizados, que chamo de modalidades. No que segue, emprego o termo, também, por extensão, a formas de linguagem tradicionais.

Dentro da perspectiva de sistema complexo adaptativo que estou desenvolvendo neste trabalho, é importante que as modalidades não sejam concebidas como conjuntos fixos de comportamentos estabelecidos pelos parâmetros, mas sim como conjuntos de possibilidades sempre parcialmente conhecidos, que precisam constantemente ser negociados pelos usuários e (como causa e resultado) que estão constantemente em

---

[6] A escolha do termo "parâmetro" é de certa forma arbitrária. Poderia ter adotado o "componente" de Hymes (1972), "dimensão" de Murray (1991a), ou "fator", ou "traço". Espero, com "parâmetro", enfatizar a natureza limitadora dos valores estabelecidos.

evolução. Uma visão geral de várias modalidades, com suas gradações de valores para os parâmetros, ajuda a evitar conceitos demasiadamente fixos de qualquer uma delas.

Os usuários são desafiados sempre pelas limitações do seu saber-fazer, e são essas limitações que motivam a negociação e pressionam a inovação. O domínio (*mastery*) de uma modalidade nunca é completo. Isso inclui o domínio do(s) software(s) utilizado(s), bem como o domínio dos costumes e gêneros da(s) comunidade(s) de discurso criados por meio da modalidade e como resposta a suas limitações. Parte desse domínio consiste em adaptar adequadamente para a nova modalidade as restrições (sistêmicas e rituais [Hatch, 1992: 6-84]) conhecidas de outras modalidades. O domínio pleno está sempre fora do alcance de qualquer usuário, por causa da complexidade e da natureza evolutiva do sistema. Até o autor de um programa mediador de comunicação logo vai deixar de dominar todas as possibilidades da modalidade à medida que outros usuários desenvolvam aplicações, costumes e normas locais.

A natureza evolutiva das modalidades merece atenção especial. Ao desenvolver um software, o autor está respondendo a alguns desafios representados por um conjunto possível de parâmetros (tal como permitir conversações, em tempo real, entre *n* número de pessoas no mundo inteiro). Sua solução necessariamente estabelece outros parâmetros, isto é, quanto texto permitir por enunciado; como administrar conversas paralelas; como armazenar as mensagens; como estabelecer ligas coesivas; quantos canais serão permitidos (imagem, som, texto, vídeo), etc. O software é lançado para a comunidade de usuários (sempre usuários de *outros* sistemas), e seu sucesso depende em parte da felicidade do seu conjunto de parâmetros. À medida que uma comunidade vai se formando por volta da modalidade criada pelo software, outros usuários, ou o próprio autor original, vão desenvolvendo softwares complementares ou alternativos que modificam alguns dos parâmetros. Ao mesmo tempo, vão se desenvolvendo costumes e normas para lidar com alguns dos problemas sendo negociados constantemente. A distribuição dessas inovações nunca é universal ou imediata. O

resultado é que, dentro da comunidade de usuários de um sistema, existem variações de software e de normas. As inovações tendem a ser *invisíveis* para os usuários que não as conhecem. A tendência normal é acreditar que todos os seus interlocutores estão lidando com uma mesma realidade. As diferenças só vêm à tona através de comentários de alguns usuários de que determinada ação produz (ou não) determinado efeito, ou que eles estão podendo (ou não) fazer certas coisas. Veremos vários exemplos do efeito dessa variação dentro das comunidades de usuários, em todas as modalidades.

A situação não é muito diferente, *na sua essência*, do que acontece com as modalidades tradicionais. Só a lista de parâmetros sugerida acima permite uma perspectiva sobre o grau de complexidade de um conceito tradicional como "meio" de comunicação, e sua íntima relação com o conceito "gênero". As modalidades da CMC representam várias "soluções" nas quais os valores dos parâmetros são modificados, e essas soluções podem ser experimentadas e sua evolução observada em pouco tempo. Nos meios não-informatizados, a adaptação de uma "modalidade" de comunicação aos parâmetros desejados é efetuada por outras tecnologias. Antes da invenção da escrita, houve um desenvolvimento longo de muitas modalidades faladas diferenciadas por tecnologias da própria fala ou da interação. Primeiro, pode-se destacar os sistemas de negociação de turnos, que estruturou o que se chama de conversação e hoje se classifica como "evento discursivo" (*speech event*) (HYMES, 1972: 56). Pode-se, então, considerar o(s) sistema(s) de gerenciamento de turno como "software(s)" que operam por meio de convenção social. Para ajustar a fala a um número de participantes maior, foram desenvolvidas outras tecnologias, como impostação de voz e as artes da retórica, bem como foram convencionadas outras formas de falar que hoje são conhecidas como eventos de fala ou gêneros: epopéias, orações, exortações, sermões, palestras, etc. Os gêneros podem ser vistos, por esse enfoque, como tecnologias para adequar a comunicação a um determinado conjunto de valores dos parâmetros. Com a invenção da escrita, novas tecnologias, com "plataforma" físico-

material foram desenvolvidas: a inscrição em barro, papiro, pergaminho e papel; a tinta; o códice, o livro; a impressão tipográfica. Paralelamente, desenvolveram-se outras tecnologias com "plataforma" sócio-organizacional: os *scriptoria*, o comércio e a indústria de livros e periódicos, a imprensa. Cada novo conjunto de tecnologias, hoje conhecido como "meio" de comunicação, abriu possibilidades que foram realizadas por novos gêneros: as leis, os livros didáticos, os romances, os jornais. Se o dinamismo da evolução de meios, modalidades e gêneros tradicionais parece ser em outra escala, isso é porque a difusão de uma tecnologia da comunicação depende de si mesma. Cada nova tecnologia aumenta a eficiência da sua própria difusão dentro da cultura, como está ficando visível neste século com o desenvolvimento das tecnologias com "plataforma" eletrônica: a radiofonia, a telefonia, a televisão, a gravação eletrônica, a teleinformática. Nota-se que, com os meios mais recentes, como o da telefonia, já é possível perceber, em menos de uma geração, inovações que requerem ajustes de expectativa e de comportamento: linhas individuais, discagem direta, secretárias eletrônicas, *voice mail*, telefone celular. Cada inovação requer conjuntamente um ajuste na forma convencional da fala, para adequar as necessidades da comunicação aos novos valores dos parâmetros (Hopper, 1992). O processo de evolução, diferenciação e desdobramento em "eventos de fala", "modos", "modalidades", ou "gêneros" conhecidos tradicionalmente não deve ser diferente: exige técnicas de arqueologia histórica especial, como as utilizadas por estudiosos como Goody, Eisenstein e Ong na recuperação das narrativas de adaptação dos gêneros e eventos de fala aos "meios".

2.2.3. Modalidades sincrônicas e assincrônicas

As modalidades da CMC são normalmente divididas em duas grandes categorias por um dos parâmetros mencionados, ou seja, o tempo de demora entre o envio das mensagens e sua chegada ao destino, resultando em modalidades *sincrônicas* e *assincrônicas*. As modalidades sincrônicas permitem a comunicação em "tempo real",

ou seja, enquanto os interlocutores estão conectados à mesma rede e usando o software apropriado. Neste caso, as mensagens são recebidas e respondidas numa seqüência contínua, durante uma mesma sessão. Normalmente essa seqüência de mensagens não é gravada para referência posterior, embora tal gravação às vezes seja possível. O fato de a comunicação ser sincrônica não quer dizer que seja instantânea, nem que os interlocutores estejam necessariamente atendendo a ela exclusivamente. Por motivos de sobrecarga de transmissão, as respostas podem demorar alguns segundos para serem recebidas, um fenômeno chamado *lag*, o que é considerado normal, dentro de certos limites. Se a demora constantemente persistir por mais de alguns segundos, cria-se um mal-estar entre os interlocutores, que podem reclamar pela resposta, pedir confirmação de contacto, ou até desistir da comunicação. O fato de os interlocutores poderem atender a outras tarefas durante a comunicação (para, inclusive, aproveitar o tempo de demora de transmissão), também pode acarretar mais demoras por falta de atenção.

As modalidades *assincrônicas* não dependem da presença simultânea dos interlocutores na rede de comunicação. Nesses casos, as mensagens são gravadas em *caixas de correio* ou em *quadros de avisos*, onde permanecem disponíveis para seus destinatários, até poderem acessá-las. Também é possível, embora raro, trocar correio eletrônico durante uma mesma sessão, dentro de um período de alguns minutos, caso dois interlocutores estejam conectados à rede na mesma hora. Porém, a natureza da transmissão de correio eletrônico não garante a entrega imediata da mensagem a seu endereço de destino, podendo levar algumas horas ou até dias para ser entregue.

As modalidades também podem ser divididas entre aquelas que envolvem dois interlocutores e aquelas que permitem a comunicação entre vários. A tabela abaixo mostra um resumo dos tipos a serem descritos com mais detalhes neste capítulo:

TABELA 2.1. MODALIDADES DE CMC

	Sincrônicas	*Assincrônicas*
Um-a-um	TELL, TALK	MAIL
Muitos-a-muitos	IRC, MUD, INTERCHANGE etc.	BBS, LISTSERV

2.3. Modalidades Sincrônicas

2.3.1. TELL

TELL é um sistema de mensagens usuário-a-usuário implementado nos sistemas VM (*Virtual Machine*) da IBM. TELL é simples e limitado: para cada linha de mensagem, o usuário deve escrever o comando TELL seguido do endereço eletrônico (ou apelido) do destinatário, que deve estar "logado" no sistema no momento. Em seguida, vem a mensagem, que não deve ultrapassar uma linha (com um máximo de 80 caracteres). Uma mensagem recebida aparece imediatamente na tela do destinatário, interrompendo seu trabalho em progresso.[7] Ela informa o endereço do mandatário e, para responder, o usuário precisa digitar, na sua linha de comando, o comando TELL, o endereço do destinatário e sua mensagem de resposta.

Os efeitos dessas extremas restrições do TELL sobre o comportamento dos usuários e as formas de linguagem das mensagens desenvolvidas para lidar com elas são descritos por Murray (1989, 1991a) no seu estudo etnográfico de CMC num laboratório da IBM nos meados dos anos 80. Por exemplo, as mensagens tendiam a ser telegráficas, devido à limitação de uma linha de texto (80 caracteres, incluindo o comando e endereço do destinatário). Usuários que continuavam suas mensagens por mais de uma linha muitas vezes se valiam de elipses (...) para sinalizar a continuação. Cada mensagem é enviada separadamente pelo uso da tecla <enter> ao final da linha. A mensagem aparece como um todo na tela do destinatário. Por causa das demoras

---

[7] Havia meios de o usuário desativar o TELL (para não sofrer interrupções). Nesse caso o sistema retornava uma mensagem de não-recebimento ao remetente de uma mensagem.

devidas à digitação ou à transmissão das mensagens, existe incentivo para a criação de mensagens curtas, que não ultrapassem uma linha, para evitar que a primeira parte de uma mensagem mais longa seja respondida antes que a segunda parte seja mandada.

O TELL era o meio de comunicação sincrônico na BITNET, rede acadêmica criada no começo dos anos 1980 com forte participação da IBM. À medida em que a BITNET foi perdendo espaço para a Internet, o TELL foi sendo substituído pelo TALK.

2.3.2. TALK

TALK é um software implementado nos sistemas UNIX,[8] a plataforma da rede ARPANET, que mais tarde foi transformada na rede Internet. Para usar TALK, os dois usuários devem primeiro fazer contacto. Um usuário manda um pedido de contacto para outro com o comando TALK, seguido do endereço do destinatário. Este recebe mensagem do sistema avisando o endereço da pessoa que esteja pedindo TALK. O aviso aparece na tela, interrompendo seu trabalho, normalmente acompanhado de um apito da máquina. Dependendo do software que o usuário esteja usando no momento, pode precisar fechar seu ambiente de trabalho para poder responder a um pedido de TALK. Isso pode levar alguns segundos ou até minutos, durante os quais seu interlocutor pode mandar repetidas solicitações de TALK, ou até desistir e sair do sistema, fechando sua sessão.

A interrupção ocasionada por TALK pode ser inconveniente, levando alguns usuários (eu inclusive) a "desligar" o TALK com um comando durante o processo de "login". Essa solução, porém, não é ideal, porque o eventual interlocutor que mandar um

---

[8] UNIX foi inicialmente desenvolvido pelo Bell Laboratories em 1969 e rapidamente virou o sistema preferido de laboratórios de pesquisa. Em 1983, uma nova versão de UNIX foi criada que incluía os protocolos de transferência de arquivos usados na Internet, facilitando ainda mais a integração de computadores usando esse sistema operacional.

pedido de TALK receberá um aviso automático, mandado pelo software, de que o destinatário não está aceitando pedidos.

Para aceitar um pedido de TALK, o usuário deve mandar outra solicitação a seu interlocutor. Uma vez feita a conexão, as telas dos dois interlocutores se dividem em duas partes, separadas por uma linha horizontal. Tudo o que um usuário digita aparece na parte de cima da sua tela. Na parte de baixo, aparecem as palavras do seu interlocutor. Não existe controle de troca de turno, nem limite para o tamanho dos enunciados: os dois interlocutores podem digitar suas mensagens simultaneamente e as letras, individualmente ou em rajadas de várias letras, vão aparecendo na tela, ora em cima, ora embaixo, à medida que são digitadas e recebidas. Ou seja, as mensagens não são mandadas linha por linha, liberadas para envio com a tecla <enter>, como é o caso de TELL, mas sim, letra por letra. O fato de às vezes chegarem grupos de letras juntas para a tela deve-se a demoras de transmissão. Até correções aparecem na tela do interlocutor, que observa a volta do cursor, apagando letras erradas para depois serem digitadas corretamente.

Cada metade da tela comporta umas dez ou onze linhas de texto. Quando o texto de um interlocutor chega ao fim da sua área, o cursor volta à primeira linha da área, apagando as primeiras duas linhas de texto ali registradas, para ser escrito texto novo. As outras linhas permanecem na tela até que novas linhas as apagam. Existe, portanto, um "*buffer*" de algumas linhas de texto de cada interlocutor visível na tela, mas sempre com o texto "novo": ora aparecendo nas últimas linhas da área, ora nas primeiras linhas, acima do texto velho.

Diferente do TELL, que só aceita uma linha de caracteres por mensagem, o TALK envia uma cadeia ininterrupta de letras, quebrando a linha quando chega à margem direita da tela, sem respeitar a integridade das palavras. Os usuários mais experientes aprendem a encurtar suas linhas com um <enter> antes de chegar ao limite da tela, para evitar palavras quebradas.

Existe uma convenção pela qual os usuários mais experientes sinalizam o fim de enunciado com um <enter>, ou com uma linha em branco enviada por duas tecladas <enter>. As linhas em branco sinalizam melhor o fim de enunciado, mas isto significa gastar algumas linhas de *buffer*. A título de ilustração, não costumo deixar linhas em branco, mas, quando uso TALK com minha irmã, reparo que deixa normalmente três ou até quatro linhas em branco, reduzindo drasticamente o *buffer*. Quando indagada, explicou que, na sua tela, algumas linhas ficam ilegíveis, se não forem separadas por mais espaço. Sem poder olhar para a sua tela, não tenho como formar uma ideia de como estão aparecendo minhas linhas para ela, nem ela imaginar o que estou vendo.

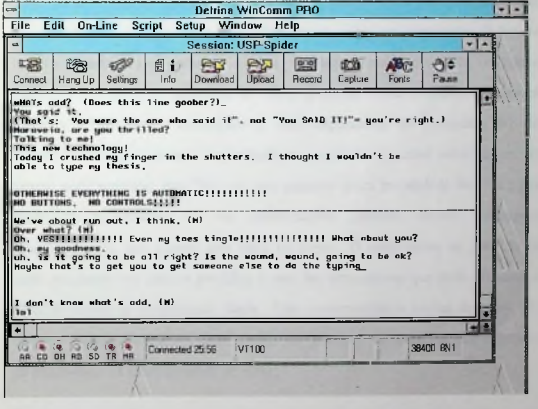

FIGURA 2.1 A TELA DE TALK

São variações de interface que criam contextos imediatos diferentes para os dois interlocutores. Essas diferenças, quando explícitas, podem ser negociadas verbalmente, mas são dificilmente resolvidas de forma adequada para as duas partes. Muitas vezes, as diferenças de interface não são reconhecidas e podem criar mal-estar

ou até discussões ou brigas entre os interlocutores, como veremos com outros exemplos.

Não é o padrão, porém, que os interlocutores fiquem esperando um sinal de "fim de mensagem" antes que comecem a digitar sua própria mensagem. Enquanto um usuário espera chegar o término de uma mensagem (que muitas vezes é previsível), pode aproveitar o tempo enviando outra mensagem, ou mesmo começando a resposta à mensagem que está sendo recebida. Essa situação faz com que os interlocutores olhem constantemente para as duas metades da tela: para ver o que o outro está dizendo e para verificar a própria digitação. Muitas vezes a fala do outro pode acarretar uma mudança no plano de enunciação de um interlocutor, ou até sua interrupção. O fato de os dois interlocutores poderem compor mensagens simultaneamente, enquanto esperam a finalização da mensagem do outro, resulta no desenvolvimento de tópicos paralelos. Enquanto o interlocutor *A* está respondendo ao enunciado B1 do interlocutor *B*, o *B* pode estar respondendo ao enunciado A1 sobre outro tópico. O mesmo pode acontecer com TELL ou com qualquer outra modalidade de CMC, por causa da possibilidade de os interlocutores poderem enviar mensagens simultaneamente, sem esperar uma troca de *turno*. O rompimento de controle de turno, resultando em tópicos paralelos, é uma das caraterísticas que mais diferencia a CMC de formas de comunicação falada. Uma correspondência intensa de cartas por correio convencional também pode resultar em respostas "cruzadas" devido à demora de transmissão e à simultaneidade de envio.

Com os dois interlocutores usando TALK, digitando e lendo simultaneamente, sem limite para a extensão dos enunciados, sem controle de turno, e com um número limitado de linhas de cada falante registradas na tela, as conversações pelo TALK podem chegar a uma complexidade que confunde os próprios participantes e que se desdobra em trocas de reparo, principalmente para esclarecer à qual fala uma determinada resposta pertence. TALK é um modalidade de comunicação que merece mais estudo; mas esse estudo não será fácil: seria necessário desenvolver software

específico para registrar o desenrolar da conversação, capaz de contrapor no tempo a digitação do interlocutor *A* com a do *B*. Não encontrei nunhum estudo de comunicação por meio de TALK.

2.3.3. IRC (INTERNET RELAY CHAT)

IRC é um software escrito em 1988 por Jarkko Oikarinen, da Finlândia, que permite conversações sincrônicas multiusuárias. Enquanto TELL e TALK permitem comunicação em tempo real entre dois usuários, o IRC não estabelece limite quanto ao número de usuários que podem participar de uma única conversa. Ao iniciar sua sessão com o software IRC, o usuário, ao invés de contactar um outro usuário para conversar, estabelece contacto com um *servidor* do IRC. Os servidores do IRC são programas que gerenciam o fluxo de mensagens, mantendo informações sobre o número de usuários, seus endereços eletrônicos, seus apelidos e os *canais* nos quais estão ativos. Para fazer conexão com um servidor, o usuário deve estar rodando, no seu computador, um *cliente*, programa que se comunica com o servidor e que formata a tela do usuário.

Atualmente, existem várias redes de servidores do IRC. A maior (e original) é Efnet, que reúne centenas de servidores constantemente interligados para troca de mensagens. Em dezembro de 1995, um servidor reportou que tinha 104 clientes (usuários) ligados no momento e que a rede à qual estava ligado tinha 137 servidores, servindo mais de 13000 usuários no mundo inteiro. Os usuários estavam distribuídos em mais de 3000 canais.[9] Com tantos usuários e tantos canais, o IRC tende a ficar sobrecarregado, acarretando freqüentes e excessivos *lags*. Essa situação tem levado à

---

[9] O crescimento no volume de dados transmitidos pela Internet já foi estimado em 10% por mês (Smith & Gibbs, 1993: 10). Meus registros indicam um crescimento próximo a 7% por mês no IRC, em número de usuários e canais. Em maio de 1993, havia 1787 usuários em 464 canais; em junho de 1994, já havia 4151 usuários em 1215 canais.

criação de redes alternativas do IRC, reunindo menor número de servidores e usuários (por exemplo, Undernet, Dalnet).

O usuário que fizer conexão com uma rede de servidores do IRC deve escolher um apelido único (*nickname*, *nick*, *handle*) pelo qual passa a ser reconhecido na rede. Esse apelido pode ser mudado a qualquer momento. Os usuários regulares costumam usar sempre o mesmo apelido, mas atualmente não existe registro ou controle de apelido, podendo um usuário usar o apelido de outro, se entrar na rede antes. Existia um programa, NICKSERV, que registrava os apelidos, mas foi desativado.

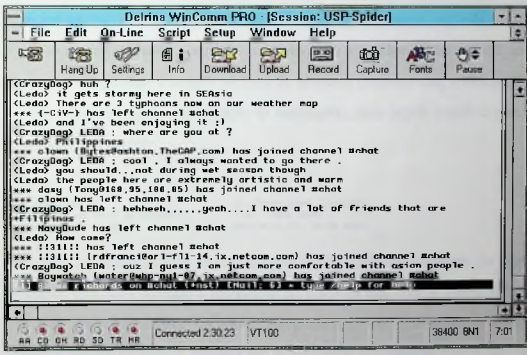

FIGURA 2.2 A TELA DE IRC

2.3.3.1.A complexidade das conversações

As conversações no IRC são organizados em "canais". Os canais podem ser criados a qualquer momento por qualquer usuário e podem receber um nome e um rótulo indicativo do assunto de preferência a ser discutido. Também os canais podem ser privativos e somente "por convite". Os canais existem somente enquanto têm usuários

presentes e se apagam quando o último usuário sair. Muitos canais só têm um usuário presente, seu criador, ou só ele e mais alguém. Outros canais são populares e abrigam sempre dezenas de usuários, 24 horas por dia. O software não impõe limite de usuários por canal. Existe, porém, um limite prático. Canais com 50 usuários conversando ativamente tornam-se inviáveis pela quantidade de fios de conversa e pelo fluxo das mensagens na tela.

Quando um usuário entra num canal (em inglês, *joins a channel*), passa a receber, na tela do seu monitor, as mensagens que as outras pessoas estão enviando. As mensagens que mandar vão aparecer na sua tela e na tela de todos os outros participantes do mesmo canal. Cada mensagem que aparecer na tela recebe automaticamente o rótulo do apelido do usuário que a mandou. Para mandar uma mensagem, ele primeiro a compõe na linha de comando (normalmente, a última linha da tela é reservada para a composição de mensagens), para depois mandá-la para o canal, digitando <enter>:

EX. 2.1

```
Fulano digita                    Oi, tudo bem? <enter>
Aparece na tela do Fulano:       > Oi, tudo bem?
Aparece na tela dos outros:      <Fulano> Oi, tudo bem?
```

A parte da tela acima da linha de comando registra as mensagens conforme vão sendo recebidas, cada nova mensagem aparecendo no fundo da tela, com as outras rolando para cima, até sumir de vista. Os clientes (programas) mais desenvolvidos gravam um *buffer* de algumas páginas de conversa que podem servir de referência, caso o fluxo de mensagens faça com que sumam de vista rapidamente.

Um mesmo usuário pode estar presente, simultaneamente, em mais de um canal. Disso resulta a mistura, na tela, de conversas de diferentes canais. Neste caso, o software providencia a identificação dos canais aos quais pertencem as mensagems, além de identificar quem as mandou.

Mandar mensagens para o canal todo não é a única opção permitida, porém. O usuário também tem a opção de conduzir conversas particulares paralelas com quaisquer usuários do sistema. Se o usuário preceder a mensagem por um comando (/msg), pode mandá-la para um determinado usuário em particular.

EX. 2.2

```
Fulano digita:                    /msg Sicrano Oi, tudo bem? <enter>
Aparece na tela do Fulano:        *Sicrano* Oi, tudo bem?
Aparece na tela do Sicrano:       -> *Fulano* Oi, tudo bem?
```

Como se vê, a complexidade conversacional potencialmente supera até aquilo que um conversador hábil consegue administrar durante um coquetel animado. Com várias pessoas participando de diversos fios de conversa num único canal, é normal que os "pares adjacentes" não apareçam mais adjacentes, mas separados por outros enunciados pertencentes a outros fios de conversa. O usuário é encarregado de fazer, mentalmente, as ligações coesivas entre os enunciados de um mesmo fio. Para isso, ele se vale dos apelidos dos remetentes colocados pelo software e de outros sinais de coesão. Um sinal muito comum é a inserção pelo usuário do apelido do interlocutor a quem seu enunciado é dirigido. Mesmo assim, é normal observar pedidos de reparo, para ajudar a fazer as ligações coesivas. No exemplo abaixo, observa-se o uso de apelidos de endereçamento e pedido de reparo. Imagina-se que, neste caso, o enunciado "Nothing why" de Larry apareceu endereçado a Incognito, mas separado da sua pergunta por várias linhas, ou até páginas, de texto. (Importa reparar, também, na indicação do nome do canal [#chat-on], sinal de que o usuário assistindo a essa conversa está *presente,* mas não *ativo,* no canal.)[10]

EX. 2.3

```
<incognito:#CHAT-ON> larry what nothing why?
<larry:#chat-on> incognito : You asked me what is wrong with me.
+said nothing why.
```

[10] Os nomes dos canais e dos usuários são fictícios.

No cliente IRC-II, todas as conversas das quais o usuário participa ocorrem juntas na mesma tela, com os enunciados aparecendo em ordem de chegada e identificados pelo apelido do remetente e canal a qual pertencem. Clientes para interfaces gráficas e ambientes tipo *Windows* podem separar as conversas de cada canal, bem como as conversas particulares, em janelas deferentes. São duas soluções para organizar uma complexidade ímpar de comunicação. As duas têm vantagens e desvantagens. Quem estiver lendo tudo num único fluxo de enunciados na tela vai ter o trabalho de separar e recompor, mentalmente, as várias conversas e fios de conversa. Quem estiver lendo as várias conversas em janelas diferentes ainda enfrenta o problema de prestar atenção em várias janelas e de manter separados os fios de conversa de cada uma delas, algumas das quais podem ser parcialmente escondidas por outras. Como muitos usuários participam do IRC *durante* o seu trabalho, ainda podem ter outras janelas abertas com os programas e documentos de trabalho. Mesmo assim, usuários experientes conseguem participar de dezenas de conversas simultaneamente.

Como já disse, as mensagens do IRC chegam sempre, nas telas de todos os usuários, em ordem cronológica. Ou seja, até onde vai meu conhecimento, não existem casos em que uma resposta apareça no rol da transcrição da conversa antes do enunciado ao qual ela está respondendo. Isso porque cada servidor é alimentado por um único outro servidor da rede. Não existe, portanto, mais de um caminho para as mensagens chegarem a um determinado servidor ou cliente. A desvantagem desse arranjo é a relativa instabilidade da rede de servidores do IRC. É comum que ramificações inteiras da rede fiquem temporariamente isoladas do resto, uma situação chamada *net split* ("separação da rede"). Os objetivos de estabilidade e de controle de caminho (e, portanto, controle de ordem cronológica de chegada das mensagens) são incompatíveis. A rede Internet como um todo foi construída valorizando a estabilidade e, para evitar o isolamento de qualquer parte, permite a comunicação por caminhos alternativos, quando cai, ou quando está sobrecarregada por alguma conexão. Essa estabilidade não pode ser aproveitada por um programa como IRC, de comunicação

sincrônica, que precisa valorizar a ordenação das mensagens. Como veremos, os programas gerenciadores de correio eletrônico, que operam assincronicamente, aproveitam a estabilidade dos caminhos variados em detrimento da ordenação das mensagens, criando algumas dificuldades para os usuários estabelecerem a coesão dos fios de conversa.

2.3.3.2.Recursos e limitações

Fica claro, pelo exposto, que os softwares do IRC, ao criarem a possibilidade de comunicação entre *n* pessoas no mundo inteiro em tempo real, abrem um leque de problemas de administração do discurso que não têm soluções prontas que possam ser emprestadas da nossa experiência anterior, como, por exemplo, controle de turno. Uma parte desses problemas é parcialmente solucionada pelos softwares: a facilidade de separar as conversas em canais; a rotulação dos apelidos dos remetentes; a rotulação dos canais, quando pode haver ambigüidade; a rotulação discriminada de mensagens particulares; a separação das conversas em janelas diferentes; a manutenção da cronologia dos enunciados, embora não seja possível manter a proximidade coesiva dos pares adjacentes. Outros problemas dão origem a soluções convencionadas pelos usuários, como a rotulação dos apelidos dos destinatários. McCleary (1994) detalha como as restrições sistêmicas de comunicação são satisfeitas pelo software do IRC e pelas convenções estabelecidas entre os usuários.

Já comentei, aqui, as conseqüências de vários dos parâmetros estabelecidos pelo software do IRC: número de interlocutores; tempo de demora entre envio e recebimento de sinal; métodos de armazenamento, gerenciamento e apresentação das mensagens. Vale, agora, comentar, brevemente, algumas conseqüências dos outros parâmetros: quantidade de texto permitida por enunciado; limites impostos à revisão e reparo dos enunciados; riqueza do sinal; e automatização de operações.

O IRC não permite, como o TALK, uma cadeia de palavras sem limite para cada enunciado, mas permite mais do que a única linha permitida pelo TELL. O limite imposto pelo IRC é de mais ou menos três linhas e meia. Isso é o suficiente para a maioria de enunciados, permitindo uma frase longa ou várias frases curtas. Raramente um usuário precisa indicar que seu enunciado não terminou no fim de três linhas e meia de fala. Geralmente as conversas no IRC consistem de trocas de enunciados curtos. Como ninguém pode deter a palavra para gozar de um "turno" extenso, não é possível desenvolver uma narrativa ou exposição mais prolongada de forma monológica. Seria instrutivo fazer um estudo sobre as maneiras que estão sendo desenvolvidas para substituir a forma tradicional de elaborar narrativas.

Já mencionamos casos de reparo por falta de coesão. Auto-reparo, principalmente de erros de digitação, tipicamente são feitos em enunciados subseqüentes, muitas vezes em enunciados dedicados a esse fim:

EX. 2.4

```
-> *metro* I lives 3 1/2 yrs in LA.
-> *metro* lived.
```

Embora sejam permitidas três linhas e meia de mensagem por enunciado, tudo tem de ser digitado numa única linha no fundo da tela (ou janela). Normalmente, para corrigir um erro na linha, o usuário tem de voltar ao local do erro, apagando a digitação posterior. Quando o enunciado é de mais de uma linha, a parte inicial da mensagem já terá desaparecido de vista, dificultando a revisão. É quase sempre mais fácil mandar o enunciado, verificá-lo na tela principal e mandar uma correção em seguid

IRC é um software que basicamente transmite texto, limitando o canal ao visual/textual. Como em outras modalidades de CMC limitadas a texto digitado, alguns usuários do IRC utilizam, para modalizar seus enunciados (isto é, como "humoroso", "irônico"), os chamados *emoticons*, ou *smileys* ("sorridentes"), gráficos

simples, criados apenas com os caracteres ASCII[11] em linha reta, que representam expressões faciais, quando vistos com a cabeça deitada para a esquerda.[12] O exemplo seguinte mostra o *smiley* mais comum na primeira linha e, na segunda, outro artifício para indicar ações ou estados de espírito.

EX. 2.5

```
<brepro> who me :)
<brepro> *laughs*
```

Existe um repertório grande de códigos para representar o não-verbal, como, por exemplo, <grin> (ou simplesmente <g>), ou siglas como LOL (*laughs out loud*). O comando (/me) faz com que a mensagem apareça como uma afirmação, começando com o apelido do remetente:

EX. 2.6

```
Merino digita:                    /me shudders. <enter>
Aparece na tela de todos:  *** Action: Merino shudders.
```

Com esse comando, os usuários podem criar uma simulação textual de ação. Alguns clientes do IRC suprimem a palavra *action*, permitindo uma variedade maior de tipos de afirmação que possam ambientar o diálogo. Como veremos abaixo, os MUDs e MOOs aproveitam ainda mais essa capacidade.

Existem alguns outros recursos para enriquecer o sinal do IRC. Usuários podem acompanhar seus enunciados de apitos, ou ressaltar palavras com uma espécie de negrito. Imagens não podem fazer parte dos enunciados, mas podem ser enviadas

---

[11] ASCII: American Standard Code for Information Exchange, é o principal padrão para codificação de caracteres na informática, incluindo caixa alta e caixa baixa das letras do alfabeto romano, os números, e os símbolos de pontuação mais comuns, mas sem a maioria das letras acentuadas das línguas modernas.

[12] Os *emoticons*, inventados por Scott Fahlman por volta de 1980 (Jargon File, 1991) (em português, às vezes chamados de "CARacterETAS"), são uma das inovações da CMC mais divulgadas e comentadas e, por isso, não vão merecer mais comentário aqui. Existem até dicionários de *emoticons* e estudos sobre o uso diferenciado deles por homens e mulheres (Katzman, 1994).

entre usuários por meio de DCC, um programa de transferência de arquivos que funciona dentro do IRC. DCC serve para transferir quaisquer arquivos de texto (ASCII), ou arquivos binários, tais como arquivos executáveis, arquivos de texto formatado, arquivos de imagens, etc.

Outra forma de produzir imagens no IRC é mandar sucessivas linhas de texto formatadas para formar um desenho, como no seguinte exemplo das palavras "*BEER BITES*", no Ex. 2.7.

EX. 2.7

```
<Moobi> Di.ko: Warning: /usr/lib/libc.so.1.6.1 has older revision than expected
<Moobi> ******  ******* ******* ******
<Moobi>  **  **  **   *  **   *  **  **
<Moobi>  **  **  ** *   ** *    **  **
<Moobi>  *****   ****   ****    ** ***
<Moobi>  **  **  ** *   ** *    ** **
<Moobi>  **  **  **   *  **   *  **  **
<Moobi> ******  ******* ******* *** **
*** Signoff: Ulra (yyy@lemmnix.cc.lemu.edu)
*** Signoff: BeerBot (www@lemmnix.cc.lemu.edu)
<TooZv> WOW!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!! 34?
<Moobi>
<Moobi> ******   ****   ******  *******  ****
<Moobi>  **  **    **    * ** *   **    * **  **
<Moobi>  **  **    **      **     ** *    ***
<Moobi>  *****     **      **     ****     ***
<Moobi>  **  **    **      **     ** *       ***
<Moobi>  **  **    **      **     **   * **  **
<Moobi> ******   ****    ****   *******  ****
*** BeerBot (www@lemmnix.cc.lemu.edu) has joined channel #Landia
*** Ultra (yyy@lemix.cc.lemu.edu) has joined channel #Landia
*** Mode change "+o+o BeerBot Ultra" on channel #Landia by lemnix.cc.lemu.edu<Ultra>
split!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!
```

Evidentemente, o remetente não teve tempo para compor essas linhas manualmente, pois não haveria imagem se cada linha fosse separada por linhas de texto estranhas, como acontece entre "*BEER*" e "*BITES*". Provavelmente elas foram copiadas de outro arquivo e coladas na linha de comando, usando-se uma interface gráfica. Outra possibilidade é que o remetente tenha escrito um programa que gerasse as linhas automaticamente. Esses programas escritos para rodar dentro do IRC chamam-se *bots* (de *robot*, "robô). No exemplo dado, observa-se outro *bot*, chamado "BeerBot". BeerBot aparece como um usuário qualquer, mas, na verdade, é um programa escrito para responder a comandos enviados pelos outros usuários, como no exemplo abaixo, em que Moot encomenda uma cerveja para Tars, e Ultra pede outra para ela mesma:

EX. 2.8

```
<MooT> Beerbottle for tars
*** Action: BeerBot hands MooT a Beerbottle for tars
*** Action: Tars is drinking beer
<Ultra> beerbot beer
*** Action: BeerBot throws Ultra a cold one
*** Action: BBot eyes all those free beers...
```

Os *bots* toraram-se muito populares no IRC, causando problemas, por ocupar recursos de computação. A maioria dos servidores hoje em dia proibem *bots* particulares, mas permitem *bots* autorizados, para ajudar a administrar os canais mais populares.

2.3.4. MUDs, MOOs e MUSHs

Um MUD "é o IRC em tecnicolor e três dimensões", segundo um usuário veterano.[13] A descrição é apta. A origem dos MUDs é outra, mas a descrição dada para o IRC na última seção serve bem como base para entender o que é um MUD. IRC é uma modalidade virada para a conversação, que desenvolveu um forte lado lúdico, como foi visto acima. MUD é uma modalidade virada para o jogo e a criação de realidades alternativas, que desenvolveu uma vocação para a conversação.

MUD é a sigla que representa originalmente *M*ulti-*U*ser *D*ungeon ("calabouço multiusuário"), mas que passou a significar *M*ulti-*U*ser *D*omain ("domínio") ou *M*ulti-*U*ser *D*imension ("dimensão"). O primeiro MUD foi criado por Roy Trubshaw e Richard Butle, estudantes da Universidade de Essex, Inglaterra, em 1978. (Evard, 1993)

Os primeiros MUDs eram versões computorizadas de jogos de aventura, parecidos com os RPGs (*R*ole *P*laying *G*ames), como Dungeons and Dragons, sendo competitivos e orientados para o combate, para a conquista de prêmios e para o acúmulo de poderes (Curtis and Nichols, 1994). Existem perigos e inimigos que

---

[13] Claire Benedickt, Universidade de Texas, comunicação pessoal, 20 de agosto de 1993. Em 1993, Claire era primeiranista da Universidade do Texas, já com quatro anos de experiência com MUDs.

devem ser evitados ou vencidos. Dessa origem, os MUDs herdaram sua ambientação em *espaço* e o fato de serem habitados por personagens fantasiosas. Toda informação sobre o progresso do jogo é comunicada por texto que aparece na tela, e a intervenção do usuário é feita por comandos. Nesse tipo de MUD, grande parte da interação acontece entre um usuário e o software que responde; mas existe, também, a possibilidade de interação entre os personagens dos usuários. (Rheingold, 1992: 145-175).

Foi com a intenção de favorecer a interação entre usuários, dentro de um ambiente lúdico, que novos softwares de MUDs começaram a aparecer. Diferente dos MUDs orientados para a aventura, a nova geração de software (TinyMUDs) permite mais participação direta dos usuários na construção de desenho do ambiente (Benedikt, comunicação pessoal, 1993; Warshauer, 1994). Multiplicaram-se os "social" MUDs na Internet, alguns, como LambaMOO[14] da Xerox PARC[15], ou MediaMOO do Laboratório de Media da MIT, adquiriram centenas e até milhares de freqüentadores. (Curtis, 1992; Bruckman, 1992).

No lugar dos canais do IRC, os MUDs distribuem as conversações em espaços, muitas vezes salas ou salões, mas também boates, jardins, auditórios, varandas. Cada ambiente é provido de uma descrição e pode receber objetos que podem, por sua vez, ser programados (como os *bots* do IRC), para interagir com os usuários. Os usuários se locomovem pelos espaços por meio de comandos. Uma vez situado dentro de uma sala ou outro espaço, o usuário passa a receber a conversação dos demais usuários também presentes. Existem também mecanismos de comunicação em particular com outros usuários no mesmo espaço, ou em qualquer outro lugar do mesmo MUD.

---

[14] Existem várias versões de MUDs: MOO significa *MUD-Object-Oriented*; MUSH *Multi-User Shared Hallucination*.

[15] Palo Alto Research Center.

Já existem estudos sobre a interação e as formas de linguagem desenvolvidas nos MUDs. Warshauer (1994) focaliza o texto usado para criar a sensação teatral de espaços e objetos. Cherny (1995a, 1995b, 1996) estuda a forma tomada por atividade retroalimentadora (*back-channeling*) num meio puramente textual, sem o canal visual e os modos gesturais da conversação face-a-face, e descreve a modalização do discurso por meio dos enunciados descritivos de ação ou atitude (*emotes*, correspondentes às "ações" do IRC).

Enquanto os MUDs também não impõem (nem permitem) controle de turno, podem existir mecanismos de controle de participação. Numa mesa redonda do Netoric, um grupo de pesquisadores que se reúnem na MediaMOO, observei o seguinte esquema: havia um monitor da mesa. Os participantes presentes no local que queriam falar precisavam inscrever-se com o monitor. O direito de falar era limitado aos seis ou sete inscritos no topo da lista. Quando um dos inscritos parava de participar ativamente, comunicava ao monitor, que notificava o próximo na lista de espera. Os ativos ainda conversavam sem controle de turno, mas, ao invés de uma conversa entre todos os trinta ou quarenta participantes presentes, a conversa contava com apenas um número limitado.[16]

Os recursos dos MUDs estão sempre evoluindo. MUDs como Lambda MOO ou MediaMOO, só para dar dois exemplos, criam espaços para diferentes grupos de interesse, desenvolvendo-os de acordo com suas necessidades (Curtis 1992; Bruckman, 1992). Um dos espaços dedicados do MediaMOO, "Netoric", inclui salões para conferências, um Café e uma cinemateca onde mesas redondas anteriores estão arquivadas e podem ser revistas pelos visitantes.

---

[16] Esse sistema foi abandonado no Netoric, onde foi observado, mas continua sendo usado em várias formas em outros MUDs. Segundo Tari Fanderclai, organizador do Netoric, tais sistemas de controle da palavra procuram *desfazer* (e assim descaracterizar) todo o sistema de interação que o software dos MUDs foi criado para facilitar (comunicação pessoal).

A existência da metáfora dos espaços e dos objetos dos MUDs fornece um enriquecimento do meio, por criar canais "visuais" e "tácteis" e "sonoros" virtuais.

2.3.5. Outras modalidades

As modalidades mencionadas acima são apenas representativas. Existem outros softwares que criam ambientes para conferências em tempo real entre múltiplos usuários em redes de diferentes tipos. Na educação, essas modalidades são chamadas genericamente de ENFI (Electronic Network for Interaction) e incluem aplicativos como Interchange, desenvolvido especialmente para uso em sala de aula.

2.4. Modalidades Assincrônicas

2.4.1. Correio Eletrônico

Correio eletrônico (*e-email, email, mail*)[17] é a modalidade básica da CMC. Correio eletrônico consiste na transferência de uma mensagem da conta[18] de um usuário para a conta de outro. Existem muitos aplicativos para a administração de correio eletrônico em todos os tipos de rede. Os aplicativos vêm se sofisticando com o tempo, assumindo várias funções do processo de correspondência, tais como a editoração, formatação e arquivamento dos textos, o arquivamento automático dos endereços

---

[17] "Mail" está se tornando o termo padrão para correio eletrônico no Brasil e está até se aportuguesando. Já foi ouvido, no Centro de Computação Eletrônica da USP, a seguinte frase: "Me emaila (imeila?) o endereço, então". Um item de correspondência se chama "um mail". No inglês, o substantivo *mail*, tradicionalmente incontável, está se tornando contável, quando se aplica a uma correspondência do correio eletrônico ("*a mail*" ou "*an email*"). O mesmo está acontecendo, em inglês, com a palavra *software*.

[18] "Conta" significa o direito de um usuário usar os recursos de um computador, geralmente com algum espaço em disco dedicado ao arquivamento dos seus dados. Cada conta tem um código de acesso e uma senha para assegurar sua privacidade.

eletrônicos dos correspondentes[19]; a formatação e endereçamento automático de respostas; a indexação, listagem e ordenação das correspondências recebidas; a inclusão automática da assinatura do remetente no corpo da mensagem; o envio de arquivos em anexo. (Pike et al., 1995; Krol, 1992: 91-126).

Cada uma dessas funções secretariais que hoje podem ser administradas por um bom aplicativo integrado de correio eletrônico, no passado exigiam cuidados especiais dos usuários, conhecimento de softwares separados (como editor de texto) e truques para passar os arquivos de um para outro.

Sem entrar em detalhes que serão elaborados no próximo capítulo, a correspondência de correio eletrônico consta de um cabeçalho (contendo informações sobre a origem, hora de envio, rota, hora de chegada e destino), a mensagem propriamente dita e, muitas vezes, uma identificação do rememtente, chamado *sig* (de *signature*).

Em alguns sistemas, existe um limite máximo quanto ao tamanho da mensagem, mas a tendência é permitir a transmissão, como correio eletrônico, de qualquer tamanho de texto.

2.4.2. Quadros de Avisos (BBS)

Os BBS (*Bulletin Board Systems*) são as modalidades mais simples e baratas de CMC: basta ter um microcomputador em casa, software barato ou gratuito, um modem e uma linha telefônica, para montar seu próprio BBS. Os usuários do BBS ligam-se dos seus

---

[19] O endereço eletrônico é normalmente igual ao código de acesso de uma conta. Para redes que abrangem mais de uma máquina (ou nó) de uma rede, ou mais de uma rede, os endereços juntam ao código o endereço da máquina dentro da rede. Na Internet, os nomes dos nós têm várias partes separadas por pontos (eg. spider.usp.br = spider (máquina ou nó) + usp (instituição) + br (domínio/país). Nos Estados Unidos, os endereços da Internet terminam com designação de domínio: edu = educational; org = organização não-governamental; gov = governamental; mil = militar; com = comercial; net = rede.

computadores ao computador "anfitrião" (*host*) do BBS, para ler as mensagens ali depositadas e deixar as suas para os outros usuários.

Os BBS começaram como um meio para as primeiras gerações de donos de microcomputadores se comunicarem entre si. O primeiro BBS foi criado em Chicago, em 1978, por Ward Christensen e Randy Suess como *hobby* e lançado para o público em 1979. Em 1983, Tom Jennings escreveu outro programa para BBS, Fido, que iria se espalhar rapidamente. Em 1985, com Fido's distribuídos pelos Estados Unidos, todos rodando em microcomputadores, já era possível criar uma rede dos BBSs locais que cobrisse o continente. Hoje, o Fidonet interconecta dezenas de milhares de BBSs locais no mundo inteiro, não dependendo da Internet, mas também podendo se aproveitar das suas transmissões internacionais de alta velocidade. (Rheingold, 1993: 133-139).

2.4.3. Usenet

Usenet é uma espécie de BBS que foi criada em 1979 por três estudantes de North Carolina, para permitir a comunicação entre os computadores de plataforma UNIX nas suas universidades. Eles distribuíram gratuitamente o software, que se popularizou exponencionalmente até cobrir o mundo, dando acesso a milhares de usuários, a maioria, no início, estudantes universitários em ciências da computação, mas, depois, a comunidade estudantil em geral. Usenet nasceu independente da Internet (as universidades dos criadores não estavam conectadas à ARPANET, precursor da Internet), mas, hoje, ela também utiliza as conexões da Internet para distribuir suas mensagens. (Rheingold, 1993: 117-122).

Como IRC ou os MUDs, a Usenet é organizada por um sistema de servidores que passam as mensagens entre os *hosts* participantes. Usuários acessam seu *host* local através de um aplicativo de interface, um "leitor de notícias".

Uma mensagem na Usenet, chamada "artigo" (*article*), é parecida com uma correspondência de correio eletrônico: tem um cabeçalho, o corpo da mensagem, muitas vezes começando com uma citação de outro artigo e terminando com a *sig* do remetente. Diferente do correio eletrônico, a mensagem é endereçada, não a uma pessoa, mas a um ou mais de um dos milhares de "grupos de notícias" (*newsgroups*) estabelecidos, cada um especializado no assunto do seu nome (por exemplo: *rec.food.historic* ou *alt.alien.visitors*). A mensagem recebe um número de identidade único e é passada de um servidor para outro, até atingir toda a rede.

Quando um usuário quer ler as notícias, "assina" um ou mais dos grupos de notícias e lê o que está armazenado sob aquele título, podendo responder ao grupo ou ao remetente de um artigo. Os artigos não ocupam espaço na sua área de disco particular, mas ficam guardados, por algum tempo, no espaço público comum, disponíveis para outros usuários.

O software da Usenet consegue duas façanhas de grande utilidade para o usuário: a interligação de artigos do mesmo rótulo de assunto; e a limitação da abrangência de distribuição.

Uma linha do cabeçalho contém um rótulo de assunto (Subject). Os sofwares de leitura das notícias permitem ao leitor seguir, dentro de um mesmo grupo de notícias (e em ordem de chegada), todos os artigos com o mesmo rótulo. Como veremos, correio eletrônico distribuído em listas de interesse também tem rótulos de assunto, mas somente os aplicativos mais sofisticados são equipados para agrupá-los por assunto.

Quanto à distribuição, o usuário pode indicar, ao enviar um artigo, a abrangência que quer atingir: local, regional, nacional, ou internacional. A passagem do artigo de servidor para servidor é filtrada de acordo com as instruções do usuário.

2.4.4. Listas Eletrônicas

Pouco direi aqui sobre listas eletrônicas, o assunto dos próximos capítulos. Listas, também denominadas "fórum", "lista de interesse", "lista de discussão", "listserve", "conferência", "mala direta" (*mailing list*), e até (erroneamente) "rede" (*net* ou *network*), "bbs" (*bbs* ou *bboard* ou *board*), ou "arquivo" (*file*)[20], são correio eletrônico adaptado para comunicação de muitos para muitos. Inicialmente, a distribuição era feita com cada participante de uma discussão endereçando sua mensagem a todos os outros participantes. Além de lotar o cabeçalho de endereços, esse método tornava-se impraticável para uma lista grande e variável, pois, conforme as pessoas saíam ou entravam na discussão, não era possível atualizar uniformemente as listas de todos os participantes. O primeiro avanço foi a criação de software para a distribuição automática de correspondência aos inscritos numa lista-mestre, mantida por uma pessoa. Os participantes enviavam suas mensagens a um endereço central, e o software a redistribuía para todos os inscritos. Os softwares que hoje administram listas (LISTSERV, LISTPROC e outros), às vezes de até milhares de assinantes, fazem toda a manutenção da lista, a distribuição da correspondência e o arquivamento da discussão automaticamente (Thomas, 1996).

Como veremos nos próximos capítulos, a discussão de uma lista grande e ativa, como as discussões da Usenet, podem chegar à grande complexidade, com o agravante de que não existem mecanismos para evitar que as mensagens não cheguem à caixa de correio do usuário fora de ordem, criando problemas de leitura.

2.5. Softwares e softwares: níveis de representação

Até agora tenho comentado os softwares do ponto de vista do usuário final comum, aquele que, para se aproveitar dos recursos da teleinformática, é obrigado a lidar com

---

20 Esses usos foram constatados no corpus do MBU-L.

interfaces de vários tipos, para compor, mandar, receber e ler (na tela ou impressas) as mensagens. Tenho falado de algumas das possibilidades de comunicação que esses softwares criam e dos problemas e limitações que necessariamente acompanham seu uso. Alguns dos problemas são parcialmente resolvidos com modificações nos softwares, ou com softwares alternativos. Mas sempre sobram questões de administração do discurso que acabam sendo resolvidas por negociação direta entre os usuários, com a eventual formação de convenções de comportamento e padrões de uso. [21]

Os softwares que o usuário vê (e com os quais briga) são a ponta do *iceberg*. São os softwares que representam para o usuário, geralmente numa imagem de um monitor, um estado compreensível da máquina (e da rede) na forma de texto, de uma mensagem, uma linha de comando, ou um menu de opções, e permitem que mude o estado da máquina por meio de comandos por ele compreendidos. Entre esse nível de representação e o nível de representação que possa efetivar na máquina (ou na rede) uma mudança de estado, existem vários outros níveis de software, invisíveis ao usuário, que fazem a intermediação. Os níveis de representação criados por esses softwares[22] de máquina são chamados de *máquinas virtuais* (Tanenbaum 1992: 3).

---

[21] O desenvolvimento dos softwares que formam a base das modalidades aqui apresentadas tem acompanhado o desenvolvimento da Internet: grande parte dos softwares normalmente usados foram concebidos por indivíduos para resolver problemas específicos que eles sentiam como usuários, muitas vezes sem financiamento.

[22] Os níveis abaixo do nível de interface são: nível de linguagem orientada para programas; nível de linguagem de montagem; nível de sistema operacional; nível de máquina convencional; nível de microprogramação; e nível de lógica digital (Tanenbaum, 1992:4-6). As redes também funcionam na base de uma arquitetura estruturada em níveis de software: nível de aplicação (interface com o usuário); nível de apresentação; nível de sessão; nível de transporte; nível de rede; nível de dados (*data link*); e nível de controle físico. Cada nível comunica-se com o nível diretamente abaixo e o nível diretamente acima. (Pooch et al., 1991: 225-339).

Para o usuário comum, esses níveis de representação por baixo do nível da interface são ignorados. Convém lembrar, porém, que a evolução das capacidades para a comunicação dos computadores resulta da evolução de todos os níveis de software, e que a evolução de um nível influencia a evolução de outro. A possibilidade e a necessidade de conectar computadores de várias procedências em rede incentivou a criação de sistemas operacionais (um dos níveis mais próximos ao nível da máquina) chamados *abertos*, como é o caso de UNIX, que, por sua vez, abriu o campo para usuários criarem centenas de softwares para a comunicação que tornaram a rede o meio de comunicação variada que hoje conhecemos. Outro exemplo foi mencionado acima: o desenvolvimento de chaveamento de pacotes que, embora tivesse originalmente outra finalidade, criou as condições para a Internet de hoje. (Schwartz, 1987)

Todo o desenvolvimento de software para rede envolve, também, trabalhos paralelos discursivos e sociais de padronização. Não poderia existir a Internet de hoje sem a padronização de *protocolos* de comunicação de dados. O trabalho de padronização é feito, em parte, informalmente, pelo mercado de troca de informações, opiniões e softwares que ocorre nas próprias redes e, em parte, por órgãos paraoficiais, tais como a Internet Society (Insoc) e a Organização Internacional de Padronização (ISO) (Pooch, 1991; Schwartz, 1987; Krol, 1992).

2.6. Comunidades e comunidades: economias de interação

Neste capítulo, tenho focalizado os aspectos dos softwares que estruturam os ambientes de CMC, esboçando, para cada modalidade, como é experimentada pelo usuário na sua interação com uma aplicação de interface e como ela administra a transferência de mensagens no nível de rede, assumindo para si certas funções, tais como distribuição, identificação e ordenação (ou não) das mensagens, ou formatação (ou não) de citações, e deixando outras tarefas para serem administradas pelos usuários. Comentei, para várias das modalidades que não vão ser objeto principal

deste estudo, os trabalhos relativos aos efeitos da modalidade sobre aspectos de linguagem.

Essa abordagem, ao focalizar os aspectos técnicos da comunicação, deixou nas sombras um dos fenômenos mais marcantes da experiência que a CMC traz aos seus usuários: a formação de *comunidades virtuais*. Esse fenômeno tem atraído muita atenção dos estudiosos de comunicação e de grupos sociais, sendo comum a todas as modalidades que permitem comunicação de muitos para muitos, como IRC, MUDs, Usenet e listas de interesse.

Como o fenômeno de formação de comunidades vai ser tratado no Capítulo 6, reservo a discussão do conceito de comunidade para aquela ocasião. Por enquanto, deixo o termo "comunidade" sem definição rigorosa. Quando, neste e nos próximos capítulos, falo de "comunidade", quero dizer simplesmente o *conjunto de usuários*, autores e leitores, em menor ou maior escala, dependendo do contexto, sem sugerir qualquer tipo específico de relacionamento entre eles. Veremos, adiante, porém, que as conversações raramente podem ser concebidas como interações entre "usuários" simplesmente; e que uma das tarefas da comunicação é sempre a de articular um relacionamento social entre os comunicandos. Ou seja, se a comunicação tem como função a transferência de blocos de informações, concebidos como arquivos de dados, entre usuários, essa é uma função secundária, sempre calcada na pré-existência de um contexto social. E é a criação desse contexto social que é a tarefa principal e primária da comunicação. Como veremos, a CMC ressalta essa função, ao colocar "usuários" em comunicação direta sem todos os suportes locais, institucionais e semióticos (voz, aparência) que ambientam socialmente a comunicação nas modalidades tradicionais.

At the outset of an investigation, it is not so much the intellectual faculty for making formulas and definitions that leads the way, but rather it is the eyes and hands attempting to get the feel of the actual presence of the subject matter.
Voloshinov (1973: 45)

God lives in the details.
Steven Schaufele
<fcosws@prairienet.org>[23]

3.
A DESCRIÇÃO DO CORPUS E SEU CONTEXTO

Resumo

Neste capítulo, descrevo a origem e as configurações gerais do corpus: quantas correspondências ele contém, de que constam, quem as mandou e para que fim foram mandadas. Uso, como medida da saliência dos objetos descritos, os próprios comentários dos membros, método esse que ressalta o conflito, pois é quando surge conflito que há necessidade de renegociar os conceitos, as práticas, as normas. No fim do capítulo, descrevo uma conversação que ilustra a negociação de uma perturbação em termos técnicos e ideológicos, para mostrar como os membros refletem sobre a comunicação represendada pelo corpus.

3.1. Escolha e preparação do corpus

No Capítulo 2, lançamos um rápido olhar sobre as várias modalidades de CMC, cada uma com suas características próprias. Optei, para esta pesquisa, estudar alguns aspectos do discurso de *listas de discussão*.

A escolha de listas, em detrimento de outros candidatos, como IRC ou Usenet, foi feita por um motivo simples: era a modalidade mais acessível na época. Em 1992, a USP

---

[23] LINGUIST, Vol. 4, No. 688, artigo 1. Schaufele atribui a frase a Stephen J. Gould (c.p.).

estava recém integrada à Internet com plataforma UNIX, mas ainda não tinha instalado software para IRC ou Usenet. Portanto, as únicas modalidades que eu conhecia eram correio eletrônico e listas. Foi através das listas que tomei conhecimento das outras modalidades.[24]

Durante o ano de 1992, assinei e comecei a arquivar várias listas: TESL-L (Teaching English as a Second Language), SLART-L (Second Language Acquisition Research and Teaching), LINGUIST, ZINES-L, CHAUCER, CYBERMIND, TNC (TechnoCulture) e outras. Ouvi falar de MBU-L (Megabyte University) primeiramente na SLART-L, e a assinei em outubro de 1992. Imediatamente me senti atraído pelo discurso (sobre computadores e ensino de redação) e resolvi coletar o corpus da minha pesquisa dessa lista.[25]

3.1.1.A lista: MBU-L

MBU-L é uma lista acadêmica cujo objetivo é trocar informações sobre o uso de computadores no ensino da redação, especificamente no nível universitário. De acordo com a MBU FAQ (Carter, 1995):

---

[24] Para experimentá-las, na época, era necessário achar um cliente remoto (software instalado em outro nó da Internet, normalmente nos Estados Unidos) que permitisse *login* remoto. No caso de IRC, Usenet e MUDs, o *login* remoto era problemático e resultava numa conexão muito lenta. Sugeri a instalação de um cliente do IRC (IRC-II) num dos computadores do CCE, o que foi feito em março de 1993, e de um cliente para MUDs (TINYFUGUE), o que foi feito em julho do mesmo ano. Só descobri que a USP estava recebendo um *feed* de Usenet e que tinha software para leitura instalado (TIN), em maio de 1994.

[25] Nunca me arrependi da decisão de estudar as conversações da MBU-L. Tive a sorte de participar da MBU-L durante uma época em que algumas das pessoas de mais destaque na área estavam presentes, e, até hoje, muitas das conversações de 1992 e 1993 continuam a me inspirar.

> MBU is a discussion list (founded in 1990)[26] composed of professors, teachers, grad students, and administrators in Rhetoric and Composition, and more generally in English or language studies. They represent several different levels of institutions: secondary and community college as well as university graduate students and faculty. MBU physically runs at Texas Tech University, in Lubbock, Texas, and is administered by Fred Kemp.[27]

Quando comecei a arquivar as conversações da MBU-L, ela já estava no seu terceiro ano. As conversações não estavam sendo arquivadas sistematicamente, mas alguns membros[28] tinham guardado conversações isoladas, de maneira aleatória. A lista só começou a ser arquivada automaticamente em meados de 1994, quando passou a usar o software de gerenciamento de listas LISTPROC.

MBU-L revelou-se uma boa escolha para um estudo pelos seguintes motivos:

- Era uma lista madura, já com uma "personalidade" formada, mas ainda em crescimento. O fluxo de correspondências era constante e volumoso.
- É uma lista da qual participei ativamente de outubro de 1992 até agosto de 1994. Desse modo, tornei-me membro conhecido da comunidade. Mantenho contato com vários membros da lista que se tornaram amigos e colegas. Como pesquisador-

---

[26] "...after the Fifth Annual Computers and Writing Conference held in Minneapolis, Minnesota in May 1989" (Self & Meyer, 1991).

[27] O termo histórico para administrador de uma lista é *listowner* (ou *list owner*). Muitos administradores, entretanto, não apreciam esse termo e preferem *manager* (1%), *administrator* (1%), *moderator* (11%), ou *coordinator* (50%). (Estimativa baseada na *List of Lists* de 9 de setembro de 1992).

[28] O termo "membro" é usado aqui para significar um elemento da "comunidade" de MBU-L, participando do mesmo estatuto ateórico e da mesma ambiguidade, no momento, de que goza o termo "comunidade". "Membro" é mais abrangente do que "assinante", pois, como será explicado no item 3.4, existem leitores regulares que não são assinantes. No Capítulo 6, faço uma avaliação do conceito "membro" como ele é empregado por Garfinkle (1972).

participante, senti-me à vontade para fazer indagações particulares ou públicas sobre questões que apareciam.

- Muitos membros da lista, durante a mesma época, participaram de eventos em três outras modalidades de CMC: IRC, MediaMOO e FORUM93, que também foram arquivadas. Existe a possibilidade de aproveitar o corpus para futuras comparações com o discurso das mesmas pessoas, conversando sobre tópicos afins, nas outras modalidades.

- Outros estudos publicados já usaram protocolos da mesma lista, abrindo a possibilidade de comparações diretas.

3.1.1.1.Caracterização da lista

Existem vários tipos de lista. MBU-L caracteriza-se como uma lista tipo LISTSERV, aberta e não-monitorada. "Tipo LISTSERV" quer dizer que a lista é gerenciada automaticamente por um software gerenciador de listas (*MLM -- Mailing List Manager*). Em 1992 e 1993, MBU-L estava usando software LISTSERV. Em 1994, passou a usar LISTPROC, um software projetado para plataforma UNIX que imita LISTSERV. O fato de ser gerenciada pelo mesmo MLM não quer dizer que duas listas vão ter exatamente as mesmas características, porque existem parâmetros que podem variar de uma lista para outra, como qual informação aparece em quais campos do cabeçalho, se a lista é aberta ou fechada, se é monitorada, etc.

"Aberta" quer dizer que a lista aceita para distribuição correspondência de qualquer origem. Ou seja, para mandar uma correspondência à lista e conseguir que ela seja distribuída a todos os assinantes, o remetente não precisa ser, ele mesmo, um assinante. Uma lista fechada somente aceita correspondências dos endereças assinados.

"Não-monitorada" quer dizer que as correspondências recebidas pelo software no endereço da lista são imediatamente redistribuídas aos assinantes sem filtragem ou monitoramento. Em listas monitoradas as correspondências passam primeiro por editores, para que possam eliminar as correspondências defeituosas ou endereçadas erroneamente. Às vezes os editores também agrupam as correspondências por tópico, antes de redistribuí-las aos assinantes (como é o caso de LINGUIST). Vários MLMs agora são capazes de filtrar alguns tipos de mensagens defeituosas ou mal endereçadas automaticamente.

3.1.2. O período

O corpus consiste de todo o volume de correspondência da MBU-L (com algumas falhas causadas por motivos técnicos) e foi coletado de 30 de outubro de 1992 até 31 de dezembro de 1993. São 7335 correspondências ao todo (ver Tabela 3.1).

As correspondências foram coletadas na ordem em que foram recebidas na minha caixa de correio no Convex (mccleary@cat.cce.usp.br) e transferidas para disquetes e disco rígido de microcomputador. Cada correspondêndia do corpus recebeu um número (MSGNUM) constando do código do mês e mais o número da correspondência, em ordem de chegada, dentro do mês, assim: [301-227]. Cada autor também recebeu um número de identificação (AUTHORID).

Os arquivos de texto do corpus totalizam mais de 15 megabytes, ou seja, 5000 páginas de livro comun. Aproximadamente 35% desse total é ocupado por cabeçalho, a informação estampada automaticamente pelo computador para registrar informação de origem, destino, tempo, e rota. A quantidade de texto escrito ou anexado pelos autores, então, é da ordem de aproximadamente 3250 páginas impressas.

TABELA 3.1 NÚMERO DE CORRESPONDÊNCIAS POR MÊS

Mês	*Código do mês*	*Correspondências*	*Falhas conhecidas*[29]
outubro de 1992	210	44	Mês incompleto
novembro de 1992	211	777	2
dezembro de 1992	212	442	4
janeiro de 1993	301	329	3
fevereiro de 1993	302	293	13
março de 1993	303	183	Mês incompleto
abril de 1993	304	572	5
maio de 1993	305	785	1
junho de 1993	306	641	3
julho de 1993	307	569	1
agosto de 1993	308	394	2
setembro de 1993	309	505	0
outubro de 1993	310	683	0
novembro de 1993	311	537	0
dezembro de 1993	312	581	0
Total:		*7335*	*34*

3.1.3. Tratamento do corpus

As correspondências foram coletadas em forma de arquivo de texto ASCII. Foram formatadas no processador de texto Word for Windows 2.0 para exportação para uma base de dados de campos de texto, NoteBook II, versão 4.05, depois substituída por NoteBuilder 1.15.[30]

---

[29] Os meses 210 e 303 são incompletos: 210, porque a coleta começou no fim do mês; 303, porque, por aproximadamente duas semanas, por problemas de disco, fiquei desligado da lista de distribuição.

Quanto às falhas nos outros meses, algumas correspondências foram apagadas por engano e não puderam ser recuperadas com outros membros da lista; outras correspondências ficaram erroneamente gravadas em arquivos de outras listas e encontradas somente depois que o corpus já havia sido preparado. As falhas conhecidas são indicadas na quarta coluna do quadro acima. Dos meses completos, as falhas conhecidas não ultrapassam 0.5% do total das correspondências, sendo grande parte delas (34%) concentrada no mês 302.

[30] Notebook II e NoteBuilder são marcas registradas da Pro/Tem Software Inc. Word for Windows e Excel são marcas registradas da Microsoft Corporation. WordCruncher é marca registrada da Johnston & Co. Paradox é marca registrada da Borland International.

Uma parte da formatação foi feita semi-automaticamente através de macros escritos em Word for Windows. Outra parte, a rotulação das partes internas das mensagens (a ser explicada abaixo no item 3.5), foi feita manualmente.

Notebook e Notebuilder foram usados inicialmente para criar um banco de dados das correspondências inteiras, com campos separados para cada parte da correspondência. Por questões de insegurança dos dados e de lentidão de busca, esses programas foram abandonados, e as tarefas de organização de busca de informações foram divididas entre WordCruncher 4.3 (mais tarde substituído pela versão 4.4) e Paradox 3.0 (mais tarde substituído por Paradox para Windows 5.0). No fim, Notebook serviu apenas para exportar arquivos de campos selecionados para os outros dois programas.

Também, em Word for Windows, foram escritos macros para contar os tamanhos (em número de linhas) de todos os campos demarcados. Esses dados foram exportados para Paradox.

Os arquivos indexados em WordCruncher constam do MGSNUM, nome padronizado do autor, rótulo de assunto e mensagem (sem carimbo). São dois arquivos: um (MBU-MSG) contém apenas mensagens escritas por membros da lista. O outro (MBU-INS) contém apenas textos inclusos cuja origem é alheia à lista (chamados "enxertos" e "anexos"). O arquivo de dados de MBU-MSG é de 7 M; o arquivo de dados de MBU-INS é de 2.5 M.[31]

---

[31] Além de servir para as análises feitas como parte desta pesquisa, o corpus passou a ter uma utilidade prática para toda a comunidade da MBU-L e para os profissionais de ensino de redação com auxílio do computador. O corpus prepadado para esta pesquisa consta do FAQ da MBU-L como arquivo histórico da lista e já foi solicitado por professores nos Estados Unidos para uso dos seus alunos (Carter, 1995; Rose Norman, c.p., 6 de fevereiro de 1995).

Wordcruncher é um indexador/leitor de texto indexado: facilita a busca de palavras ou combinações de palavras em grandes quantidades de texto. Esse programa foi imprescindível para o sucesso da pesquisa (McCleary, 1991).

Paradox foi usado para criar bancos de dados relativos às correspondências (origem, hora de envio, hora de chegada, tamanho dos campos), aos autores (AUTHORID, endereços eletrônicos, nomes usados, nome padronizado, assinante ou não, sexo) e aos assinantes (datas de assinatura, endereços eletrônicos, nomes assinados, nome padronizado). Paradox foi de grande utilidade na organização das informações relativas às correspondências e na estatística preliminar. Excel foi utilizado marginalmente para formatar arquivos para outros programas estatísticos e na preparação dos gráficos.

3.2. Formato das correspondências

Passo, neste item, a descrever o *formato* de uma correspondência de correio eletrônico veiculado por uma lista. Uma parte do formato é determinada pelo software; outra parte é determinada pelas convenções sociais que emergem para facilitar a comunicação em lista. Dos elementos incluídos automaticamente, uma parte contém informações úteis principalmente para as máquinas e para seus operadores; outra parte contém informações úteis principalmente para os usuários finais.

Como foi indicado no último capítulo, uma construção social do tipo correspondência por correio eletrônico é produto de uma história que vem se desenrolando em muitas camadas de interrelações. No caso da correspondência, o percurso histórico envolve a evolução das máquinas e dos softwares das máquinas; a evolução das redes e dos softwares das redes; a evolução das (várias e distintas) comunidades dos programadores -- os primeiros usuários das redes -- e dos seus discursos; a evolução de novas comunidades de usuários com histórias, valores e objetivos diferentes, que

procuram apropriar os bens das culturas de redes já existentes para seu próprio uso, sob risco do choque de culturas e da desorientação que esse contacto possa trazer.

Quer dizer, nada é encontrado feito sob medida e em forma final. Os usuários estão sempre procurando usar as ferramentas disponíveis ao seu redor, para atingir seus objetivos, com uma parte da sua energia dedicada à melhoria do próprio meio, seja por conhecimento de opções já disponíveis, por mudanças de comportamento, ou por criação de novas opções.

Se a discussão de formato parece entrar em detalhes pouco relevantes à *comunicação* ou ao discurso produzido, é para chamar atenção para aspectos da comunicação que normalmente são ignorados. A comunicação mediada pelo computador não acontece sem muitas camadas de interface, sem muitas traduções de um nível de representação para outro.

O processo da aprendizagem da leitura na escola é um processo pelo qual passamos a *esquecer* todas as mediações das interfaces que enfrentamos nos primeiros contactos com a palavra escrita. O esquecimento torna a leitura mais eficiente e agradável, mas sob pena de se perder de vista a natureza material, construída, arbitrária e inacabada do meio.

Um dos objetivos do usuário é o de *esquecer-se* da sua interface, de aprender a lidar com ela a ponto de não precisar mais pensar nela, como um dos objetivos de qualquer aprendiz de profissão é o de poder *esquecer-se* dos gêneros necessários ao seu bom desempenho, interiorizando-os, para não precisar perder mais energia reconstruindo-os a cada encontro. O valor de olhar de perto para o formato de uma correspondência é simplesmente o de *lembrar* como a comunicação, por natureza, é problemática.

Essa natureza problemática é refletida no metadiscurso, encontrado no corpus, sobre as dificuldades de executar (e de interpretar) formas (mais ou menos) adequadas e

consagradas. Tomo, como medida do valor das formas, esse metadiscurso, bem como minha própria experiência como usuário.

3.2.1.O cabeçalho

Uma correspondência tem duas partes: o cabeçalho e o corpo. O cabeçalho contém informações necessárias para as máquinas entregarem a correspondência ao seu

Cabeçalho	From ballardk@mace.cc.purdue.edu Fri Jun 24 09:22:09 1994 Return-Path: <ballardk@mace.cc.purdue.edu> Received: from mace.cc.purdue.edu by unicorn (5.0/SMI-4.1) id AA07796; Fri, 24 Jun 1994 09:22:09 +0600 Received: by mace.cc.purdue.edu (5.61/Purdue_CC) id AA08142; Fri, 24 Jun 94 09:23:23 -0500 From: ballardk@mace.cc.purdue.edu (Kim Ballard) Message-Id: <9406241423.AA08142@mace.cc.purdue.edu> Subject: Re: Weird Things To: mbu-l@unicorn.acs.ttu.edu Date: Fri, 24 Jun 94 9:23:22 EST In-Reply-To: <Pine.3.89.9406240814.A9393-0100000@infoserv.utdallas.edu>; from "acal02@utdallas.edu" at Jun 24, 94 9:14 am content-length: 885
Citação anterior	'acal02@utdallas.edu' writes in an earlier message > I spent five years owning my own business. I'm afraid it has tainted the > way I do things now that I am teaching again. In business I made it a > habit of thanking people for going out of their way to make my life > easier. I am afraid that this behavior does not translate well in > academia. > > So, thanks Fred.
Nome de endereçamento	
Mensagem	Unfortunately, I think your last sentence is probably true in many places. I know lots of people who thanks folks in academia for going out of their way, including me, many of the students I teach, members of the English Department, etc. Hope the art of thanking doesn't get lost in any field. BTW, thanks Fred. Unfortunately, sometimes my thank yous don't get articulated to the intended office; I often offer silent thanks, I'm 'fraid
Enxerto Assinatura	
Carimbo	-- Kim Ballard Purdue University ballardk@mace.cc.purdue.edu

FIGURA 3.1 EXEMPLO DE CORRESPONDÊNCIA INTEIRA

destino. No cabeçalho é registrada a rota da correspondência para a análise de quaisquer problemas que possa haver. A maior parte da informação contida no cabeçalho não interessa ao usuário comum, mas algumas informações são úteis para que ele possa interpretar a procedência da correspondência e enviar um resposta.

Mesmo que o usuário final não faça uso direto das informações contidas no cabeçalho, seu software de interface o faz.

A quantidade do cabeçalho que o usuário vê é uma função do seu software de interface, dos parâmetros fixados pelo sistema e dos parâmetros fixados pelo software de gerenciamento de listas. Um cabeçalho "mínimo" típico poderia mostrar as seguintes linhas: data e hora de envio da sua origem (*Date*), nome do remetente (*From*), endereço para o qual foi enviado (*To*), e rótulo de assunto (*Subject*).

No exemplo de uma correspondência recebida da lista MBU-L (Figura 3.2), há uma outra linha que dá uma opção de resposta (*Reply To*). O usuário pode mandar sua resposta para o endereço do remetente original, para a lista, ou para os dois.

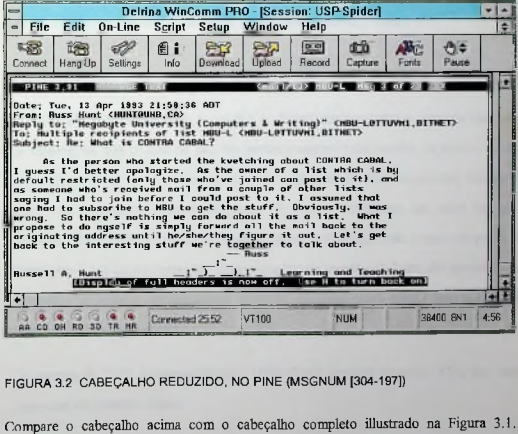

FIGURA 3.2 CABEÇALHO REDUZIDO, NO PINE (MSGNUM [304-197])

Compare o cabeçalho acima com o cabeçalho completo illustrado na Figura 3.1. Muitos cabeçalhos excedem o tamanho da tela, mas só algumas das muitas linhas interessam ao usuário, como é o caso de *In-Reply-To*, na Figura 3.2. No PINE, o usuário pode expandir o cabeçalho, para examiná-lo por inteiro, embora esse não seja

um comando transparente ou muito conhecido; quem usa outros softwares muitas vezes não sabe como controlar o número de linhas de cabeçalho que aparecem na tabela, o que resulta na necessidade de passar várias telas até chegar à mensagem. Um dos motivos mencionados freqüentemente para o remetente assinar a mensagem embaixo (com seu endereço eletrônico) é que muitas vezes o leitor, ao chegar ao fim da mensagem, já terá perdido de vista a informação contida no cabeçalho.

3.2.2. O corpo

Para fins de análise, marquei, em cada correspondência, as partes identificáveis no seu corpo. Nenhuma das partes é obrigatória (nem a "mensagem"!), mas, quando estão presentes, costumam seguir, na grande maioria dos casos, a seguinte ordem: Citação, Nome de Endereçamento, Mensagem, Assinatura, Carimbo, Anexo.

3.2.2.1. Citação

Como ficará claro no Capítulo 5, um dos problemas maiores para o leitor de uma série de mensagens, que podem ou não ser semanticamente relacionadas (e podem ou não aparecer na ordem em que foram escritas), é o de contextualizar a corrente mensagem dentro da conversação de que faz parte. A única maneira que um autor tem para garantir que seu leitor vá poder se situar é anexar uma cópia, pelo menos em parte, da mensagem-fonte da sua resposta. Essas seleções da mensagem-fonte são normalmente colocadas no começo da mensagem, antes de qualquer outra coisa. Isso é coerente com sua função de orientação.

Do corpus de 7335 correspondências, 1659 (23%) contêm citações, 83% das quais aparecem em primeiro lugar.

Mais ou menos 9% das citações são colocadas *no meio* das mensagens. Mais 7% das citações vêm no fim das correspondências. São raras, porque a posição posterior reduz seu valor enquanto contextualizador da mensagem. Os usuários mais

experientes (e que usam software que o permita) constroem mensagens com a citação distribuída na mensagem, entrelaçada com os comentários. Ainda mais difícil de ser feito, e normalmente executado por meio de truques como exportação para um processador de texto, é citar várias mensagens-fonte na mesma mensagem-resposta.

A facilidade com que se faz a cópia da mensagem-fonte depende dos recursos do software de interface. Duas operações precisam ser feitas: a cópia em si e a demarcação do material copiado, para que ele não seja confundido com a mensagem-resposta. Muitos softwares (inclusive PINE) fazem a cópia automaticamente mediante um comando. A demarcação costuma ser feita com um sinal (o mais comum é ">")[32] na primeira coluna de cada linha citada.

Além de marcar as linhas citadas, os softwares costumam prefixar uma referência. Essa referência tem várias formas, dependendo do sistema. Os mais comuns trazem identificação do autor e a data de envio da mensagem-fonte.

EX. 3.1

```
[308-362]
  On Sun, 29 Aug 1993, david tillyer wrote:

  > Random Smith says, in essence why bother having schools since it's evident
  > that we're not willing to pay for them.

[312-283]
  In Message Fri, 10 Dec 1993 11:03:00 EDT,
    Alan Girelli <GIRELLI@brandeis.bitnet> writes:

  >And I began to wonder if, when phones were first introduced into
  >American culture, did people face an issue analogous to "flashing"
  >behavior.
```

Quando o software não coloca uma linha de identificação (ou mesmo por opção do autor), é comum encontrar uma outra identificação que a substitua:

---

32 Interessante notar que o sinal de mais (>) tem uma história antiga. Os escribas irlandeses e anglo-saxões adotaram o *diple* para marcar o começo de cada linha citada das escrituras. Na sua forma mais antiga, o *diple* era uma simples ponta de flecha; mais tarde, evoluiu para as aspas modernas (Parkes, 1991: 15). A origem do ">" na CMC está em dúvida (Jargon File 1991).

EX. 3.2

```
305-430
  Kirsten writes:

  > Speech Act Theory, he cuts the human part
  > right out.  SAT is a theory, to me, of non-human, or
  > Maybe male', language, and as such is interesting, and
  > even sometimes useful, but is not to be taken as a
  > representation of reality.
```

Quem usa software que não copia a mensagem-fonte já demarcada (ou que não sabe fazê-lo), tem uma tarefa extra de demarcá-la, tarefa essa que pode fazê-lo desistir de afixar a cópia.[33] Existem, no corpus, vários exemplos de "soluções" encontradas pelos membros, para suprir a falta de recursos de software na demarcação da mensagem-fonte. Repare-se, no Ex. 3.3 [308-323], na explicação do autor sobre o formato da mensagem.

EX. 3.3

```
[308-323] Leslie Drew Harris: Re: Faculty pay
  Hi, David.  I'm sorry to read your message about the exploitative
  conditions
  at CCNY.  What you describe is totally outrageous.

  (Brief explanatory note about the form of this message.  The e-mail package
  that I complained about before--AT&T StarMail--doesn't allow me to include a
  message when responding.  I've figured out how to get around it: I forward
  the message back to the new recipient and thereby include the old message in
  my new one.  That's what I'm doing here.)

   ------------- Begin Forwarded Message -------------

  Waiting seven weeks in a 15-week semester seems excessive to some of us.
  There is strike talk. It would be a wildcat strike as our union is no damned
  good. This is, of course, for adjuncts only. The university wouldn't treat
  full-timers this way.

  ----------------End "Forwarded Message-----------------

  What amazes me about your message is the comment that "Waiting seven
  weeks . . . seems excessive to _some_ of us" (emphasis added).  [...]

[307-557]
  I haven't yet learned how to "paste" from other postings using those
  little side-wise carets, and as a new subscriber on MBU, I don't yet
  remember names well. So, to fill-in the blanks, this note is a response to
  the conversation about punctuation errors and ambiguity.  [...]
```

---

[33] Durante todo o período de coleta, eu usava o programa MAIL do Unix, com um editor de linha. Escrevia-se uma linha por vez, sem possibilidade de voltar para fazer correções. Dispensavam-se tais sofisticações, como fazer cópias e inserir setinhas. Quando muito, eu gravava a mensagem-fonte em arquivo, saía do MAIL, editava o arquivo no editor VI (um suplício), inseria meus comentários, regravava, entrava novamente no MAIL e mandava o arquivo como mensagem.

O Ex. 3.4 [303-140] é um exemplo de uma mensagem particularmente difícil de ser compreendida por causa do formato. À primeira vista, parece que a autora (Judith Tabron) está respondendo ao texto do mer; mas, na verdade, está respondendo à resposta da Becky.

EX. 3.4

[303-140] Judith L. Tabron: Re: I've been mesMERized

```
>We might want to talk about this off mbu, so send me a post sketching yer 4**
>and I'll do the same about my stuff on avant-gardisms of all sorts.....mer

You darn well better *not* talk about this off mbu, Mr. Rosenberg.  I
want to hear everything you say.  If I can't pick your brains in
person, at the very least I should be able to pick them over the net.
Same goes for you, Tim.

--Becky
-----------------------------------------------------------------
yeah, what she said.
```

3.2.2.2.Endereçamento

Logo depois da citação inicial (se houver), vem o nome de endereçamento. O nome pode ser repetido mesmo que a identificação da citação o contenha. Muitas vezes o nome é colocado numa linha separada, seguido de vírgula ou dois pontos. Se não aparecer em linha separada, é colocado na primeira linha de texto da mensagem. A seguir, exemplos das duas formas:

EX. 3.5

```
[211-106]
  Bill,
  I've been trying to write you and keep getting "address not found". Can you
  write me directly so I can write you back? --Roni

[310-228]
  Marcia:  I just *knew* you would be lurking out there in v-land.  [...]
```

Outras vezes, o nome do autor da mensagem-fonte é mencionado na primeira linha, mas na terceira pessoa:

```
310-221
  I'm with Russ Hunt in his reply to Steve Krause.  [...]
```

O que é muito raro (diferente de cartas pessoais) é o uso de saudações, como *Dear* ou *Hi*. *Dear* é usado quase exclusivamente para endereçamento genérico ou formal. Dos 1408 casos de endereçamento em linha separada, apenas 49 casos trazem *Dear*, e,

desses, apenas 11 casos (22%) usam *Dear* com o primeiro nome. 67% dos casos usam *Dear* seguido de genéricos, como, por exemplo, *networkers, all, everyone, friends, colleagues, MBUers, Megafriends, Megabuds,* etc. Em 10% dos casos, *Dear* é usado com título-mais-nome, ou com primeiro-nome-mais-sobrenome (*Pastor Seth, Mr. Roberts, Gail Sullivan*). *Hi* é um pouco mais pessoal. Dos 41 casos com *Hi*, 48% são genéricos; 45%, pessoais (com primeiro nome apenas) e o restante é formal.[34] Ou seja, o uso de *Dear*, por ser uma "formalidade" consagrada em outros gêneros mais tradicionais, é evitado pelos membros.

Isso significa que a cordialidade é sinalizada por outros meios, principalmente por expressões usadas na linguagem oral, para simular a aproximação face-a-face. As seguintes expressões foram encontradas nas *primeiras linhas* das mensagens:

EX. 3.6

aaaaaargh, ack, ah, ain't, alas, alright, amazin', amen, arrrrr, beats, bedraggled, blush, boo, boy, boy-o-boy, bravo, bugging, bunch, c'mon, Cap'n, catchy, congrats, cool, 'cos, darn, damn, ditto, dude, duh, eeks, eh, 'em, er, fer, finey-winey, folks, frosh, funky, funny, fuzzy-up, gagged, gasp, gee, geez, geeze, glitch, gobbledegook, gonna, goodness, goofy, gosh, gothca, gotta, great, guy, ha, hah, har-har, hey, hi, hm, hmm, hmmm, hmmmm, hohohohoho, hopskip'n'ajump, howdy, huh, 'im, info, jeez, jist, kinda, kudos, l-o-n-g, lemme, lots, lurping, mebbe, meetcha, mind-boggling, muggy, nah, neat, nifty, nope, oh, ok, okay, okey, ooohh, ooooo, oops, ouch, outta, pant, peek, pooh, poop, ra-aaawwwwwwp, really, scary, sez, sheesh, shucks, snippet, sorry, stupid, sure, tanks, thanx, theys, thumps, tidbit, trendy, uhhh, um, uuuugh, wanna, wannabe, warr, well, whadaya, whaitsamatta, wheee, whew, whilst, whoa, whooee, whoosh, willikers, wow, wuz, y'all's, y'all, ya, ya'all, yeah, yep, yo, youze, yup.

O uso do primeiro nome deve ser entendido como exercendo duas funções: primeiramente, é usado como um *dêitico*, para ajudar o leitor (que não vai ser somente o endereçado) a encontrar (muitas vezes na memória) a mensagem que está sendo respondida.[35] Como os fios costumam ter participação de vários autores, nomear o

---

[34] Isso se choca com a prescrição de Valdemar Setzer (1996), que afirma que os usuários da Internet *devem* usar sempre uma saudação carinhosa ("*Dear*" e "*Hi*" são seus preferidos), para não deixar a máquina impersonalizar as relações humanas. Como se vê, essa preocupação não é compartilhada pelos membros da MBU-L.

[35] O conceito de *fio* será explorado no Capítulo 5.

autor da mensagem-fonte é uma maneira de identificá-la. A segunda função, naturalmente, é a de saudação e de aproximação com o endereçado.

Também raríssimo é encontrar o nome de endereçamento *antes* da citação inicial, para indicar sua origem:

EX. 3.7

```
[312-490]
   Patty,

   >I need the listserv address for the writing across the curriculum
   >list if anyone has it handy.

   The WAC-L address is WAC-L@UIUCVMD.BITNET.
```

3.2.2.3.Mensagem

As mensagens são os textos originais que trazem o conteúdo semântico da correspondência.

É difícil caracterizar as mensagens. Supreendentemente, nem faz muito sentido falar

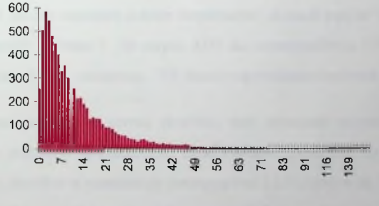

FIGURA 3.3 FREQUÊNCIA DAS MENSAGENS POR TAMANHO

de uma mensagem "típica", nem em termos estatísticos. Como em quase todas as outras medidas encontradas, o tamanho das mensagens tem uma distribuição extremamente assimétrica. O tamanho *médio* de uma mensagem do corpus é 12 linhas; mas a *mediana* (que reporta o tamanho da mensagem no meio da ordenação) é *8*

linhas e, como se observa no seguinte gráfico, o tamanho mais *freqüente* é entre 4 e 5 linhas.

Quanto ao formato, a preocupação maior é com a largura da linha -- e com o comprimento da mensagem. Muitos softwares de interface não têm recursos de formatação de página e quebram as linhas que ultrapassem o limite da tela:

EX. 3.8

```
[307-223]
   Could people keep their paragraphs a bit shorter, and set the
   autowrap at about 70? I've been reading a lot of passionate stuff
   on the grammar thread lately, and I find the effect of it to
   be a little overwhelming. I think if it were to appear in
   more palatable form, like newspaper text, I'd find it easier to
   take it in.
```

A tela típica de leitura de correio eletrônico é pequena, mostrando mais ou menos 80 colunas por 20 linhas. Essa limitação faz com que as pessoas encontrem dificuldades em ler textos compridos e densos, de mais de duas ou três telas. O costume é avisar o leitor no rótulo de assunto (ou na primeira linha), quando a mensagem é "longa".

3.2.2.4.Assinatura e Carimbo

Existem dois tipos de assinatura, o nome simplesmente (chamado aqui de "assinatura") e o *sig* (chamado "carimbo"). No corpus, 4351 das correspondências (59%) traziam carimbos e 2686 (37%), assinaturas. 13% das correspondências combinam os dois.

Uma das características do correio eletrônico mais comentada popularmente é a invenção de assinaturas personalizadas. Essas assinaturas, chamadas *sigs*, servem a finalidade de identificar o remetente da mensagem (ver 3.2.1) e podem ser vistas como "carimbos". A maioria dos softwares de correio eletrônico podem ser configurados para anexar os carimbos automaticamente no fim da mensagem.

Os carimbos normalmente contêm nome e endereço eletrônico, mas podem também trazer outras informações, como endereço, telefone, título, local de trabalho e, muitas vezes, piadas, ditados e "arte eletrônica".

EX. 3.9

```
+----------------+   Richard Travsky   RTRAVSKY @ CORRAL.UWYO.EDU
|                |   Division of Information Technology
|                |   University of Wyoming
|                |   (307) 766 - 3663 / 3668
|        U W     |
|         *      |   "Wyoming is the capital of Denver." - a tourist
+----------------+   "One of those square states." - another tourist
Home state of Dick Cheney,  Secretary of Defense of these here UNITED STATES!
```

```
                                  ~|__
Russell A. Hunt                ~|__|__|__|~|__     Learning and Teaching
Department of English       |__|__|__|__|__|__|      Development Office
St. Thomas University       |__|__|__|__|__|__|      EMAIL: hunt@unb.ca
Fredericton, New Brunswick  |__|__|__|__|__|__|/  FAX: (506) 450-9615
E3B 5G3    CANADA           \__|__|__|__|__|__/   PHONE: (506) 452-7700
                             ~~~~~~~~~~~~~~~~~~~~~~~~
```

```
Joseph Unger                                    z3jju@ttacs.ttu.edu
Grad Student, Department of English            Texas Tech University
```

```
    \/ \_|But all at once it dawned on me that *this*
   / \/ \_|Was the real point, the contrapuntal theme,
  / / \/ \|/ Just this: not text, but texture; not the dream
-|-|--|--<O>--But topsy-turvical coincidence,
  \ \ /\-/|\-Not flimsy nonsense, but a web of sense.
   \ /\ /-|-\ /\                    --John Shade, a.k.a. Vladimir Nabokov
```

Embora carimbos possam ser elaborados, existe um consenso de que o carimbo não deve ultrapassar quatro ou cinco linhas. Ocupa espaço de disco e pode se tornar rapidamente cansativo.[36]

3.2.2.5.Anexo

Anexos são documentos repassados de outras fontes. Podem ser anexos no fim da correspondência, simplesmente, ou podem ser mandados como arquivos anexados (inclusive binários), conforme permite o software. 385 correspondências (5%) carregavam anexos, sendo que, em 168 delas (44%), os anexos acompanhavam mensagens vazias. Isto é, a correspondência servia apenas para comunicar o conteúdo do anexo. Das mensagens vazias, 168 (96%) serviam para trazer anexos ou enxertos.

---

[36] Os carimbos criaram campo para uma forma artística, usando o meio primitivo de ASCII. Com o advento de softwares com interface gráfica, essa forma de arte vai sumir. Os desenhos perdem seu formato quando apresentados numa fonte proporcional.

Documentos anexos normalmente são marcados com uma linha inserida pela máquina:

```
----------Forwarded message----------
```

3.2.3. A questão do gênero

Ainda é prematuro afirmar que existe um "gênero" de correspondência dominante na MBU-L. Análises estatísticas dos formatos das 7335 correspondências do corpus foram feitas sem que se chegasse a conclusões definitivas.[37]

Algumas normas gerais, porém, podem ser apontadas:

- Correspondências cujo objetivo é repassar um documento originário de outra fonte costumam dispensar a mensagem, ou conter mensagems muito curtas.

- A maioria das correspondências que participam de uma conversação da lista (as "topicais") citam o nome do autor da mensagem-fonte no começo da mensagem, porém dispensando uma saudação direta. A citação do nome pode ocorrer em linha prefixada pela máquina, como linha separada de endereçamento, ou como referência na terceira pessoa.

- Cópias das mensagens-fonte são normalmente afixadas no começo das mensagens, preferencialmente editadas para aparecerem somente as linhas em referência, e são marcadas, para discriminá-las do corpo da mensagem-resposta.

- Mensagens costumam ser assinadas no fim. O uso do carimbo é a forma mais comum e tende a suprir a necessidade de uma assinatura do nome em linha separada, mas os dois podem co-ocorrer. A assinatura costuma ser feita sem fechamento, a não ser "*Thanks*".

---

[37] As estatísticas foram feitas pelo aluno de graduação em estatística, Paulo de Tarso Marques Rosa, sob a orientação do Prof. Rinaldo Artes, IME/USP, através do Centro de Estatística Aplicada (CEA).

Essas características já diferenciam as correspondências dessa modalidade do gênero "cartas pessoais" e refletem a natureza intensamente dialógica da modalidade. O uso reduzido de saudações e fechamentos indica que os membros concebem suas correspondências mais como "turnos" que contribuem para um texto maior (a conversação), do que como eventos discursivos isolados. Como turnos, não há necessidade de restabelecer contacto a cada intervenção. Aliás, tal formalidade teria o efeito de quebrar a espontaneidade da conversação, que é mantida por marcadores de oralidade. O fato de saudações serem mais usadas em contactos genéricos e formais indica que são mais apropriadas a aberturas de novas conversações (novos fios; ver Capítulo 5), uma hipótese ainda a ser confirmada.

Como é indicado no Capítulo 4, devem existir diferenças significativas entre as mensagens curtas e as mensagens longas, e as primeiras (e as últimas) linhas das mensagens devem exercer funções específicas. Essas hipóteses geradas pela presente pesquisa ainda precisam ser confirmadas.

3.3. A comunidade

Aqui "comunidade" deve ser entendida como o conjunto de participantes (autores e leitores) da lista MBU-L durante o período de coleta. Como ficará claro, nem essa definição operacional define com precisão os limites do conjunto, mas procura evitar, por enquanto, questões de *membership* ("participação", qualidade de ser "membro" de um grupo social ou uma comunidade de discurso), que serão abordadas no Capítulo 6. Vai transparecer, na discussão de tipos de correspondências (item 3.4.1), que o valor atribuído a determinadas correspondências depende, em parte, da percepção de *participação* do autor na "vida" da comunidade, independente da sua mera atuação como remetente.

A MBU-L, como já foi dito, é uma lista *aberta* e *não monitorada*. Isso quer dizer que qualquer pessoa que tenha o endereço da lista pode distribuir aos leitores qualquer tipo

de mensagem. Além disso, a MBU-L tem uma rede de leitura complexa. Conseqüentemente, nem os autores e nem os leitores representam um conjunto fechado e bem-definido, mas sim conjuntos abertos e constantemente em fluxo.

3.3.1. A distribuição: os leitores

3.3.1.1. Assinatura

Os leitores "oficiais" da MBU-L são os assinantes, aqueles cujos endereços eletrônicos constam da lista de distribuição. A qualquer momento, pode-se obter uma lista dos assinantes com um comando para LISTSERV. Foi das listas de assinantes, retiradas em intervalos de seis meses, que montei o quadro de assinantes da MBU-L.

A lista de assinantes não reflete transparentemente a distribuição da lista para os assinantes. Um único assinante pode ter duas assinaturas, com endereços diferentes...e ainda com nomes diferentes. Para montar uma lista representativa de assinantes, é necessário conferir os endereços e os nomes dos assinantes.

A lista de assinantes pode reportar alguns endereços (e nomes) "reservados", cujo dono optou por não publicar. Ainda pode haver assinantes que instruam o LISTSERV para interromper a entrega de correspondência durante um período. Sempre existem, também, os assinantes que recebem as correspondências, mas não as lêem; aqueles que fazem assinatura para que as correspondências sejam lidas por *outras* pessoas que não têm endereço eletrônico; e endereços institucionais, que podem distribuir as

TABELA 3.2: DISTRIBUIÇÃO DOS ASSINANTE POR SEXO

Período	*Masculino*	*Feminino*	*Institucional*[38]	*Total*
dez. de 92	136 (37%)	90 (38%)	13 (5%)	239
junho de 93	169 (51%)	141 (43%)	19 (6%)	329
dez. de 93	238 (52%)	198 (43%)	25 (5%)	461

[38] Inclui casos de sexo indeterminado.

correspondências para outros leitores finais. Eram um total de 559 assinantes únicos durante o período de coleta, dos quais 341 (61%) participaram ativamente enviando correspondências. A Tabela 3.2 mostra o número de assinantes, por sexo, em cada período. Observa-se que a proporção de mulheres cresceu na primeira metade de 1993.

3.3.1.2.C&CD

Uma complicação na distribuição da MBU-L é sua relação com o boletim eletrônico, *Computers and Composition Digest*. O boletim, uma espécie de lista monitorada, em que os "artigos" são agrupados e enviados periodicamente, já existia desde 1985, antes da MBU-L, e tinha uma distribuição na BITNET. Para maior distribuição, foi criado um grupo de notícias da Usenet (*comp.edu.composition*), para veicular os mesmos boletins. Quando MBU-L começou, o fluxo de correspondências da MBU-L também foi incluído no C&CD para redistribuição, e as respostas de leitores de C&CD (ou de comp.edu.composition) foram repassadas para MBU-L. C&CD virou uma distribuição auxiliar da MBU-L. Uma lista completa de "assinantes" da MBU-L então teria de incluir os assinantes da C&CD.[39]

EX. 3.10 [212-227]

```
Robert Delius Royar: (Fwd: *C&CD*) Relationship between CCD, MBU and
comp.edu.composition (2)
   [...] Eventually the MBU
   volume became so large that I had to begin sending the Digest on a daily
   basis (at least most days).

   We still get some non-MBU material (probably enough for a bi-weekly
   Digest), but my software automatically reflects that back to MBU and
   comp.edu.composition, so it becomes MBU-L mail also. I think the two basic
   groups C&CD and MBU-L serve the same community, but some people prefer to
   read the messages coagulated together in one package while others want each
   one separate. I still get a few people each month who drop one to move to
   the other
```

[39] Em dezembro de 1992, C&CD tinha 143 assinantes individuais e mais 17 institucionais; esses números variaram pouco durante o período de coleta (Robert Royar, p.c., 4 de julho de 1996).

As correspondências que chegam à MBU-L por meio da C&CD contêm um cabeçalho interno e um aviso no rótulo de assunto, "(Fwd: *C&CD*)".

3.3.1.3. Usenet

MBU-L chega à Usenet por dois caminhos. Além do grupo *comp.edu.composition*, que veicula o texto da C&CD, a lista também é distribuída diretamente para um grupo próprio, *bit.listserv.mbu-l*. Como Usenet é um BBS público, não existe como estimar o número de leitores.

A veiculação de uma lista tipo LISTSERV para Usenet é um assunto polêmico, porque Usenet é tipicamente freqüentada por usuários mais jovens (na maioria graduandos) e é marcada pelo exagero retórico, argumentação hiperbólica e linguagem abusiva (*flaming*). O fato de as correspondências de uma lista de discussão virem para a caixa de correio do usuário, exigindo dele sua atenção, pelo menos para apagá-las, cria um vínculo maior com as listas assinadas. Sendo Usenet um BBS, o usuário não precisa dedicar recursos individuais de disco para ter acesso às mensagens. Ele pode passear à vontade, lendo e respondendo a mensagens em qualquer grupo de notícias, sem o mínimo compromisso.

EX. 3.11

```
[310-349] Robert Delius Royar: RE: Using newsgroups in FYcomp
  [...] More local BBS systems are jacking
  in to the net via PANIX and usenet access. You're seeing more of the
  immage flaming so prevalent on local BBSs. I find it much more tempting
  on the newsgroups to blast some of the writers than I do here because
  many go for the throat immediately. This is more intense than it used to
  be on usenet where flame levels have been traditionally higher than they
  have been on the internet lists and sigs. It's my impression that the age
  group that's growing the fastest on the newsgroups today is the 15-18 yr
  crowd.
```

Por esse motivo, algumas listas optam por não veicular suas discussões por meio da Usenet, porque temem a sua "invasão" por "turistas". Por outro lado, muitos membros da MBU-L preferem acessá-la na Usenet por causa das facilidades da interface; na Usenet, os "grupos" são mantidos separados; na caixa de correio, eles vêm todos misturados. Foi quando apareceu na MBU-L uma mensagem *anônima*

comentando a discussão (sobre gramática) com linguagem forte (uma raridade na MBU-L), que a questão da veiculação da lista na Usenet começou a ser questionada.

EX. 3.12

```
[309-266] Russell A. Hunt: Re: usenet access
          I agree with both Nick Carbone and Jeff Finlay about the place of
anonymous postings like that of "flamedancer" on a list like this.
BUT . . . . I want to put in a personal plug for netnews access.  I don't know
how many regular MBU participants read it on a newsreader, but I do, and I
find it about 150% more efficient than mail.  I would be very unhappy to
have to go back to having to use a mail system to handle it.  Indeed, I've
been trying to persuade other lists (for instance, H-RHETOR, which generates
something like 40 messages a day) to allow me to read them through a
newsreader.  (They won't, in apprehension of just what Jeff suggests --
invasion by the unwashed usenet hordes.)  I think the very fact that this
is so unusual on MBU is the strongest evidence that their fears are
unwarranted, that having usenet access to the list isn't a problem [...]
```

3.3.1.4.Repasse (crossposting)

Além dos caminhos mencionados acima, muitos leitores da MBU-L também participam de outras listas e, da mesma forma que correspondências repassadas chegam a MBU-L, correspondências da MBU-L são repassadas para outras listas.[40]

3.3.2.A participação: os autores

Os autores das correspondências são mais facilmente identificados, mas também existem indefinições. Identifiquei 606 autores das 7335 correspondências do corpus. Dos autores, 341 (56%) eram assinantes e 265 (44%), não-assinantes.

---

[40] Em outubro de 1993, um membro da MBU-L, Karen Schwalm, enviou uma mensagem que achou numa lista sobre enfermagem. A mensagem tinha vindo de outra lista para estudantes de enfermagem (SNURSE-L) e continha parte de uma mensagem *minha* que eu havia enviado para MBU-L em julho de 1993! Quer dizer, a mensagem já tinha adquirido vida própria e estava navegando a Internet sozinha, levando meu nome junto. (A mensagem era uma tradução para o inglês de um cartaz que estava afixado na biblioteca de Letras, na época: "Teoria é quando se sabe tudo e nada funciona / Prática é quando tudo funciona e ninguém sabe porque / Neste recinto uniu-se Teoria a Prática: Nada funciona e ninguém sabe porque.")

3.3.2.1.Nomes

Uma das primeiras tarefas quanto à identificação dos autores é a verificação dos nomes. Durante o período de coleta, os autores mudam de endereço, mudam de nome, usam nomes ou apelidos diferentes, utilizam endereços alternativos. E nem sempre o campo *remetente*, que deveria trazer o nome, o traz. Muitas vezes aparece apenas o endereço. A informação contida no *carimbo* ajuda a identificar os autores, mas nem sempre a correspondência inclui *assinatura* ou carimbo.

Para estabelecer a lista de autores, determinei um nome-padrão e um AUTHORID para cada autor.[41]

3.3.2.2.Sexo

A distribuição de sexo entre os membros, como em áreas técnicas em geral, pesa a favor dos homens. O seguinte quadro mostra a distribuição na MBU-L durante a época de coleta.

TABELA 3.3: DISTRIBUIÇÃO DOS MEMBROS POR SEXO

Sexo	*Assinantes Participantes*	*Assinantes Não-Participantes*	*Não-Assinantes Participantes*
Feminino	147 (43%)	90 (41%)	70 (26%)
Masculino	187 (55%)	102 (47%)	165 (62%)
Institucional	7 (2%)	26 (12%)	30 (11%)
Total	341	218	265

Evidentemente, o número de Não-Assinantes, Não-Participantes (os leitores que não respondem publicamente) não está disponível.

---

41 Quando existia dúvida sobre a qual autor pertencia uma determinada correspondência (por exemplo, uma correspondência assinada "Ana", cujo endereço é diferente dos das "Anas" já conhecidas), escrevi diretamente para as pessoas para confirmação.

3.3.2.3. *Assiduidade*

Supreendente era constatar o grau de participação dos autores. Houve uma discrepância muito grande entre a participação de alguns em relação a outros. Como no caso do tamanho das mansagens, é difícil caracterizar a participação do autor "médio".

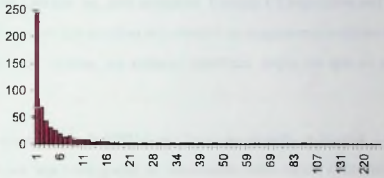

FIGURA 3.4 DISTRIBUIÇÃO DE PARTICIPAÇÃO DOS AUTORES

Enquanto os 20 autores mais assíduos da lista (3%) contribuem com 40% das mensagens, para outros 40% das mensagens colaboram 561 autores de baixa participação, ou seja, 93% do quadro de autores. A média de mensagens enviadas pelos autores é 12, mas a mediana (a contribuição do autor do meio) é *2* mensagens, e a contribuição mais freqüente é *uma única* mensagem no período. 244 (40%) dos 606 autores participaram uma vez. Os 87 autores que colaboraram com mais de 16 mensagens contribuíram, conjuntamente, com 75% do volume da lista. Os cinco autores mais assíduos (<1%) contribuíram com 15% do volume da lista (200 a 300 mensagens cada).

Esse fato da distribuição de participação não é suficientemente apreciado nos estudos estatísticos sobre comportamento nas listas de discussão, que costumam basear-se em amostras menores. Os autores apontam sempre "casos excepcionais" (*outlyers*), sem

reconhecer que os casos excepcionais são normalíssimos dentro da realidade das listas (Selfe & Meyer, 1991; Herring, 1992, 1993; Herring et al., 1992).

3.3.3. O contexto extra-lista

A maioria dos membros da MBU-L são unidos, não somente pelo interesse em computadores e redação, como também por vínculos profissionais. São, na maioria, professores e pós-graduandos de universidades norte-americanas em departamentos de Inglês, Crítica Literária, ou, mais raramente, Redação ("*Composition and Rhetoric*"). Sendo assim, muitos dos membros se conhecem de congressos e publicam nas mesmas revistas. Existe, também, um ambiente eletrônico amplo em que os membros se associam.

A maioria dos membros da MBU-L não limita sua atuação na Internet à participação na lista. Existe uma troca grande de informações sobre outros ambientes eletrônicos em que os membros continuam sua comunicação profissional, encontrando-se frequentemente nessas outras "esquinas".

3.3.3.1. Outras listas

A FAQ da MBU-L traz uma lista de outras listas de interesse para a comunidade. Na primeira FAQ de maio de 1993, a lista constava de três nomes. Já na segunda FAQ, havia a seguinte lista:

EX. 3.13 [307-025]

```
Composition Digest                  e-mail to romillo1@ulkyvx.bitnet
CMC94-L      (C&W conf 94 plans)    listserv@MIZZOU1.bitnet
Electronic College of Theory        e-mail to xx1248@po.cwru.edu
ENGLMU-L  (Missouri)                listserv@MIZZOU1.bitnet
PURTOPOI    (Purdue)                listserv@PURCCVM.BITNET
TNC (technoculture)                 listserv@gitvm1
WAC-L (Writing Across Curric.)      listserv@uiucvmd.bitnet
WPA-L (Writing Program Admin.)      listserv@ASUACAD.BITNET
```

Algumas das listas, como C&CD (Computers and Composition Digest) e TNC (Technoculture) têm uma origem independente da MBU-L, mas são ligadas a ela por retransmissão de mensagens e documentos. Os administradores das duas listas são

membros ativos da MBU-L. Outras, como WAC-L (Writing Across the Curriculum) e WPA-L (Writing Program Administration), são, na verdade, "filhas" da MBU-L, tendo nascido das conversações da MBU-L como "grupos de interesse específico". Existem várias outras "filhas" da MBU-L que nasceram ao longo do período da coleta do corpus, como WIOLE-L (Writing-Intensive Online Learning Environments) e HYPERTCH (Hyperteach).

A criação da WIOLE-L está documentada no corpus. O nome "Writing-Intensive Online Learning Environment" (WIOLE) é uma expressão usada por John Slatin e adotada por Eric Crump para substituir seu termo "Online Writing Center" [212-429]. Em janeiro de 1993, constatando crescente interesse na idéia do WIOLE, Eric Crump sugeriu a criação de uma lista de discussão, que foi anunciada em 3 de março, tendo Eric como administrador. Em junho de 1994, ela tinha 114 assinantes, a maioria também assinante da MBU-L.

HYPERTCH (*Teaching with HyperCard*) foi criada pelos membros Wes Chapman e Jeff Galin, em dezembro de 1992, como uma lista informal (cada "assinante" mandava cópias das correspondências para os outros) e, em janeiro, ganhou um endereço próprio.[42]

Outras listas, como ACW-L (Alliance for Computers and Writing), nasceram durante a vida da MBU-L, como resultado da atividade profissional na qual MBU-L se inseria.

---

[42] A criação de listas-filhas na MBU-L foi um processo espontâneo e autônomo. Não existia nenhuma preocupação com a hierarquia das listas criadas, ou controle sobre sua administração ou seus membros. Ninguém se preocupa com o destino das novas listas a não ser seus próprios membros, e o repasse de mensagens de uma lista para outra fica por conta do bom senso dos membros. Listas que servem seus membros sobrevivem; quando não os servem mais, morrem. A situação oposta reinava na lista TESL-L (*Teachers of English to Speakers of Other Languages*), onde a formação de listas-filhas foi acompanhada da instalação de uma complexa burocracia que exigia, entre outras coisas, que ninguém poderia assinar uma lista-filha sem primeiro ser filiado à lista-mãe.

O lançamento da Alliance for Computers and Writing foi anunciado na MBU-L em junho de 1993, liderado por algumas das vozes mais ativas da MBU-L, inclusive o administrador Fred Kemp.

Ainda outras listas foram criadas por membros da MBU-L e anunciadas na lista, como H-RHETOR (History of Rhetoric), administrada pelo membro Gary Hatch; e H-AmStudy (American Studies), administrada pelo membro Jeff Finlay.

3.3.3.2.IRC

A primeira mensagem do corpus consta da simples pergunta: "*What is IRC?*"

Alguns membros já estavam se reunindo periodicamente no IRC, criando o canal #cw, para continuar em tempo real a discussão dos tópicos abordados na MBU-L. Muitos outros membros (inclusive eu, como membro novato) ainda não sabiam o que era IRC, nunca o tinham usado, ou não tinham acesso a ele. Havia vários pedidos de ajuda e trocas de arquivos de ajuda na MBU-L. As sessões do IRC aconteciam às 2as e às 5as feiras, às 21:00 EST.

Em maio de 1993, três membros da MBU-L organizaram uma demonstração do IRC enquanto espaço para o ensino, como parte do "Computers and Writing Conference", em Ann Arbor, Michigan.[43] Aos poucos, o IRC começou a ceder lugar para os MUDs, na atenção dos membros da MBU-L.

---

[43] Os organizadores eram Eric Crump, Becky Rickly e Michael Day. Eu participei da sessão em 21 de maio, durante o GEL de Ribeirão Preto. Agradecimentos a John Campbell McNamara, da USP-RP, pelo apoio institucional.

3.3.3.3.Media-MOO, TechnoRhetorician's Bar and Grill, Netoric, etc.

A primeira menção de um "MOO" apareceu na MBU-L, em fevereiro de 1993. Em 5 de abril de 1993, chegou o seguinte aviso:

EX. 3.14 [304-011]

```
                    ANNOUNCING

                The Opening of
            The Virtual STS Centre

A Social Virtual Space for Researchers in Science and
Technology Studies, Social Studies of Science, History and
   Philosophy of Science, and History of Technology
                Accessible via Internet

                    OPEN NOW!!

            GRAND OPENING CELEBRATION
      3:00 - 6:00 p.m. Eastern Standard Time
            Friday, April 5
```

O Centro Virtual para Estudos em Ciência e Tecnologia, criado por Wade Roush, faz parte de MediMOO, criado por Amy Bruckman, do Laboratório de Mídia, MIT. A idéia era usar a modalidade dos MUDs para o tipo de comunicação em tempo real entre pesquisadores que os membros da MBU-L estavam fazendo no IRC. A idéia atraiu várias das pessoas da MBU-L mais ativas no IRC até então. Já em maio, Eric Crump havia criado um espaço no MediaMOO, chamado "TechnoRhetorician's Bar and Grill", onde membros da MBU-L começavam a se reunir para contactos sociais. No fim de maio, Greg Siering e Tari Fanderclai, da MBU-L, anunciaram a primeira "Netoric", uma série de discussões semanais sobre temas de interesse aos membros da MBU-L, que continua até hoje:

EX. 3.15 [305-740]

```
Greg Siering: MOO Conference
    Netoric: Virtual Discussions on Computers in Writing

                        presents:

  An Introduction to MediaMOO and Discussion of its
  Implications for Professional Collaboration and Teaching

     Spring Conference Room of the Virtual STS Centre
                        MediaMOO

          8 p.m. EDT  --  Thursday, June 03, 1993

-------------------------------------------------------------------

Fellow Megabunnies, Interclassers, and all other colleagues,

In light of the rapidly growing interest in the virtual scholarly
```

space known as MediaMOO, we extend this invitation to join us for the first in what we hope will be a long series of real-time conversations about computers and writing.[...]

We see Thursday's discussion as being a mixture of comments from several current MediaMOO users and an open discussion and exploration of such questions as:

- What benefits does MediaMOO offer to scholars that other communicative resources cannot?
- What effects might such synchronous conferencing have on the nature of collaboration in our profession?
- What will growth of such collaborative spaces mean to scholarship of both students and faculty in the academy?

As discussões no âmbito da Netoric substituíram as sessões do IRC. Onde antes existia troca de informações sobre IRC, agora passava a haver instruções para participar da MediaMOO. Com o tempo, traços da linguagem usada nos MUDs começaram a ser percebidos na MBU-L. Já a partir do dia 1 de junho, apareceu a seguinte sequência de mensagens (grifos meus):

EX. 3.16

[306-013] Marcy Bauman: Re: irony
[...]
Amanda suggests emoticons. Kirsten and Ross discuss how to convey irony in writing.

Marcy wonders if we're watching the emergence of a new "speech" register on e-mail, one whose conventions we are shaping. Who yet knows what [...]

[306-014] Kirsten L. Anderson: Re: irony
[...]
But I certainly share more with strangers/new acquaintances on the net than I do F2F. I'm protected by the computer and I know it.

Kirsten thinks, looks, and decides to end...

Communication is also rather different in the MOO. Not to mention posing!

[306-016] Marcy Bauman: Re: irony
[...] I'm also a lot more colloquial on the Net, despite the fact that I know there are people lurking out there who would intimidate the hell out of me F2F (*she uses a mild profanity to make her point.*) I'll use sentence fragments online. With abandon, in fact.

[306-019] Russell A. Hunt: Re: irony
Russ wonders why we're all referring to ourselves in the third person in this conversation. He also wants to pull back a little way on "identifying" or "marking" irony, with emoticons or whatever ("with heavy irony, he said . . ."). *Seems to him* (oh, let's cut this out: seems to me) that the way irony works (as opposed to other ways of making words mean something a little out of the ordinary [...

[306-024] Eric Crump: Re: irony
On Wed, 2 Jun 1993 11:58:32 GMT Russ Hunt said:
> Russ wonders why we're all referring to ourselves in the third
>person in this conversation.

An example of the technology shaping discourse? It's the way IRC and LambdaMOO are designed to present emote statements and actions. Those of us using that stuff frequently are assimilating it into our rhetorical vocabularies.

The programmers made us do it! :-)

Os membros da MBU-L tinham começado a usar, nas suas correspondências na lista, imitações do recurso "emote" dos MUDs (comparável com o comando /me do IRC).

3.3.3.4. Congressos paralelos

Durante o período da coleta do corpus, começaram a ser organizados "anexos" eletrônicos aos congressos tradicionais da profissão. O primeiro foi anunciado para a MBU-L no 29 de maio de 1993:

EX. 3.17 [303-167]

Bill Condon: CW93:FORUM

The Electronic Conference on Computers and Writing

This year, for the first time, the annual Computers and Writing Conference will be available in virtual space. The actual conference, hosted by the University of Michigan's English Composition Board, will take place in Ann Arbor May 20-23, 1993. This electronic version will open on April 15 and run through June 15. The full conference registration fee includes registration in CW93:FORUM, but those who cannot attend the conference in Ann Arbor may still register for CW93:FORUM. Just send a check for thirty dollars (US$30.00), made out to The University Of Michigan [...]

3.4. O conteúdo

3.4.1. Tipos de correspondência

A seguir, descrevo os tipos de correspondência encontrados no corpus. A classificação é intuitiva e descritiva e não implica necessariamente a existência de um *gênero* correspondente a cada tipo. Digo "intuitiva", porque reconheço o quanto minha classificação é influenciada pelos valores adquiridos como observador-participante da lista. Digo "descritiva", porque reconheço que, sem ter conceitos teóricos à mão para guiar o trabalho de classificação, esta é apenas *uma* maneira de descrever a tipologia das correspondências. Transparece, em várias das descrições, o uso do metadiscurso da lista, gerado pelo conflito, como índice dos valores atribuidos, pelos membros, aos tipos de correspondência.

3.4.1.1.Topical

A grande maioria das correspondências pode ser consideradas *topical*, isto é, tratam de levantar um tópico a ser discutido pela lista, ou contribuir para uma conversação de um tópico já em curso. Incluo, como *tópicos*, assuntos técnicos de interesse do grupo, assuntos de interesse geral (por exemplo, o tempo na cidade onde vai haver um congresso, ou o aniversário de algum membro) e assuntos metadiscursivos (por exemplo, uma reclamação sobre o excessivo volume de correspondências).

Dessa forma, não quero sugerir uma correlação entre correspondências topicais e *sinal*, de um lado, e outras correspondências e *ruído*, de outro.[44] Como veremos no Capítulo 6, existe uma discussão perene na lista (e que se repete em todas as listas) sobre *quais* tópicos contam como sinal e quais como *ruído*, alguns membros favorecendo tópicos exclusivamente mais técnicos e outros apoiando tópicos mais cotidianos e pessoais. Além disso, alguns outros tipos de correspondência, embora não sejam topicais, são considerados tipos legítimos que contribuem para o sinal da lista, como é o caso da correspondência *repassada*.

Merecedor de destaque é um tipo de correspondência marginalmente topical que é sempre problemática: a resposta curta de apoio (ou desacordo) . Muitas vezes essas correspondências constam apenas de "Falou certo!" ou "Estou com você!" São topicais no sentido de que fazem parte de um fio topical, mas, por falta de conteúdo próprio, não levam a conversação adiante, servindo principalmente de sinal de ouvinte.

A netiquette[45] aconselha o não-uso desse tipo de resposta curta, que pode gerar reclamações, quando usado exageradamente. Por outro lado, para o autor, melhor receber uma resposta curta do que não receber nenhuma resposta, uma experiência

---

[44] Refiro-me aqui ao conceito, na teoria da informação, da relação sinal-ruído (*signal-to-noise ratio*).

[45] "Netiquette" é o termo usado para as normas de comportamento na rede.

desagradável principalmente para o iniciante, que pode se sentir ignorado ou desprezado numa modalidade onde o único canal para sinais de ouvinte é o meio escrito.

Uma opção, como sugere a seguinte mensagem, é a resposta particular, que também não escapa de polêmica, como veremos logo abaixo no *3.2.2.5.*

EX. 3.18 [212-290]

```
David Tillyer: unreferenced postings
   I hate to be a grinch, but...I feel it would be better for all of us if
   simple replies such as "I agree!" "Right on!" or "You're full of it!"
   were sent directly to the person you are replying to and not the list.

   It does nothing for the rest of us, but fill our mailboxes, if there is
   a constant babble of unreferenced postings coming across.
```

Um dos problemas mencionados no Ex. 3.18 [212-290] é o fato de o leitor não saber a que se refere a mensagem curta de apoio. Esse é um problema comum a todas as correspondências topicais, como veremos no Capítulo 5, agravado no caso da resposta curta, por não incluir mais traços de coesão.

3.4.1.2.Repassada ("Cross-posting" ou "Forward")

Estas são correspondências cuja função é passar para os membros da lista um texto informativo que se originou fora da lista. Também são muito comuns e, normalmente, considerados tipos legítimos e bem-vindos. O que caracteriza uma correspondência repassada é que quem a manda para a lista é um *membro* da lista.[46] O fato de a correspondência vir por meio de um membro garante que o conteúdo seja compatível com o teor da lista.

---

[46] Evidentemente, o termo "membro" já está se escapando da definição "operacional" dada acima. Se "membro" é qualquer indivíduo que lê ou escreve, qualquer pessoa que mande uma correspondência à lista se torna, por definição, um "membro". Fica claro que a definição temporária serve apenas para adiar o problema de associação.

Existem dois tipos principais de correspondência repassada: o *documento* e o *pedido*. O documento pode ser qualquer documento, de qualquer tamanho, cuja origem é alheia à lista, isto é, trata-se de um documento que não foi escrito especificamente para ser enviado aos assinantes da lista. Pode ser uma correspondência originária de outra lista, um artigo, um anúncio de congresso, um glossário, uma lista de piadas. O pedido é uma sub-espécie de documento, tipicamente uma correspondência de outra lista, que pede ajuda, por exemplo, bibliografia ou endereço eletrônico de alguém.

As correspondências repassadas são marcadas, normalmente, pela sigla "(Fwd)" (*forward*) no rótulo de assunto e/ou por uma linha inicial que as anuncia como tal (ver 3.2.2.5).

Todos os *anexos* são, por definição, repassados.

Como existe polêmica acerca da topicalidade das correspondências, existe também polêmica acerca da propriedade das correspondências repassadas. É praxe prefaciar uma mensagem repassada de outra lista com um pedido de desculpas para quem já a tenha visto em outra lista. A prática de repasse é comum, e quem estiver assinado a várias listas da mesma área acadêmica acaba recebendo múltiplas cópias dos mesmos documentos. Como veremos no Capítulo 6, o volume de correspondências é sempre uma área de conflito que surge periodicamente.

EX. 3.19 [312-033]

```
----------Original message----------
Sorry about the inevitable duplication--I'd like to make sure that people
see this, so I'm sending to a number of lists.
```

Faço distinção entre *correspondências repassadas* e *enxertos*, que são pequenos trechos citados de outra fonte que fazem parte de uma correspondência topical. A distinção não é sempre nítida. É possível que uma correspondência consista apenas de um documento repassado, mas que foi enviado porque responde diretamente a um tópico sob discussão. Outras vezes, um autor escreve uma pequena mensagem "topical" apenas como introdução a uma correspondência *repassada*. Em geral, as

correspondências *repassadas* não geram fios topicais, enquanto correspondências topicais podem (ou não) gerar fios (para uma definição de "fio topical", ver Capítulo 5).

Os demais tipos de correspondência, a seguir, são considerados, pelos membros, marginais ou claramente não legítimos ("ruído"). Incluem os tipos que, numa lista monitorada, são freqüentemente eliminados pelos editores, ou que, numa lista fechada, nem chegam a ser recebidos.

3.4.1.3.Promocional

Correspondências *repassadas* podem conter informações promocionais, como anúncios de congressos ou de lançamentos de livros. Quando são enviadas por um membro da lista que não tenha interesse comercial no evento, a informação é considerada bem-vinda. A situação muda quando se entra na orla do comércio, ou quando a correspondência parece fazer autopromoção do remetente. Esses últimos casos são classificados aqui como "invasores".

Existe, contudo, uma área cinza entre informação útil e vantagem, que tem de ser negociada entre os membros. Por causa da tradição não-comercial das listas acadêmicas[47], existe uma sensibilidade aguçada entre os membros que rejeita qualquer investida comercial ou autopromoção profissional. O tabu é tamanho que é comum que um membro que possa parecer beneficiário pessoal de alguma notícia ou opinião faça um esclarecimento ou justificativa.

---

[47] Essa tradição teve origem na maneira pela qual as primeiras redes foram montadas e financiadas, sempre com patrocínio de instituições de ensino e pesquisa, ou de agências governamentais, em parceria com companhias da área da informática, e sempre com a contribuição de idéias e softwares inventados pelos próprios usuários.

EX. 3.20 [210-030][48]

```
My concern is this: As a software developer; as someone who formerly
established and directed a computer writing facility and faced all the
questions of bang-for-the-buck etc.; as someone who is a known software
(even an innovator in the use of) Interchange; and finally as a longtime
supporter and proponent of mbu, I am distressed and confused when the
postings here veer so closely to marketing.
[...]
You see, *I* begin to feel constrained by this turn of events. I begin to
fear that what I say or don't say, what I challenge or don't (especially
this posting itself) will start to be interpreted in the context of my
interest in SoftwareX....
```

Causou estranheza a seguinte mensagem, totalmente em tom promocional, do autor do software sendo lançado, dando o nome do contacto comercial e anunciando a formação de uma lista para a discussão do software. O autor da mensagem, de fato um assinante da MBU-L, não havia se correspondido com ela nos dez meses desde o início da coleta do corpus. O comunicado foi escrito como se fosse uma correspondência topical, sem nenhum aviso ou sinal (de formatação ou título) de que se tratava de um texto promocional.

EX. 3.21 [308-003]

```
Finally, 27 months after the first proposals, plans, 23 months
after our local development of a prototype, 15 months after agreeing
to develop a commercial prototype, 6 months after getting that
prototype, almost 3 months after announcing the new product in Ann
Arbor--guess what? It's here: New Text's new network product, SoftwareX.
[...]
```

A troca de informações sobre livros (e congressos) é comum e é considerada um dos benefícios da lista; mas, quando chega um aviso de lançamento de livro de uma *editora*, a reação é negativa, às vezes gerando reclamação. A lista LINGUIST (uma lista monitorada, com 3200 assinantes e mais de 50 correspondências processadas por dia), reconhecendo o valor profissional de avisos de lançamento de livros, resolveu regulamentá-los. Estabeleceu um formato-padrão e convênios com as editoras. Não se aceitam mais avisos de livros comerciais enviados pelos autores, que teriam de pedir para a editora fazer a comunicação oficial. Os avisos são agrupados e editados, para não haver duplicação, e veiculados em correspondências periódicas com identificação

---

[48] Nomes das companhias e dos produtos são fictícios.

apropriada. Editoras que fazem uso do serviço devem fazer uma doação ao Fundo de Desenvolvimento da lista. A LINGUIST também regulamenta avisos de congressos, limitando-os a um máximo de 100 linhas.

Pela sua natureza de lista aberta e não monitorada, não existem semelhantes mecanismos para uma lista como MBU-L se proteger de correspondências promocionais e abertamente comerciais.

3.4.1.4.Operacional

Chamo correspondências operacionais aquelas cujo conteúdo se destina apenas ao software de gerenciamento ou ao administrador da lista. Todas as instruções para assinar listas de discussão chamam atenção para o fato de que as mensagens operacionais (como mensagens de assinatura ou de outros comandos interpretáveis pelo software) deveriam ser mandadas para um endereço *diferente* do endereço da lista. Quando essas mensagens são distribuídas aos assinantes da lista, é porque alguém não foi adequadamente instruído, ou esqueceu, ou se enganou. Mensagens como "*Subscribe me to this listserv*" são considerados *ruído*. A operação pedida na seguinte mensagem poderia ter sido executada automaticamente pelo software, com um comando endereçado a LISTSERV, que não apareceria nem para os outros assinantes, nem para o administrador da lista.

EX. 3.22 [305-665]

```
fred, could you please unsubscribe me from MBU just for the summer.  I'm
  my office often enough to keep up with the messages.  Thanks
```

A única maneira de limitar esse tipo de correspondência, numa lista não monitorada, é mandar frequentes lembretes para os assinantes, instruindo-os da forma correta de executar os comandos do software. Por causa do fluxo de assinantes, muitos deles iniciantes na informática, não há como eliminar esse *ruído*, normalmente tratado pela lista com uma certa generosidade.

EX. 3.23 [310-222]

```
Fred Kemp: signing off and silliness
   Megahuds,

   time for another friendly commercial message from your long
   suffering landlord.

   I don't know why, but you "subscribe" to a list but
   "signoff" from it.  Those several people yelling to get off
   MBU are trying to "unsubscribe" from the list, and that just
   won't work.

   Hate to be testy, but generally with electronic discussion
   lists people are expected to get themselves on and they are
   expected to get themselves off, all by themselves.  Those of
   you who want to get off MBU, do it this way:

   Send to listserv@ttuvm1.

   Write,
            Signoff mbu-l

   It's simple.  If your address has changed since you got on
   the list, then you may not be allowed off automatically.  In
   that case, just mail me a message at ykfok@ttacs1.ttu.edu
   saying you want off.  These exasperated pleas to the list
   itself don't get quick action since I read my MBU account in
   fits and starts.
```

Como se vê em Ex. 3.23 [310-222], às vezes, por motivos técnicos, o software não reconhece um endereço de um assinante e recusa executar um pedido de desligamento. Nesse caso, o assinante deveria mandar um pedido ao administrador da lista, mas, na prática, a maioria dos assinantes não sabem quem ele é e não têm o endereço dele à mão.

EX. 3.24 [305-532]

```
THIS MESSAGE IS FOR FRED KEMP THOUGH I DON'T KNOW HOW TO REACH HIM:  IF YOU SEE
 THIS, FRED, COULD YOU UNSUBSCRIBE ME FROM MBU FOR THE SUMMER.  I DON'T COME ON
TO CAMPUS AND THE FEW TIMES I AM HERE, I HATE TO DEAL WITH 300 MESSAGES.  THANK
S.  I'LL RE-CONNECT IN THE FALL.
```

Outro tipo de correspondência operacional é o *teste*. Às vezes o administrador da lista (ou algum assinante) precisa verificar se suas correspondências estão sendo redistribuidas corretamente. Neste caso, eles podem mandar uma mensagem de teste. A netiquette manda identificar o teste no rótulo de assunto da correspondência, para que os leitores não precisem abri-la. Usenet e outros BBS mantêm grupos de notícias só para testes, para diminuir esse tipo de ruído nos outros grupos de discussão.

EX. 3.25 [304-133]

```
David E. Schwalm: test, ignore
   test
```

Não seria difícil descrever um *gênero* da correspondência de teste: a correspondência deve incluir a palavra "teste" no rótulo de assunto e normalmente repete a palavra no corpo da mensagem, que não deve incluir outras informações a não ser "ignore" ou "delete" (que também podem aparecer no rótulo de assunto). Na verdade, o corpo da mensagem é dispensável, sendo redundante, mas raramente é omitido. A ausência de conteúdo topical (e a incoerência de escrever uma coisa para *não* ser lida) é tão notável que se torna objeto de brincadeira (e tópico), como se vê nos exemplos abaixo:

EX. 3.26

```
[312-069] Bob Boston: Test Only. Delete Me.
   This is a test. This is only a test. If it had been an actual message, it
   would have included some information.

[211-319]
   >This is a test.

   I hope we passed.
```

A única informação que às vezes aparece no corpo da mensagem de teste é uma justificativa (opcional), principalmente quando o teste resulta de uma suspensão de fluxo de correspondências da lista.

EX. 3.27 [304-382]

```
Mike Meeker: ignore this test message
   Haven't received any MBU since 4/19????
```

3.4.1.5.Particular

Correspondências particulares enviadas para uma lista são consideradas *ruído*. No entanto, como se vê no seguinte comentário, existe uma grande área de indefinição acerca do que constitui uma correspondência "particular" (e não apropriada) e o que deve fazer parte normal da vida de uma lista.

EX. 3.28 [312-531]

```
Michael J. Day: Re: Community, Mailloads, etc.
   [...] After all, the rules of netiquette, which all
   listserv subscribers are supposed to know, specifically discourage
   personal messages to a list. On other lists, I have seen people
   publicly humiliated for much less than we seem to tolerate here.
```

O que é "tolerado" na MBU-L são mensagens de teor não-técnico, como parabéns pelo nascimento do neto de um membro ou pelo aniversário de outro. Como veremos

adiante no Capítulo 6, a discussão sobre tópicos "pessoais" ganha uma dimensão muito além do "problema" de volume de mensagens. O que está em jogo, para muitos membros, é a própria configuração da "comunidade" da lista.

Existem casos mais nítidos em que a comunicação por correio eletrônico particular é o modo preferido e sugerido pelos membros. É o caso de ofertas de arquivos ou artigos, ou de pedidos ou levantamentos de informação.

EX. 3.29

[312-168]
Send personal mail to me if you would like an electronic copy.

[304-094]
Sorry to clutter, but I'm trying to get ahold of Paul Taylor at Texas A&M.
Does anyone have his email address or telephone#?

Please reply to me privately so as not to clutter further.

[311-429] Don Langham: Refereed e-journals
Off the subject of computers and composition, I need find out the title of every refereed electronic journal available on the Net. Listed below are the titles I have thus far. If you know of more, please advise and include access information if you have it.

Suggestion: reply to me directly rather than to the list. I don't want to take up mailbox space unnecessarily. I'll compile the titles into one file and post it to the list.Send personal mail to me if you would like an electronic copy.

A lista LINGUIST pede, como norma, que os membros respondam diretamente para o remetente de um pedido de informação, e que este faça um resumo das respostas para ser distribuído à lista, reduzindo assim o "ruído" de respostas com informação repetida.

Por fim, sempre existem as correspondências *realmente* particulares que "escapam" e são distribuídas à lista à revelia do autor, muitas vezes causando extremo constrangimento ou embaraço. A seguinte descrição da LaQuay & Ryder (1993) capta bem a situação:

> Picture this Maalox moment. You see a message from your best friend on an email list: She has made a contribution to a discussion. You want to reply to her personally and tell her about your bad day and how much you can't stand your boss, so you hit the *reply* button. You use words you shouldn't. You get descriptive in places. You finish the message and away it goes--to every single person on the list, including your boss!
>
> (LAQUAY & RYDER, 1993: 59)

3.4.1.6.Defeituosa

Outra fonte de "ruído" são as correspondências vazias, repetidas, extraviadas, ou ilegíveis, consequência de problemas de transmissão, falhas técnicas, ou falhas humanas.

Correspondências com mensagens, enxertos e anexos vazios são defeituosas. Dos 11 itens com M, E e A vazios (0,1% do total), seis continham apenas o carimbo e foram mandados por um autor; um continha somente o nome de endereçamento; três continham somente uma citação; e mais um, apenas uma citação e um carimbo.

Até uma correspondência vazia pode ter uma função comunicativa: [312-070] continha apenas um carimbo, mas anunciava no rótulo de assunto: *"Nudder Test. Please Delete."*

Da mesma forma que uma correspondência vazia pode atingir um objetivo, uma correspondência defeituosa pode tornar-se tópico. Duas mensagens ilegíveis (por terem sido mandadas por engano em BinHex[49]) viraram tópico quando mereceram comentário humorístico:

EX. 3.30 [307-121]

```
Cindy Wambeam: Re: Maid&Warrick unreadable
   >The July 3 post by David Warrick, and the July 4 post by Barry
   >Maid arrived scrambled.  Here's a sample from Barry's post of
   >what they both looked liked when I tried to read them ...
   >>
   >> DQr7QWgaIGhlcmUgd2Ug22gYWdhaW4uICBJIGNhbidOIGJlbGlldmUgdGhlIGdy
```

---

49 Uma forma de formatar dados de arquivos não ASCII para transmissão como correio eletrônico.

```
>> YWltYXIgdGhyZWFxIHdvbidCIGRpZS4gIEkgc2hvdWxkbQprbm93IGJldHRlci4g

JEFF SAID:  Truthfully, I had thought this was intended as a substantive
comment (Barry Maid's sense of humour) on the irreconcilability
of opposing grammar pedagogies. Guess this ain't DERRIDA-L. Hmm...
looks like a job for nudecode.
***************************

Me too Jeff!  I was jumping around the room with glee -- I thought someone
had devised a much better response than I ever could have. Now I'm
disappointed.
```

3.4.1.7.Invasora

Chamo de correspondências "invasoras" aquelas consideradas pelos membros inapropriadas à lista e que procedem de fora da "comunidade" da lista.

As correspondências obviamente comerciais são normalmente consideradas invasoras, como são as correspondências autopromocionais de modo geral (ver *3.2.2.3* acima). Na maioria das listas abertas das quais participei, surgem periodicamente polêmicas sobre o controle de correspondências invasoras. Na MBU-L, a polêmica maior, durante o período de coleta, girava em torno do "*CONTRA CABAL*" de Paul Trummel.

3.4.2. Um caso: CONTRA CABAL

A discussão acerca das correspondências "invasoras" de Paul Trummel merece uma descrição detalhada. Não é uma conversação "normal" da lista, no sentido de que o tópico não é de interesse nominal da lista. Entretanto, a discussão é informativa, porque traz à tona muitas questões consideradas aqui e nos próximos capítulos: o que constitui a "comunidade" da lista, e quem a define como tal; quem é membro e quem não é; como manter uma lista "aberta" (e por princípio "inclusiva" e "democrática") e, ao mesmo tempo, proteger seu direito a um espaço dedicado à discussão entre colegas sobre questões consideradas pertinentes aos membros; quais são as opções disponíveis nos vários níveis de software (interface do usuário, configuração do servidor local, configuração do gerenciador da lista), para administrar o fluxo de correspondências, e como escolher entre as opções numa comunidade sem mecanismos estabelecidos de decisão; qual é o efeito da distribuição desigual de conhecimento e de recursos para a

lista e para os membros individuais, e quais são os mecanismos para superar as dificuldades causadas. Trummel, ao interromper as expectativas "normais" dos membros, gerou uma discussão sobre o próprio meio, sobre as restrições da modalidade e sobre o valor (e a origem) das normas sociais.

O primeiro artigo de número um de CONTRA CABAL chegou à MBU-L em 8 de março de 1993, e artigos de outros números chegaram entre abril e novembro, alguns deles com mais de 25 telas de texto.[50] O CONTRA CABAL foi apresentado como um boletim "satírico", "editado" por Trummel, embora, durante o período de coleta, Trummel tenha aparecido como o único autor. Trummel era professor de comunicação na Universidade de Washington com, segundo o próprio autor, mais de 45 anos de experiência em comunicação técnica e artes gráficas e um mestrado em Comunicação[51] do Renssalaer Politecnic Institute (RPI). Seu objetivo em publicar o CABAL era o de expor a incompetência e a politicagem de seus professores no programa de doutoramento do RPI, que o teriam barrado de terminar o doutorado e causado sua não-recontratação pela Universidade de Washington. As seguintes seleções mostram o tom dos boletins:

EX. 3.31

[303-091]

CONTRA CABAL comprises a number of illustrated satirical and expository essays designed to create public awareness of the philosophical, pseudo-religious, oligarchic world views of a number of university department politics. [...] This journal's goal consists of establishing a method and means, using rhetorical devices, not so much to reform, but to expose practices that exist to the detriment of both students and faculty.

[304-118]

I have endured, as have many mature students, great humiliation at the hands of insecure, unread, cabalistic professors. Quite evidently the education of these individuals has not fitted them to discourse with anyone over the age of twenty-six years. They fear loss of their preemptive power: consequently they blackball, stonewall, humiliate, misuse power, and eventually destroy the academic and personal lives of their students.

---

50 Os números não chegavam completos, só "artigos" selecionados, com o índice completo dos números já publicados e instruções para assinar.

51 "Communication and Rhetoric".

[...]
I have therefore decided, after considerable deliberation, to do something about these evil, cultist practices.

[311-159]
[...] The appointment of the Piper[52] has already caused great consternation in the department of Languishment, Licentiousness, and Corruption. The department chair, Whitrack the Weasel, and the drunken Micks who inhabit the department with their priestly dean, Phallazz the Hypocrite, have received a serious cultural shock.

Não tardou para os membros da MBU-L começarem a reclamar dos boletins do Trummel. Em abril e maio, seguiu-se uma conversação contando com 45 correspondências, discutindo a inconveniência para os membros da lista dessas correspondências não-solicitadas que nada tinham a ver com os objetivos da lista.

As primeiras reclamações levantaram a questão de *como* os boletins estavam chegando à lista. As duas hipóteses, uma, a de que Trummel tinha de ser assinante da MBU-L para mandar seus boletins (e portanto poderia ser desligado), outra, a de que MBU-L tinha se tornado assinante do boletim (e portanto poderia se desligar), provaram ser falsas. MBU-L é uma lista *aberta* e não-monitorada, que distribui automaticamente qualquer correspondência enviada ao endereço da lista por qualquer pessoa, membro ou não.

EX. 3.32

[304-177] Russell A. Hunt: What is CONTRA CABAL?
I've been getting strange (not to say loopy) messages from something called CONTRA CABAL. I tried to unsubscribe and it seems that MBU-L itself is subcribed, and I can't get loose myself. Is everybody else getting these, and is it OK with everybody else? How did MBU-L come to be subscribed to another list (or whatever it is)? Who needs to send a message unhooking us from this list, if it turns out (as I think it would) that we don't all want to receive these posts? Surely those who want them can get them separately.

[304-199] Richie DeRouen: Re: What is CONTRA CABAL?
Why is everyone assuming that MBU is "subscribed to" this CONTRA CABAL thing? All this jokez has to do is send his files out to MBU, same as we do, and everyone gets a copy. Are we suggesting that restrictions be placed on who can submit contributions to the MBU traffic? Geez, if we're gonna do that, I can think of a lot of people on here that I'd just as soon not get messages from. But I don't think that's the philosophy behind MBU . . . is it?

---

52 Apelido dado por Trummel para o novo Presidente do RPI.

A próxima sugestão foi a de devolver os boletins para o remetente, uma tática de protesto encontrado no meio eletrônico (bem como também no meio de correio convencional). Entretanto, essa sugestão levantou dúvidas entre os membros, primeiro quanto ao método de fazê-lo, depois quanto à sua eficácia. Um membro que tentou devolver o boletim ao remetente acabou devolvendo-o à lista, criando uma situação incômoda para ele e para a lista. Houve várias trocas de informação sobre a utilização correta dos recursos dos softwares de interface.

EX. 3.33

[304-231] Michael Gos: Re: The Cabal
I, too, would be with Russ on forwarding the Contra Cabullsh** back to them if I could only figure out how to do that.
Anyone know how?

[304-346] Robert Delius Royar: (Fwd: *C&CD*) Don't bounce unwanted mail back on the list (13)
If you don't like to get the CABAL, then respond to the original sender (Paul Trummel trummel@U.WASHINGTON.EDU). Don't bounce the thing back on the list. Use the forward command. Perhaps you have no forward command? Then extract the CABAL as a text and mail it to the original sender. Perhaps you can't mail from your reader? Then it is not cluttering your mailbox, and there is no reason to do anything other than ignore it.

Outros membros sugeriram que a melhor atitude seria ignorar o boletim e simplesmente deletá-lo. Isso também gerou discussão, alguns alegando que até isso era uma imposição desnecessária.

EX. 3.34

[304-245] Eric Crump: Re: The Cabal
The most exciting result, for a person bent on stirring up trouble, is to get attention, get trouble stirred. The biggest disappointment is to be ignored. Your delete key is your best weapon against this sort of thing. [...]

[304-231] Leland McCleary: Re: The Cabal
Don't want to drag out this CABAL thing, just a reminder (this has come up before) that for many of us "just delete" can be costly and problematical. If I could avoid having to deal with unwanted mail, I'd prefer, that's all.

As dúvidas levantadas pela opção "deletar" levaram à outra troca de informações, esta vez sobre o software no nível do gerenciador de listas.

EX. 3.35

[304-257] Eric Crump: Re: The Cabal
There is a way, with the latest release of listserv, to cut down your costs and still have a chance to receive the messages you want to see. Assuming TTUVM1 is running the new version, 1.7f, you can now set your subscription options to DIGEST or INDEX, each of which reduces the "number" of messages you get from a list to 1 per day, 2 at the most.

[...]
Listserv has a number of useful features that most of us rarely use, but some of them can make your life on the net much easier.

[304-266] Robert D. Child: Infoglut & The Cabal
The last time I checked (~2 weeks ago), TTUVM1 was still using 1.7e, so I don't think that these options are available. But the options that Eric mentions above, as well as the one I'll attach below, speak to the problem of information overload that all of us who bounce around the network have to deal with.

******trivia attached below*******
LISTSERV 1.7f also provides a list TOPICS option, whereby subscribers can select the topics they wish to be screened out (i.e., not sent to them). Through the "Topics=" keyword, the list owner can define up to 11 topics for the list. For instance, the list owner could code:

Topics= News,CCCC,Cabal,general,C&W,...

Messages which should be read by everyone are posted to the special topic "All." Subscribers select the topics they wish to receive with the SET command.

Paralelamente à discussão de "soluções" técnicas, quer em nível individual quer em nível da lista, surgiram questões de ética e de identidade comunitária. No Ex. 3.36 [304-228], a autora sugere que "existe um consenso forte entre os leitores da MBU", contrário ao recebimento do boletim pela lista. Isso depois de ter lido manifestações contrárias de apenas *oito* autores (comparado com os quase 300 assinantes da época e outros leitores avulsos). Sua suposição de que o autor do CABAL lia as mensagens da lista era equivocada; Trummel não era assinante da lista e (provavelmente) não lia as reclamações dirigidas à lista.[53]

EX. 3.36 [304-228]

Judith L. Tabron: Re: CONTRA CABAL 2(3):
I see that another issue of CONTRA CABAL has come out: I hope that Mr. Paul Trummel (trummel@u.washington.edu), who posted it to MBU, has been reading recently and realizes that there is a strong consensus among MBU readers that we would rather not have CONTRA CABAL distributed to the whole list. Surely the people who do want to read it could subscribe to e-zine itself.

Outros reclamaram da reação exclusivista dos seus colegas da lista, defendendo a livre circulação de informação, sem barreiras tecnológicas ou ideológicas.

EX. 3.37

[304-248] Robert C. Conners: Re: The Cabal
I can't help noticing the fascinating rhetorical effect this CONTRA CABAL phenomenon is having on the list. I've never heard us talk so much about shutting someone up and down, the best methods to do so, etc. [...]

---

53 A não ser que ele as lia na Usenet.

[...] I'd like to hear why so many people can't just delete the Cabal stuff and forget about it, why we seem so *threatened* by this sort of thing. We act like this guy's a wolf and we're sheep, when all he probably is is some hacker malcontent looking to publish a grudge. Just delete him as you do anything else--it's easy. But don't try to shut him down or out just because he's not part of the Mutual Admiration Society branch of our little discourse community.

[304-251] Melissa Deutsch Scott: Re: The Cabal
Yes indeed. The Cabal stuff really pointed out something to me. As someone learning about the applications and complications of using computers to write and how they are changing our notions of writing, I am really struck by how something outside the "conventions" of this listserv, like CABAL, can show that you can't control this form of communication in ways we are most used to. Look how quickly people "bit" at that.

[304-255] Stefan Gunther: Re: CONTRA CABAL
I couldn't agree more with Bob C. A prescriptive approach to participation in an intellectual interchange that is, by definition, "open" and, it seems to me, also predicated on the free exhange of information and date, is problematic. Also: if postmodern techniques are employed to participate in/ subvert/impact in any way a decidedly postmodern medium, I'm all for it.

Essas atitudes foram contestadas por outros membros que questionaram a possibilidade de discurso sem restrições sistêmicas de participação.

EX. 3.38 [304-261]

Russell A. Hunt: Re: CONTRA CABAL
[...] I get upwards of 50 mail messages a day, and it takes me a substantial amount of time to sort the wheat from the chaff. If I can keep chaff out before it gets there, I'll do so. [...] If stuff of no interest to me continues to come in (if I keep getting phone calls from the same caller -- calls that actually do interrupt something else I'm doing) I'll get annoyed at the rudeness and try to find a way to get rid of the interruption.
[...]
I have to question the high moral position (enunciated by Stefan Gunther) that
> A prescriptive approach to participation
> in an intellectual interchange that is, by definition, "open" and, it seems
> to me, also predicated on the free exhange of information and date, is
> problematic.
I don't agree. Think of it as a conversation. Is it an infringement of open exchange to imagine finding a way to keep your conversation (say, at a publisher's party at the CA) from being continually interrupted by someone who wants everyone to know how his Dean has been mistreating him?

Vários membros, inclusive aqueles que tinham defendido a livre circulação do boletim, começaram a reportar a intransigência do autor Trummel até em contactos pessoais. As seguintes correspondências refletem outra realidade constante da vida complexa de uma lista: a circulação subjacente de correspondências particulares (ver 3.4.1.5, p. 84). Correspondências endereçadas a Trummel são copiadas para a lista. (Ex. 3.39 [304-399] faz referência às restrições impostas aos autores pelas limitações dos editores de texto, outra questão técnica que ganha uma significação social.)

EX. 3.39

[304-399] Robert C. Conners: My Trubbel with Trummel

Mr. Trummel: [...]
I wrote a defense of your right to send this stuff out because I was disturbed by attempts to shut down your right to communicate on the net. Other people agreed. Imagine my disappointment in your basic acumen when I saw the latest edition of CC Hype, which included pieces of various communications, including mine, followed by a snide and silly attack on all these people--most of whom were *defending* your right to publish electronically--as being careless in spelling and grammar. Shades of Milton and Salmasius attacking each other for bad Latin!

Like many other people on MBU, I compose on-line, and I have a primitive editor that does not allow me to go back and change anything once I've hit a CR. So words and constructions that are not first-rate cannot be repaired without total retyping, which I, for one, don't have time for. Yes, Mr. Trummel, I *can* spell "phenomenon."

[304-408] Bob Boston: My second request to Trummel

Mr. Trummel, [...]
Do you care about the issues we discuss? Are you interested in what we have to say? If not, why should we care about the issues you discuss?

Why don't you join the lists you post to? You might find them as fascinating as we do. They do have one thing in common, and that is freedom of choice. If I decide I don't want to read a list, I can unsubscribe and never have to read it again.

You, on the other hand, do not respect my freedom of choice. You say that I can unsubscribe from Contra Cabal, but when I ask to do so you tell me that I must continue to read it as long as I belong to lists you're posting it to, lists you don't even belong to, lists that have nothing to do with what you're talking about.

Até este ponto, nenhuma ação tinha sido tomada, nenhuma atitude tinha sido expressada pelo administrador da lista. Depois de avisar à lista que estava vendo, junto ao administrador do nó do Trummel, se não haveria uma maneira de restringir a atividade do autor, Fred Kemp, administrador da MBU-L, enviou a seguinte mensagem à lista:

EX. 3.40 [305-173]

Fred Kemp: Travails with Trummel

I have sent a message to Paul Trummel asking him to stop posting contra cabal to MBU. I know that some of you feel such a thing is unnecessary, that all we have to do is delete, but I disagree. Any member who wants to subscribe individually to cc can do so, easily.

Mr. Trummel is a definite sort who tells me he will not stop posting to MBU until I fork over MBU's address list so that he can subscribe the entire membership to contra cabal. Thereafter, individuals may delete themselves from the contra mailing list if they so desire. [...]

Mr. Trummel's world is a bit topsy turvy, but his suggestion represents a new high in electronic chupza and I won't be a part of allowing MBU to become a subscription service for his periodic cartharsis. Therefore, I am asking all on MBU who want to continue reading contra cabal to subscribe to it. His address is TRUMMEL@U.WASHINGTON.EDU After about a week I am going to contact him again and tell him that individual MBU members have voted by either subscribing to contra or not, and that from then on he should leave the rest of us alone.

Those of you who think this is censureship or something, consider that anybody can do this sort of thing, foist anything they want to on lists. The only thing that has prevented lots of general internet ranting has been a generally unstated sense of decorum about what discussion lists should

do. You get ten, fifteen Mr. Trummels out there in effect subscribing you automatically without your permission, and the common purpose of discussion lists fragments quickly. My network existence is complex enough, by my own desire. I don't need people automatically signing me up to services which do little more than support their personal emotional highs.

Essa mensagem iniciou uma série de respostas apoiando a medida, inclusive de pessoas que inicialmente tinham apoiado a livre circulação do boletim (6 correspondências públicas e mais 20 particulares, segundo o administrador). Seguem algumas respostas representativas:

EX. 3.41

[305-184] Brian Jones: Kudos for Kemp
Just a quick note in support of Fred's response to Trummel. I have been impressed since getting on to the Internet and various lists with what I see as a Kropotkinian anarchism - mutual aid within an environment of minimal restraints. There is that self-regulating feature Fred chooses to call decorum. I see it as an organic feature, a kind of homeostatis of the communications environment. If Trummel is getting some heat, it's a purging fever brought on by his arrogantly imperialist contagion.

[305-192] Eric Crump: Re: Travails with Trummel
I'm an admitted free-deleter (We're close cousins to the free-speechers) but I agree that Trummel is trampling on the rights of this community when he posts his stuff, stuff that doesn't even make any nominal effort at relating to the community's concerns & interests, against the expressed wishes of the members. Go get him, Fred. I hope your approach works.

[305-196] James Shimabukuro: Re: Travails with Trummel
I was one who felt the delete key would be enough. I've changed my mind. Enough is enough. Please put a stop to his posts on MBU.

Houve mais uma sugestão de uma solução *técnica*, a de configurar o software de gerenciamento da lista, para bloquear o recebimento de correspondências *do endereço eletrônico* do Trummel. Essa sugestão não foi colocada em prática, como também nenhuma outra medida teve efeito. Os boletins continuaram a chegar à lista em intervalos regulares. Mas a preocupação dos membros ativos da lista com a presença do boletim se dissipou, como se a febre da discussão tivesse cedido. Nada, na verdade, mudou, a não ser a própria consciência da comunidade. Trummel continuou mandando seus boletins. Mas a comunidade da MBU-L parece ter passado para uma nova fase de "imunidade". A metáfora do Brian Jones (Ex. 3.41 [305-184]) é sugestiva: o agente contagioso ("arrogantemente imperialista") tomou a "corpo" da MBU-L por uma "febre purgativa". O que teria mudado durante a febre? Observam-se vários fenômenos presentes na discussão:

- houve muita troca de informação sobre as restrições possíveis e aceitáveis que os softwares ofereciam; então houve uma aprendizagem, uma conscientização individual e coletiva a respeito da realidade do meio;

- houve uma valorização do espaço reservado e restrito para a discussão de tópicos de interesse, bem como uma apreciação maior da qualidade desse espaço como uma *realização coletiva*, um produto de muitos esforços individuais e particulares;

- houve um ar de consenso, se não pela solução atingida, pelo menos pelo respeito pelas diferenças, pela natureza colaborativa do empreendimento e pelas contradições intrínsecas à modalidade;

- houve um retorno, no fim, a explicações clássicas da normatização social: o respeito, o decoro, o bom senso.

I mean like when we're riffin' on MBU, you know, its like I write a message, you know, I mean, rilly, and it like goes all over the like, planet, you know. I mean, like, its like what Niels Bohr (I mean was he cool or what!) meant about "complementarity", I mean its--DIG THIS--both speech and writing AT THE SAME TIME. I mean Derrida's gonna blow chunks, I mean, like, rilly.
Martin E. Rosenberg
<mer1911@tamuvm1.bitnet>[54]

I mean, this is the same tone I take when I write letters to my friends. Only difference is that it takes longer for my friends to write back [...] Alas! Seems like old wine in new wineskins to me, not new wine at all.
Marcy Bauman
<marcyb@umamat.umd.umich.edu>[55]

4.

LINGUAGEM: ENTRE OS MODOS ESCRITO E ORAL

Resumo

O computador, no papel de mediador de comunicação, abre um leque de novas modalidades comunicativas, cada uma com valores diferentes estabelecidos para os parâmetros de comunicação vistos no Capítulo 2. Até agora, situei a modalidade de lista de discussão aberta e não-monitorada dentro desse leque de opções, observando como se realiza no caso particular do objeto de estudo desta pesquisa, a MBU-L.

O objetivo deste capítulo é descrever, em termos globais, a *linguagem* da produção dos autores da MBU-L. Se a modalidade estabelece novos valores para o conjunto de parâmetros, criando assim uma nova relação entre o comunicando, suas mensagens e seu meio, qual é o efeito dessas mudanças sobre a linguagem usada nessa

---

54 MBU-L [212-136], 7 de dezembro de 1992.

55 MBU-L [212-173], 9 de dezembro de 1992.

comunicação? Ou, de outro ponto de vista, como é que os membros adaptam os recursos disponíveis da linguagem para criar um novo instrumento adequado à nova modalidade?

Já foram feitos alguns estudos descritivos da linguagem de CMC com o intuito de situar as novas formas em relação a modos ou gêneros já conhecidos. Foi destacada a qualidade "mista" de CMC, por serem ao mesmo tempo *escrita* e altamente *interativa*, combinando características que antes eram raramente encontradas no mesmo evento discursivo (*speech event*). A interatividade era sempre associada a modalidades orais, enquanto as modalidades escritas eram associadas a parâmetros de interatividade mais dilatados.

Como base de análise, escolhi o relatório de Chafe & Danielwicz (1987), que compara quatro "estilos" de linguagem representativos de parâmetros do *meio* (escrito e oral) e da *interatividade/formalidade*. São eles: conversação, aulas expositivas, cartas informais e artigos acadêmicos. A escolha do relatório de Chafe & Danielwicz (C&D) foi feita por trazer a mais completa comparação possível de ser reproduzida com os recursos disponíveis.

Os resultados da comparação confirmam a hipótese de que, na base dos traços comparados, a linguagem da lista acadêmica estudada mais se assemelha à linguagem de cartas pessoais, apresentando algumas diferenças que refletem a natureza mais interativa e mais pública da nova modalidade.

Outro resultado indicado pela comparação é o de que um fator importante na forma de linguagem de uma mensagem de lista de discussão é o *tamanho*: mensagens mais curtas parecem trazer mais marcas das estratégias da oralidade do que mensagens mais compridas. A exploração desse fator fica como sugestão para pesquisa futura.

4.1. A descrição da fala e da escrita

Desde a observação de Malinowski de que é impossível interpretar a fala de povos "primitivos" sem compreender seu contexto de situação e contexto de cultura (Mailinowski, 1923)[56], antropólogos, sociólogos, educadores e linguistas interessados nas funções e usos sociais da linguagem têm contribuído para a explicitação das diferenças entre as maneiras de falar (e de escrever) associadas às atividades e aos contextos sociais. Implícita nessa tarefa estava a necessidade de responder à incômoda questão: se, como afirmava Bloomfield (1933), a fala é a língua de verdade, da qual a escrita é uma mera transcrição mal feita, como justificar a ênfase inversa encontrada nas descrições linguísticas acima do nível do fonema, em que a fala, como ela se manifesta de fato, era vista sempre como uma transcrição mal feita de um sistema subjacente de comunicação melhor espelhado pela escrita?

Com o conceito de *registro*, avançado por Halliday (Halliday et al, 1964), e de *competência comunicativa*, elaborado por Hymes (1971), cresceu a consciência de que nem a escrita, nem a fala eram manifestações de *um* só sistema linguístico subjacente, mas sim de vários sistemas operando simultaneamente, cada um organizando um aspecto da totalidade social da comunicação. Halliday sugere três categorias de relações; Hymes (1972), dezesseis (ver 2.2.1).

Paralelamente, educadores buscavam entender de forma melhor as diferenças entre a fala e a escrita que pudessem representar empecilhos para a aquisição da escrita ou da comunicação oral efetiva. Os primeiros estudos quantitativos investigavam um ou mais fatores por meio da comparação de corpora pequenos, geralmente entre um gênero de texto escrito com um de discurso oral, normalmente controlando por tamanho e, às vezes, por autor e tópico.

---

56 Malinowski mais tarde admitiu que exagerou nas diferenças entre a linguagem de povos primitivos e a de provos "civilizados", no que diz respeito à universalidade de referência atribuída à última.

Por exemplo, Gibson et al. (1966) comparara trechos de 100 palavras de redações e de orações extemporâneas sobre o mesmo tema, de 45 alunos de graduação. Os autores medem três índices: facilidade de leitura, "interesse humano", e variação lexical (REE; ver 4.2.1.2).

DeVito (1966, 1967) compara amostras de 900 palavras de cada um de vários trechos de artigos acadêmicos e de monólogos sobre os mesmos assuntos, produzidos por dez professores. Investiga vários índices escolhidos intuitivamente para medir diferenças "psicogramaticais" (por exemplo, referência na primeira pessoa, quantificação), de "compreensão" e de "abstração de estilo". Este trabalho já mostra uma tentativa de investigar *dimensões* de diferença, cada uma representada por mais de um traço de linguagem, embora não apresente ainda uma apreciação pela variedade de gêneros escritos e orais.

Outros eixos de variação foram sugeridos: o planejamento (Ochs, 1979), o contexto, a interação, o tópico, o meio (Schallert et al., 1977; Rubin, 1980). Sempre defendendo a ideia da existência de um *contínuo*, e não de uma dicotomia, entre os estilos mais "orais" e os mais "letrados", Tannen (1980, 1982a, 1982b, 1984b, 1988) argumenta que as "estratégias" discursivas atendem a duas funções básicas: aquelas que atendem a "fins interacionais ou sociais" são associadas ao pólo do "oral", enquanto que aquelas que atendem ao "conteúdo" são associadas ao pólo do "letrado".

Chafe (1982, C&D, 1987) elabora um esquema paralelo, focalizando o *meio* dos dois modos prototípicos, ao invés de seus *fins* . Em seus estudos quantitativos, explora o efeito de traços típicos da linguagem escrita e da linguagem oral, relacionados a duas "tendências" derivadas da relação entre enunciador e seu texto, por um lado, e enunciador e seu interlocutor, por outro. A primeira tendência resulta do fato de que a produção da escrita é mais lenta do que a da fala, enquanto a *compreensão* da escrita (a leitura) é mais rápida. A conseqüência disso é que o escritor tem mais tempo para

"integrar" informação em seu texto, enquanto o falante, sob pressão de tempo, tece um discurso mais "fragmentado".

O segundo grupo de traços estudados por Chafe reflete o maior "envolvimento" dos interlocutores em eventos discursivos orais, em contraste com o relativo "distanciamento" físico do autor em relação a seu leitor.

É fácil compreender como um falante (segundo o raciocínio de Tannen), que quisesse enfatizar o "conteúdo" da sua mensagem, optaria (e seria bem servido) por um estilo mais próximo à linguagem escrita, por ter mais recursos de integração; e que um escritor, que quisesse enfatizar envolvimento social com seu leitor, optaria (e seria bem servido) por um estilo mais próximo à fala (para demonstrações do uso da oralidade na escrita, ver Lakoff, 1982 e McCarthy, 1993).

Biber (1989) elogia as tentativas anteriores de caracterização lingüística dos modos escritos e orais, valorizando o trabalho que foi feito de levantamento de hipóteses; mas ele as critica pela tendência de fazer generalizações com base em corpora pequenos, de representatividade limitada, e de poucos fatores, escolhidos apenas intuitivamente. Ele mostra que muitas das contradições vistas entre os resultados anteriores devem-se a essas limitações.

Usando um corpus de 545 amostras de texto escrito e oral, de 23 gêneros diferentes, e um elenco de 67 traços lingüísticos, Biber chega a cinco agrupamentos de traços estatisticamente distintos, através da aplicação da análise fatorial.[57] Seu objetivo é determinar quais traços lingüísticos normalmente co-ocorrem em textos (ou

---

[57] Biber (1989) é uma continuação de Biber (1986), que estudou 41 traços lingüísticos e chegou a um quadro de três dimensões fortemente indicadas e mais duas fracas. Biber & Finegan (1989) aplicam três das cinco dimensões de Biber (1989) a uma análise de três gêneros de prosa inglesa dos séculos 17, 18, 19 e 20 (ensaios, cartas e ficção), mostrando as mudanças dos gêneros nas três escalas.

mutualmente se excluem), para depois determinar quais funções comunicativas aqueles traços marcam.

Algumas das cinco dimensões de Biber lembram as dimensões sugeridas previamente: a) produção informacional x envolvida; b) narrativa x não-narrativa; c) referência explícita x dependência situacional; d) persuasão explícita x não-explícita; e) estilo abstrato x não-abstrato. Biber mostra que as dimensões representam recursos de linguagem que podem ser combinados livremente, para produzir gêneros com características próprias e intermediárias. Entre os gêneros representados no seu corpus estão três que correspondem a três dos quatro estudados por C&D (1987), isto é, a conversação, cartas informais e artigos acadêmicos.

O trabalho de Biber é, sem dúvida, o mais completo estudo até agora dos traços linguísticos que diferenciam os gêneros, tanto os falados quanto os escritos. Um estudo comparativo com o de Biber, no entanto, requereria a aplicação dos mesmos programas de análise automática utilizados por ele na identificação dos casos. Optei, então, por basear-me, para os fins desta pesquisa, nos resultados publicados por C&D, resultados estes prestigiados por Biber.

4.1.1. Estudos quantitativos da CMC

Os estudos quantitativos que medem traços linguísticos de modalidades de CMC são limitados. Ferrara et al. (1991) propõem demonstrar que "IWD" (*Interactive Written Discourse*) é um novo "registro" em formação.[58]

---

[58] O uso de "registro" é consistente com a confusão geral quanto à terminologia de "tipos de linguagem" ou "maneiras de falar". Dependendo do autor, são chamados de "estilos", "modos", "modalidades" ou "gêneros". Martin (1984) usa "registro" no sentido dado por Halliday, mas usa "gênero" no sentido de "evento discursivo".

Essa generalização ousada é baseada em registros de interações entre 23 voluntários e um "informante" que simulava um agente de turismo. As sessões, em que os voluntários faziam reservas para uma viagem fictícia, duravam 2 horas cada. Somente as mensagens dos voluntários foram estudadas, em média 62 mensagens (ou 80 frases completas) cada um.

A modalidade é sincrônica, um para um; mas não fica claro quanto texto é permitido por mensagem, ou se existe limite de texto. A tela é dividida em duas partes, permitindo a permanência do enunciado do interlocutor na parte de baixo. Cada mensagem é enviada, pressionando-se uma tecla "enviar". Não se sabe se a mensagem enviada permanece na tela após o envio ou não.

Além de frases por mensagem e palavras por frase (9 p/f), os traços medidos são: omissão de cópula; omissão de pronome-sujeito; omissão de artigos; contrações; omissão de maiúsculas em nomes e começo de frases. Esses traços são reportados em termos da proporção dos voluntários que "usaram" o traço, sem revelar o nível de ocorrência necessário para constituir "uso", e sem apresentar dados comparativos.

Também apontam o uso de pronomes de primeira e segunda pessoas, perguntas para informação e para confirmação, e "marcadores discursivos informais". A freqüência dos pronomes *I* e *you* é a única que é quantificada (5% das palavras-espécime do corpus, ou seja, 50 vezes cada mil palavras). Infelizmente, o agrupamento da primeira com a segunda pessoa (e a omissão de *me*) não permite comparação com os dados publicados para outros estudos, como o de C&D (1987).

Sem dúvida, os voluntários do estudo citado mostravam modificações de linguagem, em relação à língua escrita-padrão, na sua interação com o informante através do terminal; mas não há motivos para generalizar essas características para outras situações ou para outras modalidades de CMC. Nem é claro qual é a relação entre o comportamento dos voluntários e a própria modalidade em destaque, visto que a situação de teste não representava uma realidade específica com que os comunicandos

estavam acostumados. Mais certamente os resultados refletem suas experiências em *outras* situações variadas de uso (eram todos pessoas com "experiência no uso de computadores"). Refletem, também, suas concepções da situação. Muitos dos traços de "telegrafês" encontrados nos enunciados podem ter resultado de uma concepção até antiquada de busca automatizada de informações sobre meios de transportes, por parte de alguns. O fato de os voluntários não terem sido avisados categoricamente que estavam interagindo com uma pessoa (foram avisados, "ambiguamente", que estariam solicitando informação de um "sistema informatizado assistido por um ser humano", p. 17) é suficiente para adulterar seu comportamento. Diante do exposto, os cuidados dos autores com "controle de tópico", por exemplo, parecem ingênuos.

Um estudo mais interessante é o de Bender (1994). Bender aplica uma medida de "complexidade de frase" a 50 amostras de texto, representando seis "gêneros" escritos, um falado (entrevista telefônica) e dois de CMC (conferências sincrônicas e conversação assincrônica de listas de discussão). Todos os gêneros distribuem-se pela escala de complexidade conforme o esperado -- menos os trabalhos de estudantes de inglês como segunda língua e *os textos das listas de discussão*. Estes revelam um desvio-padrão maior do que o dos outros gêneros. Bender conclui que "discurso de listas de discussão" não pode ser considerado um "gênero" à parte.

O resultado do presente estudo do subcorpus da MBU-L de certa forma corrobora o resultado de Bender. Como não houve, no corpus dele, controle sobre o tipo e o tamanho das mensagens medidas, é provavel que a variação nos seus dados, relativos a listas de discussão, reflita a presença, na amosta, de *vários* gêneros diferentes.

4.2. A formação de um subcorpus

Para os fins de comparação com os dados de C&D sobre quatro modalidades discursivas, foi necessário estabelecer um subcorpus da modalidade "lista acadêmica"[59] que fosse comparável com o corpus deles. A formação do corpus pode influenciar sensivelmente a correta interpretação e a confiabilidade dos dados.

4.2.1. Os critérios

Os critérios para a formação de um subcorpus comparável com o corpus de C&D objetivam fazer o controle por tamanho, homogeneidade de tipo e representatividade dentro do corpus-fonte.

Por causa da distribuição desigual de produção dos autores da MBU-L, notada no Capítulo 3, tive por bem controlar a seleção por autor. Uma seleção aleatória resultaria necessariamente em uma amostra em que pesava mais o estilo dos poucos autores produtivos em detrimento do dos muitos autores que contribuem raramente. É verdade que os autores mais ativos impõem de certa forma seus estilos pessoais[60] no discurso da lista pelo número das suas correspondências, ou pela autoridade atribuída a suas intervenções. No entanto, a questão da influência estilística dos autores mais produtivos (ou mais admirados) só pode ser abordada a partir de uma comparação de estilos individuais com o estilo representativo da lista como um todo que, por sua vez, deve ser medido eliminando-se as influências desproporcionais de indivíduos.[61]

---

[59] Deve ser entendido que o termo "lista acadêmica", neste contexto, significa a modalidade específica do corpus estudado, ou seja, conversação escrita assincrônica de muitos para muitos através de lista aberta não monitorada, como foi explicitado no último capítulo. Não pluralizo "lista", por achar prematuro generalizar os resultados para listas acadêmicas ou listas de discussão em geral.

[60] Uso "estilo" para me refirir à variedade de um modo que é particular a uma pessoa ou grupo de pessoas (Tannen, 1984: 8-9; comparem Murray, 1991: 58-59).

[61] Devo essa perspectiva ao Prof. Gilberto Paula, do IME/USP.

Embora este estudo da linguagem de uma lista acadêmica não abranja a questão de influência estilística, julguei conveniente descrever o perfil do modo baseado numa amostra controlada por autor.

Quanto ao tipo de texto incluído, há três considerações a fazer. A primeira é a escolha exclusiva de mensagens topicais para o estudo, ou seja, trechos de discurso que fazem parte de mensagens escritas por autores da MBU-L para serem lidas por outros leitores da mesma lista, assim eliminando trechos de enxertos ou anexos, cuja procedência e destinação podem ser outras.

A segunda consideração é que mensagens iniciais de um autor podem ter um perfil diferenciado, diferente das demais mensagens do mesmo autor. Os autores costumam atribuir ao envio da sua primeira mensagem uma importância ímpar, quase como se fosse um "rito de passagem" da classe de leitores silenciosos (*lurkers*) para a dos autores cujas vozes engrossam o fluxo de mensagens.

EX. 4.1

```
I've learned a lot from lurking here, and I
responded directly to a posting that asked a question in one of my
areas of knowledge, but I won't feel ready to address The Group until
I'm very sure I have a worthwhile contribution or query.
          E-mail reminds me of ham radio.  I think everyone's heart
races the first time s/he pounds out a message on the telegraph key
and sends Morse Code into the ether for all the world to hear.
```
[62]

Muitas vezes mensagens iniciais são marcadas como tal.

EX. 4.2

```
[310-514]
  (Most of you are "meeting me" for the first time in this post--how'm
  I doin'?)
```

Essa importância social, acompanhada pela inexperiência do autor, sugere que a mensagem inicial de um autor deve ser estudada separadamente. Não é sempre possível, porém, saber se a primeira mensagem de um autor que aparece no corpus é, de fato, sua primeira para a lista. Estabeleci, então, o critério de eliminar da seleção

---

[62] RBJ@NAUVAX.BITNET, p.c., 24 de novembre de 1992.

para o subcorpus todas as mensagens iniciais dos autores que aparecem no corpus-fonte.[63]

A terceira consideração é que mensagens de tamanhos diferentes podem, de modo geral, ter características diferentes. Um dos fatores que pode influenciar essa diferenciação é a maneira de compor a mensagem: a maioria das mensagens curtas são compostas em conexão direta à rede (*online*). Já muitas mensagens mais extensas são compostas sem conexão (*offline*), sem a mesma pressão de tempo, muitas vezes utilizando-se de um processador de textos com mais recursos de revisão. Além disso, o conceito de uma resposta curta pode ser diferente daquela que é mais elaborada; podem existir até gêneros de respostas diferenciadas que têm, como traço, o tamanho da mensagem. O terceiro critério de controle por tipo de mensagem, portanto, foi o de tamanho das mensagens.

Decidiu-se, então, escolher *mensagens* de *tamanhos iguais*, escritas por *autores diferentes*, exluindo-se as *mensagens iniciais* dos autores.

O primeiro tamanho escolhido foi o de 12 linhas de texto original. Esse tamanho foi considerado ideal por ser o tamanho médio teórico.

Selecionar mensagens menores, embora sejam de maior freqüência, não teria resultado em amostra maior. O critério de eliminar primeiras mensagens (portanto mensagens únicas), bem como o de limitar a seleção a uma mensagem por autor, limita o tamanho máximo de um corpus feito de mensagens de um único tamanho, como mostra a seguinte tabela:

---

[63] Valeria a pena fazer um estudo separado só de mensagens iniciais, para determinar se existem características próprias.

TABELA 4.1 AMOSTRAS POSSÍVEIS POR TAMANHO DE MENSAGEM (CORPUS DA MBU-L)

Linhas por mensagem	*Total de mensagens*	*Mensagens não-iniciais*	*Autores diferentes*	*Total máximo de linhas*
18	128	124	63	1134
15	172	158	79	1185
12	214	200	96	1152
9	303	285	112	1008
6	402	371	135	810
3	544	496	163	489

Nota-se na, Tabela 4.1, que, à medida que as mensagens vão crescendo em tamanho, sua freqüência cai, como também cai o número de seus autores, fazendo com que o total de linhas disponíveis para análise não aumente significativamente, depois de um certo ponto, começando, de fato, a cair.

O tamanho de doze linhas limitou o corpus a uma seleção de 96 mensagens, cada uma de um autor diferente, e nenhuma delas uma primeira mensagem do autor. Dessas 96 mensagens, foram eliminadas onze mensagens que, sob inspeção, fugiam do critério de doze linhas típicas de texto original.[64] Restaram 85 mensagens, com um total de 1020 linhas. Como veremos logo abaixo, esse tamanho de amostra não foi suficiente.

Para os fins de comparação com o trabalho de C&D, o subcorpus foi subseqüentemente analisado em unidades de entonação (UE), a unidade em que foi baseada a formação do corpus daqueles autores. Para os efeitos de análise de textos escritos, C&D definem a UE como a cadeia de palavras delimitada por marcas de pontuação, tornando sua identificação relativamente transparente (ver 4.2.1.4). Foram constatadas 1373 UEs no subcorpus de doze linhas. Como o corpus de C&D consta de aproximadamente 2000 UEs por modalidade, foi necessário completar a amostra de

---

[64] Foram excluídas, por exemplo, mensagens que continha mais de duas linhas de listas, endereços ou bibliografia.

mensagens de doze linhas por outra de mensagens de outro tamanho. Foi escolhido o tamanho de nove linhas.

A seleção de mensagens de nove linhas rendeu inicialmente uma amostra de 112 mensagens em conformidade com os critérios estabelecidos. Dessas 112, oito foram eliminadas por mostrarem irregularidades. As 104 mensagens restantes totalizaram 936 linhas e 1295 UEs.

Ainda continuando no sentido de controlar por tamanho de mensagem e por autor, foi decidido formar o subcorpus de aproximadamente 2000 UEs de partes iguais tiradas dos dois grupos de mensagens, eliminando, quando possível, múltiplas mensagens do mesmo autor. Cheguei, então, a 81 mensagens de 9 linhas, totalizando 1003 UEs, e 63 mensagens de 12 linhas, totalizando 1006 UEs. O total de 154 mensagens inclui 9 casos de autores representados por duas mensagens, uma de cada tamanho.

O arquivo é do tamanho de aproximadamente 106K, ou seja, 35 páginas impressas. Esse subcorpus representa menos de 2% do volume de mensagens do corpus completo. Vale enfatizar, porém, que a tarefa de montar o subcorpus em conformidade com os critérios estabelecidos só foi possível graças ao tamanho do corpus original. Mesmo assim, não foi possível utilizar mensagens de um único tamanho, ou limitar a seleção rigorosamente a uma mensagem por autor. Outros métodos sistemáticos de formação de amostra, como, por exemplo, selecionar duas ou mais mensagens por autor, também teriam sido limitados pelas configurações naturais do corpus-fonte. São 214 mensagens de 12 linhas no corpus original. Quando se eliminam as primeiras mensagens e se limita o número de mensagens a uma por autor, o número de mensagens disponíveis cai para 96; quando se necessita de duas mensagens por autor, o número de autores possíveis cai para 40, resultando em um total de 80 mensagens; quando se necessita de três mensagens por autor, o número de autores cai para 22, resultando em 66 mensagens, e assim por diante.

4.2.1.1.Do tamanho da amostra

Em geral, os autores que trabalham com análises estatísticas de texto são conscientes da importância do tamanho de sua amostra *em número de palavras*.[65] Nem sempre, porém, essa preocupação leva os autores a reportarem os tamanhos das amostras nos seus relatórios publicados, limitando a utilidade de seu trabalho como base comparativa para pesquisas afins. Um caso ilustrativo é o de C&D. Em nenhum lugar, relatam os tamanhos de suas amostras. O pesquisador que queira comparar seus resultados com os deles tem a tarefa de reconstruir, a partir de indícios no texto, uma aproximação do tamanho das amostras com que trabalharam.

Para formar seu corpus de quatro modalidades de discurso, C&D escolheram vinte professores e pós-graduandos de duas universidades norte-americanas. Foram feitas gravações e transcrições das conversações e das aulas expositivas, e seleções de cartas e artigos fornecidos pelos informantes. A unidade básica para a determinação do tamanho da amostra de cada informante foi a UE. Cada informante, então, forneceu, "no mínimo", 100 UEs de cada uma das quatro modalidades (com a ressalva de que, em alguns casos, as amostras de cartas informais não chegavam a esse tamanho). Imagina-se, então, que cada modadidade foi representada por, "no mínimo", 2000 UEs, provenientes dos 20 informantes (1987: 2).

Embora a UE possa servir como unidade de análise para vários fins, não é necessariamente por isso que ela deve ser uma unidade ideal para a determinação de tamanho de amostra. Os autores, como parte da sua comparação entre as modalidades estudadas, reportam os tamanhos-médios das UEs em números de palavras (1987: 11). Esses tamanhos ("Palavras por UE") são reproduzidos na Tabela 4.2, junto com uma

---

[65] Considera-se "palavra" para os fins deste estudo, cadeias de caracteres alfabéticos demarcados por espaços ou marcas de pontuação.

projeção para o tamanho total hipotético da amostra, em palavras, baseado no tamanho reportado de 2000 UEs:

TABELA 4.2 ESTIMATIVA DE TAMANHO DE AMOSTRA (CORPUS DO C&D, 1987)

Modalidade	*UE*	*Palavras por UE*	*Palavras totais*
Conversações	>2000	6.2	>12400
Aulas expositivas	>2000	7.3	>14600
Cartas informais	±2000	8.4	±16800
Artigos acadêmicos	>2000	9.3	>18600

Como se vê, o tamanho das amostras, *em palavras*, varia em 50% da menor (conversação) para a maior (artigos acadêmicos). A importância desse fato parece não ter sido apreciada pelos autores.

4.2.1.2.Razão espécie/espécime

O motivo principal para a importância a ser dada ao tamanho de uma amostra de texto *em número de palavras* é a conhecida sensibilidade a esse número, da razão espécie/espécime (*type/token ratio*), um índice da variabilidade do vocabulário da amostra. Quando se comparam amostras *do mesmo tamanho* (em número de palavras), uma razão espécie/espécime (REE) mais baixa indica mais repetições das mesmas palavras, enquanto uma REE mais alta indica uma proporção relativamente maior de palavras diferentes.

A REE foi usada inicialmente como índice para a comparação do grau de "dificuldade" de leitura de textos diferentes. A intuição[66] era a de que textos com maior índice de palavras relativamente raras são de maior dificuldade de compreensão para alunos do que textos que usam um vocabulário de palavras comuns. A razão espécie/espécime entrou para o elenco de índices da "oralidade" ou da "literariedade" de textos, a partir

[66] Tem 100 palavras desde o início dessa seção ("Motivo principal...") até este ponto.

do reconhecimento de que a linguagem falada, em geral, tem um vocabulário menos variado do que a linguagem de textos escritos.

Razões espécie/espécime podem ser comparadas somente quando são tiradas de amostras do mesmo número de palavras. REEs tiradas de amostras de tamanhos diferentes de texto homogêneo variam em função[67] do *tamanho* da amostra, e não em função da variabilidade do vocabulário.

Consideremos um texto de 100 palavras, as primeiras 100 palavras desta seção (até a primeira nota de rodapé): contém 59 vocábulos diferentes, que dá uma REE de 0.59. O segundo trecho de 100 palavras (entre a primeira e a segunda notas de rodapé) contém 61 vocábulos diferentes e dá um resultado semelhante: uma REE de 0.61. Quer dizer, os dois trechos apresentam um grau de variabilidade de vocabulário semelhante, como haveria de se esperar de quaisquer trechos do mesmo tipo de texto. Já quando consideramos os dois trechos conjuntamente, constatamos uma soma de 200 palavras, que contêm apenas 95 vocábulos diferentes, isto é, menos que a soma de palavras diferentes nos trechos separados, resultando numa REE de 0.48, abaixo das REEs das partes. À medida que o total de palavras cresce, a REE vai abaixando, refletindo o fato de que as palavras únicas de trechos curtos encontram pares em outros trechos, assim se somando ao total de palavras e não à contagem de palavras diferentes.

C&D reconhecem essa realidade. Ilustram o conceito de REE com uma frase de 19 palavras que tem uma REE de 0.89. Em seguida, dizem:

> It should be noted that such a ratio decreases as the number of words in a sample increases, so that the ratio just given cannot be compared with those given for our complete samples in Table 1.
>
> [C&D, 1987:5]

---

[67] Tem 100 palavras entre a última nota de rodapé e este ponto.

O que eles esquecem de considerar é que as próprias amostras entre as quais *querem* fazer comparações (suas "amostras completas") também são de tamanhos diferentes, como mostramos na Tabela 4.2.

Para ilustrar o erro introduzido nos resultados deles por causa dos tamanhos diferentes das amostras, fiz uma simulação com meus dados. Selecionei partes iguais das amostras de 12 linhas e de 9 linhas, para formar conjuntos de tamanhos comparativos com os das amostras das suas quatro modalidades. Os resultados estão apresentados na seguinte tabela:

TABELA 4.3 EFEITO DE TAMANHO DE AMOSTRA SOBRE A REE

Amostra	*C&D (modalidades diferentes)*	*REE reportada*	*Simulação (modalidade única)*	*REE*
Conjunto 1	>12400	0.18	12424	0.24
Conjunto 2	>14600	0.19	14632	0.23
Conjunto 3	±16800	0.22	16802	0.22
Conjunto 4	>18600	0.24	18657	0.21

Por sorte dos autores, o erro pesa *a favor* da hipótese deles: como a amostra menor também tem a REE menor, ela só tenderia a *diminuir* se o tamanho da amostra fosse ajustado (aumentado), para ser comparável com as outras amostras. Por exemplo, se a amostra de conversação fosse ajustada para incluir o mesmo número de *palavras* (e não UEs) que a amostra de artigos acadêmicos, a REE dela poderia cair para algo por volta de 0.15, mostrando uma diferença ainda maior do que a que os autores atestam.[68]

C&D reportam os resultados de suas contagens em termos de *casos por mil palavras*. Esse procedimento também não foge do efeito do tamanho de amostra, em número de

[68] Num trabalho curioso, Taylor (1992) procura mostrar que existe maior coesão entre os enunciados de três participantes numa conferência em tempo-real (INTERCHANGE) do que existe entre trabalhos escritos deles sobre o mesmo tema. Taylor compara a "densidade coesiva" dos dois corpora, sem, aparentemente, reconhecer que sua medida de densidade coesiva nada mais é do que o inverso da REE, sem efetuar o controle por tamanho de amostra.

palavras. Quanto maior é o tamanho da amostra, mais chance há de aparecerem casos de fenômenos relativamente raros, somando-se ao efeito dos fenômenos mais comuns.

4.2.1.3.Probabilidades de eventos e a lei de Zipf

A natureza da razão espécie/espécime reflete a probabilidade de ocorrência de palavras: poucas palavras são muitíssimo usadas, enquanto muitas palavras são pouquíssimo usadas. Por exemplo, no Brown corpus, de aproximadamente um milhão de palavras, composto de amostras de vários gêneros de inglês escrito, 2% das palavras-espécie dão conta de 69% das palavras-espécime do corpus, enquanto 44% das palavras-espécime ocorrem apenas uma vez e 75% ocorrem cinco vezes ou menos (Brill, 1993: 44).

Esse fenômeno ficou conhecido como a "lei de Zipf", em homenagem a George Zipf, lingüista que primeiro a descreveu. A lei de Zipf, como foi demonstrado subseqüentemente, reflete o fato de que muitos fenômenos da linguagem comportam-se como processos estocásticos (Brill, 1993: 41-43; Miller, 1981: 107). A distribuição descrita pela lei de Zipf é a mesma encontrada no Capítulo 3, quando se fala da distribuição de correspondências por autor e de tamanhos de correspondências.

4.2.1.4.Unidade de entonação

C&D definem UE[69] como tendo três propriedades:

> (1) it is spoken with a single, coherent intonation contour, (2) it is followed by a pause, and (3) it is likely to be a single clause. Although the majority of intonation units are clauses, some contain an entire verb-complement construction while others are no more than a prepositional phrase, or even just a noun phrase, or a syntactic fragment of some other kind.
>
> (C&D, 1987: 10)

---

[69] Também chamada "unidade conceitual" (*idea unit*) (D&D, 1987: 3, 10; Chafe, 1982).

Para as modalidades escritas, baseadas em várias suposições "ainda não confirmadas", eles assumem a identidade entre UEs e segmentos demarcados por marcas de pontuação. As marcas de pontuação, nessa interpretação, representam as pausas e os limites de curvas entonacionais, a fim de facilitar a compreensão do texto pelo leitor.

> We assume that written language has a covert prosody which is analogous to that of spoken language: that both writers and readers assign pitch, stress, and pauses to language as they write and read it. We assume also that an important aspect of this prosody is the assignment of intonation unit boundaries to written language. We assume, finally, that these boundaries are at least reasonably well indicated by punctuation. ... Thus, when we use the term "intonation unit" with reference to writing we will be referring to stretches of language between punctuation marks.
>
> (C&D, 1987: 11)

C&D não explicitam seu método de divisão em UEs por marcas de pontuação. Para os fins desta comparação, usei os seguites critérios:

Marcam UEs: pontos finais, vírgulas, pontos-e-vírgulas, dois pontos, pontos de interrogação e de exclamação, traços e parênteses. Também considerei demarcador a letra maiúscula que inicia uma oração, mesmo quando não precedida por outra marca de pontuação:

EX. 4.3

```
[304-330]
  My presentation at C and W examines the concept of "network pedagogly"
  I'm concerned about how little we hear about the actual writing
```

Parênteses apresentam alguns problemas. Considerei que parênteses abriam nova unidade de entonação sempre que a leitura sugerisse uma entonação diferenciada.

EX. 4.4

```
[306-049]
  but the amount of constituent mail is much smaller for less noticed
  (but perhaps no less important)
  issues.
```

4.2.1.5.A frase e a comparabilidade dos dados

É verdade que a frase não é uma unidade de análise ideal para modalidades de texto mais distantes do padrão de texto escrito. Para transcrições de texto falado, não

existem critérios absolutos para a determinação dos limites das frases. Para esses casos, a UE de Chafe parece mais indicada. Em texto escrito padrão, no entanto, o contorno da frase é indicado pelo autor por sinais de pontuação. Para esses tipos de texto, o tamanho da frase (em número de palavras) tem sido reportado como índice característico do tipo.

Com sua opção de tratar a UE como a unidade-padrão para o fim de coleta de dados, C&D escolheram uma unidade intermediária entre palavras e frases. Já vimos que a falta de controle sobre o número total de palavras das amostras traz alguns problemas de comparabilidade de seus dados. A ausência de informações sobre a relação UE/frase ou palavras/frase, no seu corpus, também impossibilita a comparação com outros estudos dos mesmos fenômenos que usam a frase como parâmetro de análise.

Seria recomendável usar sempre número de palavras para a determinação do tamanho da amostra, reportando-se a ambos o número de frases e o número de UEs.[70]

4.3. A comparação dos dados

C&D organizam suas comparações das quatro modalidades por eles estudadas em cinco áreas: variedade de vocabulário, níveis de vocabulário, construção de orações (*clause construction*), construção da frase (*sentence construction*) e envolvimento x distanciamento. Aplicam testes relacionados com cada área e reportam, para cada modalidade, os resultados dos testes.

Apliquei alguns dos mesmos testes no subcorpus da lista acadêmica e aqui comparo os meus resultados com os deles. Quando não foi possível aplicar um teste, ou quando

---

[70] O número de palavras por frase no subcorpus é de 17.7 palavras por frase. Isso é comparável às 18.2 em textos escritos e 16.3 em textos falados reportadas por Gibson et al. (1966). Situa-se, também, entre os valores reportados por Bender (1994) para a fala (13 p/f em diálogos telefônicos) e prosa escrita (19 em ficção, 20 em revistas, 29 em artigos acadêmicos).

existe dúvida quanto à confiabilidade do teste, comento os problemas de interpretação dos métodos e dos resultados.

4.3.1. Variedade de vocabulário

C&D argumentam que a escrita permite maior variedade de vocabulário como função do *meio*. A fala defronta-se com limites de *tempo* e de *capacidade de memória curta* que a escrita supera. O resultado é que os falantes tendem a se limitar ao uso de um vocabulário mais restrito, de vocábulos de fácil acesso e de sentido mais genérico.

4.3.1.1. Razão espécie/espécime

Uma maneira de medir a tendência de restringir o vocabulário da fala é por meio da razão espécie/espécime, explicada em 4.2.1.2. Levando em conta as observações sobre o efeito do tamanho da amostra, repito aqui os resultados dos autores, acompanhados de meu resultado para o subcorpus da lista acadêmica :

TABELA 4.4 RAZÃO ESPÉCIE/ESPÉCIME (REE)

Modalidade	*Tamanho*	*REE*
Conversação	>12400	0.18
Aulas expositivas	>14600	0.19
Lista acadêmica	16221	0.21
Cartas informais	±16800	0.22
Artigos acadêmicos	>18600	0.24

A lista acadêmica enquadra-se entre cartas informais e aulas expositivas, estas sendo uma modalidade falada, porém de uma formalidade relacionada com sua ambientação institucional e seu caráter de um-para-muitos. Não aparece nenhuma diferença notável entre as modalidades faladas e as escritas que justifique a afirmação dos autores de que[71]:

---

[71] Aliás, é notável que suas estatísticas não são acompanhadas de índices de significância. Sem acesso aos dados originais, não foi possível suprir essa deficiência.

> It appears that the necessarily rapid production of spoken language consistently produces a less varied vocabulary, regardless of the kind of speaking involved. Thus there seems to be a limit on the lexical variety a speaker can produce under any circumstances, a limit which cannot be overridden by a change in context or purpose.
>
> (C&D 1987: 5)

Independente da pressão de tempo, parece-me que autores, de modo geral, avaliam custo-benefício da busca de palavras, escolhendo palavras mais acessíveis quando não há necessidade de maior precisão. Muitos autores da MBU-L escrevem *online*, sofrendo assim mais pressão de tempo; mas mesmo aqueles que escrevem *offline* têm de avaliar a utilidade do seu gasto de tempo com a correspondência em uma modalidade considerada de pouca durabilidade e de veiculação limitada. Um bom teste da hipótese do efeito de tempo-de-produção seria uma comparação da REE da conversa escrita assincrônica deste estudo com conversa escrita sincrônica que, sim, necessariamente, sofre pressão quanto ao tempo de produção.

4.3.1.2.Atenuadores

Outro índice da relativa imprecisão do vocabulário de texto falado é a presença de atenuadores, para indicar que um termo usado não é precisamente o termo ideal. Os únicos atenuadores mencionados por C&D são *kind of* e *sort of*. Desses, só existem três casos no presente corpus que podem ser considerados atenuadores. índice abaixo daquele reportado por cartas informais:

TABELA 4.5 ATENUADORES

Modalidade	*Casos/mil palavras*
Conversação	4
Aulas expositivas	4
Lista acadêmica	0
Cartas informais	1
Artigos acadêmicos	0

Seria interessante comparar essas modalidades com a de conversa escrita sincrônica, que sofre ainda mais pressão de tempo. Minha impressão é a de que, embora a imprecisão de vocabulário possa ser grande, principalmente nos casos de composição

online e conversação sincrônica, as dificuldades de digitacão e o tempo gasto em digitar palavras extras pesariam no sentido de limitar o uso de atenuadores. É provável que, no meio escrito, outros mecanismos sejam mais usados para compensar a imprecisão de vocabulário. Um possível candidato seria o uso de *or* ("ou") para oferecer uma opção de vocabulário, funcionando como uma espécie de reparo, como nos exemplos abaixo do presente corpus (grifos meus):

EX. 4.5

```
[211-012]
   ...has its own set of rules,
   or protocols,

[211-233]
   I've tried this in courses called 'Remedial English" or something similar

[301-165]
   I guess I have no problem or modesty about frankly showing my
   power as teacher to set the rules for classroom discourse.

[309-464]
   anecdotes,
   comments or whatever is welcome here.
```

Dos 116 casos de *or*, 38 podem, pelo menos em parte, funcionar para a elaboração ou reparo de conceitos. Isso representa 2 casos por mil palavras.

4.3.1.3.Referências globais (3a. pessoa)

Outro indicador de imprecisão de vocabulário apontado por C&D é o uso de *this*, *that* e *it* para fazer referência anafórica global, sem antecedente específico. As contagens deles mostram uma diferença grande entre as modalidades faladas e as escritas:

TABELA 4.6 REFERÊNCIAS GLOBAIS (3A. PESSOA)

Modalidade	*Casos/mil palavras*
Conversação	24
Aulas expositivas	22
Lista acadêmica	9
Cartas informais	11
Artigos acadêmicos	4

A taxa de ocorrências de referências não explícitas com *this*, *that* e *it* na lista acadêmica é semelhante à de cartas informais e está longe das duas modalidades

faladas, o que sustenta a hipótese dos autores de que a precisão de vocabulário é uma função, em parte, do meio.

Embora o fenômeno de referência não explícita seja relativamente transparente, existem ainda dúvidas sobre sua correta interpretação. Limitando-se aos pronomes *this, that* e *it*, como indicam os exemplos de C&D, perdem-se tais ocorrências como *this info, this stuff, this question, this problem,* que parecem servir à mesma função. Isso se torna mais problemático quando se observa que os mesmos autores consideram "sujeitos abstratos", exemplificados por "*this suggestion*" (1987: 21), como sinal de "distanciamento" no discurso, típico de modalidades *escritas*.

4.3.2. Níveis de vocabulário

C&D também investigam vocabulário do ponto de vista de "nível de formalidade". A idéia é a de que a distribuição de vocábulos nos diferentes tipos de texto é desigual, alguns vocábulos aparecendo mais freqüentemente em um e não em outro tipo. Enquanto a maioria dos vocábulos é "neutra" quanto a seu uso, outra parte é marcada como sendo tipicamente informal, ou tipicamente formal: típica da fala por um lado, ou da escrita por outro. A tática de C&D é, a partir de uma classificação de vocábulos, observar a distribuição dos vocábulos marcados nas quatro modalidades de texto estudadas.

4.3.2.1. Literário/Coloquial

Para chegar às duas categorias "vocabulário literário" e "vocabulário coloquial", os dois extremos que C&D usam para comparar os modos de linguagem das suas amostras, eliminam vocábulos "neutros", gírias e jargões técnicos. Exemplos de vocábulos "literários" são *ascertain, optimal, despite* and *constitute*. Exemplos de vocábulos "coloquiais" são *kid, bike, figure out, bunch of* (1987: 8). Sua distribuição é apresentada na seguinte tabela (em casos por mil palavras):

TABELA 4.7 VOCABULÁRIO LITERÁRIO E COLOQUIAL (C&D, 1987)

Modalidade	*Literário*	*Coloquial*
Conversação	8	27
Aulas expositivas	19	18
Cartas informais	25	16
Artigos acadêmicos	46	1

A distribuição comprova o óbvio: que vocábulos típicos da linguagem falada aparecem mais nela, e aqueles que são típicos de texto escrito formal aparecem mais nele. Os autores chamam atenção para o fato de que as diferenças parecem não ser muito influenciadas pelos *meios* em si, visto que as aulas expositivas (meio falado) e cartas informais (meio escrito) demonstram comportamentos parecidos. Concluem que não há restrições psicomecânicas ao uso de vocábulos das várias origens, e que seu uso é determinado mais por considerações de assunto, objetivo e contexto (1987: 9).

A classificação dos vocábulos nas categorias "literário" x "coloquial" apresenta vários problemas para quem quer fazer uma comparação com outra modalidade (ou mesmo duplicar o resultado dos autores). A classificação é puramente intuitiva, não existindo nenhuma marca, nem referência, que os classifique. C&D calibraram os julgamentos entre si e ainda apelaram para a opinião de outro pesquisador. No entanto, esse procedimento não me parece justificar sua afirmação de que:

> English speakers appear to be well aware of these differences, and to be able to judge with considerable agreement the class to which a particular item belongs.
>
> (C&D 1987: 8)

Alguns casos de vocabulário "literário" são óbvios (*convey, equate, scrutinize*), mas como classificar, por exemplo, *alternative, entirely, intrigued, tentative*, ou, ainda, *acceptable, according, capabilities, dedicated*, que me parecem bastante "neutros" para um falante culto? Ou como distinguir entre vocabulário "literário" e jargão técnico, no caso de termos como *acquisition, semantic, socio-political, synchronous*?

Ou, no que diz respeito aos vocábulos "coloquiais", alguns são claros (*messed up, thanks, wow, yeah*), mas como eliminar "gírias" (o Collins COBUILD não usa essa

classificação), e o que fazer com usos irônicos de palavras coloquiais arcaicas (*alas, anon*)?

Não achei nenhum critério satisfatório para delimitar essas categorias. Uma pessoa ou grupo de pessoas podem determinar uma única lista de palavras para comparar os textos do seu corpus, mas, sem que a mesma lista esteja disponível, é impossível a outro pesquisador calibrar seus julgamentos, para fazer uma contagem comparável.

Uma medida objetiva, como tamanho de palavra, pode ser usada com efeito, com a vantagem de não depender das intuições dos pesquisadores. Teria sido interessante se os autores tivessem reportado, para cada modalidade, a freqüência de palavras lexicais maiores do que sete letras, por exemplo.

4.3.2.2.Contrações

Em contraste com o critério de vocabulário literário ou coloquial, o segundo critério de "nível de vocabulário" de C&D é transparente: o uso de contrações. Contrações são típicas da língua falada, e existem restrições quanto a seu uso em texto escrito formal. Os resultados de C&D e os meus são apresentados abaixo:

TABELA 4.8 CONTRAÇÕES

Modalidade	*Casos/mil palavras*
Conversação	37
Aulas expositivas	29
Lista acadêmica	20
Cartas informais	18
Artigos acadêmicos	0

Nota-se que a freqüência de contrações na lista acadêmica é ligeiramente superior a de cartas informais. Isso pode refletir a maior pressão de tempo para quem compõe *online*, ou, ainda, uma tendência de imitar a informalidade da fala.

4.3.3. Construção de orações

Ao medir aspectos da construção de elementos acima do nível de vocabulário, C&D começam com a UE que, para os efeitos deles, substitui a oração definida sintaticamente.

4.3.3.1. Palavras por unidade de entonação

A primeira medida é o tamanho das UEs.

TABELA 4.9 TAMANHO (EM PALAVRAS) DA UNIDADE DE ENTONAÇÃO

Modalidade	*Palavras/UE*
Conversação	6.2
Aulas expositivas	7.3
Lista acadêmica	8.1
Cartas informais	8.4
Artigos acadêmicos	9.3

O tamanho médio da UE da lista acadêmica mostra-se entre o de aulas expositivas (faladas) e cartas informais (escritas). C&D hipotetizam que o meio oral e as limitações de memória de curto prazo juntamente impõem um limite natural de mais ou menos seis palavras por UE, o máximo número de palavras que pode ser focalizado pela consciência. A escrita liberta o autor dessa limitação, possibilitando construções mais extensas. Sugerem, ainda, que o tamanho menor da UE de cartas informais, comparado com o de artigos acadêmicos, deve-se a dois fatores: menor investimento de tempo dedicado à redação e revisão, e tendência dos autores em "manter" a informalidade do modo oral (1987: 11-12).

No caso da lista acadêmica, a pressão de tempo é maior (para quem escreve *online*), limitando ainda mais o tempo disponível para revisão. Outro fator a ser considerado é a falta de recursos de revisão e formatação em muitos programas de correio eletrônico, que incentivam o uso de linhas mais curtas; a tendência de encurtar a linha para não chegar aos limites da tela pode influenciar a construção de UEs.

4.3.3.2.Locuções preposicionadas

Outro recurso para alongar UEs, muito produtivo no inglês, é o encadeamento de locuções preposicionadas (por exemplo, "*...a conversation* among *experts* at *a segment* of *our learning curves...*"). C&D reportam contagens do total de locuções preposicionadas e (também por mil palavras) do número de seqüências de duas ou mais delas dentro da mesma UE. Meus resultados são comparados com os deles na Tabela 4.10.[72]

TABELA 4.10 LOCUÇÕES PREPOSICIONADAS

Modalidade	*Casos/mil palavras*	*Sequências intra-UE*
Conversação	53	6
Aulas expositivas	88	14
Lista acadêmica	91	15
Cartas informais	91	14
Artigos acadêmicos	117	22

4.3.3.3.Nominalizações

Segundo C&D, outro mecanismo para alongar UEs consiste em compactar uma oração, que normalmente formaria sua própria UE, em uma palavra, através da nominalização. Os exemplos apresentados são:

EX. 4.6

[C&D, Ex. 14] It is at this level of language that the *representation* of space is explored here.

[C&D, Ex. 15] If processing time is a crucial *determinant* of memory *performance*.

Eles argumentam que a nominalização é uma ferramenta fundamental para a criação de conceitos abstratos e técnicos, e que provavelmente a escrita teve um papel histórico

---

72 Vale esclarecer que, na análise de locuções preposicionadas, eliminei preposições que seguem verbos com que formam os chamados "verbos frasais" (*phrasal verbs*) dicionarizados, usando *COLLINS COBUILD Dictionary of Phrasal Verbs* (1989) como referência. Por exemplo, *working at the bank on Gold Street* contém uma sequência de duas locuções preposicionadas, enquanto *working at the craft of writing* não contém nenhuma, por ser *work at*, no segundo exemplo, um "verbo frasal".

fundamental no desenvolvimento de tais conceitos. Observam que, à medida que os conceitos vão se firmando e popularizando com o tempo, as palavras perdem sua natureza nominalizadora e entram na fala como palavras comuns.

Sua distribuição nas modalidades de C&D é apresentada na Tabela 4.11:

TABELA 4.11 NOMINALIZAÇÕES (C&D, 1987)

Modalidade	*Casos/mil palavras*
Conversação	27
Aulas expositivas	56
Cartas informais	55
Artigos acadêmicos	77

Comparação dos dados de C&D com meus dados é dificultada pela indefinição do conjunto de nominalizações. Existem muitas palavras que são nominalizações prototípicas, como nos exemplos de C&D (*adoption, announcement, conclusion, correspondence, fragmentation, revision*). Mas se *determinant* é nominalização (como afirmam os autores), também o são *participant* e *assistant*? E se essas o são, como classificar *perpetrator* e *computer* e *writer* e *student* e *executive*? Como saber se a palavra já se tornou "palavra comum"? E embora não sejam exemplificados por C&D, o que fazer com as nominalizações que são feitas por meio do gerúndio: *computing* (=*computation*), *translating* (=*translation*), *publishing* (=*publication*), *wordprocessing* ... *writing*? Contei as categorias dos agentivos e dos gerúndios separadamente. Não considerei palavras que não mudam de forma entre verbo e nome (*attempt, change, mention, remark, support*), e nem palavras para as quais o verbo subjacente é obsoleto ou opaco (*opinion, revolution, transition, violence*).

TABELA 4.12 NOMINALIZAÇÕES NUMA LISTA ACADÊMICA

Tipo	*Casos/mil palavras*
Nominalizações prototípicas	18
Agentivos	13
Nominalizações por gerúndio	6

A contagem varia de 18 a 37, dependendo dos critérios, abrangendo o valor reportado para conversação (27), mas não chegando ao valor reportado para aulas expositivas

(56), ou para cartas (55). Não vejo motivação para essa diferença, a não ser uma divergência de critérios.

4.3.3.4.Particípios

Entre os mecanismos de compactar informação dentro de uma única UE, contribuindo assim para UEs mais elaboradas e compridas, segundo C&D, está o uso de particípios. C&D contaram, nas suas amostras, particípios presentes e passados prepostos e pospostos. Os particípios prepostos apresentam alguns problemas de identificação, porque alguns já são considerados adjetivos plenos, como, por exemplo, *interesting, promising, winning*. Seus exemplos, entretanto, também se encontram dicionarizados como verbetes independentes, marcados como adjetivos.

EX. 4.7

[C&D, Ex. 20] It was a *recurring* classroom activity.

[C&D, Ex. 21] *Bowed* oscillations can begin in two ways.

Não foi possível, então, usar o dicionário como guia de classificação[73].

TABELA 4.13 PARTICÍPIOS

Modalidade	*Casos/mil palavras*
Conversação	5
Aulas expositivas	6
Lista acadêmica	9
Cartas informais	11
Artigos acadêmicos	24

[73] Dos particípios dicionarizados como adjetivos, eliminei da contagem somente *interesting, interested* e alguns particípios que sofreram processos derivacionais ou que parecem ter perdido a ligação com o verbo (*unspoken, ongoing, old-fashioned, hallowed*), mantendo outros (*detailed, winning, opening, intriguing, finished*) que mantêm a qualidade verbal. Também contei particípios hifenizados (*network-based, Spanish-speaking, computer-supported*). Eliminei os particípios que fazem parte de nomes compostos ou de nomes próprios (*working class, Paul Pear Endowed Chair*).

4.3.3.5.Locuções adjetivais atributivas

No inglês, o processo de criação de sintagmas nominais compactos a partir de nomes, adjetivos e verbos é extremamente produtivo. C&D dão, como exemplos de sintagmas nominais compactos, cadeias de nome-mais-adjetivo e nome-mais-nome (no papel de adjetivo):

EX. 4.8

[C&D, Ex. 16] It allows an *unambiguous manipulation* within the *semantic level*.

[C&D, Ex, 17] Subjects searched for instances of *target categories*.

Mostram que, como seria de se esperar, texto escrito formal traz mais exemplos de adjetivos atributivos do que a conversação, com aulas expositivas, lista acadêmica e cartas informais entre os dois extremos.[74]

---

[74] A contagem de locuções adjetivais atributivas foi feita somente no subcorpus de 81 mensagens de 9 linhas. Esses dados também devem ser vistos com cautela. Existem vários problemas de classificação de adjetivos atributivos que não são tratados pelos autores, tornando problemática uma comparação confiável com seus resultados.

Excluí da contagem determinantes, predeterminantes, quantificadores, números, ordinais (*first, last*), possessivos (*teacher's ideabook*), sintagmas que constituem nomes próprios (*Pew Lecture Series, Remedial English*) e adjetivos classificadores que se assemelham a quantificadores, tais como *certain, different, only, other, own, same, various, very, whole*. Classifiquei as demais locuções em dois grupos. Do primeiro, locuções com adjetivos prepostos, excluí os particípios presentes e passados que foram contados no item 4.3.3.4 (*changing, contrasting, winning, written, improved, finished, concerned, increased, trained, timed; network-based, fully-functioning, non-networked, correctness-enforcing*). Excluí nomes compostos de adjetivo-mais-nome que se encontram dicionarizados (*high school, higher education, human being*). Várias outras locuções, porém, entraram na contagem apesar de me parecerem indistinguíveis de nomes compostos, por não existirem critérios objetivos para excluí-los (*academic dean, literary criticism, public education, social network*).

O segundo grupo consiste de sintagmas nominais compostos de nome-mais-nome. Existem casos relativamente claros de nomes usados com a função de adjetivos atributivos (*list mechanism, newsreader boards, holiday message, drug flashback, instructor evaluation*). Existem outros casos que, por serem dicionarizados, foram considerados nomes compostos e excluídos da contagem (*bee*

TABELA 4.14 LOCUÇÕES ADJETIVAIS ATRIBUTIVAS (C&D, 1987)

Modalidade	*Casos/mil palavras*
Conversação	23
Aulas expositivas	56
Lista acadêmica	53
Cartas informais	55
Artigos acadêmicos	77

4.3.3.6.Sintagmas compostos

Segundo C&D, outra maneira de compactar informação em UEs, assim as alongando, é por meio da conjunção de elementos dentro de um único sintagma. Os exemplos fornecidos pelos autores são de sintagmas nominais e verbais:

EX. 4.9

[C&D, Ex. 18] ... slang for patients reflects responses to their *suffering and illness* (paper)

[C&D, Ex. 19] (she) ... tried to help the children *focus and structure* their discourse.

Embora não tenham sido exemplificados, existem, também, adjetivos e locuções preposicionadas compostas que servem à mesma função (11% do total no subcorpus da lista acadêmica) e que foram incluídos na contagem:

EX. 4.10

[309-206]
And the "straw man" I have created is a very real and quite vocal group of folks out there [...]

[212-325]
[...] collective wisdom you give so generously in this forum and in others.

Foram excluídos da contagem nomes próprios (*Alliance for Computers and Writing, Computers and Composition*) e expressões idiomáticas (*up and coming, back and*

---

keeper, word processor, graduate school). A maioria dos casos, no entanto, não pertence claramente a nenhuma das duas categorias, tendo de ser incluída na estatística por falta de critérios claros para excluí-los (*computer language, composition theory, data entry, desktop publishing, knowledge base, learning curve, classroom discourse, gender studies, wood stove*, etc.).

forth, up and down, over and over, by and large). Também foram eliminadas coordenações que ultrapassavam os limites de um UE:

EX. 4.11

```
[211-275]
  We start next Monday,
  and go through Feb. 2#.

[307-148]
  [...] as well as Breakfast Club and,
  for that matter,
  Sugarcane Alley
```

Nesse caso, a coordenação não está, evidentemente, contribuindo para o alongamento da UE. Pelo contrário, muitos desses casos são incluídos naqueles em que a coordenação contribui para a multiplicação de UEs: uma função oposta.

A distribuição confirma a expectativa, ou seja, há mais sintagmas compostos em modalidades escritas do que em modalidades orais, como também há maior uso em modalidades relativamente mais formais.

TABELA 4.15 SINTAGMAS COMPOSTOS (C&D, 1987)

Modalidade	*Casos/mil palavras*
Conversação	8
Aulas expositivas	12
Lista acadêmica	14
Cartas informais	18
Artigos acadêmicos	24

Os autores não mencionam outras formas de alongar UEs por coordenação. Uma encontrada no subcorpus da lista é a coordenação de orações completas dentro de uma única UE. Há 1.5 casos por mil palavras.

EX. 4.12

```
[310-295]
  That was my point and you expressed it better than I did.
```

Outras maneiras de redundar locuções presentes no subcorpus são o uso de *but, or* e a barra (/), exemplificados abaixo. Totalizam 7 casos por mil palavras.

EX. 4.13

```
[307-352]
  who are on MSU but temporarily on vacation right now.
```

[211-331]
Of course textbook include chapters or sections of the use of visuals,

[304-116]
What should the criteria for hiring/rehiring be?

4.3.4. Construção da frase

4.3.4.1. Coordenação

O único aspecto de construção da frase visto por C&D é o encadeamento de UEs por coordenação. Contam o número de UEs que começam com *and*, *but* e *so*, e calculam a *porcentagem* de UEs que começam assim. Mais uma vez, a conversa escrita de uma lista acadêmica assemelha-se a cartas informais com uma ligeira tendência de queda para o lado das modalidades orais.

TABELA 4.16 COORDENAÇÃO DE UNIDADES INTONACIONAIS

Modalidade	*Casos/mil palavras*
Conversação	34
Aulas expositivas	21
Lista acadêmica	14
Cartas informais	12
Artigos acadêmicos	4

4.3.5. Envolvimento x distanciamento

A quinta área de investigação de C&D visa a medir a qualidade da relação entre o enunciador e seu interlocutor. O modo oral leva marcas da presença física dos interlocutores e sua interação direta e pessoal, enquanto o modo escrito tende a refletir e até cultivar o distanciamento entre as duas partes.

4.3.5.1. Respostas

O primeiro teste de envolvimento x distanciamento, "respostas", é o que talvez mais distingua o discurso da lista acadêmica do seu semelhante em tantas outras áreas. cartas informais. Como será detalhado no próximo capítulo, o discurso de uma lista acadêmica é, por excelência, uma série de sequências de respostas. 85% das mensagens da MBU-L são incentivadas por algo dito em outra mensagem.

Infelizmente, C&D não elaboram seus critérios para a identificação de uma resposta, limitando-se a dizer (grifos meus):

> One obvious measure of involvement with an audience is the occurrence of language which responds to something *just said* by another person.
>
> (C&D, 1987: 19)

Seus resultados, reproduzidos na Tabela 4.17, supreendem pelo baixo índice de respostas em todas as modalidades, inclusive conversação, uma modalidade do mais alto grau de envolvimento, feita de cadeias de respostas garantidas pelas restrições de pares adjacentes. Seu índice de respostas abaixo do esperado pode ser resultado da seleção preferencial, na conversação, de monólogo:

> We selected a portion of the tape during which the speaker in whom we were interested did most of the talking. As a result, most of the samples consist of one or more narratives of personal experiences.
>
> (C&D, 1987: 2)

A ausência de respostas em cartas informais também surpreende. Será que essas cartas não tinham contextos comunicativos prévios? Nenhuma fazia parte de uma troca de correspondências? Pode ser também que C&D seguiram à risca seu critério de "*just said*", não ajustando sua interpretação ao quadro temporal apropriado para cada modalidade. Certamente o "*just*" para conversação (uma questão de segundos) não é o mesmo a ser aplicado a cartas (dias), ou a artigos acadêmicos (meses ou anos).

No caso da lista acadêmica, interpretei "*just said*" dentro do ritmo de troca de correspondências de uma lista. Contei como respostas apenas os casos em que o autor faz referência explícita a uma outra mensagem. A ligação coesiva pode ser por nome do autor da mensagem à qual a correspondência responde, por citação direta, por referência indireta, ou por rótulo de assunto reforçado por uma marca forte de coesão (como é o caso do comparativo no Ex. 4.14 [301-326]. Não contei separademente várias referências à mesma correspondência dentro de uma única mensagem.

EX. 4.14

```
[309-206]
  No, David, I think what's happened is that [...]
```

```
[211-326]  Russell A. Hunt: at risk students
  > Universities should not think in terms of "adding remedial courses." They need
  > to rethink curriculum altogether--with the student in mind.
      A tall order, given who we're talking about when we talk
  about "universities."  We're beginning such a rethinking here. [...]

[212-094] Patricia Sullivan: Re:  long msg.--fd. FTF vs CMS
understanding
  Dickie Selfe says he generally agrees with DeLamb Williams'
  conclusion [...]

[301-326] Dene Grigar: Re: Job opening: Position description
  This is even stranger:
```

TABELA 4.17 RESPOSTAS

Modalidade	*Casos/mil palavras*
Conversação	9
Aulas expositivas	2
Lista acadêmica	6
Cartas informais	0
Artigos acadêmicos	0

O resultado de 6 por mil palavras para a lista acadêmica significa que 67% das mensagens da amosta enquadraram-se como respostas, um resultado abaixo dos 85% esperados. Isso se deve ao fato de que muitas mensagens fazem referência a várias outras mensagens, ou respondem a uma outra correspondência, sem fazer referência direta no corpo da mensagem (ver Capítulo 5).

4.3.5.2."you know"

Outra marca de envolvimento sinalizado por C&D é a expressão "*you know*" como marcador discursivo (RISSO et al, 1994). Não encontrei nenhum caso no subcorpus.

TABELA 4.18 *"YOU KNOW"*

Modalidade	*Casos/mil palavras*
Conversação	11
Aulas expositivas	2
Lista acadêmica	0
Cartas informais	0
Artigos acadêmicos	0

4.3.5.3.Pronomes de 1a. pessoa

Outro índice de envolvimento, segundo os autores, é o uso de pronomes da primeira pessoa.

TABELA 4.19 PRONOMES DE PRIMEIRA PESSOA

Modalidade	*Casos/mil palavras*
Conversação	48
Aulas expositivas	21
Lista acadêmica	47
Cartas informais	57
Artigos acadêmicos	4

A contagem foi feita com as formas indicadas em C&D a título de exemplo, excluindo as formas compostas (*I'm, we've*, etc.).

Parece-me estranho que, da mesma forma que C&D usam a primeira pessoa como índice de envolvimento, não tenham usado a segunda pessoa. Os pronomes da segunda pessoa, embora não tão freqüentes, podem ter algumas vantagens como índice, por não esbarrar na questão de inibição que, segundo os autores, pode reduzir o uso da primeira pessoa quando o enunciador está na presença física do seu interlocutor.

Existem dois usos da segunda pessoa, um "pessoal" e um "impessoal", que podem ser distinguidos, mas os dois são considerados mais apropriados às situações e gêneros informais (envolvidos) do que aos formais (distanciados). O subcorpus contém 11 casos (por mil palavras) de pronomes da segunda pessoa "pessoal" e mais 2 casos (por mil) de *you* "impessoal".

4.3.5.4.Locuções adverbiais locativas e temporais

C&D sustentam que locuções adverbiais que localizam as pessoas e os eventos em tempo e espaço são sinais de envolvimento com realidade concreta.

Não fiz essa comparação por não encontrar critérios objetivos para delimitar suficientemente a classe de locuções. Existem exemplos que, como os dois exemplos prototípicos deles, claramente localizam um evento em tempo e espaço (grifos meus):

EX. 4.15

[301-096]
We'll make the award at Michigan this year [...]

Mas existem muitos outros casos de orientação figurativa, genérica, ou abstrata:

[212-325]
[...] We thank all of you for the companionship, laughter, and collective wisdom you give so generously in this forum and others.

[308-120]
When I have used groups in my class, I have had them meet in the Center at different times [...]

[309-206]
While we sit here arguing about grammar [...]

4.3.5.5.Sujeitos abstratos

Sujeitos abstratos, como (nos exemplos de C&D) *this suggestion* e *educational settings*, também não foram contabilizados para comparação, por falta de confiança nos critérios de aplicação.

4.3.5.6.Voz passiva

Mais um mecanismo de distanciamento sinalizado por C&D são "construções passivas", que têm como efeito focalizar um evento abstratamente, colocando os atores em segundo plano. Com base nos exemplos fornecidos pelos autores, entendi "construção passiva", no caso, limitada às locuções verbais na voz passiva. Eliminei os casos em que os particípios se encontram dicionarizados como adjetivos (*interested, pleased, concerned, involved, intrigued, misguided*). Sendo a voz passiva uma construção transparente, a contagem apresenta uma baixa margem de erro. Abaixo estão os resultados de C&D, comparados com os meus.

TABELA 4.20 VOZ PASSIVA

Modalidade	*Casos/mil palavras*
Conversação	3
Aulas expositivas	9
Lista acadêmica	6
Cartas informais	7
Artigos acadêmicos	22

O resultado para a lista acadêmica mais se assemelha a cartas informais. No caso da voz passiva, parece que há mais influência de relativa formalidade (aulas expositivas e artigos acadêmicos) do que influência do meio.

4.3.5.7.Advérbios de probabilidade

Além dos adverbios mencionados a título de exemplo por C&D (*normally, usually, primarily, principally, virtually*), alguns dos quais não aparecem no subcorpus, foram contados *almost*, *nearly*, e *somewhat*. Mesmo assim, o resultado não passou de um por mil palavras, abaixo de todas as modalidades estudadas por C&D.

TABELA 4.21 ADVÉRBIOS DE PROBABILIDADE

Modalidade	*Casos/mil palavras*
Conversação	4
Aulas expositivas	7
Lista acadêmica	1
Cartas informais	6
Artigos acadêmicos	10

4.4. Conclusão

Repito as comparações dos resultados tirados do subcorpus da lista acadêmica com os de C&D na Tabela 4.22.

TABELA 4.22 RESUMO DAS COMPARAÇÕES DO C&D (1987) COM MBU-L[75]

	Descrição	*Conversa*	*Palestra*	*Lista*	*Cartas*	*Artigo*
1.	***Variedade de vocabulário***					
1.1	Razão espécie/espécime	0.18	0.19	0.21	0.22	0.24
1.2	Atenuadores	4	4	0	1	0
1.3	Referências globais (3a. pessoa)	24	22	9	11	4
2.	***Níveis de vocabulário***					
2.1a	Literário	8	19	–	25	46
2.1b	Coloquial	27	18	–	16	1
2.2	Contrações	37	29	20	18	0
3.	***Construção de orações***					
3.1	Palavras por UE	6.2	7.3	8.1	8.4	9.3
3.2a	Locuções preposicionadas (LP)	53	88	91	91	117
3.2b	Sequências de LPs	6	14	15	14	22
3.3	Nominalizações	27	56	–	55	92
3.4	Particípios	5	6	9	11	24
3.5	Locuções adjetivais atributivas	23	56	53	55	77
3.6	Sintagmas compostos	8	12	14	18	24
4.	***Construção da frase***					
4.1	Coordenação e UEs	34%	21%	14%	12%	4%
5.	***Envolvimento x distanciamento***					
5.1	Respostas	9	2	6	0	0
5.2	"you know"	11	2	0	0	0
5.3	Pronomes de 1a. pessoa	48	21	47	57	4
5.4a	Loc. adverbiais locativas	14	11	–	19	6
5.4b	Loc. adverbiais temporais	16	10	–	22	8
5.5	Sujeitos abstratos	21	38	–	25	48
5.6	Voz passiva	3	9	6	7	22
5.7	Advérbios de probabilidade	4	7	1	6	10

A linguagem da lista acadêmica mais se assemelha à linguagem de cartas informais, uma modalidade também escrita. Dos dezesseis testes comparáveis, dez colocam a lista acadêmica mais próxima a cartas do que a qualquer outra modalidade, dando apoio à intuição de Marcy Bauman (vista no começo do capítulo) de que escrever para a lista é apenas uma variação de escrever cartas para seus amigos.

---

[75] Obs.: em casos por mil palavras, exceto 1.1, 3.1 e 4.1.

Por outro lado, existe uma clara *tendência* para a linguagem da lista diferir da de cartas informais *no sentido da informalidade e da oralidade*, dando apoio aos que dizem que a linguagem de correio eletrônico tem características da fala.

Em onze testes em que a lista difere de cartas informais, a diferença cai para o lado da fala (1.1, 2.2, 3.1, 3.4, 3.6, 4.1), ou para o lado da informalidade ou interatividade, isto é, aproximando-se mais da conversação do que de palestras expositivas (3.5, 5.1, 5.3, 5.6, 5.7).

Somente quatro dos testes mostram um resultado contrário (1.2, 1.3, 3.2b, 5.2), o de diferir para o lado da escrita formal.[76]

Um resultado ainda mais supreendente e promissor é a comparação dos resultados para as duas metades do subcorpus, o grupo de mensagens de 9 linhas e o grupo de 12 linhas, mostrado na Tabela 4.23. Lembrando sempre que os resultados são apenas sugestivos, nota-se que, em oito dos dez testes em que foi possível fazer comparação, a mensagem *menor* mostra uma tendência maior a conter traços da oralidade, informalidade, ou interatividade.[77]

Esse resultado apóia a intuição inicial de que mensagens de tamanhos diferentes podem demonstrar características diferentes. E, embora não tenha sido explorada nesta pesquisa, o resultado sugere a seguinte hipótese: quanto menor a mensagem, mais traços de oralidade terá. Tal hipótese é coerente com uma visão de discurso em que quanto mais elaborado um enunciado, seja por sua extensão e natureza monológica, seja pelo tempo dedicado à sua confecção e revisão, mais ele se distancia da conversação e começa a adquirir traços associados a modos formais e escritos.

---

[76] Sem testes de significância, os resultados mostrados na Tabela 4.22 são apenas sugestivos.

[77] A única exceção, referências globais, é provavelmente devida ao tamanho das mensagens. Quanto menor a mensagem, menor é a necessidade de se fazer referência a uma proposição anterior.

TABELA 4.23 COMPARAÇÕES DOS VALORES PARA 9-LINHAS COM OS PARA 12-LINHAS, MBU-L

	Descrição	*Conversa*	*9-linhas*	*12-linhas*	*Artigo*
1.	***Variedade de vocabulário***				
1.3	Referências globais (3a. pessoa)	24	9.1	9.7	4
2.	***Níveis de vocabulário***				
2.2	Contrações	37	21	18	0
3.	***Construção de orações***				
3.1	Palavras por UE	6.2	7.9	8.2	9.3
3.2a	Locuções preposicionadas (LP)	53	89	94	117
3.2b	Sequências de LPs	6	14	16	22
3.6	Sintagmas compostos	8	13	15	24
4.	***Construção da frase***				
4.1	Coordenação e UEs	34%	14%	13%	4%
5.	***Envolvimento x distanciamento***				
5.1	Respostas	9	6.4	5.6	0
5.3	Pronomes de 1a. pessoa	48	47	47	4
5.6	Voz passiva	3	5.4	5.6	22

É fácil imaginar que os interlocutores de listas de discussão tendem a encarar mensagens mais curtas como *turnos* de uma conversação (provavelmente escrita online e sem revisão) e mensagens mais extensas como *textos*.

Essa hipótese pode ser testada comparando-se grupos de mensagens menores e maiores, sempre respeitando os critérios de formação de amostras e de aplicação dos testes.

Outra hipótese relacionada com essa, que merece estudo conjuntamente, é que há mais traços da oralidade nos *começos* e nos *fins* das mensagens do que nos *meios*. Se os começos e os fins das mensagens têm um papel primeiramente social--o de estabelecer e reforçar a solidariedade comunitária em que a comunicação procede--e se as marcas de oralidade adquiriram o papel de marcar essa solidariedade, então é de se esperar que essas posições sejam privilegiadas para carregar tais marcas.

Quanto menor então uma mensagem, tanto maior a proporção dela queserá dedicada a fins principalmente interacionais e menor a proporção dedicada a conteúdo informacional.

Cohesion is the set of meaning
relations that [...] distinguishes text from
'non-text'.
Halliday & Hasan, 1976: 26

Under normal circumstances, of
course, we do not find ourselves faced with
'non-text', which is
'non-sense' of a rather esoteric kind.
H&H, 1976: 23

In the construction of text, the
establishment of cohesive relations is a
necessary component;
but it is not the whole story.
H&H, 1976: 324

5.
CONVERSAÇÃO: TÓPICO, COESÃO E INTERTEXTUALIDADE

Resumo

A possibilidade criada pela modalidade "lista" de haver conversações por escrita, sem limite ao número de interlocutores e sem controle de turno, apresenta um problema ao usuário e ao analista: como organizar o fluxo de mensagens em conversações compreensíveis? Com o rompimento do turno, a multiplicação de vozes e a perda dos canais visuais e sonoros, perde-se o suporte tradicional de administração do fluxo de enunciados e de tópicos. O que o substitui?

Uma das ferramentas disponíveis é o próprio meio escrito de que depende a modalidade: diferente da conversação oral, os enunciados têm uma permanência maior que auxilia a memória de curto prazo com registros que podem ser consultados recursivamente (embora as possibilidades dessa ferramenta ainda sejam mal aproveitadas). Outra ferramenta que provém da própria engenharia da modalidade é o cabeçalho, co-texto anexo a cada mensagem com informações sobre a procedência, destinação, tempo de envio e outras, que podem ser consultadas pelos usuários. Essa ferramenta também tem falhas que dificultam a tarefa do usuário e do analista. Mais

uma ferramenta é o software de interface, suporte para as outras duas, que executa várias operações de organização: ordenação, arquivamento, apresentação e despacho das mensagens. Também é falho e limitado.

Ainda existem as ferramentas discursivas, marcas de coesão que ajudam seus leitores a administrarem o fluxo de referências e de tópicos trazidos pelas mensagens.

Ou seja, a complexidade do fluxo de tópicos no discurso de uma lista não-monitorada cria problemas de administração parcialmente resolvidos pelos recursos de software e parcialmente resolvidos por convenções discursivas. Quando falham esses recursos, os membros ainda podem recorrer a solicitações de reparo -- se o rendimento do seu investimento de tempo for julgado compensador.

O trabalho de organização da conversação é uma necessidade individual e local. É, também, um fato público e colaborativo, e existe um termo usado pelos membros para designar a unidade básica de sua organização: o *fio*.

Neste capítulo, explico o conceito de fio e detalho sua relação com *tópico* e com rótulo de assunto. Comento as dificuldades de discriminar tanto fio quanto tópico e justifico a escolha de outra unidade, a *teia topical* como objeto de pesquisa.

Por ser teia topical um conjunto de fios e fio, por sua vez, um conjunto de correspondências interrelacionadas, passo a elaborar o conceito de *coesão* como mecanismo básico de interrelacionamento de elementos discursivos. Esboço um modelo amplo de coesão que me será útil para a identificação das teias topicais do meu corpus. Em seguida, exemplifico a reconstrução de teias topicais por meio de critérios de coesão.

Por fim, faço uma reflexão inicial sobre a aplicabilidade do conceito geral de coesão para um conceito de texto e de intertextualidade.

5.1. Teia topical

Neste item, quero conceituar um objeto de análise, a teia topical, um conjunto autônomo de fios discursivos dentro da atividade da lista. Um fio, por sua vez, é um conjunto de correspondências que tratam de um tópico ou conjunto de tópicos afins e que são interrelacionadas.

"Fio" (*thread*) é um termo endógeno às culturas de listas de discussão e é entendido sempre em relação ao desenvolvimento de um tópico (*topic*) em uma cadeia de respostas. A relação entre tópico e fio é complexa. Em geral, o tópico é considerado o conteúdo do fio, que é a cadeia de correspondências em si.

EX. 5.1 [301-166]

```
Subject: (Fwd: *C&CD*) E-Mail privacy (the thread) (15)
   This has suddenly become a major MBU-L topic. For the comp.edu.composition
   folks who may not have seen the thread, briefly the discussion centers on
   the issues of whether e-mail is (an under what circumstances) private, and
   when (how) teachers/administrators have the right/obligation to intervene to
   guard against net harassment.
```

Como os tópicos pertencem ao universo semântico e os fios, à vida material da lista, um mesmo tópico pode voltar a ser retomado em novos fios.

EX. 5.2 [306-523]

```
Subject: Re: Grammar Resources needed (long)
   Anyway, this spiralling idea seems to be reflected in the recursiveness of
   writing and of the grammar thread. Having been on MBU for
   several years, I notice that several topics emerge and re-emerge [...]
```

Os autores costumam chamar os fios pelos nomes genéricos dos seus tópicos, que podem ou não corresponder aos rótulos de assunto (e.g. "e-mail privacy", "grammar", "sexual harassment", "dialects").

No caso ideal, um tópico é iniciado por uma mensagem cujo rótulo de assunto é descritivo de seu conteúdo. Outra mensagem segue, respondendo à primeira e levando

o mesmo rótulo de assunto, precedido por "Re:", sinal de resposta.[78] A primeira resposta pode também ser motivo de resposta, assim formando uma cadeia linear de respostas, sempre com o mesmo rótulo de assunto e desenvolvendo um único tópico, que só termina quando o tópico se esgota. Isso é o protótipo de fio.

É prevendo fios simples e ordenados que a Usenet e alguns programas de gerenciamento de correio eletrônico permitem ordenar as correspondências por rótulo de assunto. Quando se opta por essa ordenação, a listagem de rótulos aparece com o original em primeiro lugar, seguido por todas as respostas em ordem cronológica. Assim, o leitor pode, em princípio, ler toda a cadeia de respostas de um único fio.

EX. 5.3 [211-730]

```
Subject: A suggestion for Harried Megabunnies
   Another
   thing I love about usenet is its ability to trace threads of
   conversation (something I can't do with my mail reader).  I can key on a
   message I like and read all messages that pertain to it before I start
   in on my next thread.
```

Seguindo o mesmo raciocínio, o leitor pode guiar-se pelo rótulo de assunto na sua seleção de correspondências.

EX. 5.4 [211-628]

```
Subject: reading the mail
   If the
   messages get long and full of multi-syllabic abstract nouns, I start watching
   the 'subject' lines and deleting that thread.
```

Fios lineares em que o rótulo é sempre descritivo do tópico são, na prática, muito raros. Três coisas podem acontecer para complicar a relação fio-tópico-rótulo:

a) O tópico sofre o processo normal de desvio, enquanto o rótulo continua igual. Aí o rótulo começa a trair o leitor, por não refletir mais o tópico.

---

[78] A maioria dos aplicativos de gerenciamento de correio eletrônico proporcia uma maneira automática de preparar uma correspondência de resposta, já preenchendo o rótulo de assunto com "Re:" prefixado.

EX. 5.5 [211-683]

```
Subject: Re: Limit your messages
   I habitually zap messages on certain threads without reading after I learn that
      the thread doesn't
   interest me (enough, given time constraints). But often the topic has shifted ut
      terly
   and I don't know it. I could be missing stuff I really DO want to be part of.
```

b) O tópico continua igual, mas o rótulo de assunto muda. A mudança do rótulo muitas vezes é motivada pelo fato de o autor não estar usando, ou não saber usar, os dispositivos de resposta automática do seu software. Neste caso, ele vai ter de digitar o rótulo, podendo introduzir erros ou simplificações. Outras vezes, o autor muda o rótulo para imprimir uma estampa pessoal na correspondência. Qualquer mudança no rótulo implica outro fio, do ponto de vista de agrupamento automático.

c) O fio deixa de ser linear. Cada mensagem pode gerar numerosas respostas, criando, não uma cadeia, mas sim uma árvore de respostas. Neste caso, nenhuma ordenação linear de correspondências seria capaz de captar o desenvolvimento ramificado do tópico, com ou sem rótulos descritivos.

É esse fenômeno de encontrar várias respostas à mesma mensagem, cada uma gerando seu fio, que é descrito no Ex. 5.6 [211-023].

EX. 5.6 [211-023]

```
Subject: Software can it be free as the air we breath? (3)
   There have been a number of threads about this topic begun when a few
   people reacted to software pricing of some of the popular composition-class
   programs. Then others, who've converted and made the purchase, defended the
   pricing. Next a few argued that their software was also available and they
   were getting ANSI about speaking/notspeaking up about their own programs.
   Finally, it seems We're back to the "we won't get rich off development
   comment."
```

No caso de [211-023], os "vários fios" que nasceram das reações a uma mensagem acabaram não se desviando muito longe do tópico central, que, segundo o autor, continua orientando a discussão.

Manter a linearidade do tópico na conversação é notoriamente difícil, porque, como observa Sacks (1992), nunca se sabe *qual* aspecto de um tópico pode ser abordado em uma resposta:

> ... when one presents a topic ... one may be assured that others will try to talk topically with what you've talked about, but you can't be assured that the topic you intended was the topic they will talk to.
>
> (SACKS, 1992: 762)

Cada mensagem pode ser vista como um pacote de potencialidades topicais, todas capazes de detonar uma resposta dentro da comunidade de leitores, iniciando, assim, *n* número de reações em cadeia.

Quando as ramificações de respostas tratam de aspectos afins do mesmo tópico, podem ser consideradas como sendo do mesmo fio, principalmente quando continuam trazendo o mesmo rótulo. Quando, porém, os conteúdos começam a diferir muito, pode-se dizer que um novo fio começou.

EX. 5.7 [303-124]

```
Subject: My tongue is in my (lingua franca) cheek (16)
   Eventually, after a week or so the discussion bifurcated. Two new threads
   eventually emerged as the original discussion continued. I'm going from
   memory as to which of the new threads emerged first. One was sexual
   harassment in the workplace, the other was causes for rape. Both began as
   part of a comment on clothing from the "bondage and humiliation" thread.
   Sexual harassment became a topic when someone pointed out that comments
   about attire in the workplace (leather and chains) could constitute sexual
   harassment. This thread took off. Another ocurred when a grad student asked
   about the idea that some women believed the way one dressed could invite
   rape. Both of these thread moved along (and still are) for over a month. For
   two weeks or more they wove in and out of the earlier flirtation polylogue.
   [...]
   The bondage and humilation thread has ended. The Sexual harassment thread
   has moved into what jokes are legal for workers to tell on the job and what
   are acceptable greetings for co-workers. Two fed. gov. workers (female) are
   leading this discussion. The rape thread has turned into a debate on whether
   rapists have any sexual motivation for their acts or whether rape involves
   only a need for power. That discussion is now between primarily two
   people--a biologist (male) and a student (female) who is also on staff and
   relatively new to the conferencing system.

   I didn't mean to go on like this, but I found all of these threads and how
   they sprang from Plato's Cave allegory--itself growing out of a simple aside
   from an adventure game scenario--to be fascinating and a little
   frightening--the way dream interpretation can be frightening.
```

Como se vê, novos tópicos podem nascer dentro de um fio e, à medida que conseguem gerar uma seqüência de respostas, passam a constituir um fio à parte. Assim, torna-se impossível manter a linearidade da cadeia de respostas, do mesmo modo que é impossível manter a ordenação automática da discussão por meio dos rótulos de assunto. Quando os tópicos se ramificam, pode demorar até que algum autor retifique o rótulo, perdurando, por algum tempo, um rótulo que pouco tem a ver com o tópico do novo fio.

Evito falar tanto em subtópicos quanto em subfios, por não existir relação de subordinação dos novos tópicos ou fios que nascem dos velhos. Subtópicos e subfios podem existir, mas devem ser estudados em relação aos mecanismos discursivos que marcam sua subordinação, seguindo sugestão de Sacks (1992: 762-3), e não por relações semânticas, cronológicas ou "genéticas".[79] Nenhuma ramificação necessariamente constitui um subfio, tratando de um subtópico. Pelo contrário, muitas vezes, o tópico generaliza-se e passa a abranger vários outros tópicos em pauta. Da mesma forma que um fio pode subdividir-se em outros fios, é possível que dois fios se juntem para criar um terceiro.

EX. 5.8

```
[212-238]Subject: monolingualism, LD, Standard English, and standards
  David Schwalm's comment links the two currnt threads on MBU ...

[307-282]Robert Delius Royar: (Fwd: *C&CD*) Pirate Software Grammar
  These three threads shall now become filaments in a thicker yarn. Knit two,
  pearl three...click click..click click click.
```

A distinção entre tópico (semântico) e fio (realização textual em cadeias de correspondências) não é sempre mantida, e "fio" acaba sendo usado como sinônimo de tópico.

EX. 5.9 [212-315]

```
Subject: Re: (Fwd: *C&CD*) RE: RE: But what can we isolated YouEssers
do? (3)
  Lis--On laughing to scorn.  There are two threads here I want to keep separate.
  One is the multi-lingual nature of Europe.  [...]

  The other thread is dialects.
```

---

[79] Ver, por exemplo, as dificuldades encontradas em Fávero (1993), na tentativa de construir "quadros tópicos" hierárquicos ("estruturados" ou "orgânicos"). O que ora é denominado "tópico" ("Influência do pai na opção profissional..."), de repente muda de estatuto ao surgir outro "tópico" ("Circunstâncias adversas..."): os dois viram "subtópicos" de um tópico mais abrangente ("Razões da opção profissional..."). Ou será que são subtópicos de um subtópico, conforme mostra o esquema ilustrativo (pp. 47-48), não obstante a afirmação da autora (p. 46) de que o subtópico é um "constituinte mínimo"? Apesar de o tópico ter "limites bem definidos" (p. 40), o problema da sua delimitação "nem sempre é tão claro" (p. 48).

Note-se, também, que o fio é necessariamente aquela realização do tópico que é fiada em público, dentro do contexto de múltiplas discussões paralelas. Quando uma discussão é levada para a troca particular de correspondências, as mensagens deixam de integrar o fio, embora continuem elaborando o mesmo tópico.

EX. 5.10 [307-414]

```
Subject: Foreign Language Requirements
   These are my thoughts with respect to the natural/computer languages
   thread.  Excuse me if they seem a bit off-the-cuff, but I was responding to
   a private message from a colleague on the same topic.
```

O fio, portanto, diferente do tópico, por ser um objeto concreto e público, parece ser um bom candidato a objeto de pesquisa.

A tarefa de demarcar um único fio, porém, é tão ingrata quanto a de demarcar um único tópico, com as mesmas ambigüidades de relação entre fio-mestre e suas múltiplas ramificações, qualquer uma das quais pode virar ponto de interesse e passar a dominar a discussão do momento. É preciso, portanto, achar um objeto de estudo mais estável, que reflita o desenvolvimento da atividade discursiva em fios, mas cuja definição não dependa de delimitação por tópico.

É para evitar esses emaranhados que opto por descrever, como objeto de estudo, a teia topical, ao invés de fios individuais.[80] Por teia topical, entendo um conjunto de fios relacionados entre si. Por interrelacionamento, entendo qualquer ligação coesiva entre as correspondências. Uma das possíveis ligações coesivas é a linearidade da chegada das correspondências nas caixas de correio. Como explico no Capítulo 2, essa

---

[80] Meus objetivos em definir teia topical são os mesmos que levam Brown & Yule (1983) a investigar tópico: "o analista de discurso deve sempre decidir ... o que constitui uma unidade de análise satisfatória" (B&Y, 1983: 69). A teia topical tem certa semalhança ao "topic framework" deles, que é o conjunto de "elementos de contexto ativados pelo discurso". Como fica claro no item 3.4, porém, definir teia topical em função das correspondências referenciadas dá uma vantagem para o analista da produção discursiva de uma lista, porque limita o universo de discurso que possa fornecer "elementos de contexto".

linearidade não reflete nem a cronologia das correspondências, muito menos seu seqüenciamento dentro de um desenvolvimento de tópico, dados os percalços de itinerário das correspondências e a ausência de controle de turno. Por isso, precisamos de outros mecanismos de coesão que possam estruturar o fluxo de correspondências. Um deles, já visto, é o rótulo de assunto, uma deixa falha e traiçoeira. Os outros mecanismos pelos quais os autores e leitores (e o pesquisador) reconstroem as teias topicais vão ser assunto do item 5.3, após uma investigação teórica do conceito de coesão.

As teias topicais são teias de fios interrelacionados. Pode-se ter a impressão de que esse conceito de teia seja tão amplo que acabe englobando toda a produção textual de um fórum num só objeto de discurso. Isso, de fato, não acontece. A produção discursiva de uma lista é sempre distribuída em várias teias topicais autônomas, que nascem, florescem e morrem independentemente, sem nenhum laço aparente. Muitas das teias são pequenas, enquanto algumas poucas são enormes, um fato que vai nos levar a uma reflexão sobre a distribuição de tópicos, no Capítulo 6.

O fenômeno de teia topical tem paralelo em outras arenas de discurso, quando se considera toda a produção discursiva: por exemplo, todas as conversações, trocas de bilhete, reuniões de trabalho, cartas e contratos de uma firma. Embora essa produção seja englobada numa única comunidade, ela se desenvolve em várias seqüências independentes de eventos discursivos integrados. Esse fenômeno foi descrito por Denise Murray em seu estudo etnográfico de um laboratório da IBM, em que ela define a "conversação para ação" (Murray, 1991a). Vou descrever, com maior precisão, a semelhança entre a conversação para ação e a teia topical no fim deste capítulo.

5.2. Coesão

A construção de fios e de teias topicais, para os membros de uma lista acadêmica, bem como para o pesquisador, depende das marcas de interrelacionamento colocadas nas correspondências. Quero classificar essas marcas como marcas de coesão, e quero, neste item, conceituar coesão como o processo responsável pelo agrupamento de elementos lingüísticos em todos os níveis, até o da teia topical, ou seja, o nível da intertextualidade. Para isso, vou argumentar que os conceitos de coesão encontrados na literatura são limitados, porque focalizam um ou outro aspecto de um processo geral. Vou aproveitar as várias versões de coesão já formuladas, para chegar a uma ferramenta de aplicação geral.

Especificamente, vou argumentar que a coesão se analisa em dois processos complementares: um processo de agrupamento de elementos lingüísticos por contigüidade e fronteiras, que chamo de coesão primária, e um processo de agrupamento de elementos não-contíguos em estruturas de ordem superior, a coesão secundária. Os dois processos operam em todos os níveis de análise.

5.2.1. A coesão de Halliday & Hasan

Dos vários tratamentos de coesão como elemento constitutivo de texto, o mais bem elaborado -- embora o mais restrito -- é o de Halliday & Hasan (H&H, 1976). Como eles são o ponto de referência para outros estudos de coesão, vou fazer uma análise mais detalhada do seu trabalho.

A lingüística textual da época tinha como meta descrever os mecanismos de organização lingüística acima do nível da frase. A contribuição de H&H foi categorizar grande número de tipos de interrelacionamento textual sob uma única rubrica: coesão. Coesão, para eles, limita-se às relações *semânticas* que criam dependências entre um elemento lingüístico e outro.

> Cohesion is a semantic relation between an element in the text and some other element that is crucial to the interpretation of it.
>
> (H&H, 1976: 8)

Com essa definição, eles conseguem agrupar fenômenos que já haviam sido apontados separadamente como elementos de ligação interfrástica, elementos às vezes tão díspares quanto referência e conjunção, elipse e tempo verbal, pró-formas e colocação lexical. Hoje, esses elementos são considerados, sob uma ou outra classificação, alguns dos elementos consagrados da coesão.

Ao lançar sua noção de coesão, H&H deixam quatro questões mal resolvidas que se tornam áreas de indefinição e divergência no desenvolvimento subseqüente do conceito: 1) a questão do não-texto; 2) a questão da necessidade e da suficiência; 3) a questão da coerência; e 4) a questão da coesão estrutural.

Essas questões são intimamente relacionadas entre si. Primeiro, vou expor o que H&H dizem a respeito delas, para, depois, comentar seu tratamento por outros autores.

5.2.1.1.A questão do não-texto.

Ao afirmarem que existe, como parte do sistema lingüístico, uma "função de formação de texto" (*textual or textforming function*) (p. 299), H&H lançam a hipótese do não-texto:

> The textual component creates text, as opposed to non-text...
>
> (H&H, 1976: 299)

O não-texto seria "apenas uma coleção de frases não relacionadas entre si", ou "uma sequência de frases desconexas" (p.1). H&H nunca exemplificam o não-texto. Na verdade, deixam o estatuto de não-texto inteiramente ambíguo. Quando dizem:

> ... we are sensitive to the distinction between what is text and what is not. This suggests that ... there must be certain features which are characteristic of texts and not found otherwise; and so there are. We shall attempt to identify these, in order to establish ... what it is that distinguishes a text from a disconnected sequence of sentences[,]
>
> (H&H, 1976: 1)

pressupõem a existência do não-texto. Por outro lado, reconhecem que a identificação de não-texto pode não ser fácil:

> We know, as a general rule, whether any specimen of our own language constitutes a text or not. This does not mean that there can never be any uncertainty. The distinction between a text and a collection of unrelated sentences is in the last resort a matter of degree...
>
> (H&H, 1976: 1)

e que, por fim, não-texto pode, na realidade, nem existir:

> Any piece of language that is operational, functioning as a unity in some context of situation, constitutes a text.
>
> (H&H, 1976: 293)

5.2.1.2.A questão da necessidade e da suficiência.

Quando H&H dizem que

> A text has texture, and this is what distinguishes it from something that is not text. [...] What we are investigating in this book are the resources that English has for creating texture[,]
>
> (H&H, 1976: 2)

é razoavel concluir que é a coesão, assunto do livro, que cria textura e que distingue o texto do não-texto. Essa impressão é reforçada com frases, como a seguinte, que identificam coesão com o conjunto (entende-se "inteiro") de recursos para criar texto:

> Cohesion is defined as the set of possibilities that exist in the language for making text hang together...
>
> (H&H, 1976: 18)

Mas parece que há mais de uma voz falando através do livro, porque, em outros momentos, a primeira definição é desmentida, e coesão é representada como apenas um entre vários outros recursos de textualidade.

> The concept of cohesion can therefore be usefully supplemented by that of register, since the two together effectively define a text. ... Neither ... is sufficient without the other, nor does one by necessity entail the other.
>
> (H&H, 1976: 23)

Registro (*register*), para H&H, é o conjunto dos reflexos linguísticos no texto que resultam da adequação do discurso a seu contexto de situação. Registro é um conceito de grande generalidade, que engloba questões de tópico, de tipo de evento discursivo, de canal, de gênero, e de relação de poder entre os participantes. Mesmo assim, acaba não esgotando todos os recursos não-coesivos de textualidade, que também incluem os elementos de estrutura, tais como sintaxe, no nível da frase (H&H, 1976: 324-326). Coesão, nos termos deles, então, parece não ser suficiente para definir um texto; vamos ver que também não é necessária. Ao comentar o seguinte exemplo:

EX. 5.11 [H&H, EX 1:32]

> Although the light was on he went to sleep. Although the house was unfurnished the rent was very high. Although he was paid a high salary he refused to stay in the job[,]

os autores admitem a presença de paralelismo gramatical que "não é irrelevante à coesão interna" [sic], mas negam explicitamente que essa "coesão interna" possa, sozinha, contribuir para a textura. [81]

Entretanto, o conjunto de frases no Ex. 5.11 não é, por isso, considerado não-texto. É recebido como texto, devido ao fato de aparecer como exercício de língua, dentro de um livro-texto:

> It is the context of situation of this passage that enables us to accept it as text.
> (H&H, 1976: 20)

Com o exemplo Ex. 5.11, os autores provam que um espécime de linguagem desprovido de coesão (tipo semântico) ainda pode constituir texto. Portanto, a coesão não é necessária; e as afirmações de que coesão e registro "juntos" definem um texto, e que coesão é necessária para distinguir texto do não-texto mostram-se equivocadas.

---

[81] "This sort of grammatical parallelism is not irrelevant to internal cohesion; it is a common feature not only of poetry but of many other kinds of discourse as well. But by itself it does not make a string of sentences into a text" (H&H, 1976: 20).

Essa conclusão é coerente com a outra, citada acima, de que qualquer trecho de linguagem -- dentro do seu contexto de situação -- constitui um texto.

5.2.1.3.A questão da coerência.

H&H escreveram seu estudo sobre o componente textual da linguagem sem se valer do conceito de coerência, hoje considerado conceito obrigatório na análise do discurso. A coerência é "a maneira em que a configuração de conceitos e relações que subjazem ao texto superficial são mutualmente acessíveis e relevantes", na formulação de Beaugrande e Dressler (1981: 4). A coerência difere da coesão por operar com elementos não presentes na superfície textual.

No entanto, H&H esbarram na coerência em dois pontos: no conceito de registro e, mais seriamente, no conceito de liga semântica, a essência do seu conceito de coesão.

É falando de registro que os autores usam a palavra "coerente" pela primeira vez, uma das pouquíssimas ocasiões em que a palavra aparece no livro:

> a text is a passage which is coherent in these two regards: it is coherent with respect to the context of situation, and therefore consistent in register; and it is coherent with respect to itself, and therefore cohesive. ... Just as one can construct passages which seem to hang together in the situational-semantic sense, but fail as texts because they lack cohesion, so also one can construct passages which are beautifully cohesive but which fail as texts because they lack consistency of register -- there is no continuity of meaning in relation to the situation.
>
> (H&H, 1976: 23)

Como já dito, o conceito de registro é amplo. Vimos, no Ex. 5.11, um exemplo que é aceito como texto, por motivos de registro, embora não tenha uma unidade semântica; parece ser suficiente que tenha uma "consistência de registro" dentro do seu contexto de situação. Mas o Ex. 5.11 é um exemplo limítrofe. O que "continuidade de sentido em relação à situação", ou seja, registro, mais parece significar é algo próximo ao

conceito de coerência hoje corrente.[82] Se o não for, falta, na teoria de H&H, um lugar para as relações semânticas que não estejam marcadas explicitamente no texto:

> There are, of course, other types of semantic relation associated with a text which are not embodied in this concept [of surface cohesion]; but the one that it does embody is in some ways the most important, since it is common to text of every kind and is, in fact, what makes a text a text.
>
> (H&H, 1976: 23)

Ao vender seu peixe, eles jogam fora o filé semântico e entregam o resto no embrulho da necessidade e da suficiência.

Mas mesmo sem o problema das relações semânticas que pertencem a registro, sobram para a teoria sérias questões sobre o nível em que operam as relações tidas como coesivas. Ao insistir que coesão se dá por dependências semânticas entre objetos na superfície do texto, eles são obrigados a responder a questões do tipo: qual é o número de mediações de sentido permitidas para ainda dizer que a relação se dá pelas *formas* presentes no texto?

Começamos a sentir o problema com a conjunção:

> [Although] the cohesion is achieved through the conjuntive expression ..., it is the underlying semantic relation of sucession in time that actually has the cohesive power. This explains how it is that we are often prepared to recognize the presence of a relation of this kind even when it is not expressed overtly at all. We are prepared to supply it for ourselves, and thus to assume that there is cohesion even though it has not been explicity demonstrated.
>
> (H&H, 1976: 229)

Ou seja, existe coesão sem forma explícita!

---

[82] "The register is the set of semantic configurations that is typically associated with a particular CLASS of contents of situation, and defines the substance of the text: WHAT IT MEANS, in the broadest sense, including all the components of its meaning, social, expressive, communicative and so on..." (H&H, 1976: 26).

A situação agrava-se quando se trata de coesão lexical, e mais particularmente o tipo de coesão lexical chamado colocação, ou seja, a tendência de palavras em co-ocorrer nos mesmos contextos. Para H&H, para efetuar uma ligação coesiva, basta qualquer relação de sentido entre duas palavras:

> ... there is cohesion between any pair of lexical items that stand to each other in some recognizable lexicosemantic (word meaning) relation. ...
> ... for textual purposes it does not matter much what this relation is. There is always the possibility of cohesion between any pair of lexical items which are in some way associated with each other in the language. So we will find a very marked cohesive effect deriving from the occurrence in proximity with each other of pairs such as the following: laugh ... joke, blade ... sharp, garden ... dig, ill ... doctor, ...
>
> (H&H, 1976: 285)

A meu ver, não existe nenhuma diferença teórica que possa distinguir o que H&H chamam de coesão por colocação lexical daquilo que outros analistas chamam de coerência mediada por "conhecimento do mundo", "*frames*", "esquemas", "planos", "roteiros", "cenários", "modelos mentais", etc.[83] (Beaugrande & Dressler, 1981: 85 ss; Brown & Yule, 1983: 233 ss).

O que liga "automóvel" com "chave", "estrada", "correr", "acidente" é nosso conhecimento do mundo. "Colocação lexical" é uma mera manifestação estatística na

---

[83] Apesar da prática de os autores brasileiros usarem *script* na sua forma original, prefiro traduzi-lo por seu equivalente português, "roteiro" (reforçando a tentativa de Cavalcanti (1989)); e isso sabendo que *script* já se encontra dicionarizado no Brasil. Na acepção de Shank, *script* significa muito mais a sequência de eventos e ações associados estereotipicamente a determinadas situações do que propriamente as palavras usadas para executá-los. Aliás, como o *script* é uma estrutura abstrata de eventos, ele pode ser realizado em várias representações superficiais. "Roteiro" capta melhor esse sentido do que *script* (em português), que inclui sempre a idéia do transcrito de enunciados. Shank não tinha essa boa opção no inglês (Shank & Abelson, 1977; Brown & Yule, 1983: 241-245). O contrário acontece com o termo *frame*, que, com sua palavra-gêmea *framework*, pode ter o sentido, em inglês, de estrutura, quadro (de bicicleta), esqueleto, armação, bastidor, moldura, padrão (de referência) e aparato (teórico). Todas essas acepções são apropriadas (e historicamente implicadas) no uso do *frame* no inglês; portanto, traduzi-lo por qualquer termo português poderia implicar perda semântica (Minsky, 1975; Fillmore, 1975; Goffman, 1974).

superfície textual de realidades relacionais no mundo, que são disponíveis mentalmente em estruturas pragmáticas.

Parece, então, que, ao optar por um conceito de coesão exclusivamente semântico e *ao mesmo tempo* operante exlusivamente na superfície do texto, H&H se condenam a sobreviver em um equilibrismo entre o que não é semântico (mas é superficial) e o que não é superficial (mas é semântico).

5.2.1.4.A questão da coesão estrutural.

Existem dois tipos de fenômeno eliminados do âmbito de coesão, por não serem semânticos, na concepção de H&H: as estruturas estabelecidas por regra ou por convenção nos vários níveis lingüísticos -- fonológico, morfológico, sintático, discursivo -- e as recorrências de elementos ou de padrões estruturais. O primeiro é representado, no nível da frase, pelas estruturas sintáticas e, no nível do gênero, pelas estruturas discursivas. O segundo é representado pela repetição ou recorrência de sons ou de estruturas gramaticais.

Já vimos um exemplo da exclusão da recorrência estrutural que H&H fazem, no Ex. 5.11. Essa exclusão já vem com uma certa ambigüidade, visto que é feita uma concessão para a "coesão interna", embora esta não contribua para a textura "por si só". Mas os autores são explícitos:

> ... we are excluding from consideration the effects of such formal devices as syntactic parallelism, metre and rhyme ...
>
> (H&H, 1976: 10)

Quanto a estruturas sintáticas e discursivas, os autores também são categóricos, embora não menos ambíguos.

> Structure is, of course, a unifying relation. The parts of a sentence or a clause obviously 'cohere' with each other by virtue of the structure. Hence they also display texture; the elements of any structure have, by definition, an internal unity which ensures that they all express part of a text. ... In general, any unit which is structured hangs together so as to form text. All grammatical units -- sentences, clauses,

> groups, words – are internally 'cohesive' simply because they are structured. The same applies to the phonological units, the tone group, foot and syllable. Structure is one means of expressing texture.
>
> (H&H, 1976: 6-7)

Coesão é limitada àquilo que cria textura *sem* o benefício de estrutura. Os mesmos processos coesivos que operam entre frases podem também operar no interior de frases, mas ficam, neste último caso, na sombra da textura estrutural, por assim dizer. Eles só começam a brilhar quando conectam elementos que já não são relacionados estruturalmente.

Quanto a estruturas discursivas, H&H apontam ora para objetos como o parágrafo ou "unidade topical" (p. 10), ora para gêneros, como "narrativa, prece, balada, carta formal, soneto" etc. (p. 327). Essas estruturas, embora também consideradas parte do componente textual, não impõem sua organização a ponto de apagar o efeito da coesão:

> It is clear that there is structure here, at least in certain genres or registers of discourse. But it is doubtful whether it is possible to demonstrate generalized structural relationships into which sentences enter as the realization of functions in some higher unit, as can be done for all units below the sentence. ... Instead we have to show how sentences, which are structurally independent of one another, may be linked together through particular features of interpretation; and it is for this that the concept of cohesion is required.
>
> (H&H, 1976: 10)

Até a força estruturalizante de um processo, como o par adjacente na conversação, parece não ser suficiente para dispensar a coesão, embora, nesse ponto, os autores sejam vagos, preferindo dizer que a coesão *complementa* a estrutura dada:[84]

---

[84] Pares adjacentes que, em 1976, eram considerados aspectos estruturais (e portanto não-coesivos), em 1989, aparecem como elementos de *coesão*, numa nova categoria, "relações orgânicas", parte da "coesão não-estrutural" [sic] (H&H, 1989: 81-82). Essa mudança é feita sem explicação e é particularmente supreendente à luz da extensa discussão que Hasan faz de estrutura (H&H, 1989: 52-69). Estrutura, na versão de 1989, é mais uma variação do que outros autores vinham investigando em termos de: os próprios pares adjacentes (Sacks, 1992), *exchanges* (Sinclair & Coulthard, 1975),

> The discourse structure of a conversation is in turn *reinforced* by the cohesion, which explicily ties together the related parts, bonding them *more closely* to each other than to the others that are not so related [grifos meus].
>
> (H&H, 1976: 327)

No fim, para explicar a textualidade, H&H constroem um enorme aparato, pequena parte do qual fica por conta de coesão. Eles mesmos não mostram como todas as partes se articulam; portanto, é difícil dizer, com certeza, como concebem o seu funcionamento total.[85] Sugiro, porém, o seguinte esquema para as partes salientadas acima:

---

interchanges (Goffman, 1976), roteiros (Shank & Abelson, 1977) e outros (Shuy, 1974; Labov e Fanshell, 1977; Stubbs, 1983), embora Hasan não faça nenhuma menção a essa literatura. Outra novidade no modelo de 1989 é a categoria "coesão estrutural" [sic], que inclui paralelismo (H&H, 1989: 81-82). Nada mais natural, dada a literatura a respeito. A única referência oferecida por Hasan, porém, é o próprio Halliday & Hasan (1976), em que paralelismo é explicitamente *excluído* de coesão (H&H, 1976: 10).

[85] Essa incerteza permanece na versão 1989 do modelo. Em 1976, "textura" parece ser o conceito mais abrangente para caracterizar texto. Já em 1989, Halliday usa o termo "coerência" ("A text is characterised by coherence: it hangs together" (p. 48)), sem nenhuma elaboração ou referência à literatura. Hasan, por outro lado, afirma que a diferença entre texto e não-texto é julgada à base de "unidade" (*unity*), que se subdivide em "unidade de estrutura" e "unidade de textura" (H&H, 1989: 52). Nenhum dos três termos entra na lista de "termos técnicos" (p. 125).

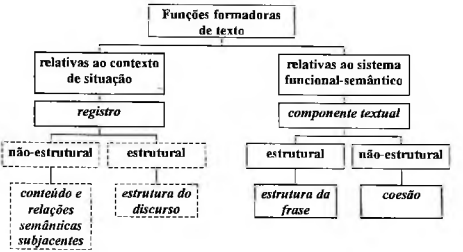

FIGURA 5.1: FUNÇÕES FORMADORAS DE TEXTO SEGUNDO H&H, 1976

5.2.2. Modelos de coesão recentes

O desenvolvimento do conceito de coesão depois de H&H tem lidado com (para não dizer "resolvido") as áreas de indefinição do modelo deles com duas mudanças básicas: a elaboração do conceito de coerência em contraponto ao de coesão; e a inclusão, dentro do conceito de coesão, de elementos não-semânticos, tais como as recorrências estruturais. Com essas mudanças, a coesão é liberada do seu atamento ao nível semântico e é estendida a outros processos organizadores operantes na superfície textual. Enquanto isso, a coerência, fundamentada em conceitos desenvolvidos em estudos psicológicos de processamento de texto, como também em modelos de inteligência artificial, procura dar conta de processos de interpretação de texto que requerem informação não-recuperável diretamente na superfície do texto (Beaugrande & Dressler, 1981; Brown & Yule, 1983).

Quanto aos limites da coesão, ainda há indefinição. Por exemplo, Fávero (1993) faz questão de demonstrar (através de testes de suficiência e necessidade) que "coesão e coerência constituem fenômenos distintos" (p. 11). Entretanto, dentro do seu rol de tipos de coesão referencial, encontra-se a *retomada do mesmo referente por*

expressões nominais definidas, onde a autora confessa que "a continuidade superficial se mantém com o auxílio do funcionamento sociopragmático da língua", ou seja, que o efeito da reiteração "baseia-se no nosso conhecimento do mundo e não num conhecimento somente lingüístico" (p. 25). A autora ainda faz ilustração usando o mesmo exemplo de múltiplo referenciamento ("Machado de Assis", "nosso maior escritor", "Mestre", "bruxo de Cosme Velho") que tão bem serve (p. 12) para ilustrar como a coerência é *distinta* da coesão, por depender de conhecimento do contexto cultural.

Voltaremos à questão da distinção entre coesão e coerência em 3.4.3.

A abertura do conceito de coesão para englobar fenômenos não-semânticos é bem ilustrada pelo esquema de coesão de Beaugrande & Dressler (1981), que generalizam o conceito de recorrência para incluir vários tipos de recorrência parcial, alguns dos quais dependem do seu conteúdo semântico e outros não:

> Repeating a structure but filling it with new elements constitutes PARALLELISM. Repeating content but conveying it with different expressions constitutes PARAPHRASE ....
>
> (B&D, 1981: 49)

Beaugrande & Dressler vão ainda mais longe quando incluem sintaxe em seu elenco de processos coesivos:

> ... SYNTAX ... imposes organizational patterns upon the SURFACE TEXT. ... In using the term "cohesion" ("sticking together"), we wish to emphasize this function of syntax in communication.
>
> (B&D, 1981: 48)

H&H não incluíam sintaxe entre os mecanismos de coesão porque ela é estruturalizante; Beaugrande & Dressler fazem o contrário: consideram coesivo qualquer processo que organize a superfície textual em agrupamentos *(chunks)* capazes de serem processados pelas capacidades limitadas da memória humana (B&D, 1981: 48-81). H&H preocupavam-se em encaixar fenômenos da superfície textual dentro de um esquema lingüístico hierárquico em que coesão tinha de ser de ordem

semântica, porque texto é "uma unidade semântica" (H&H, 1976: 7). Ao focalizar o texto, não como o produto de discurso, mas sim como o meio pelo qual o discurso é realizado em tempo real por processos cognitivos limitados, Beaugrande & Dressler procuram definir uma coesão que marque o fluxo discursivo (representado pelo texto superficial[86]) para processamento.

Houve uma mudança de foco. A atenção passou a ser concentrada no conceito de coerência, numa tentativa de compreender os processos de interpretação de um fluxo discursivo aparentemente pobre de informação. Essa mudança também mudou as respostas dadas às primeiras duas questões em aberto: a questão do não-texto e a da suficiência e da necessidade. Em geral, os autores chegam às conclusões já previstas nas entrelinhas de H&H: que o não-texto, como fato empírico, não existe; e que a coesão não é nem suficiente e nem necessária para criar texto. Essas conclusões também não estão sem problemas.

O não-texto é geralmente afastado como fato empírico, como prevê H&H. Ao invés de nao-textos, temos textos difíceis de serem compreendidos. Nas palavras de H&H, os leitores "insistem em interpretar qualquer trecho como se fosse texto quando existe a menor possibilidade de fazê-lo" (H&H, 1976: 23). Beaugrande & Dressler consideram como não-textos somente textos não-comunicativos. Para eles, o texto pode falhar na sua função comunicativa, por não satisfazer qualquer um dos "sete padrões de textualidade", dos quais coesão é um e coerência outro, mas que também incluem fatores que relacionam o interesse e o estado de conhecimento do leitor/ouvinte ao objetivo e à informatividade do texto (B&D, 1981). É esse raciocínio que leva Koch e Travaglia à conclusão de que não existem não-textos -- isto é, que um texto "pode ser incoerente em/para determinada situação comunicativa", mas que não existem textos "incoerentes em si" (K&T, 1990: 50).

---

86 "SURFACE TEXT (the presented configuration of words)" (B&D, 1976: 48).

Esses autores já pressupõem que o interlocutor esteja julgando o sucesso comunicativo de um determinado objeto lingüístico. Mas H&H parecem também ter outra preocupação ao falar de não-textos: a de saber exatamente o que é o objeto lingüístico que deve ser tratado como texto:

> It would be misleading to suggest that the concept of a text is fully determinate, or that we can always make clear decisions about what constitutes a single text and what does not. We can often say for certain that the whole of a given passage constitutes one text; and equally we can often say for certain that in another instance we have to deal with not one text but two, or more. But there are very many intermediate cases, instances of doubt where we are not at all sure whether we want to consider all the parts of a passage as falling within the same text or not.
>
> (H&H, 1976: 295)

Vou argumentar, logo abaixo, que *normalmente* a questão de "o que é um texto ou dois" é resolvida por fatores de coesão, como querem H&H, mas não a coesão semântica que eles propõem.

No entanto, o que interessa para a presente pesquisa é como as decisões sobre textualidade são feitas em condições *anormais*, ou seja, quando de fato o leitor está diante de um fluxo discursivo em que partes de vários textos se misturam. É o caso do fluxo de correspondências de uma lista acadêmica. Cada correspondência é um pedaço de um texto maior, o fio. O fluxo cronológico de correspondências é, isso sim, não-texto encontrado na vida real. E, como já foi dito, os leitores (entre eles o pesquisador) encontram em coesão sua ferramenta imprescindível.

Voltando à questão da necessidade e da suficiência, quem se preocupa em mostrar que a coesão não é necessária nem suficiente para criar texto geralmente o faz contrapondo coesão à coerência e mostrando exemplos de textos supostamente coesivos, sem coerência; ou coerentes, supostamente sem coesão (Brown & Yule, 1993: 195-197; Marcuschi, 1983; Koch & Travaglia, 1990; Fávero, 1993). O problema com o teste da suficiência é que os exemplos são todos fabricados. Aparentemente não existem, na vida real, textos que demonstrem coesão sem coerência. E, como vimos no exemplo

Ex. 5.11, qualquer exemplo, dentro de um livro cujo objetivo é exemplificar a língua, tem sua função; portanto, os exemplos inventados passam, *ipso facto*, a serem comunicativos e coerentes.

Quanto às demonstrações de textos coerentes sem coesão, que são numerosos e fáceis de serem encontrados na vida real, vou propor que os exemplos também falham porque os autores não levam em conta algum aspecto de coesão que, de fato, os exemplos demonstram. Dou dois exemplos oferecidos por Koch & Travaglia:

EX. 5.12 [K&T, EX. 7]

> O dia segue normal. Arruma-se a casa. Limpa-se em volta. Cumprimenta-se os vizinhos. Almoça-se ao meio-dia. Ouve-se rádio à tarde. Lá pelas 5 horas, inicia-se o sempre.[87]

EX. 5.13 [K&T, EX. 14]

> Triste poema para uma mulher criança. Ugo Giorgetti, uma festa de humor bandido. Premiaça. 'Flores', única unanimidade. O arraso de Magic Slim. Tite de Lemos. Diana Pequeno em nova fase canta autores inéditos. "Matogrosso", a ecóopera de Philip Glass. Duplas feitas e desfeitas. Retratos de Chet quando jovem. Ney Matogrosso, a aguda inteligência tabalha ao vivo. Quando o bem sempre triunfava sobre o mal. Romances do tempo em que se perdia a cabeça. Autor que inspirou Machado. Reflexos de São Paulo em Amsterdã. Estas são algumas das matérias do Caderno 2 de "O Estado de São Paulo", hoje, 20/06/89.

A respeito do primeiro exemplo, os próprios autores reconhecem que "*praticamente* não há elementos coesivos entre as frases" (grifo meu), mas apontam para a recorrência estrutural no paralelismo do sujeito indeterminado. Poderiam ter mencionado também a recorrência de tempo verbal, outro elemento de coesão reconhecido por Koch (1989: 53-54); ou a coesão lexical: "arrumar ... limpar"; "o dia ... meio-dia ... à tarde ... 5 horas"; "normal ... sempre".

---

[87] Miniconto publicado no *Suplemento Literário do Minas Gerais*, no. 686, ano XIV, 24/11/79.

O exemplo Ex. 5.13 é mais problemático.[88] Todas as frases (menos três) são sintagmas nominais; além disso, o único traço de coesão é "estas" na última frase; mas até esse elemento poderia ser removido sem comprometer o texto. O texto, porém, como qualquer outro texto, tem uma coesão tão gritante que costuma ser ignorada: é apresentado como um texto. Ele vem em formato de texto.

5.2.3. O modelo de coesão dupla

O exemplo Ex. 5.13 mostra bem a primeira função básica da coesão: o agrupamento de elementos lingüísticos. Houve um trabalho de agrupamento de frases por parte do autor do exemplo, e é o agrupamento tal como ele é apresentado que marca esse trecho como texto *em primeiro lugar*, antes mesmo que comece qualquer processamento ou análise da sua estrutura ou "textura". Ele já vem empacotado como texto, apresenta-se como um bloco de texto, demarcado como exemplo, dentro de um texto maior em que tais exemplos têm funcão específica.

É exatamente essa condição básica de formatação, essa coesão inicial, que *cria o leitor* diante do texto, para que ele inicie sua busca de sentido e acabe por desvendar a coerência do texto (ou por desistir por falta de conhecimento ou por impaciência, como diriam Beaugrande e Dressler (1981)). Diante de um jornal, com as manchetes espalhadas por várias páginas, separadas por colunas, em várias fontes e sem outro sinal de coesão, não haveria leitor que se desse ao trabalho de ver, no conjunto de manchetes, um texto. Foi o trabalho do autor, em agrupá-las, que é o começo da leitura desejada.

Koch & Travaglia reconhecem esse fato. Ao comentar outro exemplo, dizem: "...inicialmente, a seqüência é apresentada como um texto; quem a produziu tem a

---

[88] Parece também ser um exemplo fabricado sob medida.

intenção de que ela seja um texto e pretende realizar com ela uma intenção comunicativa" (pp. 12-13).

É esse "apresentar como um texto" que, insisto, é o processo fundamental de coesão. Sem, no mínimo, essa coesão, não existe texto, muito menos texto coerente.

Normalmente, as pessoas não precisam "descobrir" os textos dentre um fluxo heterogêneo de material lingüístico (a não ser os autores de poemas achados): o fluxo discursivo vem em blocos (*chunks*) de material com a coesão primária imprimida. O que vem dentro do bloco é mais coesivo (por proximidade) do que aquilo que vem separado pelas fronteiras. Esse processo coesivo opera em todos os níveis lingüísticos. Por contigüidade, cada fonema pode se juntar a mais dois fonemas, formando, em cadeia, uma seqüência linear. A separação dessa seqüência em blocos se dá pela marcação de fronteiras: por juntura, acento, entonação e regras fonológicas. O processo de agrupamento é recursivo. Blocos de fonemas contíguos são agrupados em sílabas; sílabas contíguas, em morfemas; morfemas contíguos, em palavras; palavras contíguas, em frases.

Recupero, aqui, o sentido de coesão enquanto união entre constituintes imediatos de unidades de ordem superior (Crystal, 1988: 50; Lyons, 1979: 211 ss).

Quero estender esse processo de agrupamento coesivo por contigüidade e fronteiras para além do nível da frase. Na conversação, frases próximas formam unidades coesivas por *default*, agrupadas por marcadores prosódicos, compassos de fala, pausa, trocas de turno, abertura e fechamento. Na prosa escrita, frases próximas também formam grupos coesivos por *default*, delimitados por espaçamento, mudança de fonte, inserção de títulos, começo e fim.

Com isso, quero estabelecer que todo trecho de discurso real é coesivo por *default*, pelo processo de agrupamento por contigüidade e fronteiras.

É claro que esse fato não passa despercebido. Beaugrande & Dressler comentam que "o formato do texto na página ativa expectativas" (B&D, 1981: 154-155). Brown & Yule dedicam atenção à forma física de textos escritos e orais, à percepção de fronteiras e às implicações que esses fatores têm sobre as interpretações (B&Y, 1983: 1-19; 94-106). Até H&H comentam que parágrafos sugerem blocos de maior coesão (H&H, 1976: 296-297) e citam, a respeito da conversação, a observação de Goffman:

> 'there tends to be a less meaningful relationship between two sequential interchanges than between two sequential speeches (ie. turns) in an interchange' (*Interaction Ritual*, p. 37).
>
> (H&H, 1976: 127)

É justamente o espaçamento do parágrafo e a maior pausa entre episódios que sinalizam, para o leitor ou para o ouvinte, os blocos de maior coesão.

> In a conversational encounter, interaction tends to proceed in spurts, an interchange at a time, and the flow of information and business is parcelled out into these relatively closed ritual units. The lull between interchanges tends to be greater than the lull between turns at talking in an interchange...
>
> (GOFFMAN, 1967: 37)

H&H estão interessados em descrever coesão como processo *linguístico*; por isso, eles põem à margem a questão da formatação do texto, que consideram um aspecto do contexto de situação. Nessa divisão entre língua e contexto, entretanto, parece-me que se perde de vista um fato crucial: que cada "espécime de linguagem" se insere no seu contexto de situação numa forma material específica e reconhecível; ele já vem empacotado, e o pacote traz informação indispensável para o leitor/ouvinte. Nas palavras de Brown & Yule:

> Where language occurs contiguously in time and space, we attempt to co-interpret. [...] We take account of columns, closeness of lineation, type of print (etc.) in processing written texts, and of voice quality, intonation and pausing in processing spoken language. Within chunks of language which are conventionally presented as texts, the hearer/reader will make every effort to impose a coherent interpretation, i.e. to *treat* the language thus presented as constituting 'text'.
>
> (B&Y, 1983: 198-199)

Em todos os níveis de análise lingüística, como já vimos, existem contornos que demarcam os constituintes: o contorno da sílaba, o contorno do turno, o contorno do parágrafo, o contorno da conversação, do capítulo, do livro, do jornal, da enciclopédia. Cada contorno contextualiza seus constituintes imediatos. Qual é o limite extremo da "linguagem", onde começa a reinar o "contexto de situação"?

Essa é a coesão primária: o agrupamento de elementos por contigüidade e fronteiras, e ela opera em todos os níveis de análise, até o nível do texto e do co-texto.

Mas, como frases, parágrafos, turnos, espisódios, que não são contíguos, também precisam ser estruturados para refletir maior ou menor interrelacionamento, existe a coesão secundária, para permitir que blocos distantes possam ser ligados entre si.[89] É essa coesão secundária que vem recebendo maior atenção, justamente porque textos, em geral, já se apresentam como unidades físicas. A coesão primária é a coesão por *default*; é a coesão de fundo. A coesão secundária destaca-se por ser a coesão *marcada*. Ela existe para superar as limitações da contiguidade.

H&H não consideram a coesão primária, exemplificada pelo parágrafo ou pelas pausas de Goffman, como processo formador de textura. Para eles, o parágrafo é um "engenho" (*device*), "introduzido na língua escrita", para "sugerir" os limites entre grupos de frases que, por *outros* motivos (semânticos), já se encontram coesos. Na análise deles, o parágrafo passou, com o tempo, de *marcador* de padrões para *criador* de padrões. A partir daí, produtores de texto teriam a possibilidade de criar um contraponto entre as *expectativas* de textura levantadas pela formatação e a textura criada *de fato* por coesão. Isso para explicar porque muitas vezes existem mais ligações coesivas explícitas que atravessam fronteiras de parágrafos do que ligações entre as frases dentro dos parágrafos (H&H, 1976: 296-297).

---

[89] Para tratamentos de como paralelismos estruturais são usados na conversação para pular grandes extensões de texto, ver McCleary (1983) e Fox (1987).

O que parece estar falando nessa explicação é uma apreciação pela utilidade cognitiva da coesão primária. Deve-se perguntar porque a formatação em parágrafos (e, anteriormente, a demarcação de palavras por espaços no encadeamento de letras alfabéticas) veio a ser utilizada como "marcador" de coesão. Certamente porque, sem a ajuda de elementos *físicos* para imprimir, no texto escrito, um suporte estrutural para a desejada coesão semântica, o trabalho de chegar a uma interpretação da estrutura semântica, somente a partir dos elementos lingüísticos, logo encontrou severos limites cognitivos. Na língua falada, como exemplificam Goffman (1967), Brown & Yule (1983) e outros, os sinais prosódicos são imprescindíveis. Com a transição para a escrita, perdeu-se essa tecnologia da fala e teve de ser inventada outra tecnologia -- a da pontuação, da formatação e da diagramação -- para re-estabelecer um equilíbrio entre o trabalho exercido pela forma física da linguagem, por um lado, e o conteúdo semântico, por outro. Sem o uso de fronteiras impostas pela forma física, os recursos de coesão lingüística não poderiam dar conta da estruturação complexa da escrita numa homogeneidade linear. Uma vez inventadas e colocadas as fronteiras, os recursos de coesão lingüística podem assumir a tarefa de articular relações semânticas entre as partes.

A coesão primária (a demarcação em parágrafos) *cria*, por uma semiótica visual, os blocos de maior coesão (primária). Os blocos se seguem linearmente, numa linearidade, porém, que não corresponde ao complexo relacionamento semântico entre as partes. Para estabelecer a coesão não-linear, existe a coesão secundária, que tem por função *atravessar as fronteiras* criadas pela coesão primária, para estabelecer estruturas não-contíguas e hierárquicas. É natural que a coesão secundária apareça na superfície textual junto às fronteiras, justamente por ser necessária para superar o *default* da linearidade.

O fato de a coesão primária -- a formatação de texto -- ser o *default* da textualidade explica, em parte, porque o conceito de intertextualidade encontra resistência. Uma conversação, por exemplo, pode ser vista como um intertexto, como o fazem

Beaugrande e Dressler (1981: 19). Para os conversandos, porém, considerar seu intertexto conversacional um texto de ordem superior não apresenta nenhum problema, porque normalmente ele se desenrola numa seqüência temporal e espacialmente coesiva, cujas fronteiras estão marcadas com aberturas e fechamentos. É quando se quer juntar essas conversações em textos de ordem ainda superior, como Murray (1992) faz com seu conceito de "conversação para ação", que se levantam dúvidas: deve uma conversação para ação ser considerada um texto? Deve uma teia topical ser considerada um texto? A própria palavra "intertexto" já vem carregada de preconceito textual. Vou voltar a essas questões no item 5.5.

Antes, porém, quero relatar um exemplo que ilustra bem meus argumentos principais: que a coesão primária é o que inicia o processo de reconhecimento de texto; e que a coesão secundária existe para superar as falhas e as limitações da linearidade tempo-espacial da linguagem.

Dos anos trinta aos cinqüenta, nos Estados Unidos, uma das brincadeiras que eram feitas durante viagens nas estradas da época, muitas vezes estreitas e precárias, era procurar a propaganda da Burma-Shave, uma marca de espuma de barbear. As crianças ficavam nas janelas à espreita, contando vacas para passar o tempo, até verem a primeira placa da Burma-Shave. Eram placas baixas, discretas, simples tiras horizontais de madeira montadas sozinhas numa estaca, a dois metros do chão. E todas do mesmo tamanho e pintadas com o mesmo fundo vermelho ou cor de abóbora. A primeira trazia uma expressão qualquer sem o menor sentido, mas era o suficiente para despertar todos os passageiros do carro. Uns cinqüenta metros adiante, aparecia uma segunda, sempre do mesmo lado e à mesma distância da estrada, com mais uma

expressão. Começava assim o processo de se montar uma rima engraçada que, depois de meia dúzia de placas, sempre tinha o mesmo desfecho: "Burma-Shave".[90]

O conjunto de placas constituía, sem dúvida, um texto, mas um texto sem as condições mínimas de coesão *por contigüidade física*. Para superar a deficiência, os idealizadores usavam a forma, cor e posição das placas, a fim de criar uma recorrência coesiva que permitisse extrair do meio-ambiente os pedaços relevantes. Não eram placas de qualquer tamanho e cor, pregadas em qualquer suporte, em qualquer posição. Não era um poema cortado em tiras lançadas ao mar em meia dúzia de garrafas. Era recuperavelmente uma unidade linguística, em primeiro lugar; depois um *jingle*, com métrica, rima, coesão interna e coerência. Como chamar os indícios que possibilitaram a recuperação, senão de elementos de coesão?

Deixei a questão dos limites entre coesão e coerência em aberto e, por fim, volto a investigar a relação entre esses dois "padrões de textualidade".

Uma maneira de ver a relação, melhor do que tratar coesão e coerência como fenômenos "distintos", é colocá-los como pólos de uma continuidade de recursos de textualidade. Desse modo, alguns elementos de coesão, como elipse ou co-referência,

---

90 Os temas eram, na maioria, relacionados com segurança na estrada, ou (naturalmente) com a necessidade de fazer a barba:

Lit a match
To check
The tank
Now they call him
Skinless Frank.
Burma-Shave.

Prickly Pears
Are picked
For pickles
No peach picks
A face that prickles
Burma-Shave

(Russ Hunt, Mark Booth e Judith Richards, c.p.)

estariam mais próximos do pólo de coesão, ou seja, do ponto onde as informações necessárias estão presentes na superfície textual, enquanto outros elementos, como colocação lexical, cairiam mais próximos do pólo de coerência, ou seja, o pólo onde as informações necessárias precisam ser buscadas no conhecimento do mundo.

FIGURA 5.2: COESÃO DE COERÊNCIA: MODELO DO CONTÍNUO

Existem, porém, dúvidas sobre a viabilidade de qualquer modelo de interpretação que se prenda exclusivamente a elementos *lingüísticos* que possam ser recuperados na superfície textual, como querem H&H. Para eles, o elemento de coesão *prototípico* é a co-referência anafórica por meio de pronome pessoal. Brown & Yule, entretanto, criticam o modelo de simples substituições em cadeias co-referenciais (B&Y 1983: 193-222). Eles argumentam que até uma operação aparentemente superficial e lingüística, como por exemplo interpretar um pronome corretamente em relação a seu antecedente, requer sofisticado conhecimento de processos e relações do mundo de experiência.

Isso sugere outra relação entre coesão e coerência: se coesão se dá por marcas lingüísticas ou quaisquer demarcações físicas aparentes na superfície textual, a liga é

feita sempre por algum processo ou estrutura cognitiva correspondente. Podemos chamar esses processos e estruturas de elementos de coerência, independentemente do nível em que operam.

Inicialmente, parecia que algumas relações necessárias à interpretação de texto operavam no nível superficial do texto (coesão), enquanto outras operavam no nível cognitivo, sem referência direta à superfície (coerência). À medida que o processamento cognitivo de textos vai sendo desvendado, fica cada vez mais aparente que, atrás de qualquer elemento de coesão, subjazem estruturas mentais que possibilitam seu processamento. A gramática como estrutura processadora de frases é um exemplo óbvio, como devem ser também os mecanismos de percepção e de coordenação de representações, que permitem interpretar corretamente sinais tão superficiais quanto a coesão primária e a recorrência de estruturas.

Podemos conceber a coerência, então, como o produto das estruturas cognitivas operando sobre a entrada discursiva; e a coesão como o produto dos sinais textuais sendo processados pelas operações cognitivas. Ou seja, como duas faces da mesma moeda.

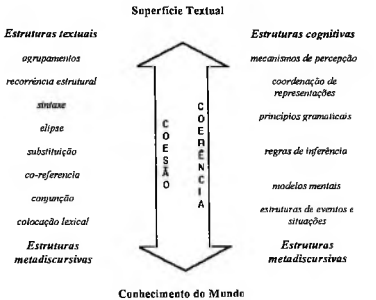

FIGURA 5.3: COESÃO E COERÊNCIA: MODELO DA FACE DA MOEDA

5.3. Análise das teias topicais

A unidade "correspondência" dentro do fluxo discursivo de uma lista pode ser um texto e pode não o ser. Ela pode ter uma coerência interna que depende, para sua interpretação, de conhecimentos do mundo (da disciplina da comunidade acadêmica, da cultura ocidental contemporânea, etc.); ou pode requerer, para sua interpretação semântica, informações específicas contidas em outras correspondências do mesmo fluxo. Neste último caso, a correspondência é um texto incompleto, um pedaço de um

intertexto, um turno isolado: um não-texto. Os textos normalmente encontram-se prontos para serem lidos. [91] O fluxo de lista de discussão não.

Apesar dos avanços de software que hoje nos ajudam com suporte técnico, a leitura, apreciação e proveito das modalidades de conversação escrita assincrônica está ainda longe de ter encontrado uma forma física adequada para representar os "textos" nela desenvolvidos. Neste item comento alguns dos problemas que existem e que devem ser superados, para que essas modalidades possam realizar seu potencial.

A primeira tarefa do leitor de uma lista é uma que é pouco normal nos eventos discursivos comuns: é a de "achar o texto" ao qual pertence o enunciado sob inspeção. Não é exatamente igual à situação mencionada anteriormente dos pedaços de texto encontrados no alto, mas -- para quem assina várias listas ativas e enfrenta um fluxo de dezenas de correspondências por dia -- é quase.

Como foi dito, algumas mensagens foram escritas para serem relativamente autônomas; mas muitas não: são turnos em um diálogo de muitas vozes e dependem do seu contexto para serem apreciadas--um contexto que não está fixado em nenhum lugar.

5.3.1. Softwares de interface e os problemas de leitura

A figura traz uma imagem de um menu de correspondências apresentado pelo software PINE. As informações ordenadas na tela são tiradas dos cabeçalhos das correspondências:

---

[91] Não foi sempre assim; as normas de apresentação mudam. Como já foi mencionado, custou para ser descoberta a "técnica" altamente útil de identificar as palavras com espaços, dentro do fluxo linear de letras. Idem no que se refere a disposições de parágrafos e à diagramação. Hoje em dia estranhamos os livros antigos: qual é o título; onde termina o título e começa o texto? Os jornais e revistas antigos hoje nos parecem mais "limpos", ou mais "chatos" e cansativos?

1. número de ordem na seqüência
2. data de envio (sem hora)
3. nome (ou endereço eletrônico) do remetente
4. tamanho
5. conteúdo do rótulo do assunto

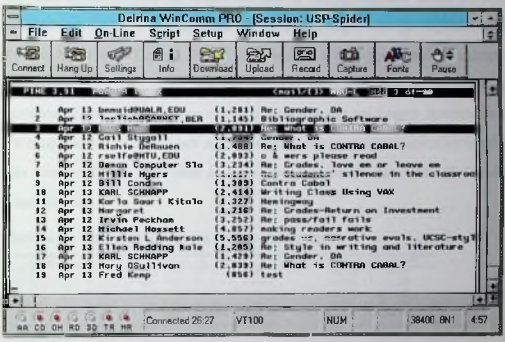

FIGURA 5.4 MENU DE CORRESPONDÊNCIAS NO PINE

São poucas informações para orientar um leitor diante da complexa tarefa de seguir várias conversações simultaneamente. É o equivalente a pretender ler vários livros ao mesmo tempo, com as páginas apresentadas alternadamente e, às vezes, fora de ordem. Nos itens seguintes, comento alguns dos problemas maiores.

5.3.2. Ordenação por tempo

A ordem *default* é a ordem de chegada. A Figura 5.4 mostra as correspondências da MBU-L que chegaram na caixa de correio dia 14 de abril de 1993. Note-se que várias correspondências enviadas no dia 12 chegaram depois de outras enviadas no dia 13. Outras, marcando o mesmo dia de chegada, podem estar fora de ordem dentro do dia.

PINE oferece recursos para reordená-las (inclusive para mudar o *default*), mas não é um comando transparente; não aparece no menu de comandos no fundo da tela. Para mudar a ordem, o usuário tem de digitar "$", depois o código do campo para ordenação: *Arrival, From, Date, Subject, Size, Reverse*. A reordenação sendo feita por data coloca o menu na ordem em que as correspondências foram enviadas originalmente. Como o cabeçalho traz não só a data, mas a hora em segundo, junto com um índice de fuso horário, PINE é capaz de ordenar as correspodências em tempo-padrão, independentemente do fuso em que foram originadas. Isso só não resolve o problema de ordenação em casos em que o cabeçalho traz um formato irreconhecível, ou em que a hora de origem está marcada erradamente.[92] A tabela mostra os horários das correspondências por ordem de envio, com a conversão para GMT (*Greenwich Mean Time*).

TABELA 5.1 HORAS DE ENVIO EM HORA PADRÃO (GMT)

MSGID	*Hora de Envio*	*Hora Padrão (GMT)*
304-201	Mon, 12 Apr 1993 09:58:00 EDT	93/04/12 13:58
304-214 *(5)	Mon, 12 Apr 1993 07:09:11 -0700	93/04/12 14:09
304-215	Mon, 12 Apr 1993 09:32:03 -0800	93/04/12 14:32
304-208	Mon, 12 Apr 1993 09:48:30 CDT	93/04/12 14:48
304-207	Mon, 12 Apr 1993 10:06:07 CDT	93/04/12 15:06
304-202	Mon, 12 Apr 1993 11:12:05 -0400	93/04/12 15:12
304-203 *(3)	Mon, 12 Apr 1993 11:47:06 EDT	93/04/12 15:47
304-198	Mon, 12 Apr 1993 14:26:04 -0700	93/04/12 21:26
304-199 *(2)	Mon, 12 Apr 1993 16:37:01 -0500	93/04/12 21:37
304-209	Mon, 12 Apr 1993 14:43:25 -0700	93/04/12 21:43
304-200	Mon, 12 Apr 1993 17:51:56 -0400	93/04/12 21:51
304-206 **	Tue, 13 Apr 1993 07:59:55 GMT-0600	93/04/13 13:59
304-204	Tue, 13 Apr 1993 07:18:47 EDT	93/04/13 11:18
304-205	Tue, 13 Apr 1993 08:54:11 EST	93/04/13 13:54
304-212 *(4)	Tue, 13 Apr 1993 09:28:00 CST	93/04/13 15:28
304-213	Tue, 13 Apr 1993 10:37:00 CDT	93/04/13 15:37
304-210	Tue, 13 Apr 1993 14:29:15 CDT	93/04/13 19:29
304-195	Tue, 13 Apr 1993 15:47:34 EDT	93/04/13 19:47
304-196	Tue, 13 Apr 1993 14:06:43 -0700	93/04/13 21:06
304-197 *(1)	Tue, 13 Apr 1993 21:50:36 ADT	93/04/14 00:50

92 Às vezes, os sistemas não fiscalizam a hora das máquinas com o devido cuidado. Das 7335 correspondências do corpus, 134 (<2%) mostrariam que foram recebidas *antes* de terem sido enviadas, se se fosse acreditar nas horas marcadas. Uma ocasião para erros é sempre a passagem para hora de verão, e vice-versa. Dentro da própria USP, em abril e maio de 1992, correspondências enviadas do IBM para o CDC4360 (Cat) estavam chegando alguns minutos *antes* de serem enviadas; nos dias 14 e 15 de fevereiro de 1995, o Convex 120 (Fox) marcava a hora do Havaí.

A primeira coluna mostra a ordem de chegada na caixa de correio. Estão marcadas (com *) cinco correspondências do fio CONTRA CABAL, mencionado no Capítulo 2, com sua ordem de chegada. Note-se que quem lê as correspondências em odem de chegada vai ler a última primeiro e a primeira por último. Cada caixa de correio pode apresentar uma ordem distinta, devido às rotas tomadas para as correspondências chegarem. Isso significa que, mesmo ordenando por hora-padrão de envio, não há como garantir que o contexto de leitura dos autores corresponda ao dos leitores. Uma correspondência ainda ficou fora de ordem: a [304-206], por trazer um formato de data irregular, foi ordenada como se fosse de fato GMT, e não -0600 (CST).

Mesmo assim, a possibilidade de ordenação por hora padronizada de envio é um grande avanço para o leitor.[93]

5.3.3. Ordenação por fio.

Quem assinar várias listas recebe as correspondências de todas na mesma caixa de correio, misturadas com suas correspondências pessoais.[94] A primeira tarefa, então, vai ser a de separar as correspondências por lista.[95] Dependendo da configuração do MLM, as listas podem chegar na caixa de correio com o nome e endereço da lista, mas não com o endereço do autor. Faltando isso, o leitor tem de abrir as correspondências uma por uma, para ver a procedência.[96] Mesmo separando as correspondências por lista e as ordenando por hora de envio, os vários fios continuam misturados. Na

---

[93] Este recurso não estava disponível na USP na época da coleta. O programa que eu usava para ler o correio era MAIL, que não tem essa facilidade.

[94] Existem maneiras de escrever programas para desviar as correspondências para pastas separadas, mas essa possibilidade está fora do alcance do usuário comum.

[95] Nos sistemas de BBS, como Usenet, os grupos de discussão são mantidos separados.

[96] É claro que os leitores desenvolvem familiaridade com os nomes mais frequentes de cada lista.

Figura 5.4 aparecem 19 correspondências da mesma lista, com 15 rótulos de assunto diferentes, representando, talvez, 11 fios diferentes.

Alguns programas de interface, como PINE e os leitores para Usenet, permitem uma ordenação por rótulos de assunto. Dessa forma, o leitor junta todas as respostas e pode ler todas elas antes de passar para outro assunto. Esse recurso tem sérios limites. Primeiramente, ordenando as corrspondências por assunto, PINE perde a ordenação por data, e volta, dentro de cada rótulo de assunto diferente, para a ordem de chegada. Igualmente sério, como vimos na discussão sobre tópicos e rótulos de assunto, podem co-existir vários rótulos dentro do mesmo fio, como também podem se ramificar os fios sob um único rótulo. PINE ordena os rótulos prefixados com Re: abaixo dos rótulos originais; mas qualquer outra divergência de formato ou ortografia é suficiente para desvincular o rótulo dos pares próximos. O que resulta é que os fios não mantêm unicidade com os rótulos.

Dessa forma, quem ordenar por assunto vai ler as cinco mensagens do fio CONTRA CABAL na seguinte ordem cronológica: 3-5-2-4-1.

No estágio atual, não existe suporte tecnológico que possa fazer uma marcação "externa" dos blocos de maior coesão interna, como diria Halliday, para aliviar a sobrecarga que fica por conta das ligas de coesão linguística e da memória de curto prazo. Falta absolutamente a coesão primária. Existem outros recursos de software e vários recursos discursivos, como as marcas de coesão, de que depende a construção de uma estrutura de conversação. Mesmo assim, a tarefa, para uma lista muito ativa, com é a MBU-L, é árdua e falha até para o pesquisador. Os membros costumam conviver com a confusão, aproveitando pragmaticamente o que podem, mas sem tirar o valor potencial da conversação.

No próximo item, demonstro uma teia topical analisada e comento os problemas para montá-la.

5.3.4. Um caso: CONTRA CABAL

Para ilustrar a estrutura de uma teia topical, escolhi a teia destacada no Capítulo 3, a conversação acerca de "invasão" da lista pelo boletim CONTRA CABAL de Paul Trummel. No Capítulo 3, focalizei as reações dos membros às correspondências invasoras, a troca de informações sobre "soluções técnicas" para o "problema", a troca de opiniões sobre o significado do CABAL para a "vida de comunidade" da lista e, por fim, a passagem da "perturbação" para o plano de folclore da lista.

Não quero sugerir que os membros reproduzam o raciocínio do pesquisador no fazer do discurso. Pelo contrário, quero mostrar como a falta de recursos de tempo e de disposição dos textos impossibilita a formação de uma imagem completa da conversação pelos conversandos.

A teia reconstruída é diagramada na Figura 5.5. Essa teia é de tamanho médio; é constituída de 46 correspondências. Não vou comentar todas as 46 correspondências, mas espero, com o detalhamento das primeiras da teia, demonstrar como a falta de suporte "físico" (tecnológico) dificulta a interpretação das mensagens que são meros pedaços incompletos de um texto maior, cujos sinais de coesão são difíceis de serem resolvidos.

Deve-se lembrar sempre que os autores, ao colocarem os sinais de coesão, estão dentro de um contexto textual--tendo acabado de ler certas mensagens e outras não--que dificilmente será reproduzido pelos leitores no seu local e hora de leitura.

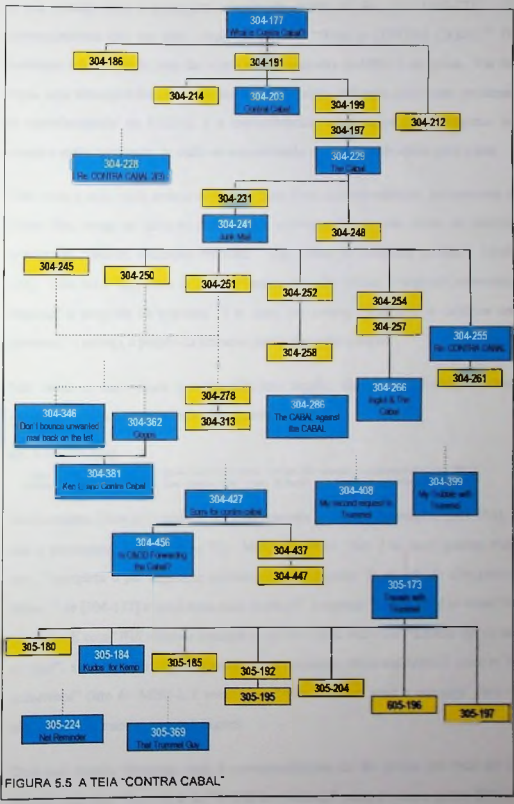

FIGURA 5.5 A TEIA "CONTRA CABAL"

A teia começa com a mensagem reproduzida inteira no Ex. 3.32 [304-177]. A correspondência traz um novo rótulo de assunto, "*What is CONTRA CABAL?*" O remetente é Russel Hunt, uma das vozes mais conhecidas da MBU-L da época. Via de regra, uma mensagem inicial de teia faz uma solicitação: primeiro coloca um problema (o reconhecimento do CABAL e a impossibilidade de livrar-se dele), pergunta se outros o estão recebendo, se estão se incomodando e, depois, pede ajuda para a lista.

Três horas e meia mais tarde e depois de mais nove correspondências pertencentes a outros fios, chega na caixa de correio uma correspondência com rótulo de assunto copiado da primeira, indicando resposta: "*Re: What is CONTRA CABAL*" [304-186]. Sem fazer referência direta à primeira, além do rótulo, a segunda mensagem responde à pergunta da primeira, "*I at least am getting these and in addition am annoyed,*" e reforça o pedido da primeira para achar uma solução.

Seis horas (e mais cinco correspondências) depois, chega a [304-191], também copiando o rótulo e respondendo diretamente:

EX. 5.14 [304-191]

```
Yes, I've been getting them too and have tried to unsub, unsuccessfully. Will
whoever decided to sub the whole MBU list PLEASE get us out of this????!!!!!!
```

Teoricamente, [304-191] poderia ser uma resposta à segunda mensagem [304-186], e não à mensagem original [304-177]. Mas a *resposta "Yes, I've been getting them too..."* completa o par adjacente iniciado com a pergunta "*Is everybody else getting these...*" de [304-177] e "*and have tried to unsub*" completa "*I have tried to unsub*"da primeira. E com "*Will whoever decided to sub the whole MBU list PLEASE get us out of this?*", a autora ecoa as pressuposições das perguntas "*How did MBU-L come to be subscribed*" (isto é: MBU-L é assinada) e "*Who needs to send a message*" (isto é: alguém precisa mandar uma mensagem).

Dois dias depois, chegaram mais 5 correspondências do fio dentre um total de 29 correspondências. Ou seja, o fio "CONTRA CABAL" passa a ocupar quase 20% do volume da conversação da lista. No dia seguinte, chegaram mais 29 correspondências,

das quais 9 tratam do caso CABAL, isto é, mais de 30% do volume. No quinto dia, chegaram mais 6 correspondênciais comentando o CABAL, quase 40% das correspondências do dia (16).

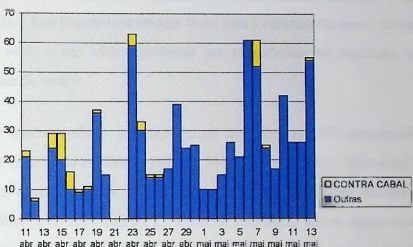

FIGURA 5.6 A TEIA CONTRA CABAL DENTRO DO FLUXO DE MENSAGENS

Depois, o número cai para uma média de uma correspondência por dia. Entre 27 de abril e 6 de maio, não se ouve mais sobre o CABAL. Em 7 de maio chega uma mensagem do adminstrador da lista que detona mais oito respostas. Depois de mais uma mensagem do administrador no dia seguinte, e mais uma cinco dias depois, o caso passa para a história da lista (ver).

A quarta mensagem a chegar já é problemática.

EX. 5.15 [304-197]

```
        As the person who started the kvetching about CONTRA CABAL,
I guess I'd better apologize.  As the owner of a list which is by
default restricted (only those who've joined can post to it), and
as someone who's received mail from a couple of other lists
saying I had to join before I could post to it, I assumed that
one had to subscribe to MSU to get the stuff.  Obviously, I was
wrong.  So there's nothing we can do about it as a list.  [...]
```

A resposta não parece dirigida a nenhuma das outras respostas. O que leva o autor a se desculpar pelo equívoco lançado em sua primeira mensagem? Por que ele agora

afirma que "obviamente" estava enganado? Por que conclui ("*so*") que não existe solução para a lista como um todo?

Há informação no cabeçalho expandido que é de utilidade potencial, o campo *In-Reply-To:*. Este item poderia ser uma chave para a estrutura das teias. Infelizmente, é pouco usado e traz vários problemas que só poderiam ser resolvidos com uma padronização melhor.

Fiz um estudo detalhado das teias topicais das primeiras 1592 correspondências do corpus, desde 30 de outubro de 1992 até 29 de janeiro de 1993. Determinei a relação entre as correspondências, organizando-as em 236 teias topicais distintas. Dessas 1592 correspondências somente 23% traziam informação útil no campo *In-Reply-To*. Mais 8% continham informação que não podia ser usada, porque identificava a mensagem sendo respondida pelo *tempo de chegada* na caixa de correio do autor da resposta, informação dêitica que perde sua utilidade para usuários de outros sistemas.

Existe uma variedade de formatos para *In-Reply-To*. Os melhores trazem identificação do autor da mensagem de referência e a hora de envio da mensagem.

TABELA 5.2 MODELOS DE "IN-REPLY-TO:"

MSGNUM:	*In-Reply-To:*
210-0[illegible]	<no.id>; from JEFFREY R. GALIN at Oct 29, 92 11:14 pm
210-0[illegible]	Message of Thu, 29 Oct 1992 20:29:35 MST from <IACDES@ASUACAD>
210-022 *	note of 10/30/92 07:53
211-002 *	In reply to your message of MON 02 NOV 1992 05:30:00 EST
211-1[illegible]	<9211052040.AA16928@macm.cc.purdue.edu>; from Patty Ericsson at Nov 5, 92 2:26 pm
211-1[illegible]	Your message of Fri, 06 Nov 92 09:07:00 -0600.
	<9211061512.AA28[illegible]@ps-1.isstate.edu>

(*) — *Hora de chegada no local de origem da resposta.*

Com um formato e uso-padrão do campo *In-Reply-To*, seria mais fácil desenvolver software que distribuísse as correspondências de acordo com suas ligações explícitas enquanto resposta.

Para o leitor com um software comum, porém, o campo é de pouca utilidade. No caso em questão, da correspondência [304-197], que chegou fora de ordem cronológica, o

campo, embora não esteja vazio, traz a informação "*In reply to your message of MON 12 APR 1993 09:37:01 EDT.*" Essa informação é duas vezes vazia: não se sabe de quem é "*your*" e não existe como saber a hora é da chegada na caixa do remetente.

O leitor, então, passa para a frente, um pouco confuso, mas esperançoso de que as ligas de coesão da correspondência sejam completadas adiante.

A próxima correspondência já ajuda. Começa com "*Why is everyone assuming the MBU is 'subscribed to' the CONTRA CABAL thing?*" e continua explicando que MBU-L é uma lista aberta, e aceita e distribui contribuições de qualquer remetente, membro-assinante ou não. Isso, por si só, pode explicar as desculpas da mensagem anterior.

EX. 5.16 [304-199]

```
Why is everyone assuming that MBU is "subscribed to" this CONTRA CABAL
thing?  All this joker has to do is send his files out to MBU, same as
we do, and everyone gets a copy.  Are we suggesting that restrictions
be placed on who can submit contributions to the MBU traffic?  [..]
```

Aqui, a informação no campo *In-Reply-To* ajuda: aponta especificamente para a terceira correspondência do fio, [304-191]. Isso torna a *expressão "why is* everyone *assuming..."* mais compreensível, já que, apesar de ser um exagero, não faria nenhum sentido se o autor não tivesse lido no mínimo duas mensagens afirmando tal assunção ([304-177] e [304-191]).

A sexta correspondência é mais difícil de ser situada dentro da teia.

EX. 5.17 [304-203]

```
I don't like it either, but I also don't think MBU is a "subscriber."
MBU is an open list--anyone can send to it, whether s/he is on it
or not.  So, I think the Caballers (caballeros?) are just sending
their stuff to lots of open lists.  It's electronic junk mail.
It's also rude, in my opinion.  Posting one copy and letting folks
who then want it to subscribe is OK, but posting every (LONG) issue
is out of line.
```

À primeira vista, essa mensagem poderia ser uma resposta à última, [304-199]. O "*also*" da primeira linha sugere concordância com a proposição do último autor de que

MBU-L não é assinante. Mas outras marcas de coesão levantam dúvidas: por que dizer "*I don't like it* either"? E por que usar "*but*" e não "*and*", se o autor estiver concordando com a proposição? O autor de [304-199] não havia dito que não gostava; foram os outros que disseram. E por que, se for resposta a [304-199], continuar sento tão explícito sobre a natureza de uma lista acadêmica, repetindo em outras palavras a informação do outro autor? Isso parece violar a máxima de quantidade à la Grice.

O rótulo do assunto não ajuda: é novo; mas também não ajudaria se fosse cópia do velho, pois este era o único, e serviria para responder a qualquer uma das correspondências anteriores.

Pela hora do envio, podemos concluir que não é, de fato, resposta a [304-199]: foi enviada às 6 horas, *antes* desta. O "*don't like it either*", então, é coesivo com o sentimento de [304-177] e [304-196], e com o "*am annoyed*" da [304-186]. O "*also*", neste caso, é coesivo com "*don't like*", da mesma frase, e não com algum co-texto.

Não é possível determinar, com exatidão, qual mensagem especificamente incentivou essa resposta. Pode ter sido o conjunto das anteriores.

Se [304-203] vem primeiro, então a [304-199] não passa a ser repetitiva? A hipótese é a de que ela foi enviada antes que o autor tivesse lido [304-203], que talvez ainda não tivesse chegado em sua caixa de correio.

[304-212] é um dos casos clássicos de transparência: além de dizer explicitamente "*I agree with Russ!*", copia a mensagem [304-177] em sua íntegra.

Essa breve demonstração teve por objetivo detalhar algumas das dificuldades encontradas por leitores que participam de uma lista. Nós vimos uma teia entre outras sendo tecidas simultaneamente. Até o pesquisador, que dedicou mais tempo e

recursos à tarefa, reconstrói as teias com dificuldade, sendo muitas vezes incapaz de resolver todos os sinais de coesão pela impossibilidade de saber o estado de conhecimento do autor diante do texto, na hora de fazer sua contribuição.

Minha proposta é que o correio eletrônico ainda está em sua infância. Estamos com um alfabeto na mão, mas ainda estamos escrevendo cadeias de letras sem espaços entre as palavras; temos uma tecnologia poderosa, mas falta ainda descobrir as técnicas que vão tirar dela maior proveito. Precisamos acrescentar a ela uma tecnologia suplementar e *coesão primária*, para que os autores e leitores possam começar a fazer o "contraponto" com a coesão secundária, que, segundo Halliday, muitos autores usam para criar seus poderosos e criativos "ritmos". (H&H 1987:296-297).

Passos nessa direção estão sendo dados. Hunt (1996) trata de problemas paralelos aos levantados aqui. Focalizando o papel do *autor*, levanta a hipótese de que uma das deficiências maiores da modalidade é a dificuldade de o autor ter acesso estável ao texto que está sendo criado. A não-presença do texto é nociva ao processo de criação e à própria cognição.

> One of the obvious consequences of being in such a situation is that your writing will tend to be structured by short-term association rather than long-term purpose. This is because planning is a recursive process. It could hardly be clearer, or more fully demonstrated in research on the composing process, that the writer looks back over what she's already written not only to see what she's prepared the groundwork for, but to remind her of possible ways ahead that she hadn't thought of. One of the most important pieces of input for the writer is the pre-existing text, and when that's gone important elements of the planning and text production processes are simply shorted out.
>
> [...] it's part of the generative power of written text that you're always looking at the same ideas, in their particular instantiation, in a new way. Clearly, it will be a great deal harder for the writer to build on the already existing text in an orderly way if it's not there to be re-examined.
>
> (HUNT, 1996)

Hunt e outros estão investigando novas possibilidades de softwares hipertextuais para o gerenciamento de mail (HyperNews e HyperMail). Esses novos softwares estão tendo mais perspectiva com o desenvolvimento do ambiente hipertextual da World Wide Web. Eles ainda trabalham com uma estrutura hierárquica de rótulos de assunto e são incapazes de mostrar o tipo de relações cronológicas que ficam mais aparentes em uma disposição gráfica do tipo sugerido na Figura 5.5.

Faltam, também, recursos de indexação dos textos, que facilitem encontrar relações lexicais não previstas por uma estruturação hierárquica. Com o desenvolvimento desses recursos, combinados com recursos de "inteligência artificial", podemos chegar a uma tecnologia de comunicação textual de muitos para muitos que torne a sua complexidade navegável, isto é, que permita aos leitores/autores múltiplas perspectivas, cortes diferentes, visões retrospectivas em que seja possível recuperar os textos-fonte em toda a sua riqueza.

5.4. A dinâmica das teias topicais

Mencionei acima uma pesquisa detalhada das teias topicais de uma parte do corpus. O objetivo da pesquisa era ter uma visão melhor de como as teias se desenvolvem: todas as teias têm começo e fim? Ou ao invés de terminar, as teias costumam se transformar progressivamente, até se tornarem irreconhecíveis? Existe um tamanho médio da teia? Um tamanho limite? Mantem-se, sempre, o mesmo número de teias em pauta, umas sendo substituídas por outras?

Uma análise dos rótulos de assunto do corpus revelou 2753 rótulos diferentes, distribuídos entre 7335 correspondências.[97]

---

[97] Aqui considero diferenças somente do texto do rótulo de assunto, desprezando o símbolo de resposta "Re:" e os prefixos "(fwd:*C&CD*)" e sufixos (*WAC-L*)(2), etc. Tais prefixos e sufixos são inseridos automaticamente pelo software do Computers and Composition Digest.

Os rótulos de assunto distribuem-se da seguinte forma, seguindo uma distribuição exponencial.

TABELA 5.3: FREQÜENCIA DOS RÓTULOS DE ASSUNTO

Freqüência	*Rótulos de assunto*	*Correspondências*
1 vez	1570	1570
2 ou 3 vezes	657	1536
4 a 7 vezes	294	1431
8 a 15 vezes	122	1264
16 a 31 vezes	44	938
32 a 63 vezes	11	446
64 a 127 vezes	2	150
Total	*2700*	*7335*

A média de repetições por rótulo de assunto é de 2.7 vezes; mas há mais de o dobro de rótulos únicos (1570) do que de rótulos repetidos uma vez (435); e estes são mais que o dobro de rótulos que aparecem três vezes (222). Dois por cento dos rótulos-espécie dão conta de 21% das correspondências (rótulos-espécime), enquanto outros 21% das correspondências carregam rótulos únicos, que representam 58% do total de rótulos-espécie.

A Tabela 5.4 traz uma relação dos 14 rótulos mais comuns. Repare-se que o segundo mais comum é o rótulo vazio. O primeiro é "Standard English".

TABELA 5.4: RÓTULOS DE ASSUNTO MAIS FREQUENTES

Rótulo de Assunto	*Freq.*
Standard English	78
[vazio]	72
irony	62
making them like us	50
Men and women	47
is the end of "the paper" in sight?	43
Grammar Resources needed (long)	40
A squirming relativist speaks out...	35
Audience Problems in FY comp	35
email privacy	35
songs and spelling	35
Students' meanings	32
Who's Responsible for Research Papers?	32
gender-bias in online communication (4)	31

Como se viu na descrição de fios, rótulos de assunto não definem os fios, que podem conter vários rótulos; tipicamente, os rótulos mais comuns geram variações. A Tabela 5.5 mostra os rótulos do corpus que contêm as palavras "Standard English".

TABELA 5.5: RÓTULOS CONTENDO AS PALAVRAS "STANDARD ENGLISH"

Variações sobre "Standard English"	*Ocorrências*	*Com "Re:"*[98]
Standard English	78	76
standard english	11	8
LD, Standard English, exclusion, and elitism	5	4
standard english/grapholects/stability	4	2
standard English	3	1
Standard English / time of class/day	2	2
monolingualism, LD, Standard English, and standards	1	0
standard English dialects	1	0
Standard English/Peg	1	1
Standard English:Stable Written Forms	1	0
Total	*107*	*94*

Nada garante que todos os rótulos contendo "Standard English" pertençam à mesma teia, ou que esgotem os rótulos da teia, como se viu no caso da teia CONTRA CABAL, que continha 19 rótulos diferentes distribuídos por 46 correspondências. Naquele caso, 10 rótulos continham a palavra "cabal"; 4 continham o nome "Trummel", e mais 5 não continham nenhum dos dois. (ver Figura 5.5)

A teia que continha as 107 variações sobre o tema "Standard English", de fato, provou ser a maior teia das que foram elaboradas nos três primeiros meses do corpus. A teia contém 338 correspondências, com 62 rótulos de assunto. Os rótulos mais comuns (cinco ou mais ocorrências) aparecem na Tabela 5.6.

---

98 A rigor, cada rótulo de assunto deveria aparecer a primeira vez sem prefixo e as próximas vezes prefixado por "Re:"; mas, como se vê, isso nem sempre acontece. Às vezes, um rótulo de assunto é repetido manualmente sem prefixar o marcador de resposta; outras vezes, uma nova versão do rótulo de assunto é modificada, sem tirar o prefixo de resposta.

TABELA 5.6 RÓTULOS DE ASSUNTO NA TEIA "STANDARD ENGLISH"

Rótulo de Assunto	*Freq.*
Standard English	78
WIOLE	27
Standardizing Composition Classes	25
High school/college comp cou	12
standard english	11
Standardizing	11
Do colleges require only first-year writing? (8)	10
apology for conferencing	9
Standardizing Composition Cl	9
Standardizing sections of composition	9
But what can we isolated YouEssers do? (3)	7
High school/college comp courses	7
not grading essay/ but satisfying the registrar	7
Participation Definition: a handout.	7
our teachers, our students	6
High school and college teaching	5
LD, Standard English, exclusion, and elitism	5
Second Language Labs	5
Standardized writing tests (3)	5

Como se vê, a conversação espalhou-se por vários assuntos vagamente relacionados: lingua-padrão, padronização de currículos, relação curricular colégio/universidade, avaliação, alunos excepcionais, exames, laboratórios, etc. No entanto, todas as ramificações eventualmente terminaram. É interessante observar que, durante o período da conversação "Standard English", não havia nenhum outro fio de destaque. As cinco maiores teias do período (todas acima de 70 correspondências) estão comparadas na Figura 1 (Fiochart.doc). Quando teve início a teia "Standard English", as outras quatro estavam terminando.

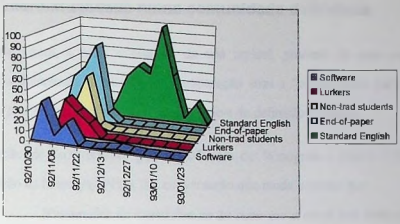

FIGURA 5.7 COMPARAÇÃO DOS MAIORES FIOS DO PERÍODO

O período de pesquisa ainda não estava avançado o suficiente, para verificar se a tendência é a de sempre se ter uma ou mais teias dominantes. Certamente, a maioria das teias são pequenas. No período, houve 1592 teias, mais uma vez com uma distribuição enviesada. Sete teias, menos de 0.5% das teias, dão conta de 54% das correspondências. Dois por cento das teias contêm 73% das correspondências.

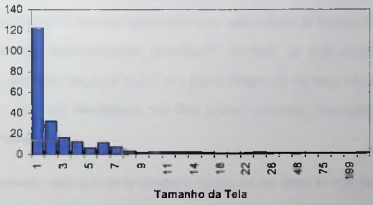

FIGURA 5.8 FREQUÊNCIA POR TAMANHO DA TEIA (EM CORRESPONDÊNCIAS)

As teias topicais representam a atividade organizada da comunidade da lista. Estão sempre começando e terminando, num fluxo contínuo. Nunca se sabe quando uma correspondência vai detonar, dentro da comunidade, um fervor de atividade.

5.5. Intertextualidade numa comunidade delimitada

Passamos, agora, a rever o estatuto da teia topical, produto de uma comunidade discursiva delimitada, à luz de uma comparação com a "conversação para ação" da Murray, produto de uma comunidade discursiva de definição ambígua.

O conceito de "conversação para ação" vem de Winograd e Flores (1986). Na formulação de Murray (1991a), é a conversação que muda o *status quo*.

> [Conversation for action] changes the *status quo* at one or both levels of language: ideational and interpersonal.
>
> (MURRAY, 1991A: 3)

O conceito de ação para Murray é amplo:

> ...action as I use it here does not refer to physical action but encompasses a broad range of activities, including the establishment of power relations or affect through language.
>
> (MURRAY, 1991A: 84)

Uma conversação para ação é uma interação discursiva entre duas ou mais pessoas, que tem por finalidade mudar a situação material, informacional ou interpessoal. Uma conversação para ação começa tipicamente com uma solicitação (*request*) e só termina quando esta é reconhecidamente satisfeita.[99] O ciclo de solicitação-negociação-afirmação, chamado "negociar ação", é a parte obrigatória de uma conversação para ação. Ela pode ser emoldurada por dois ciclos opcionais, "negociar abertura" e "negociar fechamento".

Uma conversação para ação pode ocupar o espaço de um único evento discursivo, por exemplo, uma conversação telefônica, ou uma troca de correspondências eletrônicas; ou, mais comumente, como Murray demonstra bem, pode completar-se somente

---

[99] É interessante observar que o fragmento de conversação analisado por Brown & Yule (1983: 75-79) para ilustrar seu conceito de *topic framework* também começa com uma solicitação e termina quando é confirmado que a solicitação foi satisfeita.

depois de vários "episódios", eventos discursivos independentes que podem ser separados no tempo e no espaço e que podem ser realizados em meios e por modos diferentes, sem unidade de tempo ou espaço (ver 2.2.1).

> [...] I would argue that conversation is not medium or mode dependent; conversations may cross many media and modes, including a face-to-face fragment, a telephone fragment, an E-mail fragment, etc. Thus, conversation is any interactive, cooperative exchange through language between two or more human beings.
>
> (MURRAY, 1991a: 83)

Os episódios freqüentemente têm a estrutura de uma conversação "real", como Murray chama as conversações com a estrutura descrita pelos analistas da conversação (p. 93), e portanto podem incluir segmentos de "negociar abertura" e "negociar fechamento". Esses elementos, porém, não são suficientes para demarcar uma conversação "completa". A conversação para ação -- a conversação completa -- começa quando é lançada a solicitação e termina só quando fica registrado lingüisticamente que a solicitação foi atendida. Quando falta um desses eventos, a conversação é classificada como episódio. Os episódios retomam questões abertas em episódios passados, ou deixam pendentes questões para serem tratadas em episódios futuros.

No exemplo Ex. 5.18, Murray mostra como uma conversação aparentemente completa entre Sid (S) e Les (L) é, na verdade, apenas um episódio de uma conversação para ação, que começou anteriormente e vai continuar ainda em outros episódios.

EX. 5.18 [MURRAY, EX. 22]

S1: ARE YOU THERE?
L1: here
S2: HOW COME THE OLD RECORD WAS WRONG FOR NODE?
S3: HOW COME BERVM HAS ANOTHER RECORD NUMBER?
S4: I HAD UPDATED FROM PIPVM1 TO PIPVM0 ON 11/29
L2: sounds like our data base machine is not keeping things in synch.
L3: will check with harvey
S5: OK. THANK YOU. BYE FOR NOW.

Apesar de conter sua própria abertura e fechamento, o Ex. 5.18 contém dois sinais que colocam a conversação dentro de uma estrutura maior. O primeiro é a "definitização" da expressão "the old record", em S2. Murray explica que existe uma seqüência de eventos discursivos que constroem o contexto para o qual essa referência aponta. É normalmente um elemento de coesão -- neste caso a referência -- que liga um episódio aos anteriores. O segundo sinal de que a conversação não está completa é a promessa de ação no futuro, em L3. Isso indica que a questão ainda está em aberto e vai requerer outros eventos discursivos (no mínimo dois: um entre Les e Harvey e mais um entre Les e Sid), para fechar a conversação para ação.

É a seqüência desses episódios, relacionados entre si, que constitui a estrutura maior, a conversação para ação.

Essa concepção de conversação -- uma estrutura que interrelaciona episódios que ocorrem separadamente dentro do fluxo discursivo total de uma comunidade -- tem paralelos com nossa teia topical. Assim como, a partir do fluxo linear de correspondências, os membros de uma lista precisam manter os fios separados e interrelacionados, os colegas de um laboratório precisam manter em aberto vários "fios" de conversações para ação em progresso. E como demonstra Murray, são elementos de coesão que fornecem os sinais, tanto para os membros quanto para o pesquisador, de que um evento discursivo constitui um episódio de um fio de episódios.

Na discussão acima, usei "conversação" em dois sentidos: como sinônimo de conversação para ação e para qualquer trecho de conversação, seja ele uma conversação para ação completa, ou apenas um episódio, com ou sem os rituais de abertura e fechamento de uma conversação "real". Murray também usa o termo nesses dois sentidos, e ainda num terceiro, como evidencia sua definição, citada acima: conversação como "qualquer intercâmbio cooperativo por meio linguístico entre duas ou mais pessoas" (p. 83). Assim, parece estar usando "conversação" como sinônimo

de "discurso", termo que define como "qualquer realização lingüística" e que prefere ao termo "texto", por enfatizar o aspecto interativo de toda realização discursiva. Nesse sentido, em que "artigos em periódicos são episódios de conversação em que a participação é altamente convencionalizada" (p. 84), Murray aproxima-se do conceito de diálogo de Bakhtin, embora pareça desconhecer esse autor.

Não é claro, porém, se Murray concebe todo discurso como conversação. Num contexto em que acaba de definir conversação como "qualquer comunicação interativa entre duas ou mais pessoas", continua: "por interativo, quero dizer que conversação não é ritual; pelo contrário, conversação muda a natureza dos acontecimentos" (*changes the shape of what is going on*) (p. 85). Parece, então, que haveria outro tipo de discurso, o ritual, que não muda a situação; e que, portanto, a conversação limita-se à conversação para ação, aquela que efetiva a mudança.

Mas não é isso que Murray insiste em dizer em vários outros trechos, onde contrasta "conversação para ação" (que muda o *status quo*) com "conversação para manutenção social" (que mantém o *status quo*). Ela chama essas duas modalidades funcionais de conversação de "dois tipos de discurso" (pp. 60-61; 84) e apresenta o seguinte gráfico:

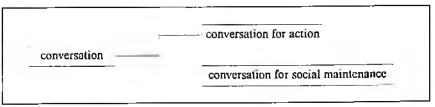

FIGURA 5.9 CONVERSAÇÃO SEGUNDO MURRAY (1991A).

Conversação para manutenção de coesão social é aquela conversação conhecida por "bate-papo" (*chat*):

> [Chat] confirms areas of solidarity and keeps participants' mutual knowledge up to date through confirmatory exchanges.
>
> (MURRAY, 1991A: 3)

Ao mesmo tempo em que faz questão de distinguir conversação para ação do papo, diz não querer estabelecer uma dicotomia:

> I do not wish to set up a strict dichotomy here, but merely to draw attention to this twofold face of conversation. Conversation types do not occur in any discrete fashion; there is a constant interweaving of both types in most interactions.
>
> (MURRAY, 1991A: 84)

O que sobra, infelizmente, é uma dicotomia confusa.

Papo é classificado como gênero (p. 60), enquanto conversação para ação é apresentada como "padrão de discurso" (*discourse pattern*) (p. 3), ou "estrutura geral" (p. 61), que se manifesta em várias formas, ou gêneros, tais como "desenvolvimento colaborativo de informação" (p. 135-148), cada um dos quais pode embutir (ou ser realizado por) outros gêneros, como narrativas, relatos de eventos ... ou o próprio papo.

A meu ver, Murray complica a situação desnecessariamente no seu esforço de estabelecer a conversação para ação como objeto de estudo, separada da conversação para manutenção social. Foi, aparentemente, uma tentativa de limitar o escopo do trabalho e de poder aproveitar, como ponto de partida, o modelo de conversação para ação de Winograd e Flores (1986).

Julgo mais razoável considerar "mudar o *status quo*" e "manter o *status quo*" como funções básicas presentes em toda manifestação discursiva, que tende ora para uma, ora para outra, sem poder jamais abrir mão das duas: toda mudança, nos termos de Murray, tem forçosamente de acontecer colaborativamente dentro de um meio social estável, em que os papéis dos membros são reconhecidos. Murray não nos dá exemplos do que seria o gênero de papo, mas, dentro dos seus exemplos de conversação para ação, vêem-se muitos casos de manutenção ou reconfirmação da ordem social ou do conhecimento compartilhado. Aliás, parece-me que as partes "opcionais" da conversação, o "negociar abertura" e o "negociar fechamento", são os rituais típicos conhecidos para negociar mudanças de estado (de não-interlocutor para

interlocutor e vice-versa) dentro de uma hierarquia de poder ou de conhecimento. O mesmo acontece com as justificativas de solicitações ou de não-cumprimento, habituais na parte obrigatória da conversação para ação, o "negociar ação". Essas justificativas, à medida que cumprem o papel de afirmar, ou de atenuar o diferencial de poder entre os membros, exercem a função da manutenção da ordem social, embora não sejam "conversa mole". A própria conversação para ação, na sua função de "mudar o status quo" nos níveis físico, ideacional, ou afetivo, também exerce uma função estabilizadora dentro da comunidade, à medida que cumpre os objetivos e a missão da organização, assim operacionalizando (e justificando) sua hierarquia interna e, com isso, garantindo sua continuidade.

Duvido, também, que estruturalmente o papo seja tão diferente da conversação para ação. Certamente pequenos episódios de conversação para ação devem acontecer durante o bate-papo da hora do café, quando alguém se lembra, ou é lembrado, de alguma informação. E o próprio papo não dispensa o ciclo solicitação-negociação-afirmação (como acontece com qualquer narrativa, com sua justificativa e avaliação), embora a negociação seja tipicamente mais fácil, o objetivo do papo sendo o de demonstrar a boa vontade. Os ciclos são tipicamente mais curtos, curtíssimos, tudo sendo resolvido na hora, sem deixar dependências. A função do papo de manter os membros atualizados também requer trocas de informação mesmo que esta seja, em grande parte, conhecida; a troca é feita na eventualidade de alguém desconhecer algum fato. E mesmo informação sabidamente conhecida é apresentada no papo sempre com alguma avaliação, valendo tanto para mudar atitudes, quanto para mantê-las.

De qualquer maneira, a escolha de Murray de focalizar a conversação para ação parece ter tido motivação tática: conversações para ação têm começo e fim, portanto, podem ser analisadas integralmente. Resta saber se o tipo de discurso deixado de lado, o papo, também pode ser analisado em estruturas coesivas e discretas. Embora eu tenha afirmado acima que a conversação para manutenção social ocorre também em ciclos negociados, não posso garantir que esses ciclos não constituam, sempre, apenas

episódios de ciclos maiores. Certamente é comum, na conversação social, introduzir tópicos com alguma referência a outro discurso: ou a uma outra interação entre os interlocutores, ou a um discurso público, como relato de jornal ou cena de novela. Essas referências criam ligas coesivas entre os discursos e justificariam sua inclusão numa grande teia topical. Aí a dúvida: será todo o discurso interligado numa única teia global, ou haveria uma maneira sistemática de isolar teias topicais autônomas?

Não posso responder a essa pergunta diretamente, tomando por base o discurso em geral, que não foi objeto desta pesquisa. Mas a experiência com o discurso de uma lista sugere uma abordagem promissora.

Como já disse, é perfeitamente viável analisar todo o discurso de uma lista em teias topicais autônomas, cada uma com começo e fim; elas têm início em uma mensagem (tipicamente uma solicitação) e, por mais ramificações que gerem, acabam sempre se esgotando.

E, no caso da lista, trata-se de toda a produção discursiva, tanto para ação quanto para manutenção social. Aliás, como a existência da lista não independe da sua produção discursiva, não só a manutenção da ordem social, como também sua própria constituição são estabelecidas por meio das comunicações de que são construídas as teias topicais.

Levanto a hipótese de que o que permite descrever a autonomia das teias topicais dentro da produção discursiva de uma lista é a autonomia desta produção dentro de um contexto discursivo maior. O que pertence e o que não pertence à comunidade da lista é indiscutível. Se uma correspondência chega às caixas de correio dos membros, distribuída pelo software de distribuição e com a procedência da MBU-L, passa a integrar o discurso da lista, mesmo que seja uma correspondência repassada, particular, defeituosa, ou invasora (ver Capítulo 3, p. 76).

As teias só se propagam pelas ligas coesivas dentro da produção da lista e não entre ela e discursos cujo âmbito é externo. Por isso, pode-se estabelecer, com exatidão, o começo de uma teia, mesmo uma que faça referência a um fato público: inicia-se, quando o fato é mencionado pela lista. Se o mesmo fato é mencionado em outra ocasião, mas sem referência à primeira menção, inicia-se outra teia. Em 1994, houve uma discussão sobre redação-para-fins-reais x prática-de-exercícios. O tema já havia sido discutido um ano antes, mas não houve nenhuma referência à teia anterior até que um membro mandou uma cópia de uma parte da outra conversação.

As teias topicais agrupando a produção de uma lista podem ser autônomas, porque existe um mundo discursivo que engloba a lista e que fornece referências, sem integrar o discurso da lista.

Um bom exemplo é o caso da Guerra do Golfo, relatado por Syverson (1994). Ela descreve como uma correspondência à lista XLCHC, em setembro de 1990, incluindo uma solicitação de material referente ao Oriente Médio, desencadeou uma teia topical que, por um tempo, dominou a vida discursiva da lista. A teia topical consistia apenas das correspondências distribuídas pela lista, inclusive uma que incluía um artigo acadêmico inteiro. Se fôssemos incluir, na teia, todos os discursos estranhos à lista, da vida cotidiana dos membros, nela referenciados, a teia expandiria além dos limites imediatos da lista e perderia seu contorno finito. Inúmeros exemplos do corpus da MBU-L ilustram o mesmo princípio.

Gostaria de argumentar que a produção discursiva de uma lista fornece uma amostra controlada de um fenômeno geral do discurso. Acredito que todo discurso de qualquer comunidade pode ser analisado em teias topicais relativamente discretas, a partir de uma definição precisa dos limites da produção discursiva da comunidade.

Um estudo tal qual o de uma equipe de navegação feito por Hutchins (1995) pode indicar o caminho. A atividade da equipe foi filmada e a produção discursiva gravada durante extensos períodos de trabalho. Todos os documentos que fazem parte do

treinamento e do referencial do trabalho são conhecidos; os limites funcionais da equipe são estabelecidos pelo regulamento do serviço.

O caso do laboratório da IBM estudado por Murray é mais complexo. Ela conseguiu captar uma pequena parte da enorme produção discursiva de um grupo de laboratórios, focalizando um pesquisador e seus interlocutores durante períodos intermitentes. Naturalmente, quanto mais complexa e volumosa for a produção discursiva de uma comunidade, mais difícil mapear suas teias topicais até o limite. Mas a hipótese a ser estudada é de que elas existem e que são distribuídas de forma regrada.

As comunidades complexas, como a do laboratório da IBM, ou outras ainda mais abertas, como a de uma igreja, um partido político, uma disciplina acadêmica, ou uma nação, são complexas, em parte, porque incluem várias redes internas de comunicação que se interrelacionam de várias formas e nas quais cada membro ocupa múltiplos papéis. Por mais que os membros queiram agir de acordo com um único papel, as mensagens acabam levando traços dos outros papéis, ligando-as com discursos de âmbitos diferentes. Essa interpenetração dos discursos, segundo a qual qualquer intenção de mudar o *status quo* dentro de um pode acarretar, ao mesmo tempo, uma confirmação do *status quo* dentro de outros, é um dos motivos para a estabilidade (leia-se conservadorismo) das sociedades.

A produção discursiva de uma lista acadêmica permite-nos observar o comportamento da atividade discursiva de uma comunidade relativamente simples e bem definida. Nessas comunidades, como veremos no Capítulo 6, existem mecanismos pelos quais o discurso acaba se ordenando. Tais mecanismos, que regulam o discurso de uma lista, podem sugerir mecanismos que atuam em outras arenas do discurso, infinitamente mais complexas e difíceis de serem estudadas.

Our ongoing conversation remains
the primary spiritual environment to which
our lives are brief visits. We are guests of the
conversation.
Robert Hopper, 1992

6.
COMUNIDADES E O DIALOGISMO DE SISTEMAS COMPLEXOS

Resumo

Desde o Capítulo 2, tenho usado o termo "comunidade", sem definição, para me referir a uma experiência freqüentemente constatada pelos usuários de modalidades de comunicação de muitos para muitos.

Neste último capítulo, quero mostrar que essa sensação de comunidade surge, em parte, por meio de um trabalho regulamentador da comunicação; que, na experiência da lista, existe um senso da precariedade da comunicação, que gera, nos membros, uma atitude de vigilância. Nada garante a comunicação, como nada garante a continuidade das comunidades em que ela se desenvolve. Vou optar por um conceito de comunidade que favorece a atividade dos membros enquanto agentes autônomos e vou considerar alguns modelos da evolução de entidades de ordem superior que resultam da atividade autônoma das suas partes. Vou sugerir que o valor da CMC para o estudo da comunicação e sua relação com as formas sociais resultam da facilidade que a CMC oferece de conceber a evolução de grupos sociais.

6.1. A tecnologia e o conceito da comunicação

Uma idéia de como a CMC pode mudar a perspectiva sobre a comunicação é dada pela comparação com o efeito de outra tecnologia: o telefone.

Hopper (1992) argumenta que foi a tecnologia do telefone que permitiu a "redescoberta da fala". Sustenta que foi a experiência com o telefone neste útlimo século que conduziu o homem a abstrair o diálogo enquanto atividade social e objeto de estudo. O telefone é, mais do que tudo, uma tecnologia que coloca *dois* interlocutores em uma troca *linguística*, que tem *começo* e *fim*. Nossa experiência da fala, antes do telefone, era em eventos discursivos de um para muitos, como, por exemplo, palestras e sermões, ou, senão, dentro do fluxo contínuo e sempre contextualizado da conversação face-a-face, em que as trocas puramente lingüísticas se misturavam com as trocas em todos os outros sistemas semióticos da cultura em que não se podia demarcar, com exatidão, o começo e o fim de uma interação e em que uma troca conversacional entre dois era dificilmente separável das trocas com outros agentes.

O telefone criou uma modalidade que extraiu dessa teia de trocas uma só ligação diádica, limitando-a ao meio sonoro e marcando nitidamente o começo e o fim pela abertura e fechamento do canal. Segundo Hopper, as teorias de comunicação dialógica, de todos os tipos, só foram possíveis numa época pós-telefone. Ele mostra que o "*circuit de la parole*" de Saussure (1915) e o modelo matemático da comunicação de Shannon (1948) são isomórficos com o diagrama esquemático do telefone do seu inventor Bell (1876).[100]

O modelo da comunicação implícito em todas essas concepções, segundo Reddy (1979), instalou-se na nossa consciência através de uma linguagem metafórica de "conduíte" (ver, também, Lakoff & Johnson, 1980): *mensagens* são *codificadas* por um *enunciador* e passam por um *canal*, para serem *decodificadas* por um *receptor*. É

---

100 Referências apud Hopper (1992: 28-29, 36): Saussure, F. de (1985/1915) *Cours de linguistique générale*. Publié par C. Bally et A. Sechehaye, Édition critique préparée par T. de Mauro. Shannon, C.E. (1948) A mathematical theory of commmication. *The Bell System Technical Journal, 27*, 379-423. Não há referência para Bell (1876).

uma abstração diádica por excelência. A crítica de Reddy procura resgatar a natureza *situada* e *construída* da comunicação. Ele argumenta que a abstração do conduíte oculta o fato de que o receptor só pode "decodificar" corretamente à medida que seu mundo de referências corresponde ao mundo do enunciador. Ou seja, a mensagem codificada contém instruções para uma reconstrução de um determinado estado das coisas. Se os elementos para uma reconstrução fiel não estiverem disponíveis ao receptor (e que nunca estão, porque nunca seu estado de conhecimento é igual ao do enunciador), então a reconstrução será feita com outros materiais. Aquelas instruções que não fazem sentido no local de reconstrução terão de ser "reparadas", ou adaptadas, ou substituídas, ou simplesmente suprimidas.

Hopper sugere que até os teóricos do diálogo e da conversação, como, por exemplo, Bakhtin (1986) e Schegloff (1982), estão presos à perspectiva diádica representada pelo telefone (Hopper, 1992: 89). Enquanto Saussure e Shannon privilegiam o enunciador, num ato que se completa com a decodificação da mensagem no local de destino (uma visão monológica), Bakhtin e os analistas da conversação insistem na natureza intrinsicamente *dialógica* da comunicação.[101] O receptor, como aquele cuja *resposta* determina antecipadamente o valor do enunciado, participa ativamente da enunciação a cada passo do processo de comunicação. A visão dialógica, apesar do avanço da sobre seu rival monológico, não deixa de focalizar a troca entre dois, o diálogo: os dois interlocutores que completam a ligação telefônica.[102]

---

[101] Na verdade, a visão dialógica de Bakhtin vai muito além do modelo do telefone, aproximando-se mais à visão de teia-sem-fim. Para Bakhtin, um diálogo nunca se completa, mas deixa sempre uma resposta por vir. O recorte estratégico dos analistas da conversação permite a descrição de microgêneros como as aberturas e os fechamentos de episódios conversacionais. Esse trabalho de descrição, por sua vez, só foi possível graças a uma outra tecnologia, a gravação sonora.

[102] Hopper admite que, no início do telefone, linhas comunitárias eram comuns e que, modernamente, existem modalidades de ligações de "conferência"; no entanto, ele mantém que a ligação diádica é a prototípica da tecnologia (1992: 30-31).

Resumindo, o telefone forneceu um modelo e um suporte técnico para conceber a comunicação em termos de *dois* interlocutores trocando *mensagens codificadas* através de um mesmo *canal*, dentro de *episódios* delimitados.

Quero sugerir que a comunicação mediada pelo computador é capaz de fornecer um modelo e um suporte técnico para o desenvolvimento de uma concepção de comunicação ao mesmo tempo mais completa e suficientemente delimitada que serve para a construção de teorias.

Foi visto, no Capítulo 5, que a CMC, nas suas modalidades mais características do meio, as de comunicação de muitos para muitos, é, *por excelência*, comunitária. Dois conversandos, em episódios esporádicos, não constituem uma comunidade. Muitos conversandos, numa continuidade comunicativa que engloba muitos episódios conversacionais e em que os membros podem mudar, mas a conversação continua, não podem deixar de formar uma comunidade. Esse é o avanço do modelo da CMC sobre o modelo do telefone. A limitação que faz do modelo um objeto passível de descrição teórica é que as comunidades formadas pelas modalidades da CMC ainda são recortes relativamente discretos, finitos e delimitados do grande fluxo conversacional de que toda a vida social participa. Como se viu no Capítulo 5, o discurso que pertence a uma lista é, por definição, aquele, por mais variado que seja, que passa pelo MLM e é distribuído aos assinantes. Essa limitação torna possível uma análise de como o discurso se desenvolve dentro de uma comunidade formada pelos múltiplos agentes de resposta.

A tendência de a CMC gerar comunidades é atestada por uma literatura crescente que tem acompanhado o desenvolvimento do meio. Meyer (1989), Meyer & Thomas (1990) e Barlow (1990) descrevem os valores e a organização social do "submundo" dos *hackers*. MacKinnon (1992), focalizando Usenet, conclui que ela constitui uma "sociedade distinta" que, como tal, desenvolve mecanismos de controle social. Jones (1991) propõe uma etnografia da Usenet. Smith (1992) faz uma etnografia de um

BBS, The WELL. Ried (1991) descreve a comunidade gerada no IRC. Os MUDs e os MOOs são objeto de vários estudos das comunidades virtuais às quais os usuários reportam pertencer (Curtis, 1992; Bruckman, 1992; Reid, 1994; Sempsey, 1996).

De especial interesse para muitos estudiosos são as questões de acesso e controle nas novas comunidades, e a possibilidade de se criarem sociedades virtuais mais "democráticas" do que as sociedades reais, que carregam limitações históricas e pesados compromissos com tradições textuais e semióticas (Rheingold, 1993; Romano, 1993; Fernbach & Thompson, 1995). A promessa da democratização tem sido testada em relação à questão do perfil e do comportamento da mulher dentro das sociedades virtuais (Cherny, 1994; Herring, 1992, 1993; Herring et al., 1992; Selfe & Meyer, 1991).[103]

A vantagem que, para os estudiosos, as comunidades virtuais da CMC tem sobre as reais é que as comunidades formadas são, como os diades formados pela tecnologia do telefone, discretas, delimitadas e totalmente dependentes dos seus textos, todos, teoricamente, recuperáveis. As comunidades são inseridas em outras comunidades, como se viu no Capítulo 3, mas são distinguíveis. Quem participa das outras atividades constituintes da comunidade profissional dos estudiosos de "redação com

---

[103] É claro que a preocupação com a relação recíproca entre a atividade discursiva e a criação de estruturas sociais não é exclusiva dos estudiosos de comunidades virtuais. Pelo contrário, ela participa de uma consciência crescente que abrange estudos em antropologia, sociologia, psicologia social, sociolinguística e teoria literária (ver, por exemplo, Gilbert & Mulkay, 1980; Woolgar, 1980; Milroy, 1980; Milroy & Milroy, 1985; Smith, 1984; Morris, 1988; Rubin, 1988; Fairclough, 1992). Também não são somente as comunidades mediadas pelo computador que são tidas como "virtuais". Fishman classifica algumas comunidades de fala em função da sua força de integração *simbólica* (1972: 31), uma visão elaborada por Anderson (1983) na sua explicação da origem das nações modernas. Vale enfatizar que Anderson ressalta o papel de uma outra tecnologia da comunicação, a impressão tipográfica, como suporte dessas novas comunidades imaginadas.

auxílio da informática", mas não lê, nem escreve os textos da MBU-L, não é um "Megabuddy".[104]

6.2. O trabalho de regulamentação social

Criar um "espaço", ou uma "comunidade", ou qualquer outra metáfora semelhante pela qual os membros possam orientar suas atividades requer um trabalho especificamente social. No Capítulo 4 viu-se um exemplo da forma que tal trabalho pode assumir: a adoção de traços linguísticos de "oralidade" para marcar envolvimento, proximidade, ou seja, interação, ao invés do puramente informacional.

Nos Capítulos 3 e 5, na discussão do fio CONTRA CABAL, viu-se outro exemplo de trabalho social sendo feito: proteção dos membros; articulação de uma ética; trocas de informações metadiscursivas.

Esse trabalho coletivo pode ser visto em todas as listas que geram um fluxo constante de correspondências. Normalmente, ele assume a guisa de discussões sobre certos tópicos-chave. Um desses tópicos, como se viu no caso CONTRA CABAL, é a *invasão*; outro é o *volume* de correspondências; outro é a presença de mensagens *pessoais* no espaço público; outro é a *espontaneidade* das respostas; ainda outro é o estatuto dos *lurkers*, os leitores silenciosos. Esses pontos de atrito são todos interrelacionados, são críticos para a vida social da lista, e são mutualmente conflitantes e insolúveis. É freqüentemente observado que emergem ciclicamente em todas as listas.

O tópico da "invasão" preocupa-se com a relevância das correspondências aos objetivos da coletividade. A relevância é valorizada porque não há espaço (de disco, e

---

[104] Essa situação contrasta com aquela descrita por Murray (1991), em que a CMC é subordinada às outras atividades e aos objetivos da comunidade de membros do laboratório da IBM. Nesse caso, as conversações para ação não poderiam ser delimitadas pelo uso da rede.

principalmente de tempo) para processar mensagens irrelevantes. O tópico de "volume" trata exatamente dessas limitações. Qual é o volume certo? Como controlar o volume? Existem maneiras técnicas de controlar o volume, como, por exemplo, estabelecer um limite de correspondências que podem ser distribuídas por dia.[105] Mas que não existe um volume "ideal" para listas em geral é ilustrado na seguinte mensagem de uma administradora de outra lista.

EX. 6.1 [212-199]

```
[WORDS-L] started as a list
for discussion of the English language but gradually broadened to include
just about any topic that the participants were interested in discussing.
It's very much like a large cocktail party with interesting, well-educated
guests. Many different conversations are going on. Nobody is required to
participate in all of them... People who find the party a bore can leave.
Newcomers who express disapproval of the party and want to change it to
meet their personal expectations of how it should be going are sometimes
flamed, always laughed at. Some of them become intrigued by the reactions,
hang around, and turn into list "regulars." [...]
List traffic is pretty high. I moved the
daily threshold from the listserv default of 50 to 75 as soon as I took
over listowner responsibilities. Shortly thereafter I moved it to 150, then
200. After having to send the 'free' command several days in a row when the
threshold was 200, I moved it up to 300, where it has remained for the past
year or so. There are very few days that the volume exceeds 200, however.
The last time I checked the stats, the average was something like 135 messages
a day.
```

Ou seja, cada lista encontra um nível "certo", que reflete a disposição de (um certo número de) membros assíduos. Como mostra o Ex. 6.1, esse nível se mantém, em parte, porque os participantes entram e saem conforme um complexo cálculo individual que pesa variáveis, como tempo disponível, atração pelo discurso, estilo individual de leitura e reposta, recursos de software disponíveis e competências técnicas. Sem fluxo de mensagens, a lista morre; não é capaz de atrair novos membros, e os velhos esquecem de mandar informações novas e não respondem porque não têm o que responder. Com fluxo demais, a lista muda de figura. O que era uma rua residencial torna-se uma via expressa.

---

[105] Existem, também, as outras soluções mencionadas nos Ex. 3.35 [304-257] e [304-266]. Outra, naturalmente, é tornar a lista monitorada, fechada, ou "somente por convite".

Outro foco de discussão metadiscursiva na MBU-L é a espontaneidade das mensagens. Normalmente, erros de digitação passam sem comentário, ou são acompanhados (ou seguidos) de reparos ou notas culpando o software, a falta de tempo, ou a falta de condições de fazer revisão. Mas atrás dessa atitude aparentente tolerante dos erros, existe uma valorização positiva deles enquanto sinais de envolvimento. Essa função ficou clara num fio em que se fazia apologia dos erros, a ponto até de inverter-se (ironicamente) o valor da correção. O argumento era que erros significavam espontaneidade, e a espontaneidade significava disponibilidade de se expor. A preocupação com a revisão significava a vontade de maquiar-se, isto é, de certa forma, de falsificar-se, distanciar-se.

EX. 6.3

```
[309-282]
  I'm one of the on-the-fly types.  In spite of a difficult line-editor
  interface, I prefer to type online.  [...]
  I knew that there are those here who treat an obviously carefully composed
  missive with suspicion.  In the past, I have sometimes even shared that
  sentiment.  But since the FORUM I see it as a matter of personal style,
  not--or not usually--political statement.

[305-234]
  I like the notion of people havinf e-mail personalities.  I have always thought
  of composing off-line in WP program as cheating (though prob'ly most readers
  wish I'd do it, since I can't type worth a damn!) and I am suspicious of off-
  line messages.
```

Mais uma vez, os membros lidavam com um paradoxo. Por um lado, reconheciam o valor do envolvimento representado pela aproximação (neste caso, no tempo); por outro lado, reconheciam o valor, na sua função didática, profissional e intelectual, das mensagens ponderadas. Reconheciam que a comunidade dependia dos dois tipos de interação, e que essa necessidade poderia ser atingida até com a arte do disfarce: a simulação da espontaneidade em mensagens revisadas.

Finalmente, existem as ubíquas discussões sobre os "lurkers". A preocupação com os membros silenciosos tem várias facetas. O que pensam eles? Por que não se manifestam? Pode-se confiar em pessoas que se escondem? Eles estão usando as idéias dos outros sem contribuir? Será que estão sendo inibidos ou silenciados pelos membros mais verbosos? Será que não lhes deveria dar mais espaço e encorajamento

para que pudessem se expressar? Pode uma comunidade que não ouve a maioria das vozes considerar-se "democrática"? Os "lurkers" devem ser considerados membros plenos? Os membros falantes não dependem do corpo de ouvintes constituído dos "lurkers"? O que determina a passagem de um membro do estado de "lurker" para o estado de membro participante?

Atrás dessas preocupações escondem-se mais paradoxos acerca da condição de membros da comunidade que nunca podem ser completamente conhecidos e que ocultam seus objetivos individuais. O valor do "lurker" é óbvio, embora raramente dito. Se os "lurkers" começassem a falar, como se poderia estabelecer um fluxo razoável de mensagens? Ou seja, é bom que maioria fique calada. Por outro lado, os "lurkers" representam um dos grandes recursos naturais da lista. Nunca se sabe quem entre eles pode reter informação que irá contribuir na hora oportuna, seja por meio de correspondência particular, seja por correspondência à lista.

Não há evidências diretas de que todas essas discussões metadiscursivas modificam sensivelmente o compartamento dos membros, ou efetivamente controlam o fluxo de correspondências. Como se viu no caso de CONTRA CABAL, sua função pode ser, acima de tudo, a de *formulação*, ou seja, o ato de os membros comunicarem, entre si, a categoria de atividade da qual participam (Sacks, 1992: 515-22). A afirmação da sua atividade como cooperativa, engajada, de confiança e de benefício mútuo e, ao mesmo tempo, inclusiva e democrática, ajuda os membros a identificar um objeto ao qual podem orientar sua participação: uma comunidade.

6.3. Comunidades e seus membros

Falei até agora de "membros" e de "comunidade" sem tratar de dar-lhes uma definição técnica. "Comunidade" é notoriamente ambígua e resiste a definições.

> Cooperation, communication, duration, stability, interconnectivity, structure, boundaries, intersubjectivity, and generalized accounting systems, however inexact, are all certainly characteristics of community and at worst are useful guides to their

> identification and evaluation. Nonetheless, even the unanimous presence of each of these characteristics does not ensure the success of a community.
>
> (SMITH, 1992)

Na sociolingüística, o conceito de comunidade tem sido usado para servir de base social para a descrição das variedades lingüísticas; mas as definições variam. Para uns, as comunidades são co-extensivas com as variedades; para outros, são delimitadas pelas redes de interação comunicativa; para ainda outros, são determinadas pelo conhecimento compartilhado das *normas* que regulam os padrões de uso das variedades lingüísticas em pauta (Hudson, 1980: 25-27).

Swales (1990) faz questão de distinguir comunidades "sociolingüísticas" (*speech communities*) de comunidades "socio-retóricas" (*discourse communities*). Para ele, comunidades de *discurso* (leia-se "discurso escrito") são *exclusivas* e existem para determinados fins, enquanto comunidades de *fala* são *inclusivas* e atendem primeiramente às necessidades sociais básicas, como as de socialização e solidariedade.[106]

Certamente a MBU-L satisfaz os critérios "necessários e suficientes" elencados por Swales, para se classificar entre as comunidades de *discurso*. Mas, como se viu na discussão acima sobre os focos de metadiscurso, os membros preocupam-se com muito mais do que simplesmente com os objetivos públicos da lista. O conflito gerado acerca das questões de participação, comum a todas as comunidades virtuais ativas e estáveis já estudadas, indica que a "socialização e solidariedade" são mais do que um mero acréscimo, como diria Swales (1990). O próprio Swales admite que

> it is necessary to concede that the account I have provided of discourse community, for all its attempts to offer a set of pragmatic and operational criteria, remains in at least one sense somewhat removed from reality. It is utopian and 'oddly free of

---

106 É curioso observar que Swales publica um livro sobre *gênero*, em 1990, sem sequer mencionar Bakhtin.

> many of the tensions, discontinuities and conflicts in the sorts of talk and writing that go on everyday in the classrooms and departments of an actual university'
>
> (SWALES, 1990: 32)[107]

Quero sugerir que, se existe uma "comunidade" da MBU-L, não é apesar das tensões, das descontinuidades e dos conflitos que nela persistem, mas, em parte, por causa deles. São eles que sinalizam, para os membros, o contorno da comunidade, e comunicam, uns para os outros, a quem se deve sua continuidade.

Se a comunidade depender, num certo nível de análise, de conflito, perde algo do seu valor enquanto referência "natural" para se generalizar sobre usos de linguagem. É por esse motivo que Hudson (1980) abondona a "comunidade de fala" (ou comunidade discursiva) com base em generalizações sociolingüísticas a favor de "redes de relações individuais":[108]

> [...] in at least some cases it turns out to be better to analyse people's relations to each other in terms of networks of individual relations rather than in terms of groups to which they may or may not belong. In other words, it is possible that speech communities do not really exist in society except as prototypes in the minds of people, in which case the search for the 'true' definition of 'speech community' is just a wild goose chase.
>
> (HUSDON, 1980: 30)

Hudson adota uma perspectiva pela qual a comunidade "*seems to exist only to the extent that a given person has identified it and can locate himself with reference to it*" (1980: 71.

---

107 A citação é de Joseph Harris (1989), The idea of community in the study of writing, *College Composition and Communication, 40*, 14.

108 Prati (1987) também rejeita o conceito de comunidade "utópica" que tem embasado a lingüística desde o estruturalismo até a sociolingüística variacionista e sugere, no seu lugar, uma "lingüística de contato", para focalizar as tensões que operam na língua em todas as situações. McCabe (1987) prefere assumir essa realidade com o termo "lingüística de conflito".

A perspectiva de Hudson vem ao encontro da noção de "membro" elaborada por Garfinkle (1972). Para Garfinkle, qualquer ordem social é uma realização dos membros (*members' accomplishment*):

> In exactly the ways that a setting is organized, it consists of members' methods for making evident that settings' ways as clear, coherent, planful, consistent, chosen, knowable, and uniform, with reproducible connections -- i.e., rational connections. In exactly the way that persons are members to organized affairs they are engaged in the serious and practical work of detecting, demonstrating, persuading through displays in the ordinary occasions of their interactions the appearances of consistent, coherent, clear, chosen, planful arrangements. In exactly the ways in which a setting is organized, it consists of methods whereby its members are provided with accounts of the setting as countable, storyable, proverbial, comparable, picturable, representable – i.e., accountable – events.
>
> (GARFINKLE, 1972; 323)

Ou seja, a organização existe à medida que é reconhecida e comunicada pelos próprios organizandos; a comunidade existe à medida que é "detectada" e "demonstrada" pelos próprios comunicandos.

A comunidade, então, pode ser entendida como uma entidade de ordem superior criada pela ação coordenada de agentes autônomos.[109] A coordenação é realizada localmente através dos mecanismos de comunicação.

6.4. Ordem e caos

Não vou ousar, neste trabalho, sugerir um modelo para o discurso, baseado no recorte que a CMC faz da comunicação. No entanto, não quero terminar sem apontar algumas áreas de pesquisa na relação entre a comunicação e a formação de ordem que vêm se desenvolvendo nos últimos quarenta anos, o mesmo período que vem crescendo o uso

---

[109] Deve-se entender por "autônomo" o fato de o agente responder a necessidades locais e imediatas. Os agentes não são autônomos no sentido de serem constituídos independentemente do seu meio imediato; pelo contrário, é o tipo de trocas feitas no local que determina o desenvolvimento tanto do agente quanto do seu meio.

do computador na ciência (e na comunicação). Essas pesquisas estudam como sistemas dinâmicos (como, por exemplo, sistemas biológicos) usam informação (e ruído!) para se organizar e se desenvolver.

> Almost from the beginnings of information theory as a discipline, researchers began considering the possiblity of using information as a parameter for measuring the organizational complexity or adaptive variety of systems that were more than simple communicative messages, most notably biological systems. More important than measurement, however, was the role of information as a concept for understanding biological organization, the preservation (and development) of beings characterized by ordered complexity in a universe governed by the second law of thermodynamics.
>
> (PAULSTON, 1991: 39-40)

Esses estudos estão sendo desenvolvidos na física, astronomia, geologia, meteorologia, biologia e inteligência artificial e usam técnicas desenvolvidas na matemática. Coletivamente são conhecidos como os estudos de sistemas complexos, ou, mais popularmente, as ciências do caos.

No entanto, já existem trabalhos da teoria literária, da sociologia e da cognição social que procuram aproveitar *insights* dos estudos de sistemas complexos, para enriquecer a visão contemporânea (leia-se pós-moderna) do discurso (Hayles, 1989; Hayles, 1991).

De interesse especial para a presente pesquisa, é um trabalho que ilustra sua tese com dados derivados de uma lista eletrônica. Syverson (1994) descreve sistemas complexos como

> adaptive, self-organizing, and dynamic; they are systems which are neither utterly chaotic nor entirely ordered, but exist on the boundary between these two states. Ecological systems are "metasystems" composed of interrelated complex systems.
>
> (SYVERSON, 1994: xiii)

Na sua discussão de uma teia topical sobre a Guerra do Golfo (ver 5.5), Syverson comenta que a introdução de um tópico numa lista cria uma "perturbação" que se propaga através do sistema distribuído da lista. Sugere que a distribuição dos fios é sempre assimética (isto é, muitos fios de uma só mensagem e poucos fios grandes), e

que essa assimetria exemplifca a "lei de potência", típica de sistemas chamados por Bak & Chen (1991) "criticalidades auto-organizadoras" *(self-organizing criticalities)*.[110]

> [...] the vast majority of messages generate a fairly small disturbance in the overall system, with only a few messages responding to the initial proposal of a topic; a much smaller number propagate more widely, affecting more people over more time, and generating a higher volume of messages on the topic. This is a function of distribution, and it represents one of the most fascinating areas for study in research on computer-mediated discourse.
>
> (SYVERSON, 1994: 194)

Syverson não tinha dados sobre as teias formadas durante o período de coleta da lista que estudou[111] A presente pesquisa, entretanto, confirma a hipótese da Syverson, mostrando uma distribuição exponencial das teias topicais durante os três primeiros meses (ver Figura 5.8).

Um exemplo de uma teoria da organização biológica é a de Maturana e Varela (1992), que desenvolvem um modelo de sistemas biológicos (e sociais) auto-organizadores.

> Our proposition is that living beings are characterized in that, literally, they are continually self-producing. We indicate this process when we call the organization that defines them an *autopoietic organization*.
>
> (M&V, 1992: 43)

Essencial a essas entidades auto-organizadoras são a dinâmica de transformações "internas" que produzem a fronteira das entidades, bem como as próprias fronteiras,

---

110 Bak & Chen dizem que a lei de potência é uma propriedade de sistemas complexos num estado de "caos fraco" (*weak chaos*). Dois exemplos oferecidos pelos autores de sistemas em estado de caos fraco são terremotos e ecossistemas. No caso de abalos sísmicos, constata-se que, em qualquer região, o número de abalos de pequena intensidade é muito grande, enquanto o número de abalos de grande intensidade é sempre muito pequeno. A distribuição dos abalos por intensidade é dada pela lei de potência.

111 Ela apresenta, a título de exemplo, a distribuição do número de mensagens de uma teia enviadas por cada autor, que segue distribuição semelhante à encontrada nesta pesquisa, Figura 3.4.

que, por sua vez, possibilitam as transformações. Essa descrição vale tanto para entidades da escala da célula individual, quanto para organismos multicelulares (unidades de segunda ordem) e grupos sociais (ligas de terceira ordem).

O conceito de Maturana e Varela (M&V) da comunicação é radicalmente contrário ao do conduíte do modelo do telefone. Para eles, biologicamente, não existe "informação" transmitida por um canal. A reação da unidade (por exemplo, uma mudança estrutural) a um agente perturbador, vindo do seu meio, é determinada exclusivamente por sua dinâmica estrutural, e não pela perturbação ("informação", estímulo) que recebe (1992: 196).

Mudanças estruturais sofridas por unidades causam perturbações no meio ambiente (inclusive em outras unidades em contacto). Acoplamentos estruturais (entre unidades, ou entre uma unidade e seu meio) formam-se quando as perturbações da unidade com seu meio (e vice versa) causam mudanças congruentes nas duas partes, o que mantém as respectivas estruturas (1992:75).

Para unidades sociais humanas, segundo M&V, as ligas são mediadas por trocas linguísticas (*linguistic trophallaxis*):

> Unlike the chemical trophallaxis of social insects, it allows for limitless recursions in the coupling of behavioral capabilities of social individuals with the changes in social life that they generate, without the need for continual physical interactions.
>
> (M&V, 1992: 218)

Talvez por serem biólogos, a teoria de autopoiesis de M&V não considera o papel da tecnologia do homem, além da própria linguagem, como fator das suas formações e evolução sociais. Holland (1995), desenvolvendo modelos computacionais, procura generalizar os fenômenos tratados por M&V numa teoria de sistemas complexos adaptativos que possa modelar qualquer sistema, seja ele uma metrópole, um sistema imunológico, um sistema nervoso, ou um ecossistema.

O modelo assume que qualquer sistema complexo é feito de elementos adaptativos (agentes), cuja dinâmica estrutural (para emprestar um termo de M&V) é determinada por um conjunto de regras simples do tipo estímulo-resposta. Agentes de um nível de análise podem ser agregados para formar outros agentes de nível hierarquicamente superior (por exemplo, pessoas agregam-se para formar uma firma; firmas agregam-se para formar uma indústria). Adaptação é um processo pelo qual os agentes modificam suas estruturas para se aproveitarem melhor do ambiente.

Para Holland, todo sistema complexo adaptativo tem quatro propriedades e três mecanismos. As quatro propriedades são: *agregação* (para formar agentes -- ou comportamentos -- de ordem superior); *não-linearidade* (o que leva à complexidade do sistema); *fluxo* (alguma coisa passa entre os nós do sistema através de canais, os nós normalmente sendo agentes que processam o que recebem e o passam para frente); e *diversidade*. Os três mecanismos são: *rotulagem* (para facilitar interação seletiva); *modelos internos* (para facilitar a previsão; podem ser suplementados por modelos externos); e *unidades de construção* (*building blocks*) (para facilitar a análise da experiência em entidades-padrão).

Holland mostra como, usando um mecanismo genético de codificação das regras, pode-se simular sistemas complexos adaptativos conhecidos, como, por exemplo, sistemas predatórios.

Embora o sistema de Holland abranja, teoricamente, sistemas tão complexos (e repletos de artefatos) quanto formações discursivas, ainda estamos longe de ter uma teoria do discurso modelável. Um dos problemas fundamentais é não ter um conceito preciso da natureza da cognição que inclua o uso social dos artefatos culturais.

Um passo nessa direção é dado por Hutchins (1995). Como foi mencionado em 5.5, Hutchins faz uma etnografia da cognição num sistema social limitado, a equipe de navegação de um navio.

Cognição, para Hutchins, é socialmente distribuída e faz uso, *sempre*, de tecnologias, sejam elas internalizadas (como, por exemplo, a ordem alfabética, a ordem dos números inteiros, o tablado), sejam elas em forma material (uma régua, uma carta de navegação, uma bússola, uma tabela, um ponteiro de relógio). Essas tecnologias representam conquistas intelectuais; são "soluções parciais para problemas freqüentemente encontrados" (168); são heranças culturais de experiências práticas acumuladas através de milênios. Os "cálculos" que, para Hutchins, constituem a cognição, consistem na coordenação da propagação de representações por meios diferentes:

> These tools permit us to transform difficult tasks into ones that can be done by pattern matching, by the manipulation of simple physical systems, or by mental simulations of manipulations of simple physical systems. These tools are useful precisely *because* the cognitive processes required to manipulate them are not the computational processes accomplished by their manipulation. The computational constraints of the problem have been built into the physical structure of the tools.
>
> [...] what we learn and what we know, and what our culture knows for us in the form of the structure of artifacts and social organizations, are these hunks of mediating structure. Thinking consists of bringing these structures into coordination so that they can shape and be shaped by one another.
>
> (HUTCHINS, 1995: 170-171)

Aprendizagem, como cognição, dentro desse modelo, é intrinsecamente social:

> The proper unit of analysis for talking about cognitive change includes the socio-material environment of thinking. *Learning is adaptive reorganization in a complex system.*
>
> Individual learning is the propagation of some kinds of organization from one part of a complex system to another.
>
> The process by which work is accomplished, by which people are transformed from novices into experts, and by which work practices evolve are all the same processes.
>
> (HUTCHINS, 1995: 282, 289-290, 351)

A visão radical da cognição socialmente distribuída de Hutchins reinterpreta o indivíduo no molde do "membro" de Garfinkle. O indivíduo não pode deixar de participar do processo de tornar manifesta sua cultura.

> Culture is not any collection of things, whether tangible or abstract. Rather, it is a process. It is a human cognitive process that takes place both inside and outside the minds of people. It is the process in which our everyday cultural practices are enacted.
>
> (HUTCHINS, 1995: 354)

Por fim, Lemke (1995) propõe uma visão do discurso como parte funcional de um *sistema eco-social*, um complexo relativamente estável de sistemas locais (que inclue pessoas e seus textos e outros artefatos culturais) em relações de competição e (para emprestar outro termo do vocabulário de Maturana & Varela) de *acoplamento estrutural*. Nas palavras de Halliday:

> [...] all social-semiotic systems [are] 'dynamic open systems' [...] that is, they persist only through constant change; and this change takes place through interactive exchanges with their environment. [...] the system exports disorder [...] and so increasing the entropy of its environment, the system renews itself, gains information, imports or rather creates order and in this way continues to function.
>
> (HALLIDAY, 1987: 139)

E nas palavras de Lemke:

> Social practices form integrated, or at least articulated, self-organizing systems of practices which are distributed over individuals, and which intersect in individuals who participate in them.
>
> The meaning system is everywhere local; it is a vast number of bits and pieces, specific ways of making meaning in specific contexts [...] There are local meaning-making practices. [...] But there is no global meaning system.
>
> What makes a community is not homogeneity, but organized heterogeneity, not the sharing of practices but the systematic articulation of differences.
>
> (LEMKE, 1995: 151, 168)

Como se vê, as visões da linguagem numa época pós-telefone, onde existe suporte técnico para comunicação estável de muitos para muitos, são muito distantes da *langue* de Saussure; são mais próximas das visões dialógicas radicais de um Bakhtin ou das práticas *ad hoc* da construção da ordem social de um Garfinkle ou um Sacks.

6.5. Conclusões

Esta pesquisa começou com o propósito de investigar os efeitos sobre a linguagem (e a cultura e a cognição) exercidos por uma das novas modalidades da CMC, a lista de discussão. Terminou com o propósito de que talvez o maior efeito que a CMC promete exercer seja uma re-estruturação da nossa visão da linguagem, da cultura e da própria cognição. Ou seja, o mais importante não são as possíveis mudanças dentro de uma visão inadequada da linguagem, cultura e cognição, mas uma outra perspectiva mais adequada das três. É claro que não foi somente o nosso olhar sobre a CMC que levou a essa conclusão. Afinal, a maioria dos teóricos citados neste capítulo têm outras influências intelectuais. Não obstante, a CMC serve, na qualidade de epifenômeno da cultura da informática e de modelo, por excelência, de comunicação formadora de comunidade (em que a negociação do conflito fica patente, observável), como protótipo e suporte para estudos do discurso enquanto ecossistema social.

Ao longo da pesquisa, também ficaram registradas outras observações secundárias:

1. No estudo de "gêneros", "registros", "estilos", ou "modos", deve-se cuidar da formação do corpus. Nunca se sabe onde vão aparecer distinções que possam ser ofuscadas em corpora mal constituídos. No presente caso, descobriu-se que uma possível variável de modo pode ser tamanho de mensagem. Se tivesse constituído o corpus de vários tamanhos (como o fez Bender), essa possibilidade não teria aparecido.

2. Constatou-se que as mensagens da lista acadêmica (de 9 e 12 linhas) assemelham-se mais a cartas pessoais do que às outras modalidades estudadas, como seria de se esperar, com uma clara tendência de demonstrar mais traços de oralidade em função da natureza mais interativa e envolvida. A intuição dos membros, então, de que o discurso da CMC participa dos modos estrito *e* oral, foi confirmada.

3. Verificou-se a existência, na vida real, de "não-texto" no fluxo textual da lista, justificando-se a elaboração de um modelo duplo da coesão para explicar porque não-texto não se encontra em condições normais.

4. Observou-se uma geografia não-linear no mundo da CMC, com todos os fenômenos medidos mostrando-se distribuídos assimetricamente. Foi confirmada a hipótese da Syverson de que a formação de teias topicais age de uma maneira parecida com aquela associada com a "lei de potência" (embora não fosse confirmado que o fenômeno de fato segue tal lei).

5. Confirmou-se que, até para o analista, com todo o tempo e recursos disponíveis, a reconstrução da conversação enquanto teias topicias continua sendo problemática; que alguns dos problemas poderiam ser resolvidos com software hipertextual adequado; e que tal software poderia aumentar o valor das conversações para os participantes.

6. Constatou-se que grande parte do metadiscurso da lista orienta-se pelo "problema" de *volume* de correspondências e pelo valor atribuído à *espontaneidade* de resposta.

Áreas sugeridas para pesquisas futuras são:

1. Testar a hipótese de que mensagens menores concentram mais marcas de oralidade do que mensagens compridas, selecionando-se mensagens menores e maiores do que 9 e 12 linhas, respectivamente.

2. Testar a hipótese de que primeiras (e últimas) linhas contêm mais marcas de oralidade (por servir à função fática de aproximação e envolvimento) do que linhas internas de mensagens (que servem mais para veicular informação).

3. Estudar as características de mensagens inaugurais, comparadas com mensagens subseqüentes do mesmo autor.

4. Comparar o discurso do corpus com discurso das mesmas pessoas sobre tópicos afins, em modalidades de comunicação em tempo real (por exemplo, MediaMOO).

5. Desenvolver um modelo de interface hipertextual para correspondência em lista mais adequada, para representar a estrutura das teias topicais.

6. Modelar a formação de teias, baseando-se em critérios individuais dos autores.

Essas e outras pesquisas, à medida que fornecem conhecimentos mais precisos sobre o discurso da CMC, devem, também, trazer mais *insight* sobre o nosso meio espiritual, a grande conversação a qual estamos de visita.

7.

REFERÊNCIAS

ALEKS N. <naleks@Library.UMMED.EDU>. (1995) Mailing List Management Software FAQ (ver. 1.1, revised 1995/01/24 16:46:57). Published monthly on USENET in news.answers, comp.answers, and comp.mail.list-admin.software, and archived at URL <ftp://ftp.uu.net/usenet/news.answers/mail/list-admin/software-faq>.

ANDERSON, B. (1983) *Imagined Communities: Reflections on the Origin and Spread of Nationalism*. Verso, London.

BAK, P.; CHEN, K. (1991) Self-organized criticality. *Scientific American* (January), 26-34.

BAKHTIN, M.M. (1986) *Speech Genres and Other Late Essays*. Tranlated by V.W. McGee. University of Texas Press, Austin, TX.

BARLOW, J.P. <barlow@well.sf.ca.us> (1990) Crime and puzzlement. Internet online publication, June 8.

BENDER, R. (1994) Sentence complexity and electronic text type. CALICO '94 Annual Symposium, Northern Arizona Universtiy, 32-36.

BIBER, D. (1986) Spoken and written textual dimensions in English: resolving the contradictory findings. *Language, 62*(2), 384-414.

BIBER, D. (1989) A typology of English texts. *Linguistics, 27*, 3-43.

BIBER, D.; FINEGAN, E. (1989) Drift and evolution of English style: a history of three genres. *Language, 65*(3), 487-517.

BLOOMFIELD, L. (1933) *Language*. Holt, Rinehart & Winston, New York.

BRILL, E. <brill@condor.sc.jhu.edu>. (1993) *A Corpus-Based Approach to Language Learning*. A dissertation in Department of Coputer and Information Science, Johns Hopkins University.

BROWN, G.; YULE, G. (1983) *Discourse Analysis*. Cambridge University Press, Cambridge.

BRUCKMAN, A. <asb@media-lab.media.mit.edu>. (1992) Identity workshop: emergent social and psychological phenomena in text-based virtual reality. <http://lucien.sims.berkeley.edu/MOO/identity-workshops.ps>.

CAREY, J.W. (1967) Harold Adams Innis and Marshall McLuhan. *Antioch Review*, 27(1), 5-39.

CAREY. (1981) McLuhan and Mumford: the roots of modern media analysis. *Journal of Communication*, 31(2), 162-163.

CARTER, L. <locke@daedalus.com>. (1995) Frequently asked questions about Megabyte University (MBU FAQ), Version 2.1 (March '95). Versões atualizadas em <http://www.daedalus.com/MBU/MBU.intro.html>.

CAVALCANTI, M. de C. (1989) *Interação Leitor-Texto: Aspectos de Interpretação Pragmática*. Editora da UNICAMP, Campinas.

CHAFE, W. L. (1982) Integration and involvement in speaking, writing, and oral literature. In TANNEN, Deborah (ed.) (1982).

CHAFE, W. L. & DANIELWICZ, J. (1987) Properties of spoken and written language. Technical Report No. 5, Center for the Study of Writing, University of California, Berkeley, and Carnegie Mellon University, Pittsburgh.

CHERNY, L. <cherny@csli.stanford.edu>. (1994) Gender differences in text-based virtual reality. *Proceedings of the Berkeley Conference on Women and Language* (April). <http://lucien.sims.berkeley.edu/MOO/GenderMOO.ps>.

CHERNY, L. <cherny@csli.stanford.edu>. (1995a) *The MUD Register: Conversational Modes of Action in a Text-Based Virtual Reality*. Ph.D. dissertation, Stanford University. Forthcoming from CSLI Press. <http://bhasha.stanford.edu/~cherny/>.

CHERNY, L. <cherny@csli.stanford.edu>. (1995b) The situated behavior of MUD back channels. AAAI Spring Symposium, Stanford. <http://bhasha.stanford.edu/~cherny/aaai.ps>.

CHERNY, L. <cherny@csli.stanford.edu>. (1996) The modal complexity of speech events in a social mud. *Electronic Journal of Communication 5*(4). <http://lucien.sims.berkeley.edu/MOO/ejc.txt>.

COULTHARD, M. (1977) *An Introduction to Discourse Analysis*. Longman, London.

CRYSTAL, D. (1988) *Dicionário de Lingüística e Fonética*. Tradução e adaptação: Maria Carmelita Pádua Dias. Jorge Zahar Editora, Rio de Janeiro.

CURTIS, P. <pavel@parc.xerox.com>. (1992) Mudding: social phenomena in text-based realities. <http://lucien.sims.berkeley.edu/MOO/DIAC92.ps>.

CURTIS, P. <pavel@parc.xerox.com>; NICHOLS, David A. <nichols@parc.xerox.com>. (1994) MUDs grow up: social virtual reality in the real world. *Proceedings of the 1994 IEEE Computer Conference* (January 1994), 193-200. <http://lucien.sims.berkeley.edu/MOO/MUDsGrowUp.ps> ou <ftp://ftp.parc.xerox.com/pub/MOO/papers/MUDsGrowUp.ps>.

de BEAUGRANDE, R.; DRESSLER, W. (1983) *Introduction to Text Linguistics*. Longman, New York.

DeVITO, J. (1966) Psychogrammatical factors in oral and written discourse by skilled communicators. *Speech Monographs, 33*(1), 73-76.

DeVITO, J. (1967) Levels of abstraction in spoken and written language. *The Journal of Communication, 17*(4), 354-361.

di NORCIO, V. (1986) Of stone, books and freedom. *Visible Language, 20*(3), 344-354.

DOUGLAS, M. (1986) *How Institutions Think*. Syracuse University Press, Syracuse, NY.

EDELSKY, C. (1981) Who's got the floor? *Language in Society, 10*(1), 383-421.

EISENSTEIN, E.L. (1983) *The Printing Revolution In Early Europe*. Cambridge University Press, Cambridge.

EVARD, R. <http://www.ccs.neu.edu/home/remy>. (1993) Collaborative networked communication: MUDs as systems tools. *Proceedings of the Seventh Systems Administration Conference (LISA VII)* (November 1993), 1-8. USENIX Association, Monterey, CA. <http://lucien.sims.berkeley.edu/MOO/Evard.ps>, ou <http://www.ccs.neu.edu/home/remy/documents/cncmast.html>.

FABB, N.; ATTRIDGE, D.; DURANT, A.; MacCABE, C. (eds.) *The Linguistics of Writing: Arguments between Language and Literature*. Methuen, NY.

FAIRCLOUGH, N. (1992) *Discourse and Social Change*. Polity Press, Cambridge.

FANDERCLAI, T.L. (1995) MUDs in education: new environments, new pedagogies. *Computer-Mediated Communication Magazine*, Vol. 2, No. 1 (1 January 1995), 8. <http://sunsite.unc.edu/cmc/mag/1995/jan/fanderclai.html>.

FÁVERO, L.L. (1993a) *Coesão e Coerência Textuais*. (2a. ed.) Editora Ática, São Paulo.

FÁVERO, L.L. (1993b) O tópico discursivo. In PRETI, D. et al. (1993) *Análise de Textos Orais*. FFLCH/USP, São Paulo, 33-54.

FERNBACK, J.; THOMPSON, B. (1995) Virtual communities: abort, retry, failure? Paper presented at the annual convention of the International Communication Association, Albuquerque, NM, May. Internet online publication.

FERRARA, K.; BRUNNER, H.; WHITTAMORE, G. (1991) Interactive written discourse as an emergent register. *Written Communication, 8* (1 January), 8-34.

FILLMORE, C.J. (1975) An alternative to checklist theories of meaning. Proceedings of the 1st Annual Meeting, Berkeley Linguistics Society.

FISHMAN, J.A. (1972) Some basic sociolinguistic concepts. In *Sociolinguistics: a Brief Introduction*. Newbury House, 21-35.

FOX, B. (1987) *Discourse Structure and Anaphora: Written and Conversational English*. Cambridge University Press, Cambridge.

GAFFIN, A. <adamg@world.std.com>. (1994) *Big Dummy's Guide to the Internet*, v. 2.2. Electronic Frontier Foundation. <http://nixon.ind.net/inet/bigdummy-guide>.

GARFINKLE, H. (1972) Remarks on ethnomethodology. In GUMPERZ & HYMES, 301-324.

GEERTZ, C. *The Interpretation of Cultures*. Basic Books, NY.

GIBBS, M.; SMITH, R. (1993) *Navigating the Internet*. Sams Publishing, Carmel, IN.

GIBSON, K. (1991) Tools, language and intelligence: evolutionary implications. *Man, 26*(2, June), 255-264.

GIBSON, J.; GRUNER, C.; KIBLER, R.; KELLY, F. (1966) A quantitative examination of differences and similarities in written and spoken messages. *Speech Monographs, 33*(4), 444-451.

GILBERT, N.; MULKAY, M. (1980) Contexts of scientific discourse: social accounting in experimental papers. In KNORR, et al. (eds.), 269-294.

GOFFMAN, E. (1967) *Interaction Ritual: Essays on Face-to-Face Behavior*. Pantheon Books, New York.

GOFFMAN, E. (1974) *Frame Analysis*. Harper, New York.

GOFFMAN, E. (1981) Replies and responses. In *Forms of Talk*. University of Pennsylvania Press, Philadelphia,

GOODENOUGH, W.H. (1990) Evolution of the human capacity for beliefs. *American Anthropologist*, 92 (September), 597-612.

GOODY, J. (1978) *The Domestication Of The Savage Mind*. Cambridge University Press, Cambridge.

GOODY, J. (1986) *The Logic Of Writing And The Organization Of Society*. Cambridge University Press, Cambridge.

GOODY, J. (1987) *The Interface Between The Written And The Oral*. Cambridge University Press, Cambridge.

GOODY, J. & WATT, I. (1963) The consequences of literacy. *Comparative Studies in Society and History*, 3, 304-345.

GOODY, J. & WATT, I. (1973) Literate culture: some general considerations. In *The Future Of Literacy* (ed R. Disch), pp. 49-57. Prentice-Hall.

GUMPERZ, J.J.; HYMES, D. (1972) *Directions in Sociolinguistics*. Holt, Rinehart & Winston, Inc., New York.

HALLIDAY, M.A.K. (1978) *Language as Social Semiotic: the Social Interpretation of Language and Meaning*. Edward Arnold, London.

HALLIDAY, M.A.K. (1987) Language and the order of nature. In FABB et al., 136-154.

HALLIDAY, M.A.K. (1989) *Spoken and Written Language*. Oxford University Press, Oxford.

HALLIDAY, M.A.K.; HASAN, R. (1976) *Cohesion in English*. Longman, London.

HALLIDAY, M.A.K.; HASAN, R. (1989) *Language, Context, and Text: Aspects of Language in a Social-Semiotic Perspective*. Oxford University Press, Oxford. 2a. ed.

HALLIDAY, M.A.K.; McINTOSH, A.; STREVENS, P. (1964) *The Linguistic Sciences and Language Teaching*. Longman, London.

HALVERSON, J. (1978) Havelock on Greek orality and literacy. *Journal of the History of Ideas, 53*(1), 148-163.

HALVERSON, J. (1992) Goody and the implosion of the literacy thesis. *Man*, 27 (June), 301-17.

HATCH, E.M. (1992) *Discourse and Language Education*. Cambridge University Press, Cambridge.

HAVELOCK, E.A. (1977) The preliteracy of the Greeks. *New Literary History, 8*(3, Spring), 369-391.

HAVELOCK, E.A. (1986) *The Muse Learns To Write: Reflections On Orality And Literacy From Antiquity To The Present*. Yale University Press, New Haven, Conn.

HAYLES, N.K. (1989) Chaos as orderly disorder: shifting ground in contemporary literature and science. *New Literary History, 20*(2, Winter), 305-322.

HAYLES, N.K. (ed.) (1991) *Chaos and Order: Complex Dynamics in Literatuer and Science*. University of Chicago Press, Chicago, IL.

HERRING, S.C. (1992) Gender and participation in computer-mediated linguistic disourse. ERIC Clearinghouse on Languages and Linguistics (October).

HERRING, S.C. (1993) Gender and democracy in computer-mediated communication. *Electronic Journal of Communication/REC, 3*(2).

HERRING, S.C.; JOHNSON, D; DIBENEDETTO, T. (1992) Participation in electronic discourse in a "feminist" field. In HALL, K; BUCHOLTZ, M.; MOONWOMAN, B. (eds.) *Locating Power: Proceedings of the Second Berkeley Women and Language Conference.* Women and Language Group, Berkeley, 250-262.

HOLLAND, J.H. (1995) *Hidden Order: How Adaptation Builds Complexity.* Helix/Addison-Wesley, Reading, MA.

HOPPER, R. (1992) *Telephone Conversation.* Indiana University Press, Bloomington.

HOSKIN, K. (1993) Technologies of learning and alphabetic culture: the history of writing as the history of education. In GREEN, B. (ed.) *The Insistence of the Letter: Literacy Studies and Curriculum Theorizing.* University of Pittsburgh Press, 27-45.

HUDSON, R.A. (1980) *Sociolinguistics.* Cambridge University Press.

HUNT, R. <hunt@academic.stu.StThomasU.ca> (1996) Affordances and constraints in electronic discussions. <www.stthomasu.ca/HyperNews/get/forums/inkshed.html>

HUTCHINS, E. (1995) *Cognition in the Wild.* MIT Press, Cambridge, MA.

HYMES, D. (1971) Competence and performance in linguistic theory. In HUXLEY, R.; INGRAM, E. (eds.) *Language Acquisition: Models and Methods.* Academic Press, London, 3-28.

HYMES, D. (1972) Models of the interaction of language and social life. In GUMPERZ & HYMES (eds.), 35-71.

INNIS, H.A. (1972) *Empire And Communications.* University of Toronto Press, Toronto.

INNIS, H.A. (1991) *The Bias Of Communication*. University of Toronto Press, Toronto. Introduction by Paul Heyer and David Crowley. First published 1951.

JARGON FILE. (1991) Ver. 2.7.2, 1 March 1991. Versão mais recente no <http://www2.dictionary.com/dictionary/jargon/jarginfo.html>.

JONES, B. <bjones@weber.ucsd.edu> (1991) An ethnography of the Usenet computer network. May 6. Proposal for a Ph.D. dissertation in Communication. Received online from the author.

KATZMAN, S. <katzman@leland.stanford.edu>. (1994) It's OK on commuters to :-) and :-(. *Sacramento Bee*, Thursday, 20 October 1994, B9.

KEENAN, E.O.; SCHIEFFELIN, B.B. (1983) Topic as a discourse notion: a study of topic in the conversations of children and adults. In OCHS, E.; SCHIEFFLIN, B.B. *Acquiring Conversational Competence*. Routledge & Degan Paul, London, 66-113.

KNORR, K.D.; KROHN, R.; WHITLEY, R. (eds.) (1980) *The Social Process of Scientific Investigation, Sociology of the Sciences, Volume IV*. D. Reidel Publishing Co.

KOCH, I.G.V. (1989) *A Coesão Textual*. Editora Contexto, São Paulo.

KOCH, I.G.V.; TRAVAGLIA, L.C. (1990) *A Coerência Textual*. Editora Contexto, São Paulo.

KROL, E. (1992) *The Whole Internet: User's Guide and Catalog*. O'Reilly and Associates, Sebastopol, CA.

LABOV, W.; FANSHEL, D. 1977) *Therapeutic Discourse*. Academic Press, New York.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. (1980) *Metaphors We Live By*. Chicago University Press. Chicago, IL.

LAKOFF, R.T. (1982) Some of my favorite writers are literate: the mingling of oral and literate strategies in written communication. In TANNEN (1982c), 239-260.

LANDOW, G. (1992) Hypertext, metatext, and the electronic canon. In TUMAN, M. (ed.) *Literacy Online: the Promise (and Peril) of Reading and Writing with Computers*. University of Pittsburgh Press.

LANHAM, R. (1989) The extraordinary convergence: democracy, technology, theory, and the university curriculum, *South Atlantic Quarterly, 89*, 27-50.

LAQUEY, T.; RYER, J.C. (1993) *The Internet Companion: A Beginner's Guide to Global Networking*. Addison-Wesley, Reading, MA.

LEMKE, J.L. (1995) *Textual Politics: Discourse and Social Dynamics*. Taylor & Francis, London.

LYONS, J. (1979) *Introdução à Lingüística Teórica*. Ed. Nacional e Ed. da Universidade de São Paulo. Tradução de: Rosa Virgínia Mattas e Silva e Hélio Pimentel.

MacCABE, C. (1987) Opening statement: theory and practice. In FABB et al., 286-306.

MacKINNON, R.C. (1992) Searching for the Leviathan in Usenet. Internet online publication, December. M.A. thesis, Political Science, San Jose State University.

MALINOWSKI, B. (1923) The problem of meaning in primitive languages. In OGDEN, C.K.; RICHARDS, I.A. *The Meaning of Meaning*. Routledge & Keagan Paul, London.

MARCUSCHI, L.A. (1983) Lingüística de texto: o que é e como se faz. Série Debates 1, Universidade Federal de Pernambuco.

MATURANA, H.R.; VARELA, F.J. (1992) *The Tree of Knowledge: the Biological Roots of Human Understanding*. Revised Edition. Shambala, Boston, MA.

McCARTHY, M. (1993) Spoken discourse markers in written text. In SINCLAIR, J.M.; HOEY, M.; FOX, G. (eds.) *Techniques of Description*. Routledge, London, 170-182.

McCLEARY, L. (1983) Structural parallelism and lexical cohesion in spoken and written text. Unpublished UCLA seminar paper.

McCLEARY, L. (1991) Pesquisa de texto auxiliada por micro-computador: indexadores. *Estudos Lingüísticos: XXI Anais de Seminários do GEL* (Trabalhos apresentados no XXXIX seminário, Franca, SP). Fundação Educational "Dr. Raul Bauab", Jaú, SP, 962-969.

McCLEARY, L. (1994) Convenções discursivas no discurso eletrônico. *Estudos Lingüísticos: XXIII Anais de Seminários do GEL* (Trabalhos apresentados no XLI Seminário, Ribeirão Preto, SP). CNPq/USP, São Paulo, SP, 954-961.

McLUHAN, M. (1964) *Understanding Media: The Extensions of Man*. Routledge and Kegan Paul, London.

McLUHAN, M. (1969) *Os Meios De Comunicação Como ExtensÆes Do Homen*. Cultrix, São Paulo.

McLUHAN, M. (1962) *The Gutenberg Galaxy: The Making Of Typographic Man*. University of Toronto Press, Toronto.

MEYER, G. <72307.1502@compuserve.com> (1989) The social organization of the computer underground. Master's Thesis, Department of Sociology, Northern Illinois University. Internet online publication, August.

MEYER, G. & THOMAS, J. (1990) The baudy world of the byte bandit: a postmodernist interpretation of the computer underground. Internet online publication, June 10. Forthcoming in: F. Schmalleger (ed.) *Computers in Crimal Justice*, Brisol, Ind.: Wyndham Hall.

MILLER, G.A. (1981) *Language and Speech*. W.H. Freeman and Co., New York.

MILROY, L. (1987) *Language and Social Networks*. 2nd Edition. Blackwell, Oxford.

MILROY, J.; MILROY, L. (1985) *Authority in Language: Investigation Language Prescription and Standardisation*. Routledge, London.

MINSKY, M. (1975) A framework for representing knowledge. Artificial Intelligence Memo No. 306, MIT, Artificial Intelligence Laboratory.

MORRIS, J.M. (1988) Images of community in scientific texts: a grid/group approach to the analysis of journal editorials. *Sociological Inquiry, 58*(3, Summer), 240-259.

MURRAY, D.E. (1989) When the medium determines turns: turn-taking in computer conversation. In COLEMAN, H. (ed.) *Working with Language: a Multi-disciplinary Consideration of Language Use in Work Contexts.* Mouton, Berlin, 319-337.

MURRAY, D.E. (1991a) *Conversation for Action: The Computer Terminal as Medium of Communication.* John Benjamins, Amsterdam/Philadelphia.

MURRAY, D.D. (1991b) The composing process for computer conversation. *Written Communication, 8*(1), 35-55.

OCHS, E. (1979) Planned and unplanned discourse. In GIVON, T. (ed.) *Syntax and Semantics, Vol. 12: Discourse and Syntax.* Academic Press, New York, 51-80.

ONG, W.J. (1977) *Interfaces Of The Word: Studies In The Evolution Of Consciousness And Culture.* Cornell University Press, Ithaca and London.

ONG, W.J. (1980) Literacy and orality in our times. *Journal of Communication*, 30, 197-204.

ONG, W.J. (1982) *Orality And Literacy: The Technologizing Of The Word.* Methuen, New york. 201.

PARKES, M.B. (1991) *Scribes, scripts and readers: Studies in the Communication, Presentation and Dissemination of Medievel Texts.* Hambledon Press, London.

PAULSTON, W. (1991) Literature, complexity, interdisciplinarity. In HAYLES (ed.), 37-53.

PIKE, Mary Ann, et al. (1995) *Special Edition Using the Internet.* Second Edition. QUE Corporation, Indianapolis, IN.

PLETT, H.F. (1991) Intertextualities. In PLETT, H.F. *Intertextuality.* Walter de Guyter, Berlin, 3-29.

POOCH, U.W.; MACHUEL, D.; MCCAHN, J. (1991) *Telecommunications and Networking.* CRC Press, Boca Raton.

PRATT, M.L. (1987) Linguistic Utopias. In FABB et al.. 48-66.

PROVENZO, E.J. (1986) *Beyond The Gutenberg Galaxy: Microcomputers And The Emergence Of Post-typographic Culture*. Teachers College Press, New York.

REDDY, M.J. (1979) The conduit metaphor -- a case of frame conflict in our language about language. In ORTONY, A. (ed.) *Metaphor and Thought*. Cambridge University Press, 284-324.

REID, E.M. <emr@munagin.ee.mu.oz.au> (1991) Electropolis: comunication and community on Internet Relay Chat. Honors Thesis, Department of History, University of Melbourne. Internet online publication.

REID, E.M. (1994) *Cultural Formations in Text-Based Virtual Realities*. Master's Thesis, University of Melbourne. <http://www.ee.mu.oz.au/papaers/emr/cult-form.html>.

REISMAN, K. (1974) Contrapuntal conversations in an Antiguan village. In BAUMAN, R.; SHERZER, J. *Explorations in the Ethnography of Speaking*, 110-124.

RHEINGOLD, Howard. (1993) *The Virtual Community: Homesteading on the Electric Frontier*. Addison-Wesley, Reading, MA.

RISSO, M. S.; SILVA, G.M.O.; URBANO, H. (1994) Marcadores discursivos: traços padrões definidores. VIII Seminário do PGPF, Campos do Jordão, outubro.

ROMANO, S. <romano@ccwf.cc.utexas.edu> (1993) The egalitarianism narrative: whose story? which yardstick? *Computers and Composition, 10*(3, August).

RUBIN, A.D. (1980) A theoretical taxonomy of the differences between oral and written language. In SPIRO, R.J.; BRUCE, B.C.; BREWER, W.F. (eds.) *Theoretical Issues in Reading Comprehension: Perspectives from Cognitive Pshychology, Linguistics, Artifical Intelligence and Education*. Erlbaum, Hillsdale, N.J.

RUBIN, D.L. (1988) Introduction: four dimensions of social construction in written communication. In RAFOTH, B.A.; RUBUN, D.L. (eds.) *The Social Construction of Written Communication*. Ablex, Norwood, NJ, 1-33.

SACKS, H. (1992) *Lectures on Conversation, Vols. I and II*. Blackwell, Oxford.

SCHANK, R.C.; ABELSON, R.P. (1977) *Scripts, Plans, Goals and Understanding: An Inquiry into Human Knowledge Structures*. Lawrence Erlbaum, Hillsdale.

SCHEGLOFF, E.A. (1982) Discourse as an interactional achievement: some uses of 'uh huh' and other things that come between sentences. In TANNEN, D. (ed.) *Analyzing Discourse: Text and Talk*. Georgetown University Press, Washington, DC, 71-03.

SCHMANDT-BESSERAT, D. (1986) Tokens: facts and interpretation. *Visible Language, 20*(3, Summer), 250-273).

SCHMANDT-BESSERAT, D. (1988) From accounting to written language: the role of abstract counting in the invention of writing. In RAFOTH, B.; RUBIN, D.L. (eds.) *The Social Construction of Written Communication*. Ablex, Norwood, NJ.

SCRIBNER, S. & COLE, M. (1978) Unpackaging literacy. *Social Science Information*, 17, 19-40.

SELFE, C.; MEYER, P.R. (1991) Testing claims for online conferences. *Written Communication, 9*(2), 163-192.

SEMPSEY, J. III. (1995) The psycho0social aspects of multi-user dimensions in cyberspace: a review of the literature. Comprehensive examinations paper, Temple University. <http://www.netaxs.com/~jamesiii/mud.htm>.

SETZER, V. (1996) *Introdução à Rede Internet e seu Uso*. Edgard Blücker, São Paulo.78

SHALLERT, D.L.; KLEIMAN, G.M.; RUBIN, A.D. (1977) Analysis of Differences between Written and Oral Language. Center for the Study of Reading, Urbana, Il. Technical Report No. 29.

SHUY, R. (1974) Problems of communication in the cross-cultural medical interview. *Working Papers in Sociolinguistics*, no. 19. December.

SINCLAIR, J. (ed.) (1993) *Collins COBUILD English Language Dictionary*. Harper Collins, London.

SINCLAIR, J. (ed.). (1994) *Collins COBUILD Dictionary of Phrasal Verbs*. Harper Collins, London.

SINCLAIR, J.; COULTHARD, M. (1975) *Towards an Analysis of Discourse.* Oxford University Press, Oxford.

SMITH, D.E. (1984) Textually mediated social organization. *International Social Science Journal*, *36*(1), 59-75.

SMITH, M.A. <smithm@nicco.sscnet.ucla.edu> (1992) Voices from the WELL: the logic of the virtual commons. Master's thesis, Department of Sociology, UCLA.

SMITH, R.; GIBBS, M. (1993) *Navigating the Internet.* Sams Publishing, Carmel, IN.

STUBBS, M. (1983) *Discourse Analysis: The Sociolinguistic Analysis of Natural Language.* University of Chicago Press, Chicago.

SWALES, J. (1990) *Genre Analysis.* Cambridge University Press, Cambridge.

SYVERSON, M.A. (1994) *The Wealth of Reality: An Ecology of Composition.* Ph.D. Dissertation, University of California, San Diego.

TANENBAUM, A.S. (1987) *Operating Systems: Design and Implementation.* Prentice-Hall, Englewood Cliffs, NJ.

TANENBAUM, A.S. (1992) *Organização Estruturada de Computadores.* Tradução: H. M. Sobrinho, L. F. Costa e F. C. M. Marques. Prentice-Hall do Brasil.

TANNEN, D. (1979) What's in a frame? Surface evidence for underlying expectation. In FREEDLE, R.O. (ed.) *New Directions on Discourse Processing.* (Volume II in the series *Advances in Discourse Processes*). Ablex, Norwood, NJ, 137-181.

TANNEN, D. (1980) Oral and literate strategies in discourse. *Linguistic Reporter,* 22, 1-3.

TANNEN, D. (1982a) The myth of orality and literacy. In FRAWLEY, W. (ed.) *Linguistics and Literacy.* Plenum Press, New York. 37-50.

TANNEN, D. (1982b) The oral/literate continuum in discourse. In TANNEN, (1982c), 1-16.

TANNEN, D. (1982c) *Spoken and Written Language: Exploring Orality and Literacy.* Ablex, Norwood, NJ.

TANNEN, D., ed. (1984a) *Coherence in Spoken and Written Discourse*. Ablex, Norwood, NJ.

TANNEN, D. (1984b) *Conversational Style: Analyzing Talk Among Friends*. Ablex, Norwood, NJ.

TANNEN, D. (1988) The commingling of orality and literacy in giving a paper at a scholarly conference. *American Speech*, 63 (Spring), 34-43.

TAYLOR, P. (1992) Social epistemic rhetoric and chaotic discourse. In HAWISHER, G.E.; LeBLANC, P. (eds.) *Re-imagining Computers and Composition: Teaching and Research in the Virtual Age*. Boynton/Cook/Heinemann, Portsmouth, NH, 131-148.

THOMAS, E. <eric@vm.se.lsoft.com> (1996) The history of LISTSERV. Cópia deve ser solicitado junto ao autor.

TUMAN, M.C. (1992) *Word Perfect: Literacy In The Computer Age*. University of Pittsburgh Press, Pittsburgh, PA.

VOLOSHINOV, V.N. (1973) *Marxism and the Philosophy of Language*. Translated por L. Matejka e I.R. Titunik. Seminar Press, New York.

WARSHAUER, S. <swan@ccwf.cc.utexas.edu>. (1995) Aesthetic approaches to the design and study of MUDs (Multi-User Domains) in English and performance studies: interface, realism and the dialectic of interacting. *CWRL: Computers, Writing, Rhetoric and Literature*, Electronic Journal of the Computer Writing and Research Labs, U.T. Austin (Winter): <http://www.en.utexas.edu/~cwrl/v1n1/article3/mudmain.html>.

WINOGRAD, T.; FLORES, C.F. (1986) *Understanding Computers and Cognition*. Ablex, Norwood, N.J.

WOOLGAR, S. (1980) Discovery: logic and sequence in a scientific text (1). In KNORR, et al.. 239-268.